

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Michele Priscila Gonçalves dos Santos

“Dá um like e se inscreve no canal!”: problematizando discursos de gêneros e sexualidades em vídeos do *youtuber* Felipe Neto

Juiz de Fora

2021

Michele Priscila Gonçalves dos Santos

“Dá um like e se inscreve no canal!”: problematizando discursos de gêneros e sexualidades em vídeos do *youtuber* Felipe Neto

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira: Gestão e Práticas Pedagógicas.

Orientador: Prof. Dr. Roney Polato de Castro

Juiz de Fora

2021

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Santos, Michele Priscila Gonçalves dos.

"Dá um like e se inscreve no canal!" : problematizando discursos de gêneros e sexualidades em vídeos do youtuber Felipe Neto / Michele Priscila Gonçalves dos Santos. -- 2021.

222 f. : il.

Orientador: Roney Polato de Castro

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.

1. Youtuber. 2. Gênero. 3. Sexualidade. 4. Discurso. 5. Pedagogias culturais. I. Castro, Roney Polato de, orient. II. Título.

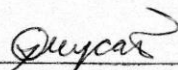
Michele Priscila Gonçalves dos Santos

"Dá um like e se inscreve no canal!": problematizando discursos de gêneros e sexualidades em vídeos do youtuber Felipe Neto

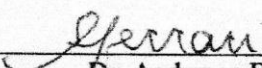
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre/a em Educação. Área de concentração: "Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas".

Aprovada em 16 de março de 2021.

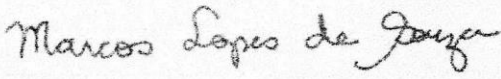
BANCA EXAMINADORA



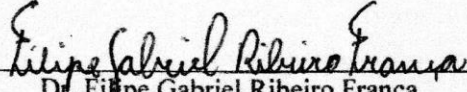
Dr. Roney Polato de Castro – Orientador/a
Universidade Federal de Juiz de Fora



Dr. Anderson Ferrari
Universidade Federal de Juiz de Fora



Dr. Marcos Lopes de Souza
(Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)



Dr. Felipe Gabriel Ribeiro França
Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

Ao chegar a hora de encerrar um ciclo, é preciso pensar sobre o caminho percorrido até aqui. Nas lembranças dessa trajetória estão pessoas especiais que me acompanharam e contribuíram para que esta etapa fosse concretizada. Por isso, quero agradecer com carinho.

A Deus, por me proporcionar essa oportunidade e seguir comigo providenciando cada detalhe necessário.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Roney Polato de Castro, por me instigar a pensar nas questões de gênero e sexualidade, lá em 2009, ainda na graduação, me inspirando a problematizar minha constituição enquanto sujeito e a questionar os discursos hegemônicos presentes na sociedade. Por contribuir com a minha formação em todas as conversas, as aulas, os cursos e os textos que compartilhou comigo ao longo de todos esses anos. E, por fim, pela parceria na relação de orientação tão sensível e compreensiva - o carinho, as leituras atentas, as ponderações e os elogios foram fundamentais para a pesquisa acontecer.

À banca examinadora, composta pelos professores Dr. Anderson Ferrari, Dr. Marcos Lopes, Dr. Filipe França e Dr. Alexandre Cadilhe, pelos quais eu tenho imenso carinho e admiração. Por aceitarem meu convite para fazerem parte deste projeto, por disponibilizarem seu tempo e pelas leituras atentas e cuidadosas acompanhadas de considerações valiosas para este trabalho.

Às amigas de vida, Gláucia, Filipe, Nathalye e Raquel Rinco, que estiveram presentes desde o nascimento do projeto e percorreram todo o caminho comigo, me apoiando, me ouvindo, compartilhando experiências e me estimulando a persistir diante das dificuldades.

Ao grupo GESED, que me proporcionou muitas experiências, estudos, discussões e, principalmente, encontros. Cada integrante que fez ou faz parte dessa família deixou um pouco de si e me inspirou para chegar até aqui. Agradeço, especialmente, aos/às colegas Cláudio, Cibelle, Raquel Lins, Gislaine, Apolônia, Jorgeana e Ângelo, que caminharam comigo ao longo da pesquisa e se disponibilizaram a ler meu texto e contribuir com ele.

Às/aos colegas da turma de 2019 que, com as conversas nos corredores, os lanches compartilhados e as contribuições nas aulas, fizeram da minha caminhada mais divertida e menos solitária: Cláudio, Raquel Rinco, Samuel, Arthur, Letícia, Eunice, Caio, Jeanne, Flávia, Cibelle, Andrés, Fernanda, Eliza, Marcos, entre outros/as.

Às/aos professores/as do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, por promoverem discussões potentes, compartilharem conhecimentos e me fazerem pensar na educação. Em especial, os/as daquelas disciplinas que foram mais

significativas: Roney Polato, Sônia Miranda, Luciana Pacheco e Neil Franco, que proporcionaram não só momentos de aprendizado, mas de encontros, emoções e afetos.

À escola, que me acolheu como docente e pesquisadora. E também às crianças, que me deram inspiração para o tema e colaboraram com a minha pesquisa indicando seus *youtubers* favoritos, é por elas que busco estudar cada vez mais.

À minha família e amigos/as, pelo estímulo ao trabalho e pela compreensão quando precisei me ausentar de alguns encontros. À minha mãe Sueli, pela presença, incentivo, amor, amizade, carinho e dedicação. E ao meu esposo Thiago, que esteve ao meu lado em todos os momentos, com muito afeto, disponibilidade e paciência, pela cumplicidade e pelo amor que nos conecta e pelo cuidado que sempre me dedica.

Tais pessoas foram fundamentais para que este trabalho acontecesse, e por elas tenho uma imensa gratidão. Muito obrigada!

RESUMO

Este estudo analisou os discursos de gênero e sexualidade presentes em alguns vídeos do *youtuber* Felipe Neto. As identidades sexuais e de gênero fazem parte da nossa constituição enquanto sujeitos, estão presentes em nossas vidas e perpassam as relações que estabelecemos com nós mesmos e com os outros. Por isso, é importante problematizar como os sujeitos constroem suas identidades em nossa sociedade e que mecanismos participam desse processo, tomando gênero e sexualidade como construções discursivas, sociais, culturais e históricas. Ao pensar sobre as maneiras como os canais do YouTube estão colocados em nossa sociedade é possível problematizar que são artefatos culturais educativos, pelos quais circulam diferentes saberes. Os/as *youtubers* lidam com subjetividades, formam opiniões, trabalham conceitos, disseminam padrões... O que eles/as fazem e falam é visto e ouvido por milhões de indivíduos. Por isso, é importante refletir sobre essas produções como dispositivos educativos dos sujeitos. Para esta discussão me embasei nas perspectivas Pós-estruturalistas, nos Estudos Culturais, nos Estudos Foucaultianos e nos Estudos de Gênero, que analisam a relevância do âmbito cultural na constituição dos sujeitos, levando em consideração como as relações de saber e de poder participam desses processos, defendendo a problematização como ferramenta de pensamento e pesquisa. Para delimitar o campo, consultei crianças de 6 a 11 anos de uma escola estadual de Juiz de Fora, com o objetivo de saber qual é o canal de *youtuber* mais assistido por elas, obtendo como resultado o nome de Felipe Neto. Diante da questão “Como discursos de gênero e sexualidade são disseminados no canal do *youtuber* Felipe Neto?”, utilizei a análise de discurso de inspiração foucaultiana para problematizar os enunciados presentes nos vídeos.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. *Youtuber*. Pedagogias culturais. Discurso.

ABSTRACT

This study analyzed the speeches of gender and sexuality present in some videos from youtuber Felipe Neto. Sexual and gender identities are part of our composition as subjects, are present in our lives and permeate the relationships we establish with ourselves and with others. Therefore, it is important to problematize how individuals construct their identities in our society and the mechanisms that participate in this process, taking gender and sexuality as discursive, social, cultural and historical constructions. When thinking about the ways in which YouTube channels are placed in our society, it is possible to problematize that they are educational cultural artifacts, through which different knowledge circulates. Youtubers deal with subjectivities, form opinions, work on concepts, disseminate patterns ... What they do and say is seen and heard by millions of individuals. Therefore, it is important to reflect on these productions as educational devices for the subjects. For this discussion, I was based on Post-structuralist perspectives, Cultural Studies, Foucaultian Studies and Gender Studies, which analyze the relevance of the cultural scope in the constitution of the individuals, taking into account how the relations of knowledge and power participate in these processes, defending the problematization as a tool of thinking and research. To delimit the field, I consulted children from 6 to 11 years old from a state school in Juiz de Fora, with the objective of knowing which youtuber channel most watched by them, obtaining as a result the name of Felipe Neto. Faced with the question “How are speeches of gender and sexuality disseminated on the channel of youtuber Felipe Neto?”, I used the discourse analysis of Foucauldian inspiration to problematize the statements present in the videos.

Keywords: Gender. Sexuality. Youtuber. Cultural pedagogies. Speech.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Printscreen do meme “rebuliço”	75
Figura 2 - Características da nova geração de líderes segundo Vicente Vilaradaga.....	82
Figura 3 - Montagem com as fotos apresentadas no vídeo “Homens que não têm mais salvação!”.....	94
Figura 4 - Montagem com as fotos apresentadas no vídeo “Como homens funcionam - pais e filhos!”	100
Figura 5 - Montagem com as fotos apresentadas no vídeo “Homens vs. mulheres! E agora?”	106
Figura 6 - Printscreen de comentário exibido no vídeo “Virei drag e o povo surtou!”.....	113
Figura 7 - Printscreen de comentário exibido no vídeo “Virei drag e o povo surtou!”	115
Figura 8 - Printscreen de comentário exibido no vídeo “Virei drag e o povo surtou!”.....	120
Figura 9 - Printscreen de imagem exibida no vídeo “Como homens funcionam - pais e filhos!”.....	123
Figura 10 - Montagem com fotos apresentadas no vídeo “Fatos sobre as mulheres! É verdade? [+10]”.....	128
Figura 11 - Montagem com fotos apresentadas no vídeo “Coisas que só mulheres vão entender”	129
Figura 12 - Printscreen de comentário exibido no vídeo “Coisas que só mulheres vão entender”	130
Figura 13 - Montagem com as fotos apresentadas no vídeo “É homem ou é mulher (sem trans no vídeo)”.....	134
Figura 14 - Printscreen da tela em um momento de acerto (à esquerda) e de erro (à direita) do <i>youtuber</i>	134
Figura 15 - Printscreen de algumas expressões do <i>youtuber</i> ao longo do vídeo.....	134
Figura 16 - Capa da revista “vingadores” e a imagem de dois homens se beijando contida em seu interior.....	164

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Usuários de internet, por área (2008 -2019).....	52
Gráfico 2 - Domicílios com acesso à internet, por classe (2015-2019).....	53
Gráfico 3 - Tipo de conteúdo dos vídeos assistidos pela internet (2019).....	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CCO	Chief Creative Officer
CFM	Conselho Federal de Medicina
CID	Código Internacional de Doenças
CPF	Conselho Federal de Psicologia
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
DVD	Disco Digital de Vídeo
ESP	Escola Sem Partido
GESED	Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
HPV	<i>Human Papiloma Vírus</i> (Papilomavírus Humano)
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LGBTQI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, <i>Queer</i> , Intersexuais e demais classificações para identidade sexuais e de gênero
OMS	Organização Mundial de Saúde
PT	Partido dos Trabalhadores
SBECE	Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação
SciELO	<i>Scientific Eletronic Library Online</i>
TV	Televisão
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
VHS	<i>Video Home System</i> (Sistema Doméstico de Vídeo em Português)

SUMÁRIO

1 PÁGINA INICIAL: OS PRIMEIROS PASSOS.....	12
2 CONFIGURAÇÕES: CONSTRUINDO CAMINHOS.....	25
2.1 Revisão de literatura.....	28
2.2 Delimitação do campo.....	30
2.3 Reconhecimento do campo e seleção dos vídeos.....	32
2.4 Análise do material.....	34
3 EM ALTA: DEFINIÇÕES IMPORTANTES.....	42
3.1 Sobre educação, cultura e pedagogias culturais.....	42
3.2 Gêneros e sexualidades: identidades em construção.....	47
3.3 Vídeos: que mídia é essa?.....	51
3.4 Uma rede que não para de crescer: o YouTube.....	59
3.5 Mais que produtores de conteúdo: profissão youtuber.....	66
3.6 Felipe Neto: quem é esse youtuber?.....	70
3.7 O reduto das corujas: um pouco sobre o canal.....	83
4 PLAYLISTS: GÊNERO E SEXUALIDADE NOS VÍDEOS DE FELIPE NETO.....	89
4.1 Discursos e pedagogias de gênero nos vídeos de Felipe Neto.....	89
4.1.1 “Homens que não têm mais salvação!”: o homem engraçadinho e a lógica masculina.....	91
4.1.2 “Como homens funcionam - pais e filhos!”: o pai brincalhão e a mãe cuidadosa.....	99
4.1.3 Simples assim: o homem prático.....	105
4.1.4 “Virei drag e o povo surtou”: a drag queen e o homem que se veste de mulher.....	110
4.1.5 “É difícil ser mulher”: a mulher que sofre.....	122
4.1.6 “É homem ou mulher?”: o gênero marcado no corpo.....	132
4.2 Discursos e pedagogias de sexualidade nos vídeos de Felipe Neto.....	140
4.2.1 “Felipe Neto é gay?”: o peso das orientações sexuais na identificação dos sujeitos.....	142
4.2.2 “A homossexualidade não é doença contagiosa que você olha e pega”: homofobia, reorientação sexual e censura a conteúdos LGBTQI+ na mídia.....	153
4.2.3 “Hoje nós vamos falar sobre sexo”: vídeos educam para o ato sexual?.....	170
4.2.4 “Eles são jovens. E se eles não tiverem informação, eles vão fazer as coisas erradas!”: a educação para a sexualidade.....	184
5 ENVIAR FEEDBACK: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	196
REFERÊNCIAS.....	203

APÊNDICE A - Questionário aplicado na escola.....	220
APÊNDICE B – Ficha de informações sobre os vídeos.....	221

1 PÁGINA INICIAL: OS PRIMEIROS PASSOS

Desestabilizaram-se antigas e sólidas certezas, subverteram-se as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer. Informações e pessoas até então inatingíveis tornaram-se acessíveis por um simples toque de computador. Relações afetivas e amorosas passaram a ser vividas virtualmente; relações que desprezam dimensões de espaço, de tempo, de gênero, de sexualidade, de classe ou de raça; relações nas quais o anonimato e a troca de identidade são parte do jogo. Impossível desprezar os efeitos de todas essas transformações: elas constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, num primeiro momento, não as experimentam de modo direto. (LOURO, 2008, p. 19-20).

Há três décadas, talvez fosse impensável falar em relações virtuais, conversas e relacionamentos à distância em tempo real, mas hoje é algo que faz parte das nossas vidas. Atualmente, é comum vermos pessoas concentradas em seus computadores e aparelhos celulares. Adultos, jovens e crianças se renderam à tecnologia na palma da mão. Com isso, informações, notícias, conversas, protestos, pesquisas, entretenimentos e relações ganharam uma velocidade surpreendente. Como nos diz Guacira Louro (2008, p. 20), “é impossível desprezar os efeitos de todas essas transformações”, por isso, é muito importante problematizarmos como elas participam da nossa constituição enquanto sujeitos.

Os acontecimentos, as tecnologias, as histórias, as ideias, as certezas e os trabalhos acadêmicos são dinâmicos, dizem de um tempo, de um sujeito, de um contexto... Este trabalho não é diferente, diz de uma conjuntura histórica, social, cultural e, principalmente, subjetiva. Não surgiu de uma hora para outra, não foi copiado ou sugerido por alguém, mas foi sendo construído, muito lentamente. Como num quebra-cabeça, as informações foram se juntando para chegar ao tema gênero e sexualidade em vídeos do *youtuber* Felipe Neto. Seja na minha vida pessoal, profissional ou acadêmica, esses assuntos foram surgindo de forma provocativa, de modo a me fazerem pensar, no sentido que Michel Foucault (2006, p. 231-232) nos apresenta:

O pensamento não é o que se presentifica em uma conduta e lhe dá um sentido; é, sobretudo, aquilo que permite tomar uma distância em relação a essa maneira de fazer ou de reagir, e tomá-la como objeto de pensamento e interrogá-la sobre seu sentido, suas contribuições e seus fins. O pensamento é liberdade em relação àquilo que se faz, o movimento pelo qual dele nos separamos, construímo-lo como objeto e pensamo-lo como problema.

Dessa forma, ao me deparar com as temáticas gênero, sexualidade e *youtubers*, comecei a observar como elas estão presentes na minha vida e senti-me desafiada a fazer perguntas sobre

elas, a levantar discussões, “tomar uma distância” dos modos como eu as pensava e torná-las objetos de pesquisa, ou seja, interrogá-las, aos moldes do que propõe Foucault (2006). Para explicar como encontrei cada peça desse quebra-cabeça, vou contar um pouco da minha trajetória até chegar ao meu tema de pesquisa.

A primeira vez que ouvi falar em estudo de gênero e sexualidade foi na graduação em Pedagogia na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 2009, numa disciplina optativa intitulada “Tópicos Especiais: Gênero, Sexualidade e Educação”, ministrada pelo professor Dr. Roney Polato (meu atual orientador). Na ocasião, escolhi cursar tal disciplina por achar que me ajudaria a lidar com uma aluna da Educação Infantil que estava descobrindo seu corpo. Acreditava que encontraria uma maneira de fazer com que ela parasse de tocar sua genitália. Porém, ao longo do período essa motivação desapareceu, pois as aulas chamaram a atenção para outros aspectos relacionados ao tema. Descobri que pensar as relações de gênero e sexualidade significa refletir¹ sobre minha constituição enquanto sujeito, além de problematizar as verdades que movem a sociedade da qual faço parte. Aprendi com Guacira Louro (2003, p. 28) que as identidades de gênero

estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe.

Com isso, repensei alguns posicionamentos e crenças relacionados às identidades sexuais e de gênero que até então conduziam minha maneira de ser e estar no mundo. Consequentemente, passei a ter um olhar mais atento e problematizador para tais questões, tanto na minha vida pessoal quanto profissional.

Algum tempo após o término da graduação, em 2013, já atuando como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede estadual de Educação de Minas Gerais (segmento no qual continuo atuando), ingressei num curso de especialização em Educação no Ensino Fundamental, no Colégio de Aplicação João XXII - UFJF, onde tive a oportunidade de estudar um pouco mais sobre gênero, sexualidade, educação, diversidade e identidade. As disciplinas “Educação em Sexualidade na Escola Básica” e “Identidade, Gênero, Raça e Cultura Visual na

¹A palavra refletir pode ter sentidos diferentes de acordo com os diversos contextos. Neste trabalho, utilizo como sinônimo de (re)pensar e problematizar, no sentido de questionar o dado como verdade absoluta.

Formação Docente” fomentaram discussões e proporcionaram trocas de experiências com outros/as profissionais da Educação, o que contribuiu para minhas reflexões sobre essas temáticas. Inclusive, produzi o Trabalho de Conclusão do Curso pesquisando sobre o tema “Relações entre gênero e rendimento escolar nos anos iniciais” (SANTOS, 2014).

Em 2014, ingressei no Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade (GESED) da UFJF, onde fiz muitas leituras e participei de discussões e eventos relacionados a Gênero, Sexualidade e Educação. Foi nos estudos com o grupo que comecei a refletir sobre modos de educar e construção de subjetividades. O GESED vem se dedicando a pensar na multiplicidade de processos educativos que envolvem a constituição dos sujeitos, expandindo a concepção de educação e compreendendo que ela acontece em diversos espaços sociais e artefatos da cultura. Gláucia Marcondes (2020) discutiu sobre como mulheres de diferentes gerações são subjetivadas pelos discursos presentes em uma comunidade cigana. Nathalye Machado (2019) pesquisou como a construção de imagens selfies e sua exposição nas redes sociais pode subjetivar mulheres jovens. Filipe França (2019) pensou sobre as constituições de masculinidades homossexuais a partir de discursos que circularam na Revista Júnior. Bruna de Oliveira (2017) se propôs a olhar para os modos de subjetivação que envolvem indivíduos que produzem e são produzidos pelas imagens pichadas e grafitadas no espaço urbano. Rosalinda Ritti (2015) chama a atenção para os processos de subjetivação que envolvem mulheres mães na periferia. Marcelo dos Anjos (2014) discutiu sobre como os enunciados performáticos relacionados a personagens homossexuais de novelas contribuem para a formação das homossexualidades.

O acompanhamento desses e outros trabalhos produzidos por integrantes do grupo, juntamente com leituras e discussões de textos, me ajudaram a perceber que as pedagogias não estão presentes somente nos locais historicamente legitimados como lugares de ensinar, mas

existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar-comum. (GIROUX; MCLAREN, 1998, p. 144).

Educação se dá nas relações sociais e culturais que estabelecemos, pois é através delas que conhecemos os costumes e os saberes da nossa sociedade, enfim, que aprendemos a ser quem somos. As discussões no grupo GESED contribuíram muito para que eu refletisse sobre minha prática pedagógica. Desconstruir a ideia de que a escola é “o” lugar de ensinar, refletir sobre as possibilidades educativas e ficar mais atenta a discursos naturalizados foi fundamental

para uma mudança de postura pessoal e profissional. Mais do que descobrir que a educação também acontece fora da escola, o movimento de estudos sobre essa temática no grupo me fez perceber como isso contribui para a construção de identidades sexuais e de gênero.

Diante de muitas leituras, ao longo de alguns anos participando do grupo, uma mexeu profundamente comigo – o texto “Pedagogia cultural, gênero e sexualidade”, de Ruth Sabat (2001), em que a autora analisa uma propaganda de roupas e chama a atenção para questões de gênero, mostrando o quanto a publicidade pode ser uma forma de regulação social pensada “para produzir e reproduzir tipos específicos de comportamentos, valores, hábitos, atitudes pessoais diretamente conectados com o tipo de sociedade na qual estão inseridos” (SABAT, 2001, p. 20).

Além da publicidade, somos interpelados/as por diversos artefatos culturais, produtos dotados de diferentes linguagens, que circulam em nossa sociedade ensinando saberes estabelecidos culturalmente. Eles agem divulgando e reforçando representações, valores e comportamentos e, com isso, nos ensinam a vivenciar a cultura na qual estamos inseridos/as. Ademais, como afirma Paula Andrade (2017, p. 14):

Os artefatos culturais midiáticos não apenas colocam em circulação saberes referentes a vários domínios da vida cotidiana. Eles produzem saberes, produzem condutas e práticas. Possuem capacidade de modelar nosso olhar e colaboram para a produção de nossas subjetividades a partir de determinados interesses em voga no tempo presente.

Vídeos, livros, peças teatrais, novelas, músicas, revistas, propagandas, filmes, séries, programas de televisão, redes sociais e *sites* são alguns dos inúmeros exemplos de artefatos produzidos em nossa cultura. Podemos pensar que a educação envolve os atos de ensinar e aprender, segundo Marlucy Paraíso (2016, p. 209),

ensinar é transmitir, informar, ofertar, apresentar, expor e explicar conhecimentos e saberes pensados, pensáveis e aceitos. Aprender é abrir-se e refazer os corpos, agenciar atos criadores, refazer a vida, encontrar a diferença de cada um e seguir um caminho que ainda não foi percorrido.

Os artefatos culturais permitem essas duas operações. Ao difundirem representações, valores, condutas, pensamentos e concepções estimulam os sujeitos que os consomem a se olharem e se constituírem, seja de acordo com o que é proposto neles ou se distanciando de tais propostas. Ao pensar na relação desses artefatos com a educação, pesquisadores/as dos Estudos Culturais têm usado o termo “pedagogias culturais” para “abordar a multiplicidade de processos

educativos em curso, para além daqueles que têm lugar em instituições historicamente vinculadas a ações de educar” (WORTMANN; COSTA; SILVEIRA, 2015, p. 37), enfatizando que a educação se produz em diversas relações, por meio de variados espaços e artefatos capazes de ensinar modos de ser, pensar e agir.

Por isso, Ruth Sabat (2001, p. 9) destaca que, ao pensar em educação atualmente, “torna-se imprescindível voltar a atenção para outros espaços que estão funcionando como produtores de conhecimentos e saberes. Paula Andrade (2016) apresenta um levantamento contendo diversas dissertações e teses que falam das pedagogias culturais, mostrando que a academia tem voltado seus olhares para as pedagogias que acontecem fora das instituições escolares. Além disso, ao buscar trabalhos que dialogassem com meu tema de pesquisa no movimento de revisão bibliográfica, encontrei muitas produções que discutem sobre como os diversos artefatos culturais contribuem para o processo de constituição das identidades sexuais e de gênero. Eles mostram como os discursos que circulam nos artefatos nos ensinam o que vestir, o que comer, como cuidar dos nossos corpos, como nos relacionarmos física e emocionalmente com o outro... enfim, como ser e viver de acordo com os valores da nossa cultura.

Ao conhecer um pouco sobre as pedagogias culturais e perceber como elas vão agindo na produção de subjetividades, fiquei muito interessada pelo assunto, o que me fez ficar mais reflexiva, principalmente, quanto aos artefatos culturais. Por considerar que esses estudos são de extrema relevância para o campo da Educação, isso despertou meu interesse.

Como professora da Educação Básica, vejo que ainda é muito forte em nossa sociedade a ideia de que a educação fica a cargo somente da família e da escola, é comum ouvirmos na escola afirmações do tipo “a criança é o espelho da família” ou “só pode estar vendo alguma coisa em casa”. Em contrapartida, já ouvi famílias dizendo algo como: “só pode estar aprendendo na escola, aqui em casa ninguém faz isso” ou “eu não quero que minha filha estude sobre educação sexual na escola porque eu vou dar a educação que eu quiser”. Essas falas parecem ignorar o fato de que as crianças se relacionam com diversas pessoas, em locais variados, e vivem em uma sociedade da informação, repleta de artefatos culturais por onde circulam um número incomensurável de informações, representações e valores. Essa rede educacional age de forma tão sutil que, muitas vezes, nem percebemos o quanto somos constituídos/as por ela. Por isso, ao ler textos e ouvir discussões sobre as pedagogias culturais nas reuniões do GESED fui me encantando pelo tema, de modo que se tornou objeto de pensamento no meu cotidiano.

A partir disso, comecei a problematizar também como fui me constituindo através de discursos que circulam na nossa sociedade. Minhas múltiplas identidades são subjetivadas pelas

representações que me foram apresentadas ao longo da vida. Existem modos de ser mulher, professora, filha, esposa, amiga, aluna, eleitora... modos de pensar, de ser e de agir que me constituem e me fazem ser quem sou. Percebi que muitos desses modos foram/são ressaltados na escola, na família, no trabalho, nas conversas com amigos/as, na televisão, nas redes sociais, na publicidade, etc. Entendi, então, que para refletir sobre como eu e as pessoas que vivem em nossa sociedade somos constituídas, é fundamental considerar que há uma rede educativa que nos envolve. Segundo Michel Foucault (1998, p. 244), essa rede é formada por dispositivos, ou seja,

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos.

Ao estudar essas questões em um grupo que discute gênero e sexualidade, meu olhar ficou mais atento para como os elementos dos dispositivos trabalham reforçando a heterossexualidade e as identidades de gênero hegemônicas. Percebi que não se aprende sobre gêneros e sexualidades somente quando há uma aula ou se planeja ensinar algo sobre o tema, por isso é importante refletir sobre a educação de forma mais ampla, para além dos muros das escolas. Então, comecei a prestar mais atenção em como as questões de gênero e sexualidade aparecem nos artefatos culturais contemporâneos.

Ao observar as instâncias e artefatos presentes em nossa cultura – igreja, escola, família, redes sociais, cinema, televisão, brinquedos, entre outros aparatos, me ocorreu o quanto a internet pode ser uma potente ferramenta na constituição do sujeito. Ela é uma rede repleta de possibilidades, pois abriga vários instrumentos que podem ter um papel persuasivo na construção de subjetividades, “na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à ‘educação’ das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem” (FISCHER, 2002, p. 153, grifo da autora). Um desses instrumentos são os canais de vídeo no YouTube², pelos quais comecei a me interessar devido a uma situação cotidiana.

No ano de 2017, durante o período de compra de materiais escolares observei os que despertavam o interesse de duas sobrinhas de 10 e 12 anos. Ao contrário do que eu estava acostumada a ver até então (materiais ilustrados com personagens de desenhos animados), os

²A grafia da palavra YouTube, com “Y” e “T” em maiúsculos e sem itálico, faz referência a uma marca registrada.

objetos de desejo eram os estampados com fotos de pessoas que eu não conhecia. Quando fui me informar, descobri que essas personalidades eram *youtubers*, pessoas que produzem vídeos e postam no *site* YouTube. Elas criam canais dentro do *site* e fazem publicações periódicas conquistando seguidores/as, além disso, algumas fazem dessa prática uma profissão e ocupam outros espaços como programas de televisão, livros e revistas direcionados para crianças e jovens. Desde então, esse tema começou a me intrigar.

Diante da curiosidade sobre o tema, comecei a perceber como ele está presente no meu cotidiano: alguns/mas *youtubers* fazem participações em programas de televisão, novelas e publicidades; estão em capas de revistas (as bancas estão cheias delas); há aqueles/as que publicaram livros (nas livrarias já é possível encontrar um estande só com obras deles/as) e, o que mais despertou meu olhar, se tornaram assunto nas rodas de conversa de crianças na escola onde trabalho (que atende crianças entre 6 e 11 anos). É comum, quando vou colocar vídeos na televisão da escola, algumas crianças se animarem ao verem produções de *youtubers* na página de sugestões do YouTube e pedirem para assistir. São frequentes também, as revistas e livros desses/as famosos/as no momento do recreio. Outra coisa que me chamou a atenção foi a quantidade de crianças que declararam a vontade de serem *youtubers* em rodas de conversa sobre profissões. Com esse tema perpassando meu cotidiano e me inquietando resolvi eleger os vídeos de *youtubers* como objeto de pesquisa. Desde então, venho conhecendo um pouco mais desse universo a cada dia e pensando nas suas potencialidades enquanto artefato educativo e enquanto objeto de pesquisa.

A criação da internet nos anos 1990 e a expansão ocorrida nas últimas décadas possibilitou novas formas de comunicação entre as pessoas. A interatividade e a fluidez na troca de informações ampliaram o universo comunicativo e abriram as fronteiras para as relações digitais, possibilitando a socialização entre pessoas que, em alguns casos, nunca se encontraram pessoalmente. Relações que podem desprezar “dimensões de espaço, de tempo, de gênero, de sexualidade, de classe ou de raça, relações nas quais o anonimato e a troca de identidade são parte do jogo” (LOURO, 2008, p. 19). Com isso, descobrir pessoas que compartilham das mesmas ideias e interesses nunca foi tão fácil.

Estar e viver conectado oferece ao sujeito a oportunidade de reflexão e conhecimento de si mesmo por meio da interação com o outro on-line [...]. Nesse espaço entre si e a tela do meio digital ao qual está ligado saberes são produzidos e reconstruídos. Aquela tela constitui-se pedagógica, abrindo espaço para, junto com o outro, exista o ato de conhecer-se. (FRANÇA, 2019, p. 197-198).

Atualmente, a internet faz parte da vida de muitas pessoas, ela nos proporciona informação, entretenimento, instrução e interação social. O que vemos, ouvimos e assistimos na rede muitas vezes influencia nossa vida de modo que, “já não é mais possível separar a vida ‘real’ da vida ‘virtual’. Ambas caminham juntas, criando uma só vida, em que o real e o virtual se misturam e dizem de nossos modos de existência na contemporaneidade” (FRANÇA, 2019, p. 195). Podemos sentir os efeitos da internet em diversas situações como em algumas mudanças nos outros meios de comunicação, na velocidade em que as informações são propagadas, nas maneiras como grupos sociais se articulam e se comunicam, nas formas de lazer, nos modos de se relacionar com o outro, nos posicionamentos diante das questões políticas, etc.

Em meio às diversas formas de exposição e interação possibilitadas pela internet, uma ferramenta que está muito presente nesse processo é o vídeo, uma mídia composta de áudio e imagem, capaz de disseminar discursos e educar olhares. O vídeo se torna um instrumento potente na medida em que apresenta imagens atreladas às falas, pois elas apresentam representações, constroem significados e reforçam discursos. Existem canais no YouTube voltados para a publicação diária com conteúdos variados: desde tutoriais de jogos e maquiagem até narrativas de acontecimentos da vida pessoal do/a produtor/a, assim como exposição de suas opiniões sobre assuntos cotidianos. Muita gente utiliza as redes sociais para buscar pessoas com as quais se identifica e passa a interagir com elas, tornando-se seguidor/a daqueles/as que são mais populares no ciberespaço³, passando a consumir as informações e os conteúdos compartilhados por eles/as. O principal *site* que abriga esses canais é o YouTube, uma plataforma que permite às pessoas postarem vídeos e compartilharem com o público, que pode reagir ao material através de comentários, compartilhamentos e botões de reações definidos como “gostei” ou “não gostei” (*like e dislike*).

O YouTube é um *site* colaborativo que recebe vídeos de milhares de pessoas sobre os mais variados assuntos. Aqueles/as produtores/as de conteúdo que têm um canal dentro da plataforma e postam com frequência ficaram popularmente conhecidos/as como *youtubers*. As publicações deles/as variam de acordo com o público-alvo e são muitos os canais direcionados para crianças e jovens. A grande repercussão dos vídeos e o aumento do número de seguidores/as faz com que produtores/as se tornem conhecidos/as e influentes. Logo, quanto

³Nas palavras de Pierre Lévi (1999, p. 15, grifo do autor): “O ciberespaço (que também chamarei de ‘rede’) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”.

mais eles/as postam conteúdos que agradem aos/às fãs, maior é a sua popularidade, o que me leva a cogitar que esse material não é construído aleatoriamente. Para que as produções sejam do interesse dos/as espectadores/a e atinja a visibilidade esperada, é possível que no processo de produção sejam considerados os modos de endereçamento que, segundo Elizabeth Ellsworth (2001, p. 24),

têm a ver com o desejo de controlar, tanto quanto possível, como e a partir de onde o espectador ou a espectadora lê o filme. Tem a ver com atrair o espectador ou a espectadora a uma posição particular de conhecimento para com o texto, uma posição de coerência, a partir da qual o filme funciona, adquire sentido, dá prazer, agrada dramática e esteticamente, vende a si próprio e vende os produtos relacionados com o filme.

Referindo-se ao cinema, a autora afirma que existe uma “posição-de-sujeito” imaginada e desejada pelo/a criador/a do filme, para a qual ele é direcionado. É a partir dela que o/a produtor/a constrói seus enredos e cenas, de forma que a produção toque a quem se coloca nessa posição. “Isso faz com que a experiência de ver os filmes e os sentidos que damos a eles sejam não simplesmente voluntários e idiossincráticos, mas relacionais – uma projeção de tipos particulares de relações entre o eu e o eu, bem como entre o eu e os outros, o conhecimento e o poder” (ELLSWORTH, 2001, p. 19).

Da mesma forma, ao criar um vídeo, os/as *youtubers* têm um público a atingir, é com esse público que eles/as falam. Na medida em que postam seus materiais vão conhecendo melhor o perfil de quem assiste, as reações mostram o que mais agrada e o que não faz sucesso, o que leva cada canal a produzir conteúdos personalizados, levando em conta o perfil geral da sua audiência.

Refletindo sobre a forma como os canais do YouTube estão colocados em nossa sociedade é possível pensar que são artefatos culturais pelos quais circulam diferentes saberes. Nesse sentido, a relação entre os/as *youtubers* e seus/as seguidores/as parece ser como a de fã e ídolo, atravessada por admiração e espelhamento. Essas pessoas lidam com subjetividades, contribuem para formar opiniões, trabalham conceitos, atuam na reiteração de padrões... O que eles/as fazem e falam é visto e ouvido por milhares de indivíduos. Por isso, é relevante problematizar quem são esses/as *youtubers*, que discursos eles/as divulgam e como os/as espectadores/as podem ser subjetivados/as na/pela interação com eles/as. Para isso, o primeiro passo foi selecionar qual canal seria objeto do estudo que compõe esta dissertação.

Quando optei por pesquisar os vídeos, alguns/mas pequenos/as espectadores/as contribuíram para que eu fizesse essa escolha – as crianças da escola onde trabalho, pois ao

perceber a popularidade desses/as famosos/as entre elas, meu interesse e curiosidade só aumentaram. Por isso, ao pensar em qual canal selecionar para esta pesquisa, achei importante consultar qual é o/a *youtuber* mais assistido/a por aqueles/as que me inspiraram na escolha do meu objeto. O processo de consulta foi feito na instituição em que atuo como professora há oito anos. É uma escola estadual da cidade de Juiz de Fora, localizada na Zona Sul, em um bairro considerado de classe média, ela atende a aproximadamente 640 estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1.º ao 5.º anos), crianças entre 6 e 11 anos de idade. Esse processo será descrito no próximo capítulo, porém, é importante dizer agora que o canal Felipe Neto foi apontado como o favorito dos/as alunos/as consultados/as.

Dentre as inúmeras problematizações que podem ser feitas a partir dos vídeos de um *youtuber*, escolhi fazer um recorte ligado às questões de gênero e sexualidade, devido ao meu interesse por elas ao longo da minha trajetória acadêmica. Para conduzir este estudo, penso gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e [...] uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Considero que a sexualidade “não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política [...], é ‘aprendida’, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos” (LOURO, 2018, p. 11, grifo da autora). Para Guacira Louro (1995, p. 103, grifo da autora):

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são “generificadas”, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a idéia de formação, socialização ou educação dos sujeitos.

Essas construções variam de acordo com o momento histórico e com o meio social e cultural em que habitamos. Apesar de existirem diversas possibilidades de vivermos nossas identidades sexuais e de gênero, ao longo da nossa existência, somos educados/as para exercer determinadas identidades hegemônicas, isso acontece de forma sutil, pois

a construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável

de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. (LOURO, 2008, p. 18).

Ao considerar os vídeos dos/as *youtubers* como uma dessas instâncias culturais e levar em conta como as temáticas que envolvem questões de gênero e sexualidade aparecem neles, sou provocada por alguns questionamentos sobre as influências que esses/as famosos/as podem exercer acerca do assunto. Para tanto, a questão inicial investigada foi: *Como discursos de gênero e sexualidade são disseminados no canal do youtuber Felipe Neto?* Nessa questão, parto do princípio de que há representações de identidades de gênero e orientações sexuais nos vídeos, pois vivemos em uma sociedade que se organiza a partir de categorias de gênero e sexualidade, onde o investimento em determinadas características, falas, atitudes e modos de ser dizem das concepções de gênero e sexualidade do indivíduo que se apresenta na tela, sejam elas condizentes com as visões hegemônicas ou não. Chamar a atenção para as formas como questões de gênero e sexualidade são colocadas nas mídias, é pensar em como nos constituímos a partir do que vemos e ouvimos. Segundo Guacira Louro (2008, p. 22), “aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos”.

Assistir aos vídeos com um olhar sensível às questões de gênero e sexualidade é observar quais enunciados circulam nesses espaços e quais as suas condições de existência. É estar atenta a como as pedagogias culturais presentes nas produções apresentam modos de viver as identidades sexuais e de gênero. É problematizar sobre como nos tornamos o que somos em relação a essas identidades, visto que os modelos propostos nos discursos que nos cercam contribuem para a nossa constituição, tanto daqueles/as que os utilizam como inspiração quanto de quem os subverte. Por isso, escolhi a análise do discurso de inspiração foucaultiana como metodologia para pensar os enunciados presentes nos vídeos de Felipe Neto.

Fazer pesquisa em educação é pensar em escola, mas não como uma bolha; não sem considerar tudo o que se encontra ao seu redor; não sem refletir sobre a constituição dos sujeitos que a compõem... Atualmente, não consigo mais pensar em educação ignorando a cultura, a mídia e as relações de poder⁴, pois essas questões formam os indivíduos, estão na escola e fora dela. Ao pesquisar na perspectiva pós-estruturalista, instigada pelos Estudos de Gênero, embasada pelos Estudos Culturais e inspirada pelos Estudos Foucaultianos, meu interesse com

⁴Penso em poder no sentido foucaultiano, como estratégias, “modos de ação sobre as ações dos outros” diante de relações desiguais. Não como algo que se possui, transmite ou ganha, mas que se exerce. Um poder que não é centralizado em um indivíduo ou em uma instituição, pois é capilar, está em toda parte e pode ser exercido por qualquer sujeito livre (FOUCAULT, 1988, 1995, 1999).

a pesquisa foi problematizar como vamos nos constituindo a partir dos discursos presentes na sociedade. Os vídeos do YouTube são artefatos midiáticos, dotados de pedagogias culturais, pelos quais circulam saberes que contribuem para nossos processos de subjetivação. Envolvidos em relações de saber e poder, eles nos apresentam ideias, condutas e ações que, de forma sutil e atrativa, nos educam de acordo com a nossa cultura. Por isso, problematizar os enunciados existentes nesse artefato é importante para pensar a nossa própria constituição.

Venho pensando na importância de discutir gênero, sexualidade e pedagogias culturais no atual contexto político e social, em que ideias contrárias às diversidades vêm ganhando espaço nas mídias, onde postagens desrespeitosas direcionadas a minorias étnicas, religiosas, culturais, sexuais, de raça e gênero estão cada dia mais frequentes. As universidades públicas estão sofrendo ataques por parte dos governantes com corte de verbas, desestímulo à pesquisa e discursos de desqualificação das instituições⁵. A escola e os/as professores/as vêm sendo atacados/as por instâncias políticas e religiosas. Somos acusados/as de doutrinadores/as, querem proibir as discussões de gênero e sexualidade no espaço escolar⁶. O argumento? “A família pode ‘dar’ a educação que quiser”. Seria possível? A educação é dada? Estamos cercados/as por diversas instâncias sociais e artefatos culturais que produzem discursos e nos educam de forma sutil, por isso, problematizar como as questões de gênero e sexualidade circulam nesses espaços é fundamental para (re)pensarmos os processos educativos. Buscar informações sobre o que nossos/as alunos/as assistem é no mínimo uma forma de refletir sobre seus processos de subjetivação. Nossas identidades sexuais e de gênero nos constituem e ainda que essas expressões não sejam ditas, estaremos educando e sendo educados/as a todo momento. Nesse contexto, refletir sobre as pedagogias de gênero e sexualidade presentes nos artefatos culturais que nos cercam é, além de um ato de construção do conhecimento, um ato político.

Para falar desse ato que teve início há dois anos, além deste capítulo introdutório, intitulado “Página inicial: os primeiros passos”, que fala sobre meu encontro com o tema, minhas inquietações e possíveis objetivos, construí outros três. Em “Configurações: construindo caminhos”, falo um pouco sobre as perspectivas teórico-metodológicas que embasam este trabalho e os caminhos metodológicos que trilhei ao longo da pesquisa. No Capítulo “Em alta: definições importantes”, apresento algumas definições que estarão “em alta”

⁵Mais informações em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/12/27/retrospectiva-2019-or-militarismo-logica-privatista-e-corte-de-verbas-na-educacao/>. Acesso em: 5 jan. 2019.

⁶Essas ideias são propagadas, principalmente, pelo movimento conhecido como Escola Sem Partido do qual falarei na seção 4.2.4.

no texto; discussões que são fundamentais para a conexão com o campo. Por fim, em “Playlists”, analiso as questões de gênero e sexualidade que apareceram em vídeos do Felipe Neto.

2 CONFIGURAÇÕES: CONSTRUINDO CAMINHOS

A palavra configurações diz respeito à organização. No YouTube não é diferente, a aba “Configurações” proporciona ao/à usuário/a personalizar sua conta, escolher como quer aparecer para os outros, o que será exibido para ele/a, como serão as notificações, enfim, retrata a maneira como o/a usuário/a utiliza aquela conta e se coloca diante daquela plataforma. Ao escolher a palavra configurações como título deste capítulo faço um *link* com essa aba, pois pretendo refletir sobre a organização da pesquisa e sobre os modos de me colocar diante dela, ou seja, discutir sobre a perspectiva teórico-metodológica na qual me embasei durante o processo de construção do trabalho e sobre os caminhos que percorri.

O modo como penso, escrevo, analiso dados, movimento-me na pesquisa, diz de referências e escolhas pessoais que influenciam minha identidade de pesquisadora. Ao pesquisar e escrever um texto imprimo nele características minhas. Sobre o estilo de escrita, Marlécio Maknamara e Marlucy Paraíso (2013, p. 49-50) afirmam:

Qualquer modo de escrita articula-se às escolhas teórico-políticas de quem escreve. Nesse sentido, parece ser potente trabalhar a escrita como inscrição, deixando claro por meio de nossos textos como nos apresentamos, como nos colocamos no mundo e como gostaríamos que nossos objetos fossem apresentados em suas múltiplas conexões com outros objetos e conceitos. Trata-se, em suma, de compreender que a escrita pós-crítica em educação é parcial e subjetiva.

Trabalhar com práticas discursivas não me permite olhar o campo como quem está de fora. Os discursos que circulam nos vídeos do Felipe Neto (e nos demais artefatos culturais) são os que estão presentes na sociedade da qual faço parte. Eles me atravessam e me tocam de alguma maneira, de modo que não é possível falar deles alegando imparcialidade. Ao ter acesso a um enunciado e pensar em como ele pode subjetivar a quem assiste, me coloco nesse ‘quem’, olho de dentro, tento “dar um passo atrás” nas minhas concepções e problematizo como sou subjetivada por ele. Todo esse processo perpassa minhas escolhas e minha escrita. A seleção de um referencial teórico-metodológico não se dá de forma aleatória, diz da minha trajetória acadêmica e pessoal marcadas por experiências que me tocaram e vêm me constituindo enquanto pesquisadora. Escolhas, rejeições, ênfases, descartes fazem parte do processo de construção de uma dissertação, o que o torna pessoal e subjetivo, rompendo com a ideia de que

a academia produz verdades neutras e incontestáveis. Por isso, inspiro-me em teorias pós-críticas⁷ que sugerem romper com alguns padrões metodológicos, pois utilizam

uma abordagem teórico-metodológica flexível, inserida em contextos específicos que falam das micropolíticas do cotidiano que constituem e são constituídas pelos discursos dominantes da nossa sociedade, na qual a subjetividade do/a pesquisador/a é uma ferramenta a serviço da investigação, um exercício simultaneamente rigoroso e político permeado pelas relações de poder que pretende estudar. (GASTALDO, 2014, p. 12-13).

Diferente do que algumas perspectivas metodológicas exigem, não entrei nesta pesquisa com uma hipótese a ser confirmada. Pelo contrário, ao escolher como campo um território até então desconhecido para mim (visto que não era seguidora de nenhum canal no YouTube antes da pesquisa), não sabia o que encontraria pela frente. Mas sabia que o que movia esta pesquisa eram as perguntas, as suspeitas, as motivações e as muitas indagações. Por isso, dentre as abordagens pós-críticas, escolhi inspirar-me nos Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Estudos Foucaultianos e Estudos Pós-estruturalistas que investem numa perspectiva de trabalho baseada em problematizações, incertezas e desnaturalizações, permitindo-me refletir sobre o campo à medida que reflito sobre mim.

Os Estudos Culturais inspiraram-me a ver a educação de forma mais ampla, como processos pelos quais passamos para nos constituirmos como sujeitos que expressam identidades múltiplas e instáveis, que são constantemente construídas e modificadas no âmbito cultural. Os Estudos de Gênero despertaram-me para a importância do gênero como categoria de análise em nossas pesquisas, visto que ele é um forte marcador social envolvido em relações de poder. O Filósofo Michel Foucault motivou-me a pensar na construção de nossas subjetividades; em como a relação com o outro e com o mundo nos formam; além de problematizar as ‘verdades’ que constituem a mim e a sociedade da qual faço parte. A perspectiva Pós-estruturalista ensinou-me que ciência e pesquisa acadêmica não significam a busca por uma resposta correta e, por isso, é importante desconfiar das afirmações universais e de um sujeito único e pronto.

Apesar de suas peculiaridades, essas abordagens caminham na mesma direção. Ao pesquisar nessas perspectivas, fui estimulada a questionar sobre como nos constituímos

⁷As teorias pós-críticas “se inspiram em uma ou mais abordagens teóricas que conhecemos sob o rótulo de “pós” – pós-estruturalismo, pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-gênero, pós-feminismo – e em outras abordagens que mesmo não usando em seus nomes o prefixo “pós”, fizeram deslocamentos importantes em relação às teorias críticas – Multiculturalismo, Pensamento da Diferença, Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Estudos Étnicos e Raciais e Estudos Queer, entre outros” (MEYER; PARAÍSO, 2014, p. 19).

enquanto sujeitos dentro da nossa sociedade, que relações de saber e poder envolvem essa constituição, como os dispositivos presentes nela contribuem para pensarmos o que pensamos e agir como agimos, e, assim, refletir sobre como me torno quem eu sou. Para Guacira Louro (2007, p. 38), pesquisar nessas perspectivas significa “admitir que a tarefa de conhecer é sempre incompleta” e, diante disso, “operar com a provisoriidade, com o transitório, com o mutante”. Ou seja, estar aberta a construções e reconstruções durante o movimento de pesquisa e entender o campo como plural, repleto de possibilidades, que pode ser visto de diferentes formas e por diferentes olhares, compreendendo que meu olhar é apenas um deles.

Por isso, é importante ressaltar que o YouTube é um campo diverso e há infinitas formas de olhar para ele. Ao escolher o canal de um *youtuber* entendi que não devia fazer generalizações, pois a perspectiva pós-estruturalista me proporcionou “valorizar (e operar com) o local e o particular” (LOURO, 2007, p. 239). Não me importei só com o quanto as questões de gênero e sexualidade apareceram nos vídeos, mas como elas apareceram. Vale ressaltar que, ao apresentar discussões acerca de uma produção, não o fiz com o intuito de exaltar, criticar, rotular ou classificar o *youtuber* pesquisado, mas sim de proporcionar ao/à leitor/a a oportunidade de problematizar situações presentes tanto no artefato quanto em situações cotidianas, possibilitando a reflexão sobre como tais situações podem fazer parte dos nossos processos de constituição.

E por falar em problematizar, essa é uma operação foucaultiana que permeia este trabalho,

não apenas como um conceito, mas como um gesto investigativo trata-se de uma maneira de proceder diante do objeto de pesquisa a fim de promover um real trabalho de pensamento e não de um conjunto de regras procedimentais capazes de conduzir o pesquisador a uma verdade. (VINCI, 2015, p. 200-201).

Assim, quando utilizo o termo problematização penso em um movimento de questionamento, de deslocamento do pensamento, de sair da zona de conforto, de desconfiar das certezas, de dar um passo atrás, que para James Marshall (2008, p. 31, grifo do autor),

é a liberdade de separar-se do que se faz, é o movimento pelo qual alguém se separa do que faz, de forma a estabelecê-lo como um objeto de pensamento e a refletir sobre ele como um problema. Um objeto de pensamento como problema não carrega “bagagem” (i.e., teoria anterior, pressuposições e possibilidades ou indicações de soluções). Questionar significados, condições e metas é ao mesmo tempo liberdade em relação ao que se faz. Um sistema de pensamento seria uma história de problemas ou uma problematização. Envolveria o desenvolvimento de um conjunto de condições nas quais

possíveis respostas pudessem ser propostas. Mas não se apresentaria como solução ou resposta.

Isso significa estar aberta para ver/ouvir o que vem do campo, repensar concepções, reconhecer diversas possibilidades, enfim, refletir sobre os porquês de determinadas coisas serem como são na sociedade em que eu vivo e sobre como eu me coloco diante delas. Ao decidir fazer uma pesquisa sob essa perspectiva pensei em que caminhos seguir, já que não há uma prescrição de métodos e roteiros engessados. Para isso, foi importante pensar em metodologia como “um certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações [...] e de estratégias de descrição e análise” (MEYER; PARAÍSO, 2014, p. 18). A seguir, aponto cada um desses procedimentos mais detalhadamente.

2.1 Revisão de literatura

Como ponto de partida fiz o exercício de revisão de literatura para navegar no meio acadêmico, observando o cenário acerca da temática gênero e sexualidade em vídeos do YouTube. Busquei produções que estabelecessem algum elo com meu projeto ou que trouxessem novas ideias e conceitos para me ajudar a refletir sobre os caminhos a trilhar. Apesar desse movimento ter sido muito denso e de eu ter levado para o exame de qualificação muitos detalhes sobre ele, optei por apresentá-lo aqui de forma resumida, trazendo breves considerações que são relevantes para a leitura do trabalho.

No período de abril a setembro de 2019, entre outras coisas, me dediquei ao movimento de busca e leitura de artigos para ampliar minha visão sobre a produção acadêmica de assuntos que cercam meu trabalho. Nesse movimento, primeiramente, optei por procurar referências em anais de eventos de áreas que abrangem meus interesses de pesquisa: Educação, Estudos Culturais e Estudos de Gênero. Assim, escolhi um evento de cada área, respectivamente: “Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação” (ANPEd); “Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação” (SBECE) e “Seminário Internacional Fazendo Gênero”. Além disso, utilizei os seguintes buscadores especializados: “Google Acadêmico”, “*Scientific Eletronic Library Online (SciELO)*” e “Portal Periódicos CAPES”.

Considerando as especificidades de cada um desses espaços, realizei as buscas utilizando as seguintes palavras-chave: “YouTube”, “vlog”, “youtuber”, “pedagogia cultural”, “pedagogias culturais” e “Felipe Neto” (o nome foi utilizado somente no Google Acadêmico,

pois era a plataforma que faltava quando obtive o resultado que apontou qual seria o canal pesquisado). Após a leitura de inúmeros resumos e de 49 artigos completos, percebi como meu campo poderia ser potente. O YouTube é um local de lazer, informação, debates, expressão, representatividade e conscientização, além de um ‘lugar’ de encontro, onde é possível descobrir pessoas com interesses comuns, que se percebem através do campo de interação dedicado a comentários sobre os vídeos, inclusive abrindo caminho para interação em outros espaços.

Foi possível ver também que as questões de gênero e sexualidade estão presentes no YouTube de várias maneiras. Entre encontros e distanciamentos de áreas de conhecimento, focos e metodologias, deparei-me com textos que analisam canais voltados para as discussões de gênero e sexualidade ou que chamam a atenção para como essas temáticas estão presentes de forma sutil. No universo de artigos, selecionados pelo meu olhar, descritos diante da subjetividade das minhas escolhas, todos concordam que os vídeos são artefatos educativos, que os discursos que circulam neles são capazes de produzir sujeitos e, portanto, merecem ser pesquisados e problematizados.

O movimento de revisão é um processo subjetivo, que envolve escolhas, descartes, formas de olhar... Logo, se torna individual e personalizado e diz da pesquisadora. Por isso, não teve a finalidade de abarcar tudo o que já foi produzido, mas de me proporcionar algum contato com trabalhos que dialogassem com meus interesses de pesquisa. Ao pensar sobre os artigos lidos observei os que falam da plataforma com a qual trabalhei, os que abordam questões de gênero e/ou sexualidade nesse artefato e os que apontam estudos sobre pedagogias culturais. Foi uma ação que me ajudou a ver outras pessoas falando sobre esses temas e, principalmente, me levou a diferentes referenciais, me apresentou conceitos e autores/as que me ajudaram a construir minha pesquisa.

Os trabalhos encontrados mostram que as mídias, em especial o YouTube, podem proporcionar muitas oportunidades de problematizar como as relações e as concepções de gênero e sexualidade são construídas e difundidas culturalmente. Porém, não encontrei trabalhos que pensassem sobre como os/as *youtubers* mais assistidos por crianças abordam as questões de gênero e sexualidade em seus vídeos. Isso pode ter acontecido porque esse é um campo bastante atual, a explosão desse tipo de material vem acontecendo nos últimos anos, por isso optei por unir gênero, sexualidade e *youtuber* (categoria infanto-juvenil) nesta pesquisa. Ao refletir sobre a capacidade dos vídeos chegarem a muitas pessoas, aliada à relação de admiração que os/as seguidores/as dedicam a seus ídolos, destaco a relevância de pesquisar esse artefato e de problematizar como esses/as famosos/as podem questionar ou reforçar os discursos que circulam na sociedade. Fazer a revisão aumentou minha vontade de pesquisar o universo

dos/das *youtubers*, de discutir como os vídeos participam da constituição de sujeitos e de pensar como isso pode e deve ser um assunto discutido pela escola.

2.2 Delimitação do campo

O YouTube é uma plataforma enorme e possui inúmeros canais que poderiam me ajudar a pensar a pesquisa, por isso, primeiramente tive que delimitar qual canal seria a fonte dos vídeos pesquisados. Para isso, optei por consultar as crianças da escola onde eu trabalho, pois ao conviver com elas já havia percebido que muitas assistiam a vídeos de *youtubers*. Sou professora em uma escola estadual da cidade de Juiz de Fora, voltada para os anos iniciais do Ensino Fundamental (1.º ao 5.º anos). Por essa razão, a permissão da direção e a comunicação com as crianças que colaboraram com a consulta foram muito tranquilas. O acesso se deu por meio de conversa e autorização verbal da diretora e das professoras.

A escola localiza-se na Zona Sul da cidade de Juiz de Fora, em um bairro considerado de classe média, atende a aproximadamente 640 estudantes, tanto de bairros próximos quanto um pouco distantes da instituição. Funciona nos turnos matutino e vespertino constituídos de turmas de 1.º ao 5.º anos do Ensino Fundamental. Possui 12 turmas no turno da tarde e todas elas participaram da consulta, porém, algumas estavam com uma frequência baixa nos dias em que ela foi realizada, pois era a última semana de aulas antes do recesso de julho de 2019. De acordo com as professoras, uma semana de revisão, já que o conteúdo e as avaliações do segundo bimestre já estavam finalizados. Com isso, foram consultadas 224 crianças com idades entre 6 e 11 anos - 113 meninos e 111 meninas.

Como eu já havia escutado alunos/as de todos os anos comentando sobre *youtubers* durante as aulas e entre os corredores, optei por solicitar a participação de crianças do 1.º ao 5.º anos, motivo pelo qual tive que utilizar instrumentos diferentes de consulta, já que alguns/mas colaboradores/as teriam dificuldade com um instrumento que exigisse escrita. Com estudantes dos 1.ºs e 2.ºs anos aproveitei momentos de recreio para perguntar oralmente a alguns/mas deles/as se conheciam *youtubers* e quais eram os/as seus/suas preferidos/as. Já com estudantes dos 3.ºs, 4.ºs e 5.ºs anos, fui até as salas e apliquei um pequeno questionário (Apêndice A) com as seguintes perguntas (que foram lidas e explicadas por mim): “Você já acessou o *site* YouTube? Se sim, por onde acessou?⁸”; “Você já ouviu falar em *Youtuber*? Costuma assistir seus vídeos? Com que frequência?”; “Quem são seus/suas *youtubers*

⁸As respostas de quem respondeu a essa questão se deram da seguinte forma: 73% celular; 7,6% computador; 5,3% televisão e 5,3% tablet. 19% citaram 2 desses aparelhos concomitantemente e 9,2% citaram 3.

favoritos/as?"; "O que eles/elas fazem ou falam que você mais gosta?". Como eu não pretendia trabalhar com os sujeitos que assistem aos vídeos, esse levantamento foi feito apenas para descobrir qual canal era o mais assistido entre os/as estudantes dessa escola e, assim, elegê-lo como objeto da pesquisa. Por isso, falarei brevemente sobre alguns dados que achei relevante nessa etapa.

Primeiramente, das 224 crianças somente 19 disseram não conhecerem ou não assistirem a vídeos de *youtubers*, isso ressalta a popularidade deles/as perante o público consultado. Além disso, notei uma divisão bastante marcada de gênero, pois muitos meninos apontaram canais que postam tutoriais de jogos como seus preferidos, o que foi mais raro entre as respostas das meninas, que apontaram para canais com conteúdo mais variado⁹. Observei também, que entre estudantes dos 1.^{os} e 2.^{os} anos houve pouca variedade de nomes citados, havendo constantes repetições, o que foi um pouco diferente entre os/as maiores, em que apareceram nomes variados, inclusive alguns/mas citados/as somente uma ou duas vezes. Outro fato interessante, é que alguns/mas alunos/as da escola relataram ter seus próprios canais que (em alguns casos) são curtidos por seus/suas colegas.

Ao analisar as respostas quanto às preferências dos/as colaboradores/as, vi que o *youtuber* Felipe Neto foi o mais citado, por 60 estudantes. Observei também que seu nome apareceu entre todas as idades, citado por 32 meninos e 28 meninas de forma bem equilibrada. Em segundo lugar ficou o Lucas Neto, irmão do primeiro, porém, seu nome foi muito citado em turmas do 1.^o ao 3.^o anos, quase não aparecendo entre as maiores. Outros/as *youtubers* e canais que apareceram com frequência foram: "Você Sabia?", "Gato Galáctico", "Planeta das Gêmeas", "Luluca", "Enaldinho", "Piuzinho", "Camila Loures", "Painzeiro", "Kids Fun" e "Rezendeevil". Considerando a quantidade de vezes em que foi citado pelos os/as colaboradores/as, o fato de aparecer entre todas as idades e gêneros e a 3.^a colocação no ranking de canais com maior número de inscritos no Brasil¹⁰, o canal Felipe Neto foi escolhido como objeto desta pesquisa.

⁹Alguns exemplos de canais de jogos citados por muitos dos meninos foram Roblox, Autentic Games, Edu games, Enaldinho, entre outros. Já entre as meninas apareceram Planeta das Gêmeas, Camila Loures, Você Sabia?, Renato Garcia, etc.

¹⁰Dados da reportagem intitulada "Os 10 maiores canais do YouTube no mundo e no Brasil", divulgada pelo site <https://www.oficinadanet.com.br/post/13911-os-10-maiores-canais-do-youtube>, em 29 de agosto de 2019.

2.3 Reconhecimento do campo e seleção dos vídeos

Com as leituras relacionadas a caminhos metodológicos aprendi que as metodologias devem se adequar às especificidades da pesquisa e do campo. Por esse motivo, utilizei um tempo para conhecer um pouco da plataforma e do canal Felipe Neto. Li trabalhos que utilizaram o YouTube como campo, pesquisei sobre sua história e naveguei no *site* buscando informações sobre seu funcionamento, suas ferramentas, suas possibilidades e barreiras como campo de pesquisa. Aprendi algumas coisas sobre como buscar vídeos dentro do canal, ver as datas das publicações, abrir transcrição dos vídeos, salvar as produções no meu computador e ver informações estatísticas do canal¹¹. Enfim, fui me produzindo enquanto corpo-pesquisador, que se move em busca de saber.

Para conhecer melhor o material de Felipe Neto, me inscrevi¹² no canal dele e ativei o botão “todas” na configuração, para ser avisada sempre que tivesse uma nova postagem. Por isso, a partir de 15 de outubro de 2019 tornei-me uma seguidora e passei a receber avisos no meu celular a cada nova produção do *youtuber*. Esse movimento me permitiu observar, com um olhar atento, mas receoso, como quem entra em um lugar estranho e se encolhe num canto. Entrar em contato com o campo fez sentir brotar um espírito-pesquisador sensível e atento ao campo, aberto às possibilidades de adentrá-lo. Foi aí que comecei a explorar o canal.

Até dezembro de 2019 Felipe Neto fazia duas postagens todos os dias, sempre às 10h e às 18h. No dia 15 de janeiro de 2020 anunciou que a rotina estava muito pesada e que precisava diminuir o ritmo de trabalho para melhorar a qualidade das produções e, portanto, começaria a postar somente um por dia, às 10h, rotina que mantém até hoje¹³, quando acumula 2.284 vídeos no total. Apesar de assistir a muitas produções durante o tempo da pesquisa, não seria possível analisar todo o material, portanto, foi necessário definir critérios para eleger os vídeos que fariam parte das minhas análises.

A primeira opção para a seleção dos vídeos foi a busca por palavras-chave, na qual o *site* procura as expressões em títulos, descrições e *tags* das postagens. No dia 9 de março de 2020, dentro do canal Felipe Neto, na aba busca, inseri as palavras “gênero” e “sexualidade”,

¹¹No *site* Social Blade é possível ver dados de vários canais do YouTube como número de vídeos, inscrições e visualizações, além de informações sobre os 50 vídeos mais recentes, os 50 mais bem avaliados, os 50 mais vistos e os 50 mais relevantes. Disponível em: <https://socialblade.com/youtube/user/felipeneto/videos>. Acesso em: 18 nov. 2020.

¹²Em todos os canais do YouTube há o botão “inscrever-se”, quando é ativado a pessoa que clicou passa a ver as novas produções do canal na sua pasta de inscrições, além disso, entra na estatística de número de inscritos, é como uma forma de manifestar apoio e de acompanhar o canal.

¹³8 de novembro de 2020.

uma de cada vez. Relativos a “gênero” apareceram 6 vídeos: “É homem ou mulher? (sem trans no vídeo)”; “Censura na bienal!”; “Felipe Neto e Marco Feliciano - debate [+13]¹⁴”; “Cura gay... é isso mesmo?”; “Piores filmes do cinema (Pra mim) [+13]”. Quanto a “sexualidade” apareceram 7 vídeos, sendo 2 repetidos da outra busca, mais os seguintes: “Felipe Neto é gay? [+13]”; “É hora de falar a verdade... Mostre pros seus pais”; “Desafio da camisinha (o de verdade!) [+13]”; “A cura da Aids foi descoberta? [+13]”; “Qual o tempo médio de uma relação sexual? [+18]”; “Virei drag e o povo surtou!”. Desse material, 2 foram descartados: “Piores filmes do cinema (Pra mim) [+13]” (pois falava de gêneros de filmes); “Felipe Neto e Marco Feliciano - debate [+13]” (por ser muito extenso)¹⁵.

Após a seleção, por saber que a internet é um espaço versátil, onde as coisas são colocadas com a mesma velocidade em que desaparecem, decidi salvar o material. Embora dentro da plataforma não seja possível baixar as produções, salvar ou copiar para o computador, existem alguns *sites* que proporcionam essa função *on-line*¹⁶. Assim, ao assistir uma produção no canal e considerar que possuía cenas a serem problematizadas neste trabalho, salvei em uma pasta no meu computador, identificando-a pelo nome. Entretanto, assistir aos vídeos baixados é diferente de assisti-los no YouTube, pois dentro do *site* é possível adicionar legendas, abrir uma transcrição, acompanhar os dados de visualizações e reações, e, ainda aparecem propagandas e sugestões de outras postagens de acordo com o perfil do/a usuário/a, por isso optei por assistir *on-line* apesar de ter o material salvo. Foi justamente entre essas sugestões que encontrei cinco vídeos interessantes para compor as discussões que pretendia fazer, são eles: “Homens vs. Mulheres! E agora?”; “Coisas que só mulheres vão entender”; “Fatos sobre as mulheres! É verdade?”; “Homens que não têm mais salvação!” e “Como homens funcionam - pais e filhos!”.

Durante o mês de abril de 2020 assisti a todos os vídeos e construí fichas (Apêndice B) contendo informações como título, assunto predominante, *link*, duração, data, visualizações, curtidas, descurtidas, comentários, descrição e meus destaques. A partir daí observei quais enunciados de gênero e sexualidade apareciam nas produções, os trechos a serem utilizados foram transcritos e agrupados para formar os capítulos e seções deste trabalho. Apesar de ter selecionado o material da pesquisa, continuei assistindo a algumas produções do canal, visto

¹⁴O símbolo [+13] significa a classificação etária dos vídeos, nesse caso, para maiores de 13 anos.

¹⁵Por curiosidade repeti as buscas nos dias 10 de setembro de 2020 e 1 de dezembro 2020 e os resultados foram diferentes. Alguns vídeos deixaram de aparecer nos resultados e entraram outros que não apareciam antes. Procurei para ver se haviam sido retirados do canal, mas isso aconteceu somente com um deles (Qual o tempo médio de uma relação sexual? [+18]), os outros deixaram de aparecer nas pesquisas, mas continuam postados no canal.

¹⁶O *savefrom.net* é um exemplo de *site* que faz essa função. Disponível em: <https://pt.savefrom.net/>.

que recebia notificações a cada nova postagem. Não fiz isso no sentido de buscar material para análise, com a obrigatoriedade de ver todas as postagens, mas achei válido assistir aos vídeos aleatórios para conhecer o perfil e ter uma visão geral do canal. Entretanto, percebi que a busca foi um ponto de partida, pois, diante desse movimento, acabei trazendo outras produções para a discussão, pois, ou eram citadas nas pré-selecionadas, ou dialogavam com elas, ou eram relevantes para dizer do contexto ou da história do canal.

A palavra seleção já mostra o quanto a pesquisa carrega da pesquisadora, as escolhas feitas durante o processo dizem de construções subjetivas daquela que escolheu. Certamente tiveram coisas que ficaram para trás, que aos olhos de outros/as poderiam ser mais importantes, mas fazer uma pesquisa de mestrado envolve definir um foco, eleger e descartar coisas, deixar discussões a serem feitas futuramente. Ao eleger vídeos, cenas e falas, eu trouxe coisas que de alguma forma me tocaram ou inquietaram. O olhar, o tempo, a sensibilidade e as experiências de cada pesquisador/a são únicos, por isso, tenho consciência de que esse movimento de seleção colocou muito de mim na pesquisa.

Meu olhar de pesquisadora mergulhada nos estudos de gênero e sexualidade me possibilita ver coisas que talvez passem despercebidas aos olhos de outros/as espectadores/as. Para Rosa Fischer (2001, p. 214, grifo da autora), “o próprio recorte feito pelo pesquisador é também um ‘fato de discurso’ e, como tal, introduz mais um dado que amplia e dinamiza o que por definição é já heterogêneo”. Dessa forma, ao escolher o que entra e o que fica de fora, ao definir o que é mais importante para este texto também produzo olhares e discursos. Percebo então, que meu trabalho também é um artefato educativo e me atento para o fato de que processos educativos, constituição de sujeitos e discursos estão intimamente relacionados.

2.4 Análise do material

Ao falar em análise não estou interessada na forma e no conteúdo do vídeo no sentido de qualidade da produção. Meu propósito aqui não foi julgar ou classificar o material ou quem o produziu. Nem buscar intenções ou coisas ocultas por trás deles. Mas fazer aparecer como os discursos de gênero e sexualidade são mobilizados nas produções a partir dos enunciados que nelas circulam.

Os vídeos são artefatos dotados de pedagogias culturais, por eles transitam discursos que podem subjetivar os/as espectadores/as. Michel Foucault concebe o sujeito como uma produção histórica e discursiva. Não existe um sujeito que nasce pronto e acabado, os processos de subjetivação ocorrem a partir da relação consigo mesmo e da interação com o outro, através

dos discursos presentes na sociedade em que se vive. Por isso, não consigo falar em educação sem pensar em discurso. Tentei trabalhar aqui com a concepção foucaultiana que compreende o discurso como

um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização: um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política. (FOUCAULT, 2008, p. 136-137, grifo do autor).

Nessa perspectiva, discurso não é só uma palestra, só um texto ou só uma frase. Por isso, não é possível falar dele como algo isolado e atribuído a um indivíduo. Foucault (2008, p. 61) nos convida a ir além da ideia de discurso como meros signos que representam coisas e diz:

Renunciaremos, pois, a ver no discurso um fenômeno de expressão - a tradução verbal de uma síntese realizada em algum outro lugar; nele buscaremos antes um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade. O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo.

Todos/as estamos imersos/as em uma sociedade discursiva, somos produtos e disseminadores/as de discursos variados que ditam regras de como pensar, viver e agir. Muitas vezes não nos atentamos para o funcionamento desses processos dos quais podemos ser ativos/as, passivos/as, condizentes e resistentes em diferentes níveis. Temos inúmeros discursos que estabelecem os regimes de verdade em nossa sociedade, entre eles, os médicos, os pedagógicos, os políticos, os religiosos, os jurídicos, os científicos, os econômicos e os midiáticos. Cada um deles é formado por um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva, que, segundo Foucault (2008, p. 82), trata-se de

um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática.

Essas formações não são fixas e atemporais, portanto, estar atento/a a elas é importante para problematizar o funcionamento de discursos em determinado contexto cultural, social e

histórico. Os vídeos do YouTube dizem de uma conjuntura atual em que o acesso, a velocidade e a diversidade de circulação dos discursos são cada vez maiores. Por isso, ao analisar o material selecionado busquei observar os enunciados sobre gênero e sexualidade presentes nos vídeos, tentando problematizar como podem contribuir com nossos processos de subjetivação. Entendendo que, mais do que dizer algo, os discursos são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” e que “certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 2008, p. 55, grifo do autor).

Ao me colocar diante dos enunciados em vídeos do Felipe Neto busquei “esse mais”, pensando em como podem funcionar educando os sujeitos que assistem para as questões de gênero e sexualidade. Nesse processo procurei fazer uma análise de discurso de inspiração foucaultiana que busca

compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação excluem. (FOUCAULT, 2008, p. 31).

Michel Foucault não criou uma metodologia chamada ‘análise de discurso’ em que temos um ‘passo a passo’ a seguir. Embora tenha falado dos caminhos metodológicos de suas pesquisas anteriores em “A Arqueologia do Saber” (FOUCAULT, 2008), o objetivo de tal trabalho não foi determinar um método para futuros/as pesquisadores/as. Ao conduzir suas pesquisas para a composição de sua obra, Foucault dá destaque às condições de emergência e circulação de determinados discursos que produzem realidades, objetos e sujeitos. Segundo o autor, o objeto da sua pesquisa foi o enunciado, esse é o elemento central da análise de discurso. Ao longo de “A Arqueologia do Saber” Foucault tenta defini-lo e, após explicar porque não pode ser equiparado a frase, a proposição ou ao ato ilocutório (de fala), aponta que o enunciado,

mais que um elemento entre outros, mais que um recorte demarcável em um certo nível de análise, trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não. O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se

justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). Não há razão para espanto por não se ter podido encontrar para o enunciado critérios estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (FOUCAULT, 2008, p. 98, grifo do autor).

Como uma função de existência, a partir da qual se possibilita ou não outras unidades como frases ou atos de linguagem, o enunciado não tem uma forma fixa, um sentido definido nele mesmo, pois ganha significados quando se relaciona com outros enunciados e pertence a uma formação discursiva. Foucault (2008, p. 126) diz que o enunciado é não visível e não oculto e que, por isso, “é necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo”. Desse modo, é possível ver enunciados em frases, imagens, mapas, cartazes... onde podem ser

coisas que se transmitem e se conservam, que têm um valor, e das quais procuramos nos apropriar; que repetimos, reproduzimos e transformamos; para as quais preparamos circuitos preestabelecidos e às quais damos uma posição dentro da instituição. (FOUCAULT, 2008, p. 136).

Foucault (2008) aponta quatro elementos que caracterizam um enunciado: a) referencial - conjunto de “leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas” (p. 103); b) sujeito - “não a consciência que fala, não o autor da formulação, mas uma posição que pode ser ocupada, sob certa condição, por indivíduos indiferentes” (p. 130); c) campo associado - conjunto de “outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento” (p. 111); d) existência material - “não é definida pelo espaço ocupado ou pela data da formulação, mas por um status de coisa ou de objeto, jamais definitivo, mas codificável, relativo e sempre suscetível de ser novamente posto em questão” (p. 115), como falas, escritas, gravações, impressões...¹⁷. Apresento aqui um exemplo de enunciado que apareceu em um vídeo para elucidar esses elementos: *“mulher, mãe... Tem um carinho muito mais especial pela cria!”*¹⁸ (COMO, 2019).

¹⁷Em “A Arqueologia do Saber”, Michel Foucault (2008) discorre sobre esses elementos detalhadamente entre as páginas 99 e 119.

¹⁸Para destacar as falas de Felipe Neto, optei por utilizar uma fonte diferente. Além disso, estabeleci alguns padrões na transcrição como usar aspas quando ele representa a fala de outra pessoa (na maioria das vezes colocando um efeito sonoro de voz fina); usar letras maiúsculas quando ele grita e recorrer ao símbolo [] para fazer alguma explicação sobre recursos visuais que contribuem para o entendimento da fala.

1. Referencial: possibilidades e condições para a existência e delimitação do referente “mulher mãe dedicada, cuidadosa” tal como o identificamos.
2. Sujeito: muitas mulheres se colocam nessa posição de mãe que cuida e se dedica ao/à filho/a, é uma posição que pode ser ocupada por diversos sujeitos.
3. Campo associado: dentro do discurso de gênero há vários enunciados correlatos a esse, como “a maternidade é um dom”, “mulher tem instinto maternal”, “a mãe tem uma ligação afetiva com a criança”, “o maior amor que existe é o amor materno”, entre outros.
4. Existência material: é possível ver esse enunciado em revistas e *sites* sobre maternidade; em personagens de novelas, filmes, livros e séries; em muitas falas, especialmente de mulheres mães, entre outros que permitem sua repetição e reprodução.

Ao me deparar com esse e outros enunciados nos vídeos, foi importante entender que sua existência depende de diversos elementos, e que seu funcionamento dentro de uma formação discursiva acontece quando é atravessado por outros enunciados. Quando olho para eles como parte de discursos maiores, que não podem ser vistos de forma isolada vejo que

não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. [...] Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis. (FOUCAULT, 2008, p. 112).

Fazer uma análise de discurso de inspiração foucaultiana implica em descrever os enunciados observando esses elementos e as formações discursivas que os envolvem. O discurso também pode ser entendido como um “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 2008, p. 122). Portanto, para pensar no funcionamento dos discursos enquanto produtores de subjetividades, é preciso olhar para os enunciados que se relacionam a eles, descrevendo como aparecem, em que formações se apoiam, quais posições proporcionam aos sujeitos, qual o status do/a enunciator/a, que relações de saber e poder estão presentes neles, entre outras coisas. Enfim,

a análise enunciativa é, pois, uma análise histórica, mas que se mantém fora de qualquer interpretação: às coisas ditas, não pergunta o que escondem, o que nelas estava dito e o não-dito que involuntariamente recobrem, a abundância de pensamentos, imagens ou fantasmas que as habitam; mas, ao contrário, de que modo existem, o que significa para elas o fato de se terem manifestado, de terem deixado rastros e, talvez, de permanecerem para uma reutilização

eventual; o que é para elas o fato de terem aparecido - e nenhuma outra em seu lugar. (FOUCAULT, 2008, p. 124).

Com isso em mente, ao olhar para o material evitei a busca por interpretações, coisas escondidas, explicações universais, intenções secretas... Procurei destacar os enunciados, suas condições de existência no contexto dos vídeos, as relações de saber e poder envolvidas neles e suas possibilidades de subjetivar os/as espetadores/as - como não trabalhei com os sujeitos, apenas pensei nos efeitos possíveis. Isto é, tentei “apreender as coisas ditas como acontecimentos, como algo que irrompe num tempo e espaço muito específicos, ou seja, no interior de uma certa formação discursiva” (FISCHER, 2003, p. 373), pensando o que faz elas serem ditas naquela situação e daquela maneira, muitas vezes ganhando *status* de verdade.

Meu olhar para enunciados de gênero e sexualidade hoje é bastante diferente do que se tivesse olhado há algumas décadas. Isso porque depois de muitos estudos sobre esses temas e muitas lutas dos movimentos feministas e LGBTQI+¹⁹ pelo reconhecimento e respeito às diferenças, temos mudanças nas discussões; nas concepções; nas visibilidades; nas representatividades; nas vivências e, conseqüentemente, nos discursos. Como nos diz Foucault (2008, p. 114): “o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história”. É preciso considerar os discursos como algo dinâmico, fruto de disputas, que se modificam ao longo do tempo e do espaço. Apesar de buscar inspiração nos estudos de Foucault entendo que

o funcionamento dos discursos não está pré-definido à espera de nossas leituras, como se bastasse irmos com um arsenal de ferramentas metodológicas e um “modelo” de dinâmica discursiva para decifrá-lo. Cada discurso tem suas peculiaridades que as teorias que o analisam, amplamente, não dão conta de todas as suas idiosincrasias, até porque, no seu exterior, povoam inúmeros discursos distintos que lhe alteram a constituição e ordenação interna. (FERREIRA; TRAVERSINI, 2013, p. 211).

Por isso, a opção foi pela análise de discurso de inspiração foucaultiana. Inspirar-se não significa copiar, seguir receitas ou padrões. Nesse sentido, não tive a pretensão de fazer o que Foucault fez. Ao realizar leituras sobre o trabalho do autor busquei algumas ‘ferramentas’ que me auxiliaram a pensar na minha pesquisa com suas especificidades. Assim, procurei ter em mente o que Rosa Fischer (2003, p. 372, grifos da autora) apontou como “lições aprendidas com Foucault”:

¹⁹Esta sigla vem sendo modificada ao longo dos anos para dar visibilidade às identidades que antes não eram representadas, atualmente vou utilizar a forma LGBTQI+, pois entendo que não é possível contemplar todas as identidades na sigla. O sinal + visa indicar que existem outras formas de identificação, além das representadas pelas letras utilizadas, visto que os processos de construção de identidades são complexos e contínuos.

Primeira delas, compreender que nossas lutas (e pesquisas) sempre têm a ver com linguagem, já que estamos continuamente envolvidos com lutas discursivas; segunda atitude, atentar para a idéia de que palavras e coisas dizem respeito a fatos e enunciados que, a rigor, são “raros”, isto é, não são óbvios, estão para além das “coisas dadas”; terceira, que fatos e enunciados referem-se basicamente a práticas, discursivas e não discursivas, as quais constituem matéria-prima de nossas investigações, seja em que campo estas se concentrem, e dizem respeito sempre a relações de poder e a modos de constituição dos sujeitos individuais e sociais; finalmente, a atitude de entrega do pesquisador a modos de pensamento que aceitem o inesperado, especialmente aqueles que se diferenciam o que ele próprio pensa .

A linguagem é peça fundamental do processo de constituição do sujeito, estar atento/a a ela é importante para problematizar os discursos num processo de pesquisa. Buscar enunciados em documentos audiovisuais é mais do que ouvir o que se diz, pois os vídeos apresentam elementos visuais que muitas vezes são importantes para sua compreensão, como cenários, gestos e expressões que podem mudar a forma como um/uma interlocutor/a entende uma fala. Utilizar a análise de discurso de inspiração foucaultiana para olhar os vídeos nessa perspectiva indica observar os enunciados divulgados nesse artefato considerando as questões discursivas (dizeres e expressões do saber) e as não discursivas (instituições, acontecimentos, práticas e processos de poder) presentes neles. E a partir delas refletir sobre as situações, históricas, políticas, sociais, culturais, econômicas... em que os enunciados são disseminados; em que relações de saber e de poder estão imersos; que outros enunciados se relacionam com eles e como podem subjetivar os sujeitos que assistem. Analisar discursos nessa perspectiva significa considerar que

as coisas ditas não se confundem com meras designações: palavras e coisas para ele [Foucault] têm uma relação extremamente complexa, justamente porque são históricas, são construções, interpretações; jamais fogem a relações de poder; palavras e coisas produzem sujeitos, subjetividades, modos de subjetivação. (FISCHER, 2003, p. 373).

Então, pesquisar enunciados, que se expressam por falas, gestos e imagens nesta pesquisa, sugere pensar sobre suas condições de existência para refletir sobre seu papel na formação de sujeitos. Ao estudar os discursos que envolvem as questões de gênero e sexualidade presentes em vídeos de Felipe Neto foi preciso considerar que eles fazem parte de um contexto e que “não estão ancorados ultimamente em nenhum lugar, mas se distribuem difusamente pelo tecido social, de modo a marcar o pensamento de cada época, em cada lugar e, a partir daí, construir as subjetividades” (VEIGA-NETO, 2007, p. 100).

Embora tenha definido um canal do YouTube como campo de pesquisa, ele pode ser considerado como representante de uma forma de mídia que vem crescendo em nossa sociedade. Apesar do *youtuber* ter suas especificidades e de suas concepções dizerem de experiências pessoais, ele é constituído nesta sociedade discursiva, o que ele diz não é uma criação dele. Rosa Fischer (2001, p. 207) nos fala que

ao analisar um discurso – mesmo que o documento considerado seja a reprodução de um simples ato de fala individual, não estamos diante da manifestação de um sujeito, mas sim nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem.

Neste trabalho, o foco não é o *youtuber*, mas sim os enunciados. Por isso, Felipe Neto não foi visto como aquele que cria discursos e suas concepções não foram submetidas a juízos de valor. Um *youtuber* foi aqui compreendido como um sujeito construído pelos discursos e modos de subjetivação presentes na nossa sociedade, que tem uma posição de destaque no que diz respeito à divulgação de suas concepções e disseminação desses discursos. Para Foucault (2008, p. 108), “descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito”. Nesse sentido, é fundamental considerar que as concepções sobre gênero e sexualidade divulgadas nos vídeos não só reproduzem discursos existentes na sociedade, como também produzem indivíduos baseados nesses discursos, na medida em que os estimula a ocupar a posição de sujeito dos enunciados.

O convite de Foucault é que, através da investigação dos discursos, nos defrontemos com nossa história ou nosso passado, aceitando pensar de outra forma o agora que nós (sic) é tão evidente. Assim, libertamo-nos do presente e nos instalamos quase num futuro, numa perspectiva de transformação de nós mesmos. (FISCHER, 2001, p. 222).

Aceitando o convite de Foucault, busquei analisar os discursos presentes nos vídeos de Felipe Neto pensando em como eles vêm nos posicionando enquanto sujeitos sociais constituídos por identidades de gênero e sexualidade. Ao longo deste caminho metodológico não olhei para os vídeos, para o *youtuber* ou para os enunciados como coisas independentes, mas sim pensando que todos/as fazemos parte de um universo discursivo que contribui para ser quem somos.

3 EM ALTA: DEFINIÇÕES IMPORTANTES

O YouTube disponibiliza uma seção denominada “Em alta”, onde aparecem algumas sugestões de vídeos que a plataforma considera significativos. Segundo a página, “uma lista de vídeos que mostre o que está acontecendo no YouTube, seja relevante para nossos espectadores e reflita o conteúdo da plataforma”²⁰. Assim, são colocados em destaques os vídeos mais assistidos no dia ou que contenham assuntos muito comentados nas redes. Neste capítulo, apresento algumas definições e alguns conceitos que considero relevantes para o trabalho, pois estiveram “em alta” durante todo o processo da pesquisa.

3.1 Sobre educação, cultura e pedagogias culturais

Para iniciar, considero importante ressaltar o que penso sobre educação, visto que a pesquisa com o YouTube permite ampliar as noções do que é educativo. A educação é um processo social, cultural e histórico, que vai além de conteúdos escolares. Ao longo de nossa existência somos interpelados/as por processos educativos que nos ensinam a pensar, viver e agir na sociedade em que estamos inseridos/as, é através deles que construímos nossas identidades. O ato de educar vai além de ações planejadas para ensinar algo, a educação está nas palavras, nas ações, nos gestos, nos olhares, nas imagens que nos cercam, enfim, na interação com o outro e com o mundo, através da qual aprendemos a ser quem somos. Dessa forma, construímos nossa subjetividade que, segundo Michel Foucault (2006, p. 236), “é a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em cada jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo”.

Nenhum sujeito nasce pronto, com uma essência, mas se constitui a partir de práticas sociais e culturais que se modificam historicamente.

As práticas culturais ou práticas de significação tentam fazer valer certos significados, particulares de um grupo social, sobre todos os outros: os jogos de poder estão sempre implicados. As práticas culturais são interpelativas, buscam dizer ao indivíduo quem é ele, como deve ser, o que deve fazer; inventam as categorias das quais se ocupam, criam referentes que se constituem como marcadores pelos quais os sujeitos passam a se reconhecer e posicionar. Contudo, para que isso aconteça, é preciso que tais significados adquiram o estatuto de verdade para o sujeito. (HENNIGEN; GUARESCHI, 2006, p. 60).

²⁰Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/7239739?hl=pt-BR>. Acesso em: 1 dez. 2020.

Essas práticas são educativas, pois, ao serem compartilhadas e significadas de acordo com cada conjuntura, nos ensinam a viver conforme o contexto em que estamos inseridos/as. Na medida em que temos contato com determinados discursos que circulam na sociedade, buscamos elementos que contribuem para construção das nossas subjetividades. Nesse sentido, a educação está intimamente ligada a questões culturais.

De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (2010, p. 134), “a cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser. A cultura é um jogo de poder”. Nessa perspectiva, penso nela relacionada aos modos de viver dos diferentes grupos, e também como um

campo de luta em torno da significação social, [...] um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. (SILVA, 2010, p. 133-134).

Essa definição de cultura vem dos Estudos Culturais, um campo que surgiu em meados do século XX, na Inglaterra, preocupado em discutir as questões de cultura, questionando seu caráter elitista e erudito e propondo uma visão mais complexa e inclusiva do termo. Pesquisadores/as dessa área problematizam a ideia de cultura como natural e singular, trazendo para as discussões acadêmicas diversas culturas, principalmente aquelas antes marginalizadas, destacando seu papel na constituição da sociedade e de sujeitos, enfatizando a questão das identidades e das diferenças. “Numa definição sintética, poder-se-ia dizer que os Estudos Culturais estão preocupados com questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder” (SILVA, 2010, p. 134). Ao se unir ao campo da Educação os Estudos Culturais agregam as questões de cultura, representação, identidade e diferença às discussões sobre educação, currículos e pedagogias, o que tem possibilitado

a extensão das noções de educação, pedagogia e currículo para além dos muros da escola; a desnaturalização dos discursos de teorias e disciplinas instaladas no aparato escolar; a visibilidade de dispositivos disciplinares em ação na escola e fora dela; a ampliação e complexificação das discussões sobre identidade e diferença e sobre processos de subjetivação. Sobretudo, tais análises têm chamado a atenção para novos temas, problemas e questões que passam a ser objeto de discussão no currículo e na pedagogia. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 56).

Com isso, podemos observar que os processos educativos se dão em todos os espaços sociais, produzindo uma educação mais ampla, que acontece além dos espaços culturalmente

legitimados para o ato de ensinar, como no YouTube, por exemplo. Ela é perpassada por currículos culturais que dizem respeito “às representações de mundo, de sociedade, do eu, que a mídia e outras maquinarias produzem e colocam em circulação, o conjunto de saberes, valores, formas de ver e de conhecer que está sendo ensinado por elas” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 57). Esses currículos apresentam pedagogias que educam sujeitos para viverem na sociedade em que estão inseridos. Para Marlucy Paraíso (2001, p. 144, grifo da autora),

o currículo cultural pode ser visto como fazendo parte de uma “pedagogia cultural” que, de maneira mais ampla, nos ensina comportamentos, procedimentos, hábitos, valores e atitudes, considerados adequados e desejáveis, através de diferentes artefatos, como o cinema, a televisão, as revistas, a literatura, a moda, a publicidade, a música etc.

Ao propor diálogos entre os campos da Educação e da Comunicação, os Estudos Culturais chamam a atenção para as pedagogias culturais que nos cercam. Paula Andrade (2016) escreve sobre o longo caminho intelectual percorrido até chegarmos à utilização da expressão pedagogias culturais dentro dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. A autora ressalta a importância de pesquisadores/as como Elizabeth Ellsworth, que chamou a atenção para as pedagogias presentes em diferentes lugares como museus, arquitetura e mídias; Henry Giroux, que enfatizou a relação entre Estudos Culturais e Pedagogia, estudando os artefatos da culturais e adjetivando as formas que a pedagogia apresenta quando imbricadas com a cultura (“pedagogia pública”, “pedagogia radical” e “pedagogia crítica”), conceitos importantes para pensar as pedagogias culturais; David Trend, que registrou a expressão pedagogias culturais pela primeira vez relacionando cultura e educação; Shirley Steinberg e Joe Kincheloe, que deram visibilidade ao conceito no campo acadêmico, inclusive no Brasil. Além disso, Paula Andrade fala sobre a (re)invenção e os usos do conceito dentro da linha de pesquisa “Estudos Culturais em Educação” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde foi estudado, (re)pensado, utilizado e publicado de acordo com uma perspectiva acadêmica brasileira (sulista), foucaultiana e pós-estruturalista. Atingindo então, o *status* de ferramenta teórica para os Estudos Culturais em Educação.

Após analisar trabalhos produzidos em tal linha de pesquisa, a autora aponta diferentes usos para o conceito de pedagogias culturais e mostra que, ao se unir a outros e servir às especificidades de cada pesquisa, ele vai se adaptando. Por isso, Andrade (2016) defende que essa ferramenta não carrega uma definição engessada, para ela o conceito de pedagogias culturais é híbrido, como explica a seguir:

Tomando como suporte teórico, por um lado, a linha próxima da vertente crítica para mostrar como, especialmente, os artefatos midiáticos educam e, por outro lado, a linha da vertente pós-estruturalista, para dizer que estes mesmos artefatos, ao educar, estão produzindo modos de ser e estar, é que considero que o “nosso” conceito de pedagogias culturais é um conceito híbrido. Tal hibridização me parece ser o elemento que permite uma certa polivalência e flexibilização do conceito, o que propicia que os pesquisadores usem o conceito para tratar de objetos variados, mas que dizem respeito à relação entre pedagogia e cultura em diferentes artefatos da cultura. Com isso, quero afirmar que se o enfoque na produtividade dos conglomerados midiáticos é muito presente nas pesquisas que acionam o conceito, o modo com tal enfoque é discutido, ao direcionar-se para uma perspectiva pós-estruturalista de compreensão do poder, produz múltiplas formas de interpretação destas relações. (ANDRADE, 2016, p. 116, grifo da autora).

Diante das condições de emergência e da (re)invenção do conceito de pedagogias culturais, Marisa Costa e Paula Andrade (2017, p. 18-19) consideram que “qualquer tentativa de circunscrever o conceito, de capturá-lo em uma definição estreita e demasiadamente demarcada seguiria na contramão de sua flexibilidade e das possibilidades que têm instaurado”. Por isso, apontam a importância de seu estudo para que pesquisadores/as possam “conhecer as possibilidades do conceito, analisá-lo, discuti-lo e utilizá-lo como uma ferramenta teórica consistente nas pesquisas que o acionam”.

Ao entender que não há uma definição absoluta do termo pedagogias culturais, considero importante anunciar como essa ferramenta foi acionada neste trabalho. Compreendo as pedagogias culturais como as formas de educar presentes nas diversas instâncias culturais, as maneiras como vamos aprendendo o que é “certo” ou “errado”, o que é “bom” ou “ruim”, onde ir, do que gostar, o que comprar, o que vestir, como ser homem ou mulher... Em suma, mecanismos que nos ensinam a ser e estar na cultura em que vivemos, que são educativos,

porque nos ensinam determinadas formas de ser, de se ver, de pensar e agir sobre as coisas e sobre os outros. Educativos porque tais produções e artefatos culturais, ao colocarem em circulação determinadas representações (seja de que natureza for), vão se constituindo como materiais a partir dos quais as crianças, jovens e adultos vão construindo suas identidades de classe, de gênero, de sexualidade, de etnia. Através de tais representações, as crianças e jovens vão internalizando valores e formas muito específicas de se pensar o social, o individual, o público, o privado. A rigor trata-se de pedagogias que operam pela sedução, que colonizam o desejo, que capturam indivíduos e produzem formas padronizadas de sujeito. (SOMMER; WAGNER, 2019, p. [2]).

Esses processos educativos acontecem por meio de artefatos culturais como livros, jornais, filmes, propagandas, desenhos infantis, revistas, redes sociais, peças teatrais, programas

de TV, músicas, vídeos do YouTube, etc., mostrando que a educação se dá nos mais variados espaços da sociedade, na medida em que esses “produzem valores e saberes; regulam condutas e modos de ser; fabricam identidades e representações; constituem certas relações de poder” (SABAT, 2001, p. 9). Enfim, o objetivo do conceito pedagogias culturais é ampliar a noção de educação e pedagogia chamando a atenção para

quais e como outros espaços, para além da escola, produzem ações do sujeito, o subjetivam e o conduzem; um processo também entendido como educativo, mas cujos objetivos são distintos daqueles da educação promovida mediante o desenvolvimento de experiências curriculares na escola. (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 55).

Pensar nesse conceito para problematizar o YouTube como espaço educativo foi fundamental. Essa plataforma tem sido usada como fonte de informação e entretenimento por muitas pessoas, com seus vídeos sobre os mais variados assuntos. O *site* é uma mídia importante em nossa sociedade. Cada produção postada no YouTube apresenta a seus/suas espectadores/as modos de ser, pensar e agir, influenciando, ensinando e inspirando a quem assiste. Observar os vídeos nessa perspectiva é prestar atenção nas pedagogias culturais presentes neles, em como determinadas concepções e valores são disseminados por esses artefatos e em como as imagens e as falas que os compõem são ferramentas educativas.

Ao analisarem trabalhos que pesquisam artefatos culturais, Marisa Costa e Paula Andrade (2013) destacam três modos de operação das pedagogias culturais: representação e valores - ao representar tipos de sujeitos ou comportamentos, os artefatos criam modelos desejáveis; construção de complexos mercantis midiáticos - os artefatos são utilizados para incentivo ao consumo de produtos -, e cuidados de si - os artefatos agem na produção de subjetividades, moldam identidades. Ao longo da minha pesquisa pude observar esses modos nos vídeos de Felipe Neto, as falas, os gestos, as imagens, as piadas, as propagandas, etc., apresentam referências, estimulam o consumo de produtos e ensinam modos de ser.

Nossas identidades e subjetividades são construídas a partir de discursos e práticas educativas que circulam na sociedade, principalmente nos artefatos da cultura. Por isso, olhar para eles como instrumentos educativos é fundamental. Ao pensar educação relacionada à constituição dos sujeitos, é importante levar em consideração os currículos culturais aos quais somos submetidos/as, pois é a partir deles que apreendemos formas de ver, ser e estar no mundo. Nesta pesquisa, foquei em observar duas questões fundamentais da nossa constituição: o gênero e a sexualidade.

3.2 Gêneros e sexualidades: identidades em construção

O objetivo desta pesquisa é problematizar os enunciados de gênero e sexualidade presentes nos vídeos de Felipe Neto, pois esses são marcadores identitários dotados de significados sociais que dizem da nossa existência. Falar sobre identidades é pensar na nossa própria constituição. Baseado nos estudos de Michel Foucault, Márcio Fonseca (1995, p. 30, grifo do autor) afirma que “o termo ‘sujeito’ serviria para designar o indivíduo preso a uma identidade que reconhece como sua, assim constituído a partir dos processos de subjetivação”. Para nos tornarmos sujeitos de identidades em uma sociedade passamos por experiências que interferem em nossas subjetividades.

Ao pensar em subjetividade a partir dos estudos foucaultianos, Anderson Ferrari (2010) ressalta sua construção processual, social, histórica, mutável, fluida, singular e coletiva. Para o autor, “diferentes modos, práticas, ações, discursos, relações que estabelecemos nas nossas histórias fazem de nossas experiências diferentes maneiras de nos tornarmos sujeitos” (FERRARI, 2010, p. 9). Desse modo, vão sendo construídas as subjetividades que são as formas de pensar, sentir e (inter)agir no contexto em que se vive.

Ferrari (2010, p. 12) destaca também que a subjetividade é construída por processos que entrecruzam o sujeito, pois “o indivíduo é atravessado por diversos processos que modelam, fabricam e produzem a subjetividade”, são os chamados processos de subjetivação. Esses atravessamentos estão relacionados às formações discursivas às quais somos submetidos/as, mas também as maneiras como esses discursos tocam cada pessoa. Ao falar sobre o conceito de experiência, Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 27) afirma que “se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência”, pois “são as experiências que concretizam as subjetividades e que dão vida aos processos de subjetivação” (FERRARI, 2010, p. 10). Assim, a construção de nossas subjetividades está relacionada a nossas experiências, a processos que nos tocam de maneiras diferentes, proporcionando constituições individuais de sujeitos singulares.

À medida que passamos por esses processos, vamos nos constituindo por múltiplas identidades, que dizem respeito a identificação, seja cultural, social, econômica, profissional, étnica, de gênero, sexual ou outras. Para Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 96-97),

a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma

construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, segmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.

Não existe identidade unificada, pronta, pois “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p. 13). Somos formados/as por muitas identidades e cada uma delas está sempre em movimento, pois não existem de forma isolada, elas se atravessam, convivem, se conflitam, são acionadas em diferentes situações e são construídas e transformadas de acordo com as representações culturais definidas historicamente. Não é possível, por exemplo, pensar em uma identidade de mulher, pois cada uma possui outras identidades que atravessam aquela, tornando-a uma forma de ser mulher diferente de outras, de modo que uma mulher pobre, negra, casada, evangélica e heterossexual é diferente de uma mulher rica, branca, solteira, agnóstica e homossexual, por exemplo.

Dentre as várias identidades que nos constituem estão as sexuais e de gênero, que são comumente confundidas em nossa sociedade. Embora ambas sejam frequentemente relacionadas a características biológicas e muitas vezes serem referenciadas como sinônimas, elas significam coisas diferentes. Guacira Louro (2003, p. 26-27) explica essa diferença:

Suas identidades sexuais se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero [...]. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.).

Esse trecho foi escrito em 2003 e considero que explicita de forma didática a diferença entre as identidades sexuais e de gênero, porém, atualmente há discussões mais amplas que não foram citadas nessa explicação como, por exemplo, as identidades de gênero não-binárias²¹, termo que abarca diversas formas de vivências em relação ao gênero²². Tal dinâmica mostra que essas identidades não são dadas nem estáticas, pois “estão sempre se constituindo, elas são

²¹“A não-binaridade de gênero parece estar sempre permeada pela definição da recusa em ser 100% homem e em ser 100% mulher. Em outras palavras: um grupo/categoria que se cria em diferença à; conjunto de experiências que dizem do diferenciar-se do binário” (GOULARTH, 2018, p. 109).

²²Mais informações no *site* “Orientando um espaço de aprendizagem”, disponível em: <https://orientando.org/listas/lista-de-generos/>. Acesso em: 19 dez. 2019.

instáveis e, portanto, passíveis de transformação” (LOURO, 2003, p. 27). Tanto as sexuais quanto as de gênero não são determinadas por atributos biológicos, elas têm um caráter social, cultural e histórico. Ao dizer sobre a construção do conceito de gênero Guacira Louro (2003, p. 21) argumenta que

é necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.

Do mesmo modo, considero as identidades sexuais como construções sociais. Para Déborah Britzman (1996, p. 74),

nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada.

É possível observar essa construção identitária acontecendo em situações cotidianas, são frequentes os investimentos para que a heterossexualidade seja um padrão, desde pequenas as meninas escutam a pergunta “quem é o seu ‘namoradinho’ na escola?”. O mesmo acontece com os meninos, que corriqueiramente são estimulados a apontarem quem são as meninas mais bonitas e com quais gostariam de se relacionar. É comum também que, caso algum garoto ou garota apresente um comportamento que se afaste do esperado, ocorra um estranhamento por parte da família e dos/as amigos/as, algumas vezes, gerando comentários preconceituosos e até intervenções para “corrigir” a sexualidade.

Esse investimento ocorre ainda através dos artefatos culturais, programas de televisão, literatura, cinema, revistas... que educam para a sexualidade, pois informam, apresentam modos de vivê-la, disseminam concepções a respeito desses modos e geralmente reforçam a heterossexualidade como norma, marginalizando as demais orientações sexuais. Observar como as sexualidades são tratadas nos vídeos do canal Felipe Neto é uma forma de problematizar que pedagogias estão presentes nesse artefato e como elas agem educando milhões de pessoas que assistem ao canal.

Apesar de apresentar aqui algumas diferenças entre gênero e sexualidade, defendo que essas questões estão intimamente relacionadas, principalmente porque há uma expectativa para

que os sujeitos sigam o que Judith Butler (2003, p. 38) denominou de matriz de inteligibilidade de gênero, que consiste na relação de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Nessa perspectiva, espera-se que uma pessoa que tenha vagina se identifique com o gênero feminino, apresente características e comportamentos socialmente associados a feminilidade, sinta desejo e tenha relacionamentos afetivos com homens. Em contrapartida, daquele indivíduo que nasceu com pênis, espera-se atitudes socialmente consideradas masculinas, que deseje e se relacione com mulheres. Essa matriz não funciona para todos os indivíduos, mas, quando se trata de pensar na constituição de sujeitos, gênero e sexualidade, são categorias de análises que devem andar juntas.

Um dos aspectos destacados por Judith Butler ao discutir as questões de gênero é seu caráter performativo. Sexo e gênero são construções discursivas que se constituem a partir da repetição de atos e discursos que ganham tom de naturalidade. Esse “poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que ele regula e constrange” (BUTLER, 2018, p. 196) é chamado pela autora de performatividade. Desde o nascimento crianças são educadas para seguirem a matriz de inteligibilidade de gênero, aprendendo a se comportarem de acordo com as convenções sobre o que é considerado masculino ou feminino.

Diante disso, existem objetos, vestuários, aparências físicas, comportamentos que marcam os corpos e classificam os sujeitos. Em nossa sociedade, a delicadeza, a vaidade, o sonho da maternidade, o gosto pela cor rosa, o uso de vestido e maquiagem são algumas características incentivadas a pessoas que nascem com vagina, porém, algumas delas são vistas como naturais, pois nem sempre problematizamos o fato de serem produzidas e reiteradas socialmente. Dessa forma, vamos aprendendo a exercer as identidades de gênero de acordo com o que nos é apresentado em nossa cultura, já que essas identidades não são unificadas, pois se modificam de acordo com as questões históricas, sociais, culturais, econômicas, religiosas, geracionais, etc. É importante destacar que, apesar da performatividade reforçar determinados padrões, a cultura não se torna um destino, justamente por não ser natural o gênero pode ser vivido de acordo com as normas ou não.

Mais do que identidades, “gênero” e “sexualidade” se tornaram organizadores sociais. Formulários de identificação de todas as espécies perguntam qual nosso gênero (quase sempre utilizando a palavra sexo e oferecendo as opções masculino e feminino); banheiros públicos são identificados de acordo com os gêneros; lojas de roupas, sapatos e brinquedos se dividem em seções masculinas e femininas; determinadas revistas, baladas, *sites*, canais do YouTube são direcionados ao público homossexual, dentre muitos exemplos que mostram que o mundo se organiza em função dos gêneros e das sexualidades. Enfim, assumir uma identidade de gênero

ou sexual classifica e dá um “lugar” aos sujeitos na sociedade. Problematizar os processos de constituição e significação dessas identidades é fundamental para pensar, viver e transformar a sociedade atual.

Ao olhar para um canal do YouTube com grande visibilidade, busquei analisar enunciados de gênero e sexualidade que apareceram em alguns vídeos, problematizando suas condições de existências e suas possibilidades de subjetivar quem assiste. Felipe Neto, responsável pelas produções, é jovem, branco, de classe alta, se identifica como homem cisgênero²³ e heterossexual. Em entrevista a Leo Dias, o *youtuber* afirma: *“Eu fui criado de maneira tradicional e conservadora, acreditando que homossexualidade era pecado”* (NETO, 2019 a). Ou seja, foi educado para ter atitudes e pensamentos condizentes com o que a sociedade espera de um indivíduo com essas características. Ele não é um pesquisador das questões de gênero e sexualidade, mas relata que o gosto pela leitura foi responsável por ter se *“desprendido desses conceitos reacionários”*. Por isso, a ideia aqui não é julgar se o que ele diz é certo ou errado, mas sim problematizar alguns discursos presentes na nossa sociedade, que nos educam ao circularem nas mídias e serem repetidos por muitos/as de nós. Uma mídia muito relevante para essa circulação são os vídeos dos quais falarei a seguir.

3.3 Vídeos: que mídia é essa?

O vídeo como conhecemos hoje é uma produção audiovisual, mas nem sempre foi assim. Os primeiros instrumentos de filmar, criados a partir de 1880, capturavam várias fotos por minuto, mas ainda não gravavam o som, inclusive os filmes exibidos no cinema eram constituídos apenas por imagens. Nos anos 1920, depois de muitas tentativas de sincronizar imagem e som usando equipamentos diferentes, foram inventados os primeiros aparelhos que permitiam a gravação do som na película de imagem - *Movietone* e *Photophone* (COSTA, 2003). Eles eram usados, principalmente, no cinema. Desde então, os equipamentos de filmagem evoluíram muito e deixaram de ser usados somente por profissionais. As grandes filmadoras, que usavam o *Video Home System* (VHS) - Sistema Doméstico de Vídeo em Português -, e gravavam o material em fitas magnéticas, foram substituídas pelas câmeras digitais que começaram a ser vendidas para a população nos anos 1990. A partir daí, tais

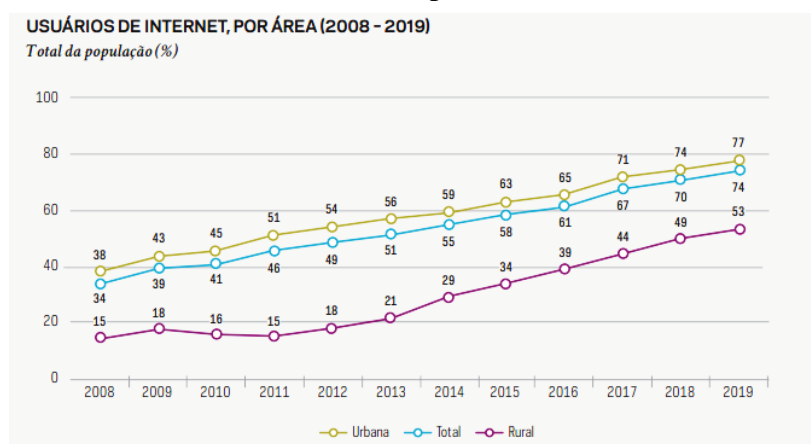
²³Segundo Jaqueline de Jesus (2012, p. 25, grifos da autora), cisgênero (ou “cis”) é um “conceito ‘guarda-chuva’ que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento” e transgênero (ou ‘trans’) é “conceito ‘guarda-chuva’ que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento”.

instrumentos vêm se aperfeiçoando a cada dia para melhorar a qualidade do material audiovisual. Um fato importante em meio a esse complexo processo, repleto de tentativas, erros, acertos, negociações, percalços... foi o surgimento do primeiro celular com câmera em 2000.

Esse parágrafo cita bem resumidamente alguns momentos importantes do processo de criação e utilização dos vídeos que é composto de muitos pequenos fatos e algumas controvérsias sobre quem inventou o que primeiro. Ao olhar brevemente para esses marcos podemos ver o quão nova é a tecnologia que temos atualmente. Nela tudo parece muito simples, pois ao clicar em uma tela de um pequeno e leve celular é possível capturar e armazenar longas cenas com imagem e som. Entretanto, toda essa tecnologia não chegou às nossas mãos tão facilmente. Cada aparelho mais moderno era lançado no mercado com altos preços, como ainda acontece, de forma que poucas pessoas tinham acesso. Nos primeiros anos do século XXI, os vídeos só eram realidade na vida de quem tinha boa condição financeira. Na última década assistimos a um avanço na venda de celulares com câmeras, internet e outros aparatos e também a uma popularização dos vídeos.

Logo que as pessoas começaram a gravar conteúdos em formatos que podiam ser reproduzidos em computadores, surgiu a necessidade do compartilhamento. Embora já houvesse algumas formas de fazer isso, a criação e os avanços da plataforma YouTube foram fundamentais para fomentar a prática de gravar, postar e compartilhar arquivos audiovisuais a partir de 2006. Desde então, é possível observar um crescimento da produção e do compartilhamento desse material, principalmente, nos últimos anos, com a popularização do acesso a dispositivos eletrônicos ligados à internet. O Gráfico 1 apresentado pela pesquisa TIC domicílios (NÚCLEO, 2020) mostra a ampliação do número de usuários de internet entre 2008 e 2019.

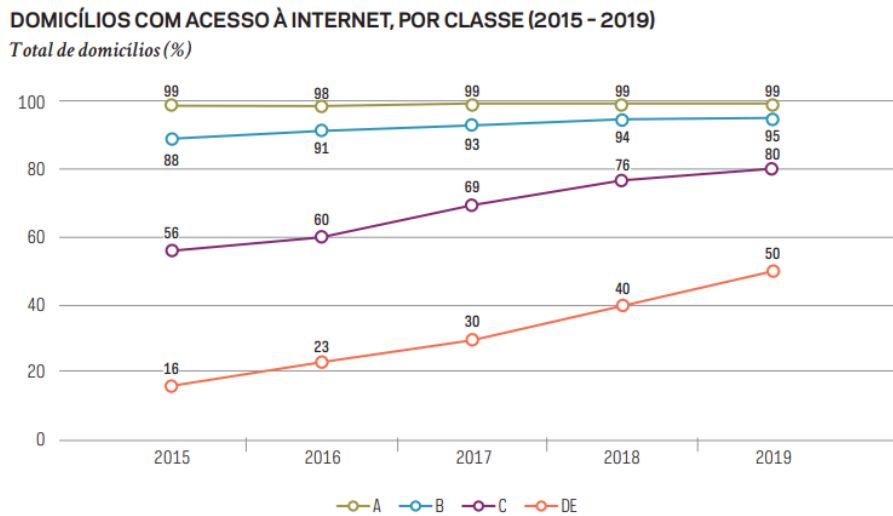
Gráfico 1 - Usuários de internet, por área (2008 -2019)



Fonte: TIC Domicílios (NÚCLEO, 2020, p. 25).

A pesquisa apontou que, em 2019, 74% da população brasileira com dez anos ou mais possuía acesso à internet, sendo que 99% dessas pessoas usavam o telefone celular para isso (NÚCLEO, 2020, p. 23). Apesar de demonstrar a desigualdade de acesso entre as classes, o histórico do estudo menciona um crescimento significativo de domicílios conectados à internet nas classes C, D e E (Gráfico 2), indicando que a conexão está sendo conquistada por grupos que até então eram praticamente excluídos do universo virtual.

Gráfico 2 - Domicílios com acesso à internet, por classe (2015-2019)



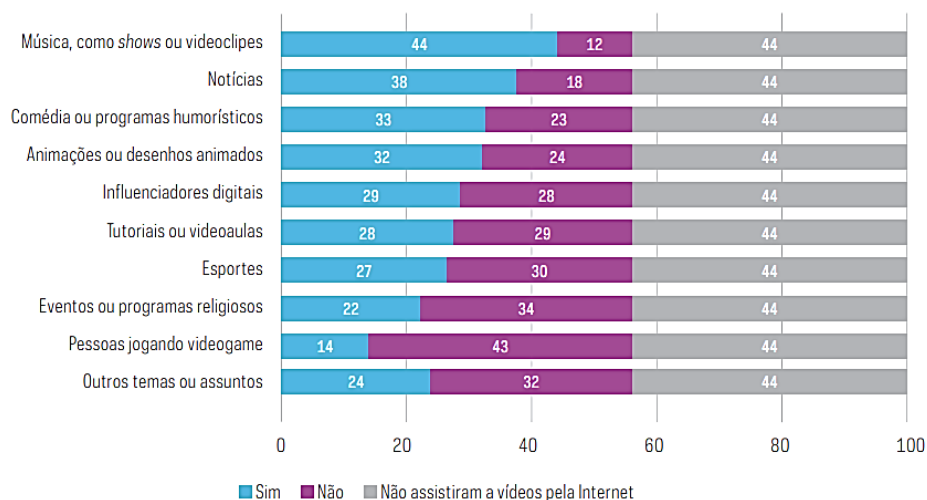
Fonte: TIC Domicílios (NÚCLEO, 2020, p. 62).

Com relação às atividades realizadas pelos/as usuários/as na internet, os dados mostram que 74% assistiram a vídeos, programas, filmes ou séries em 2019. No que se refere a vídeos, as plataformas mais usadas pelos/as brasileiros/as foram *sites* ou aplicativos de compartilhamento de vídeos (46%) e aplicativos de mensagens (44%), seguidos das redes sociais (38%). O gráfico 3 mostra dados relativos aos tipos de conteúdo dos vídeos assistidos na internet pelos/as entrevistados/as, apontando que 29% deles/as acessam materiais postados por influenciadores digitais (NÚCLEO, 2020).

Gráfico 3 - Tipo de conteúdo dos vídeos assistidos pela internet (2019)

INDIVÍDUOS, POR TIPO DE CONTEÚDO DOS VÍDEOS ASSISTIDOS PELA INTERNET (2019)

Total da população (%)



Fonte: TIC Domicílios (NÚCLEO, 2020, p. 84).

Essas pessoas estão distribuídas entre as faixas etárias da seguinte forma: 51% de 0 a 15 anos; 55% de 16 a 24 anos; 36% de 25 a 34 anos; 29% de 35 a 44 anos e 12% de 45 a 59 anos, segundo a mesma pesquisa²⁴. Dessa maneira, as postagens dos/as influenciadores/as digitais atingem, principalmente, crianças e jovens. Os dados mostram que o acesso a vídeos vem crescendo no Brasil. São diversos os motivos para isso, entre eles, a expansão do serviço de conexão, o aumento do poder de compra de muitas famílias, a ampliação de produtos disponibilizados *on-line*, a velocidade de propagação desse material, a possibilidade de escolher o assunto das produções, a identificação com ideias e conteúdos disponibilizados, etc.

Outro aspecto importante levantado por Nelson Marcellino, Felipe Barbosa e Stéphanie Mariano (2006), é que o crescimento da urbanização vem modificando a rotina de lazer de crianças e jovens ao longo dos anos. Se antes era comum eles/as se reunirem para conversar e brincar em ruas e praças, hoje a ampliação das construções, o grande volume de veículos e o aumento da violência tomaram grande parte desses espaços. Como o “espaço público vem perdendo seu uso multifuncional, deixando de ser local de encontro, de prazer, de lazer, de festa, de circo, de espetáculo” (MARCELLINO; BARBOSA; MARIANO, 2006, p. 61), muitos/as jovens e crianças têm vivenciado seus momentos de lazer dentro de casa.

Nesse contexto, a internet com seus produtos como *site* de jogos, vídeos ou redes sociais, tem ocupado o tempo livre de parte dessas faixas etárias. Por isso, é fácil encontrar produções

²⁴Dados disponíveis em: <https://www.cetic.br/pt/tics/domicilios/2019/individuos/TC5A/>. Acesso em: 8 dez. 2020.

voltadas ao público infanto-juvenil no YouTube. Elas, frequentemente, são usadas como fonte de lazer e atraem muitas visualizações. Materiais audiovisuais costumam ser dinâmicos, suas cores, conteúdos e objetivos prendem a atenção dos/as espectadores/as. Isso pode dar a sensação de que o ato de ver vídeos não está ligado à educação. Ao consumir o material em horários de lazer, desvinculados à escola, muitas pessoas não percebem o quanto essa mídia é carregada de pedagogias culturais.

Ao discutirem a relação entre pedagogia e cultura, muitos trabalhos problematizam o caráter educativo de diversos artefatos midiáticos (ANDRADE, 2017; ANJOS, 2014; CARVALHO, 2002; FISCHER, 1996; FRANÇA, 2019; MACHADO, 2019). Os vídeos do YouTube também são considerados produtos midiáticos, pois são responsáveis por produzir e divulgar informações em larga escala.

A mídia é um instrumento importante no processo de formação dos sujeitos, e seus produtos vêm ganhando força como ferramentas educativas, principalmente aqueles ligados à internet, como é o caso do YouTube, que além de apresentar conteúdo permite a interação entre espectadores/as. A palavra mídia vem sendo muito utilizada cotidianamente, por isso, achei pertinente buscar mais informações sobre essa expressão. No livro “Mídia e Educação”, José Melo e Sandra Tosta (2008, p. 30) apontam que

a mídia tem a ver com a indústria dos bens simbólicos. Corresponde a um sistema complexo de produção, circulação e consumo de bens culturais. Seu foco está orientado em fabricar artefatos que se materializam em palavras, sons e imagens, seja no plano real, seja no plano imaginário.

Complementando essas palavras, optei por trazer um dos significados apresentados no dicionário Michaelis²⁵:

Mídia – Toda estrutura de difusão de informações, notícias, mensagens e entretenimento que estabelece um canal intermediário de comunicação não pessoal, de comunicação de massa, utilizando-se de vários meios, entre eles jornais, revistas, rádio, televisão, cinema, mala direta, outdoors, informativos, telefone, internet etc.

Nessas definições, a mídia é caracterizada por algumas de suas funções na sociedade, é vista como um sistema, um complexo responsável pela produção e difusão dos produtos culturais e da comunicação. Muitas vezes utilizamos a palavra mídia para nos referirmos a essa

²⁵Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/M%C3%ADdia/>. Acesso em: 12 nov. 2019.

estrutura mediada pelos meios de comunicação. Porém, é possível observar que a palavra “passou, nos últimos anos, a ser usada em lugar de meios de comunicação ou em lugar da simples citação do meio considerado” (FISCHER, 1996, p. 28), de modo que é comum vermos a palavra mídia empregada para substituir as palavras “televisão”, “computador” ou “vídeo”, por exemplo. Assim, ao falarmos em mídia podemos nos referir tanto à rede formada pelos aparatos comunicativos, como a cada um deles: rádio, televisão, internet, jornais, revistas, livros, vídeos, filmes, etc. Diante disso, considero os vídeos de *youtubers* uma forma de mídia, ou seja, um meio de comunicação e uma rede que produz, modifica e dissemina informações e bens culturais. Pensando na mídia como um sistema, Douglas Kellner (2001, p. 9, grifos do autor) discute a “cultura da mídia” e afirma:

O rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mal, positivo ou negativo, moral ou imoral. As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a construir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje. A cultura veiculada pela mídia fornece material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global.

Nos artefatos midiáticos vemos representações de sujeitos que nos inspiram a construir nossos modos de ser; somos apresentados/as a produtos e serviços que tentam nos induzir a um comportamento de consumo; observamos cenas que reforçam identidades e comportamentos padrões; recebemos notícias que nos mostram visões determinadas dos acontecimentos. Tudo isso também pode ser visto no YouTube, pois ele é um dos artefatos que compartilham dessa cultura e a difunde através de seus vídeos. Tais produtos midiáticos são endereçados a determinados/as espectadores/as, suas produções geralmente envolvem um estudo sobre quem são essas pessoas. Ao falar sobre modos de endereçamento, Elizabeth Ellsworth (2001, p. 57) afirma que

tanto os filmes populares quanto os textos educacionais (tais como livros-texto, currículo, vídeos e softwares educacionais) fazem pressuposições sobre quem seus públicos são – em termos de suas sensibilidades estéticas, graus de atenção, estratégias de interpretação, propósitos e desejos, leituras e experiências visuais prévias, vieses e preferências. Muito freqüentemente, essas pressuposições estão baseadas em pressuposições adicionais sobre a

localização de membros do público no interior da dinâmica de raça, gênero, status social, idade, ideologia, sexualidade, rendimento educacional, geografia.

Tal característica atribuída aos filmes e textos educacionais pode ser observada nos diversos meios midiáticos que usam os modos de endereçamento para construir seus conteúdos, pensando em produtos que atinjam seus/suas consumidores/as. Com isso, as mídias atraem espectadores/as para cada um de seus produtos de acordo com seus endereçamentos, distribuindo um conteúdo que agrada a determinado público, modificando-o sempre que necessário para continuar atingindo a audiência. No YouTube, isso é bastante evidente, já que a oferta de conteúdo é muito variada e o/a consumidor/a pode buscar assuntos do seu interesse e trocar de vídeos a todo momento. Para que haja fidelização de um/a seguidor/a a um canal, é preciso que ele/a sinta-se atraído/a pelas postagens, os/as produtores/as conseguem perceber o que agrada ou não pelos comentários e reações de quem assiste - curtidas e número de visualizações.

Assim, a mídia constrói e é construída pela nossa cultura. É comum vemos seguidores/as utilizando falas ou acessórios inspirados/as em *youtubers* ou citando informações de vídeos em conversas informais, mostrando que o que passa na mídia, inclusive nos vídeos, influencia o cotidiano. Esses são pequenos exemplos dentre inúmeros que poderiam ser citados para mostrar que a maneira como vemos o mundo e nos comportamos nele está intimamente relacionada ao que é divulgado pela mídia. Entretanto, nem sempre há uma obrigatoriedade ou ordem explícita para seguir modelos propostos pela cultura da mídia. Como, então, os sujeitos são educados de acordo com eles?

Inspirada no conceito de “dispositivo da sexualidade”, de Michel Foucault, Rosa Fisher (2002, p. 155, grifo da autora) apresenta o “dispositivo pedagógico da mídia” como

um aparato discursivo (já que nele se produzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político), a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si; tais práticas vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem.

Com o processo de globalização e a popularização dos meios de comunicação e da internet, a maioria das pessoas tem acesso a algum artefato midiático. Através deles há uma disseminação de saberes, valores e representações. Ao consumir produtos midiáticos os sujeitos

são educados pelo dispositivo pedagógico da mídia. Muitos exemplos poderiam ser citados para ilustrar isso, como a busca pelo “corpo perfeito” estimulada pelos vídeos de beleza e saúde presentes no YouTube; a ideia de amor romântico semeada pelas novelas, séries, filmes e literatura; a existência de comportamentos padrões que generalizam uma identidade masculina e outra feminina que são reforçados em diversos artefatos midiáticos, entre outros.

Somos interpelados/as por imagens de corpos na televisão, nas revistas, nos vídeos, em *sites* que, de alguma forma, nos dizem quais deles são belos, desejáveis e saudáveis. Há discursos sobre como devemos tratar nossos corpos para atingir determinados padrões. Eles nos dizem sobre o que comer, o que vestir, quais atividades físicas praticar, como se maquiar, que cortes de cabelo usar, como lidar com os pelos, etc. Para todas essas coisas há vídeos tutoriais no YouTube. As histórias midiáticas apresentam, na maioria das vezes, uma ideia de felicidade ligada a um grande amor romântico e incondicional, que estimula no sujeito a busca por um par perfeito para satisfazer seus anseios. Com isso, reforçam padrões de masculinidades e feminidades e, algumas vezes, marginalizam identidades desviantes. A mídia nos fala também de política, religião, moda, relacionamento, trabalho, alimentação, saúde, sexualidade... De maneira sutil nos ensina modos de ser, nos apresenta modelos de sujeitos nos quais nos inspiramos para construir nossas identidades, por isso ela é um elemento potente na construção das nossas subjetividades.

Os vídeos do YouTube participam dessa dinâmica, pois cada vez mais cresce o número de usuários/as da internet que consomem esse material (NÚCLEO, 2020, p. 27), seja como forma de entretenimento, informação ou instrução. Essa mídia pode ser vista em diversos locais, seja em plataformas dedicadas a elas, como o YouTube, ou em outros *sites*, aplicativos de conversas e redes sociais. A possibilidade de compartilhamento de vídeos ajuda na sua divulgação, pois nem sempre precisamos ir até as plataformas para ter acesso. É muito comum uma produção se espalhar pelos grupos de *WhatsApp* ou pelo *Facebook*, por exemplo, o que leva a muitas visualizações. Por isso, esse artefato vem ganhando tanta popularidade.

Seja recebido por um/a amigo no *WhatsApp*, indicado pelas notificações do YouTube, vistos no *Facebook* ou direto na câmera de alguém, os vídeos chegam até nós. Estão presentes no nosso cotidiano, por isso é um artefato muito relevante do dispositivo pedagógico da mídia (FISCHER, 2002) e merece atenção quando o assunto é educação. Apesar de circularem em diversos espaços, a principal plataforma de vídeos hoje é o YouTube, que será tema da próxima seção.

3.4 Uma rede que não para de crescer: o YouTube

Falar um pouco sobre o local que abriga o canal e os vídeos pesquisados, é fundamental para contextualizar o campo. O YouTube é uma plataforma de vídeos *on-line* onde os/as produtores/as criam canais (contas pessoais) para postarem produções audiovisuais. Lá os/as espectadores/as podem assistir *on-line*, comentar, compartilhar, esboçar reações nos botões “gostei” ou “não gostei” (*like* e *deslike*) e fazer inscrições nos seus canais de interesse. Atualmente, a plataforma pode ser acessada pelo *site*, a partir de um navegador ou pelo aplicativo. Analisando a palavra YouTube, é possível perceber que ela sinaliza uma relação de proximidade com quem utiliza o *site*:

YouTube vem do inglês *you*: *você*, e *tube* - *tubo*, ou, no caso, gíria utilizada para designar a televisão. As estações de TV nos Estados Unidos, assim como em outros lugares, possuem um nome para identificar o que caracteriza a emissora. Por exemplo, MTV é *Music television*. No caso é *You television*, que ficaria algo como “TV Você” ou ainda “Você TV” em português (PELLEGRINI *et al.*, 2010, p. 3, grifos dos autores).

Por esse viés, YouTube significaria uma TV (ou canal) feita por você. Apesar de abrigar materiais audiovisuais e diversos canais, cujo nome faz alusão aos canais de TV, o YouTube se difere da televisão em muitos aspectos: é acessado pela internet; as postagens podem ser feitas por qualquer pessoa que tenha os equipamentos necessários; os vídeos podem ser assistidos a qualquer momento e ilimitadas vezes; o/a expectador/a pode escolher o que vai assistir e há inúmeras opções de conteúdo. Os canais são como contas pessoais onde os/as produtores/as postam seus vídeos. Os/as expectadores/as podem se inscrever nos que forem do seu interesse para receberem notificações a cada nova publicação do/a *youtuber*, possibilitando que as pessoas escolham assistir às produções com temáticas que mais lhe agradem. Por isso, o YouTube é uma plataforma feita por usuários/as e para usuários/as.

Lançado em fevereiro de 2005²⁶ por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, seu slogan inicial era *Your Digital Video Repository* (Seu Repositório de Vídeos Digitais). Em meio a outros *sites* de carregamento de vídeos, permitia a quem o utilizasse “fazer o upload, publicar e assistir vídeos em streaming²⁷ sem necessidade de altos níveis de conhecimento técnico”

²⁶YouTube só ganha sua versão em português do Brasil a partir de junho de 2007.

²⁷A tecnologia *streaming* é uma forma de transmissão instantânea de dados de áudio e vídeo através de redes. Por meio do serviço, é possível assistir a filmes ou escutar música sem a necessidade de fazer *download*, o que torna mais rápido o acesso aos conteúdos *on-line* (COUTINHO, 2013).

(BURGESS; GREEN, 2009, p. 17). No ano de 2006, o slogan foi substituído por *Broadcast Yourself* (Transmita-se). Para Daniel Loiola (2018, p. 55),

trata-se de uma mudança expressiva de postura – de um site de armazenamento de conteúdo audiovisual para uma ferramenta de expressão pessoal. Assim, se no primeiro caso ele se mostrava como uma ferramenta de compartilhamento, na segunda ele se caracterizava como uma plataforma voltada para a cultura da participação, marcada pela criação de seus usuários, que também assumiam o papel de produtores.

Ao abrigar conteúdos profissionais ou amadores e estimular a produção autoral, a plataforma foi ganhando mais adeptos/as. Ainda em 2006, foi comprada pela empresa *Google* pelo valor de 1,65 bilhão de dólares, iniciativa que ajudou a impulsionar seu crescimento. Além de tal negociação, Burgess e Green (2009, p. 18) apresentam “três versões diferentes sobre o despontar da popularidade do YouTube entre as massas”. A primeira foi uma recomendação de um respeitado *blog* sobre tecnologia e negócios (*TechCrunch*) para que o YouTube estivesse na lista dos *sites* que mereciam atenção. A segunda versão é de Jawed Karim, um dos fundadores do *site*, que afirma que o sucesso vem do diferencial oferecido por alguns recursos:

Recomendações de vídeos por meio da lista de “Vídeos Relacionados”, um link de e-mail que permite o compartilhamento de vídeos, comentários (e outras funcionalidades inerentes a redes sociais) e um reprodutor de vídeo que pode ser incorporado (*embed*) em outras páginas da internet. (GANNES, 2006, apud BURGESS; GREEN, 2009, p. 19).

A terceira versão aponta para a popularidade a partir de uma polêmica gerada em torno de um clipe de autoria da NBC Universal intitulado *Lazy Sunday* (“Domingo de Preguiça”) que, postado no YouTube em 2005, chegou a atingir mais de 5 milhões de visualizações. Diante dessa situação, a empresa exigiu que o vídeo fosse retirado da plataforma sob ameaça de processo com base na Lei dos Direitos Autorais do Milênio Digital. Para os autores, pode-se dizer que “a ascensão e queda de *Lazy Sunday* levou o YouTube a obter a atenção da imprensa popular como algo além de um simples desenvolvimento tecnológico” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 19).

A visibilidade em outras mídias e as inovações técnicas são elementos fundamentais para o crescimento e o sucesso do YouTube. Porém, ainda há muito a se pensar sobre a popularidade dessa plataforma. Que possibilidades ela abriu quando permitiu que qualquer pessoa tornasse um vídeo público? Quando possibilitou a visibilidade de pessoas que nem sempre eram “as escolhidas” por outras mídias? Quando proporcionou a usuários/as escolherem

o que e quando iriam assistir? Quando viabilizou que espectadores/as se comunicassem com produtores/as em tempo real e ainda compartilhassem seus vídeos preferidos? Quando se tornou um lugar propício para publicidades? Quando virou uma forma de ganhar dinheiro?

Na página do YouTube, ao clicar no *link* “sobre”, é possível encontrar quatro princípios que regem a plataforma: liberdade de expressão, direito à informação, direito à oportunidade e liberdade para pertencer. Eles são descritos da seguinte maneira:

Liberdade de expressão

Acreditamos que as pessoas devam ser capazes de se expressar livremente, compartilhar opiniões, promover o diálogo aberto, e que a liberdade criativa propicia o surgimento de novas vozes, formatos e possibilidades.

Direito à informação

Acreditamos que todos devam ter acesso livre e fácil às informações e que o vídeo tem grande influência na educação, na construção do entendimento e na transmissão de informações sobre acontecimentos no mundo, sejam eles grandes ou pequenos.

Direito à oportunidade

Acreditamos que todos devam ter a oportunidade de ser descobertos, montar um negócio e alcançar o sucesso de acordo com o próprio ponto de vista e que as pessoas comuns, não os influenciadores, decidem o que está em alta.

Liberdade para pertencer

Acreditamos que todos devam ser capazes de encontrar comunidades de suporte, eliminar obstáculos, ultrapassar as fronteiras e reunir-se em torno de interesses e paixões compartilhadas. (YOUTUBE, 2019).

Desse modo, o YouTube se apresenta como um local de acolhimento a todos/as. As palavras “liberdade” e “direito” presentes nos trechos citados podem ser vistas como um atrativo ao convite de fazer parte desse universo dos vídeos. Em meio a um conjunto de mídias geralmente controlado por uma parcela pequena da sociedade

a ideia de um ente iluminado – “dono” das ideias – deu lugar ao conceito da criação livre, da contribuição coletiva, do produto realizado com a participação de “todos” por meio das redes, de maneira que os indivíduos não podem mais ser vistos isoladamente, mas de modo conectado socialmente. (SOUSA, 2015, p. 5, grifos da autora).

O YouTube é uma mídia construída coletivamente, onde pessoas com ideias diversas postam vídeos de assuntos variados. Diferente da televisão que exhibe um conteúdo selecionado pelas emissoras, ao abrigar e tornar públicas postagens de pessoas anônimas, a plataforma se apresenta como uma mídia mais democrática, em que mais sujeitos se sentem representados e

contemplados em suas concepções. Na página de apresentação do *site* exibe-se a seguinte mensagem:

Nossa missão é dar a todos uma voz e revelar o mundo. Acreditamos que todos têm o direito de expressar opiniões e que o mundo se torna melhor quando ouvimos, compartilhamos e nos unimos por meio das nossas histórias. Nossos valores se baseiam direitos e liberdades que definem quem somos. (YOUTUBE, 2019).

Dessa forma, a plataforma produz uma “cultura participativa” em que “fãs e outros consumidores são convidados a participar ativamente da criação e da circulação de novos conteúdos” (JENKINS, 2006, p. 290). O/a espectador/a não assiste aos vídeos de forma passiva. Além de tomar a decisão do que e quando quer assistir, também é possível opinar sobre os vídeos disponibilizados, seja através de comentários ou reações expressas nos botões “gostei” e “não gostei” (*likes e dislikes*), que podem ser vistos pelo/a produtor/a e por quem assiste. Nesse movimento de ser produtor/a, espectador/a, avaliador/a, comentarista... os/as usuários/as do *site* vão fazendo dele uma comunidade da qual se sentem pertencentes, ajudam a construir, encontram seus pares e onde passam grande parte de seu tempo. Não teriam esses fatores alguma contribuição para o crescimento da popularidade do YouTube?

Outra questão que deve ser pensada quando se fala em crescimento da plataforma é na monetização da prática de postar vídeos. Com a grande visibilidade que alcançou desde a sua criação, chamou a atenção da indústria publicitária, que vem investindo em parcerias, possibilitando várias formas de gerar renda para o YouTube e para os/as criadores/as que ajudam a compô-lo e promovê-lo. Suelen Backes (2019) cita duas formas de remuneração dos/as *youtubers*, a primeira delas é fazer parcerias com empresas, como modelo e divulgador/a das marcas, mostrando ou utilizando seus produtos ao longo dos vídeos. É possível supor que essa seja uma proposta para aqueles/as que já tenham muitas inscrições em seus canais e demonstrem popularidade em determinados nichos de mercado. A segunda é a possibilidade do/a criador/a se cadastrar no *YouTube Partner Program*²⁸ (Programa de Parcerias do YouTube) para permitir que anúncios sejam exibidos antes ou durante seus vídeos. Esse programa apresenta alguns critérios de participação como ter mais de 4 mil horas de exibição pública nos últimos 12 meses e ter mais de mil inscritos no canal. Logo, quanto mais se produz e posta vídeos, mais a plataforma cresce e maior a possibilidade de remuneração.

²⁸Mais informações sobre o *YouTube Partner Program* nos links:

Critérios de participação: <https://support.google.com/youtube/answer/72851?hl=pt-BR>.

Políticas do Programa: <https://support.google.com/youtube/answer/1311392?hl=pt-BR>.

Deborah Sousa (2015, p. 9) chama a atenção para uma característica importante do YouTube: o *site* utiliza um mecanismo que mapeia “qual o fluxo comunicacional que os usuários estão seguindo e, a partir disso, propõe linhas de publicização de dados”. Através de algoritmos a plataforma reconhece as preferências dos/as espectadores/as. Segundo Tarleton Gillespie (2014, p. 1, tradução nossa), os algoritmos “são procedimentos codificados para transformar dados de entrada em uma saída desejada, com base em cálculos especificados”. Ele afirma também que “podemos pensar nos computadores, como máquinas de algoritmo - projetadas para armazenar e ler dados, aplicar procedimentos matemáticos a eles de maneira controlada e oferecer novas informações como saída” (GILLESPIE, 2014, p. 1, tradução nossa).

No caso do YouTube, esses dados são os canais seguidos, as curtidas e as descurtidas, os vídeos mais acessados, ou rejeitados, o histórico de visualizações, as buscas por palavras-chave, entre outros (CALDAS, 2018). Eles podem ajudar a entender o perfil de quem assiste, permitindo um mapeamento de suas ações. “Com isso, as experiências de cada usuário são absorvidas, ou mesmo sentidas pelo sistema, que processa esses dados e os transformam em respostas imediatas” (SOUSA, 2015, p. 9), sugerindo novos vídeos, novos canais e publicidades direcionadas de acordo com o perfil de cada pessoa. Isso possibilita que o/a espectador/a veja cada vez mais vídeos do seu interesse, receba ofertas de produtos e serviços direcionados para o seu perfil, podendo tornar-se consumidores/as dos mesmos, e tenha suas concepções ideológicas reforçadas. Diante disso, podemos concluir que

os algoritmos são uma parte importante do YouTube, e ajudam a entender como se dá a mediação e o processo de negociação dos sentidos. Mais do que isso, eles fazem parte de um sistema que segue uma lógica de mercado, ao mesmo tempo em que equilibra os interesses de usuários, criadores e anunciantes, em uma plataforma que tem interesses próprios, e que pode criar mecanismos (que envolvem tanto humanos quanto computadores) para tentar atendê-los. (LOIOLA, 2018, p. 85-86).

Dessa maneira, os/as espectadores/as são estimulados/as a permanecerem na plataforma por mais tempo, sendo expostos/as não só ao conteúdo dos vídeos, mas também a produtos e serviços anunciados. Segundo informações do *site* “mais de dois bilhões de usuários conectados ao YouTube acessam a plataforma todos os meses. Diariamente, as pessoas assistem mais de um bilhão de horas de vídeo e geram bilhões de visualizações” (YOUTUBE, 2020). Essa popularidade gera renda para a plataforma, para seus/suas colaboradores/as e para os/as anunciantes.

O docudrama²⁹ estadunidense “O dilema das redes” (2020), disponibilizado no catálogo da *Netflix*, discorre sobre o uso das redes sociais, suas consequências e as estratégias que as envolvem. Nele são apresentados depoimentos de acadêmicos/as e ex-funcionários/as de empresas como YouTube, *Google*, *Apple*, *Twitter* e *Facebook*, que falam sobre os mecanismos pensados para fazer as pessoas permanecerem por mais tempo nas redes. Eles/as contam como isso gera renda para essas empresas ao disponibilizarem os dados de seus/suas usuários/as a anunciantes de produtos e serviços. Na produção, Justin Rosenstein, ex-engenheiro do *Facebook* e do *Google* e cofundador do *Asana*, explica que “há vários serviços na internet que consideramos gratuitos. Mas não são. Eles são pagos pelos anunciantes. E por que eles pagam? Pagam em troca de mostrar seus anúncios para nós. Nós somos o produto. Nossa atenção é vendida aos anunciantes” (O DILEMA, 2020). Assim, o YouTube e outras redes sociais, quem produz os vídeos e quem assiste estão envolvidos/as em uma trama a serviço do capital. Enquanto alguém se informa, aprende algo ou se diverte com as produções dentro da plataforma, há alguém lucrando com isso. A participação nessa teia muitas vezes é inconsciente, mas de forma voluntária. Marcus Valadares (2011, p. 57) explica que

o indivíduo não é obrigado ou forçado a participar, em outras palavras, não há subjugação, pois essas forças operam no âmbito do desejo e da necessidade de inclusão nas redes de informação e consumo. Os vídeos disponíveis no YouTube, como também os comentários que surgem sobre eles, são colocados de forma voluntária, o que caracteriza o caráter de adesão, de cooperação, e não de imposição. Essas linhas de força não se impõem de forma violenta e compulsória, mas trabalham nas esferas mais sutis de nossa experiência, impelindo-nos a engajar, a aderir de forma autônoma.

É dessa forma sutil que o YouTube conquista cada vez mais adeptos/as. O grande número de usuários/as mostra sua capacidade de convencimento diante da nossa sociedade. Atualmente, ele é um dos principais meios de entretenimento, informação, interação, profissão e expressão de muitas pessoas, o que o torna uma ferramenta importante na constituição de sujeitos. Como a televisão e outras mídias é “parte integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significações, de sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida” (FISCHER, 2002, p. 154). Pensar sobre como esse artefato midiático se coloca em nossa sociedade é problematizar os processos educacionais que nos rondam, e refletir sobre nossa constituição enquanto sujeitos.

²⁹Mistura de depoimentos com cenas dramatizadas.

Mas será que essa plataforma interfere somente nos processos educativos que se dão fora da escola? Não mesmo! Estive pensando em como ela está presente nessa instituição de maneiras que, às vezes, passam despercebidas. A escola é formada por indivíduos sociais, os discursos que circulam na sociedade e nos artefatos culturais atravessam o cotidiano escolar. À medida que esses indivíduos são subjetivados por determinados enunciados, eles os fazem circular nos diversos ambientes em que interagem. Tanto que foi na escola que eu comecei a perceber a popularização dos/as *youtubers*, os livros, as gírias, o desejo das crianças de seguir essa profissão e a empolgação delas ao ver um vídeo na página de sugestões acontecerem dentro da instituição, mas foi algo que surgiu fora. Por isso, observo que o YouTube é um espaço educativo que vem se colocando na sociedade como uma das instâncias culturais que disputam espaço com a escola na produção dos sujeitos. Em contrapartida, em algumas situações, ele pode ser um aliado.

Atualmente, a plataforma é uma ferramenta de pesquisa e informação, existem vídeos sobre os mais variados conteúdos, até mesmo aqueles que fazem parte dos currículos escolares oficiais. Isso permite, por exemplo, que professores/as levem produções audiovisuais para compor sua aula. Aliás, essa ferramenta facilitou muito o uso de vídeos para essa função, pois, até alguns anos atrás era preciso conseguir um Disco Digital de Vídeo (DVD) que tivesse algo relacionado ao planejamento pedagógico e não era tão simples encontrar produções sobre todos os temas. Com o YouTube, basta um equipamento conectado à internet para ter acesso a uma gama de materiais à disposição, é possível até acessar a plataforma direto de algumas televisões. Eu vejo isso na minha prática, pois com a chegada de uma TV desse tipo na escola onde eu trabalho o aumento do recurso audiovisual nas aulas foi imenso e, praticamente todas as vezes que vejo isso acontecer, o YouTube é acessado.

Nesse contexto, penso que essa plataforma tem um papel importante no processo de ensino-aprendizagem, não só na questão didática como nas relações de saber e poder. Se antes o/a professor/a era considerado/a o/a detentor/a do conhecimento, hoje é viável que os/as estudantes obtenham informação sobre os conteúdos independente dele/a, visto que os mesmos vídeos aos quais os/as educadores/as têm acesso, podem ser assistidos pelos/as alunos, antes mesmo das aulas, inclusive, é comum que nos livros didáticos tenham *links* do YouTube como sugestão para estudo complementar. Diante disso, pode-se dizer que a plataforma ajuda a estimular novas formas de lidar com o conhecimento e a repensar no papel de alunos/as e professores/as diante dele.

Realmente as conexões entre YouTube e educação são muitas. É difícil não considerá-lo como um espaço educativo. Essa é uma discussão muito rica, que permite diversas

possibilidades e pode ser feita sob várias perspectivas, entretanto, neste trabalho, precisei focar em uma delas: os enunciados que circulam nas produções feitas por *youtubers/vloggers*, dos quais falarei a partir daqui.

3.5 Mais que produtores de conteúdo: profissão *youtuber*

Outro fator que contribuiu para o crescimento do YouTube foi o aumento dos/as *youtubers*. A plataforma é formada por consumidores/as e produtores/as de conteúdo. Os primeiros/as são aqueles/as que assistem aos vídeos abrigados no *site*, podendo também interagir, seja se inscrevendo no canal, comentando, curtindo/descurtindo ou compartilhando os vídeos. Já aqueles/as que produzem e postam conteúdo, denominados/as pela plataforma de criadores/as, são popularmente conhecidos/as como *youtubers*.

Com o aumento da circulação dos vídeos, a popularização do YouTube, a política de monetização e os altos investimentos de anunciantes na plataforma, a prática de gravar e postar vídeos se tornou mais do que um *hobby*. Atualmente, ela pode ser considerada uma profissão, pois tem sido a fonte de renda de criadores/as dos mais diversos conteúdos. Eles/as se dedicam totalmente às produções buscando agradar seus/suas seguidores/as, pois quanto mais visualizações um vídeo tem, melhor é a remuneração de quem o produziu. Os/as *youtubers* profissionais bem sucedidos, que conquistam muitos/as seguidores/as, curtidas e visualizações conseguem ganhos expressivos. Felipe Neto é um exemplo disso, de acordo com as estimativas do *site* Social Blade³⁰, seu canal recebe do YouTube no mínimo \$ 79,1K (404.928,72 reais³¹) por mês. Essa é uma das razões pelas quais é possível ver adultos, jovens e crianças que sonham em ganhar dinheiro com essa profissão.

Para se tornar um/a criador/a de conteúdo, é preciso ter um canal dentro do YouTube. O próprio *site* apresenta um espaço voltado para criadores/as (*Youtuber Creators*), que proporciona todas as informações necessárias para quem deseja se tornar um/uma *youtuber*, desde os primeiros passos para a criação do canal, passando pelas estratégias de conteúdo e produção dos vídeos até as maneiras de gerar renda através dessa atividade³². Além disso,

³⁰Disponível em: <https://socialblade.com/youtube/user/felipeneto>. Acesso em: 14 dez. 2020.

³¹Esse valor é uma estimativa, pois os valores são calculados em dólares e variam de acordo com sua cotação diária.

³²Disponível em: <https://creatoracademy.youtube.com/page/home?hl=pt-BR>. Acesso em: 14 dez. 2020.

existem revistas, guias, *sites* e livros que apresentam dicas para quem deseja ingressar nessa carreira³³.

Isso posto, é possível pensar que para ser um/a *youtuber* é preciso: possuir os recursos necessários; gravar um vídeo autoral; criar seu canal; cumprir as regras do *site*³⁴; postar o vídeo e divulgar para conquistar seguidores/as. É o que fazem muitas pessoas no mundo inteiro. Porém, só alguns/mas criadores/as de conteúdo conseguem ficar famosos/as e ganhar dinheiro através dessa prática, é por conta deles/as, já se fala em *youtuber* como uma profissão. É comum vermos essas personalidades ocupando outros espaços midiáticos seja em programas de televisão - como convidados/as, apresentadores/as ou comentaristas -, cinema, novelas, capas de revista, autoria de livros e, principalmente em campanhas publicitárias, que também proporcionam renda além daquelas adquiridas diretamente do YouTube. Isso me leva a questionar o que faz com que algumas pessoas conquistem essa visibilidade e outras não?

O YouTube está repleto de vídeos com temáticas variadas: humor, música, política, videoaulas, campanhas publicitárias, notícias, tutoriais, *reviews*³⁵, acontecimentos cotidianos, narrativa de situações da vida privada, dicas diversas, entre outras. Geralmente um/uma *youtuber* busca promover com seus vídeos “encontros que abordam assuntos que interessam mutuamente a si mesmo e as audiências que se formam em seu entorno” (SALGADO, 2013, p. 107). Por isso, suas publicações variam de acordo com o público-alvo, o que pode gerar uma fidelização de um determinado público. Apesar de o termo *youtuber* abranger todas as pessoas que postam vídeos no YouTube, me interessei por uma categoria que tem uma denominação diferenciada dentro desse grupo – os/as *vloggers*. Eles/as são nomeados/as assim porque fazem vídeos no estilo *vlog* que, segundo Burgess e Green (2009, p. 192-193),

é uma forma predominante do vídeo “amador” no YouTube tipicamente estruturada sob o conceito do monólogo feito diretamente para a câmera, cujos vídeos são caracteristicamente produzidos com um pouco mais que uma webcam e pouca habilidade em edição. Os assuntos abordados vão de debates políticos racionais a arroubos exacerbados sobre o próprio YouTube e detalhes triviais sobre a vida cotidiana.

³³Alguns exemplos de livros “Quero Ser Uma *Youtuber*” (Julia Silva e Camila Piva); “Criando Vídeos Para o YouTube” (Nick Willoughby); “Como Fazer Sucesso com o YouTube: Saiba como Trabalhar na Maior Plataforma *Online*” (por Editora Mundo dos Curiosos) e “Como ser um Sucesso no YouTube” (*On-Line* Editora). Revistas: “Atrevida Especial Quero Ser *Youtuber*”; “Atrevida”, edição 255; “Revista YouTube 301 Dicas para Ganhar Dinheiro”.

³⁴Mais informações sobre os termos de serviço do YouTube no site: <https://www.youtube.com/t/terms>. Acesso em: 14 dez. 2020.

³⁵Vídeos avaliando produtos.

É importante destacar que, atualmente, o formato *vlog* também vem sendo produzido de forma profissional, por aqueles/as que possuem habilidades de edição ou mantêm uma equipe, por isso, nem sempre apresenta aparência amadora. Porém, esse estilo não surgiu no YouTube. O *vlog* pode ser visto como uma “evolução” dos diários pessoais onde se narrava seu cotidiano – os primeiros feitos à mão em cadernos; depois digitados, acompanhados ou não de imagens ou vídeos nos blogs *on-line*. O diário pessoal em formato de vídeo ganhou o nome de *videoblog*, que de forma abreviada virou *vlog*. Para Alexandre Araújo (2013, p. 20), “os vlogues são definidos como videografias de si, ou seja, consistem em normalmente apenas uma pessoa, discursando para uma câmera de vídeo sobre determinado assunto”. Geralmente, nesses vídeos parece não haver textos decorados nem cenários montados, ao falar com a câmera, o/a autor/a fala diretamente ao/à seu/sua expectador/a como se fossem colegas conversando pessoalmente.

A maioria dos vídeos do Felipe Neto não tem essas características, pois ele não fica descrevendo sua rotina como um diário. Além do mais, seu canal está longe de ser amador e improvisado, por trás de seu material existem roteiros bem definidos; uma empresa bem estruturada; um local preparado para gravações e uma grande equipe de produção. Entretanto, além dos relatos de experiências pessoais, atualmente os *vlogs* vêm abarcando outras características.

Uma delas é a de denúncia social, crítica ideológica e crônica do cotidiano. Estes canais de interação no ciberespaço também têm possibilitado o crescimento de críticas e denúncias sociais, assim como o debate sobre temas de interesse comum, o compartilhamento de opinião sobre produtos e serviços e a construção coletiva do conhecimento e da informação. (DORNELLES, 2015, p. 9 - 10).

Isso é muito presente no canal Felipe Neto, o que contribui para que ele, em algumas situações, seja considerado um *vlogger*. Ao contrário de outros meios de comunicação, o *vlog* não prega um compromisso com a neutralidade, por isso, tornou-se um local de se manifestar, se expor e defender seus pontos de vista. Passou a ser usado, além da diversão, como espaço de disputa, representação, denúncia, encorajamento, empoderamento, militância e informação. Ao falar sobre seu cotidiano e suas vivências, os/as *vloggers* vão demonstrando suas concepções diante da vida, porém, quando a vida privada se torna pública e essas pessoas tornam-se ídolos de outras, então, se posicionar é algo que pode ser muito potente.

Os/as *vloggers* geralmente conversam com seu público em primeira pessoa, com uma linguagem simples, lançando mão de expressões convidativas (como se o/a expectador/a estivesse bem próximo/a), falando sobre assuntos cotidianos, exibindo situações da sua vida

pessoal e expondo seus pontos de vista sobre assuntos diversos. Essas características os/as aproximam dos/as seguidores/as, pois, ao tentarem passar uma ideia de vida cotidiana, despertam a identificação de muitos/as expectadores/as, rompendo com o estereótipo de que famosos/as são pessoas distantes.

Devido ao grande número de seguidores/as que acompanham essas celebridades, elas também são chamadas de “influenciadores/as digitais”. Essa expressão é muito usada para designar *vloggers* que são contratados/as por empresas e usam seus vídeos para divulgar produtos. Porém, diante da forma como os/as *youtubers* vêm se colocando em nossa sociedade, é possível questionar: será que eles/as só influenciam seus/suas seguidores/as em relação aos hábitos de consumo e/ou quando planejam fazê-lo?

Seja com o nome *youtuber*, *vlogger*, produtor/a, criador/a de conteúdo ou influenciador/a digital³⁶ essas pessoas têm um papel relevante em nossa sociedade, elas são assistidas por milhões de pessoas que, muitas vezes, as veem como ídolos. Suas falas, opiniões, comportamentos, modos de se vestir são admirados por seus/suas seguidores/as. Ainda que os/as famosos não digam para os/as fãs como agir, sua maneira de se posicionar na sociedade pode ser referência para aqueles/as que os/as admiram. Para Douglas Kellner (2001, p. 9),

há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo material com que as pessoas forjam sua identidade.

Dessa maneira, os/as *youtubers*, assim como as mídias de uma forma geral, ajudam a construir os sujeitos, contribuindo para a formação de suas concepções, seus modos de ser, agir e existir na sociedade. Se eles/as são influenciadores/as, então participam dos processos educativos que nos constituem, daí a relevância de olhar para suas produções como artefatos educativos. Problematizar os vídeos nessa perspectiva, é pensar na relação estabelecida entre produtor/a, consumidor/a e conteúdo dessas mídias. É ver para além de uma pessoa em frente ao computador, ou outro equipamento conectado à internet; é buscar o que torna determinado vídeo interessante para uns/umas e desnecessário para outros/as; é ultrapassar a simples ideia de que alguém assiste porque gosta. Enfim, é refletir sobre os modos de subjetivação implicados nessa relação, ou seja, sobre a maneira como o envolvimento com esse artefato cultural e esse/a ídolo influencia a constituição do sujeito. Diante do universo de pessoas que produzem vídeos,

³⁶Neste texto, utilizarei essas palavras como sinônimas para fazer referência ao Felipe Neto, visto que são compatíveis com o que ele faz.

o *youtuber* Felipe Neto foi apontado como o preferido das crianças entrevistadas. A seguir, apresento algumas informações sobre ele.

3.6 Felipe Neto: quem é esse *youtuber*?

Dono do terceiro canal brasileiro com maior número de pessoas inscritas³⁷, Felipe Neto Rodrigues Vieira é um homem branco, cisgênero e heterossexual. Nascido em 21 de janeiro de 1988, filho de pais separados, passou sua infância no bairro Engenho Novo, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, onde morava com a avó, a mãe e o irmão caçula. Diante da situação financeira precária da família, o *youtuber* começou a trabalhar aos 12 anos. Ele conta que fez curso de teatro e atuou em algumas peças, foi vendedor de loja de produtos para camelôs, atendente de serviço de telemensagens, estagiário de design gráfico, professor de *Adobe Flash* e *Design Geral para Web*, diretor de arte, sócio de uma empresa de *design* gráfico, entre outros (NETO, 2013b).

Antes de fazer sucesso no YouTube, teve um *blog* chamado “Controle Remoto” onde postava textos críticos e cômicos sobre séries americanas, política, televisão, comportamento, etc. Felipe Neto (2013a) fala que, apesar do crescimento do *blog*, ele estava insatisfeito, pois tal trabalho se afastava do que ele mais gostava, que era o teatro. Então, pensou em juntar duas coisas que o agradavam – a arte (de atuar) e a internet e, com a renda vinda do *blog*, comprou a câmera que usaria para fazer seus primeiros vídeos. No livro “*Não Faz Sentido por Trás da Câmera*” (NETO, 2013a), o produtor narra todo o processo entre a compra do equipamento e a criação do canal, passando pelas dúvidas, o medo do julgamento das pessoas, a noite em que tomou coragem para gravar pela primeira vez, como surgiram as ideias para as produções, as críticas e descortidas que recebeu, a persistência e a chegada ao nome “*Não Faz Sentido!*” .

Com esse nome foi lançado o primeiro canal de Felipe Neto no YouTube, em abril de 2010. Nele o produtor interpretava um jovem reclamão que se vestia com roupas escuras, ficava sempre com óculos de sol, gritava e falava palavrões. Nos vídeos, fazia comentários com tom humorístico e/ou agressivo sobre filmes, músicas, celebridades e comportamentos comuns na sociedade. As críticas a algumas pessoas famosas geraram reações de desaprovação advindas dos/as fãs delas, que comentavam os vídeos de forma agressiva e compartilhavam para que outros/as fizessem o mesmo. Isso proporcionou grande visibilidade ao canal, pois, ainda que

³⁷Dados da reportagem intitulada “Os 10 maiores canais do YouTube no mundo e no Brasil”, divulgada pelo site <https://www.oficinadanet.com.br/post/13911-os-10-maiores-canais-do-youtube>. Acesso em: 16 dez. 2020.

fosse para criticar, as pessoas assistiam, comentavam, reagiam e compartilhavam fatores que elevam a popularidade da produção e impulsionam a monetização pelo YouTube, gerando renda para o criador. Além disso, o canal também conquistou muitos/as fãs e, em julho de 2010, se tornou o maior canal do YouTube brasileiro em número de assinantes e média de visualizações por vídeo da época (NETO, 2013a). A partir daí, Felipe Neto assumiu a profissão *youtuber* se dedicando completamente às produções.

Paralelamente ao “*Não Faz Sentido!*”, em 21 de maio de 2010, Felipe Neto inaugurou o seu segundo canal denominado “Felipenetovlog”, descrito por ele da seguinte forma: “*onde eu colocava vídeos sem interpretação, apenas sendo eu mesmo, como forma de interagir com meu público e mostrar a diferença entre o personagem do Não Faz Sentido e quem eu era na vida real*” (NETO, 2013a, recurso online). Fernanda Caldas (2018, p. 120) fala um pouco sobre a diferença entre os dois canais:

Nesse espaço denominado por Felipe Neto de vlog, ele retira o cenário fixo, os óculos e blusas escuras, com o intuito de deixar de lado o Felipe Neto “revoltado” do “*Não Faz Sentido!*”. A ausência dos óculos, além de descaracterizar o personagem que ele dizia interpretar, confere a ideia de proximidade, de um revelar-se por meio dos olhos, remetendo à ideia de que não se tem “nada a esconder”. No canal, cujos vídeos estão cadastrados na categoria “Pessoas e blogs”, Felipe convida os espectadores a conhecer mais sobre ele, acompanhar sua vida e suas ideias, sem, necessariamente, apresentar o tom indignado de “*Não Faz Sentido!*”.

Enquanto mantinha esses dois canais, o *youtuber* conquistou muitos/as seguidores/as na plataforma e em outras redes sociais, por isso, ganhou visibilidade também na televisão. Teve contrato com a Rede Globo como humorista no programa “*Esporte Espetacular*” (2011); no canal *Multishow* fez os programas “*Será que Faz Sentido?*” (2010) e “*Até que Faz Sentido*” (2011); para a *Netflix* produziu e atuou na websérie “*A Toca*” (2013) e no espetáculo *Minha Vida Não Faz Sentido*” (2015) (fruto de uma peça de *Stand up* que rodou os palcos do Brasil); para o Grupo It Brazil, gravou a websérie-reality “*#LasVegasREAL*” (2015) e “*#MIAMIREAL*”; além de participar de diversos programas de entrevista e entretenimento e assinar vários contratos de publicidade. O sucesso foi tão grande que, em agosto de 2012, o “*Não Faz Sentido!*” foi o primeiro canal brasileiro a atingir um milhão de inscritos/as³⁸.

³⁸Dados da reportagem intitulada “‘*Não Faz Sentido*’ é o primeiro canal BR a ter 1 milhão de inscritos no YouTube”, divulgada pelo site <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2012/08/nao-faz-sentido-e-o-primeiro-canal-br-ter-1-milhao-de-inscritos-no-youtube.html>. Acesso em: 10 ago. 2019.

Além de fazer os vídeos, teatro e conteúdo para televisão, Felipe Neto tornou-se empresário. Em 2011 fundou a “Parafernália”, uma produtora de vídeos de humor para a internet. Após fusão com a “Maker Studios” passou a se chamar “Paramaker Network” e o *youtuber* se dedicou ao cargo de presidente e Chief Creative Officer (CCO) da empresa, que gerenciava e prestava assessoria a outros canais do YouTube como 5inco Minutos (Kéfera Buchman), Eu Fico Loko (Christian Figueiredo), Parafernália, Rezendeevil, entre muitos outros que tiveram a carreira impulsionada diante da administração da “Paramaker”. Em 2015 a empresa foi vendida para a multinacional francesa de conteúdo para internet Webedia. Entre 2017 e 2019 o *vlogger* também foi sócio da “Take 4 Content”, empresa de curadoria de conteúdo digital. Em 2019 largou a sociedade e fundou junto com dois sócios a “Play9”, gestora de conteúdo de inteligência digital para marcas pessoais e de empresas e produtos³⁹. Diante do envolvimento em outros projetos, deixou de se dedicar a seus canais por uns 3 anos (FELIPE NETO, 2017). Mas, em 2016, resolveu voltar a atenção para o YouTube, trazendo mudanças para o seu conteúdo.

O influenciador conta em entrevista no canal “Leda Nagle” (FELIPE NETO, 2017) que fez uma pesquisa e descobriu que sua imagem estava relacionada à palavra “chato”, por isso, ao retornar, precisou fazer um reposicionamento dela. Outro fator que contribuiu para isso foi a mudança de público, primeiro pelo amadurecimento de quem o assistia no início e segundo pela adesão de uma audiência infantil.

Quando começou a gravar vídeos o influenciador apostava em um conteúdo voltado para jovens. Como afirma no livro *“Não Faz Sentido por Trás da Câmera”* (NETO, 2013a, recurso *online*), ele acredita que “os jovens ditam o que dá certo, são o termômetro do que realmente faz sucesso, principalmente na internet”, portanto, “quem define a internet são os jovens” e “difícilmente você verá algo que faz sucesso somente entre os adultos virando um fenômeno na web”.

Apesar do canal inicialmente ser endereçado a jovens, há muitas crianças que assistem a seus vídeos, o que mostra que nem sempre o produtor escolhe quem são seus/suas espectadores/as e que “os modos de endereçamento ‘erram’ seus públicos de uma forma ou de outra” (ELLSWORTH, 2001, p. 42, grifo da autora). Felipe Neto afirma que não é um influenciador infantil e atribui a audiência de crianças ao seu irmão Lucas Neto, *youtuber* que se dedica a conteúdo infantil:

³⁹Matéria disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/2019/08/12/felipe-neto-e-paes-leme-apresentam-play9.html>. Acesso em: 13 nov. 2020.

O meu canal começou a atrair muitas crianças por causa do meu irmão, Luccas Neto. Não por minha causa, tá? E isso é importante deixar claro. Se você perguntar pra qualquer criança de 4 ou 5 anos, “o que que você acha do Felipe Neto?” Ela vai dizer que prefere o Luccas Neto! Porque ela assiste o meu irmão! E conhece o meu conteúdo de tabela. Quando eu comecei a ver aquelas crianças entrando no meu canal por causa do meu irmão eu falei: “Gente, eu tenho que mudar tudo! Eu não faço conteúdo pra criança!”. E aí eu tirei palavrão, eu mudei as formas como eu fazia vídeo. (É HORA, 2019, grifos do autor)⁴⁰.

O novo público e a insatisfação com sua imagem sendo associada ao personagem reclamão do “*Não Faz Sentido!*” influenciaram essas mudanças. Em 24 de março de 2017, Felipe Neto postou um vídeo intitulado “Adeus e muito obrigado”, em que anuncia o encerramento do projeto “*Não faz sentido!*” para se dedicar a produção de *vlogs* diários no canal, que passou a se chamar “Felipe Neto”. No vídeo ADEUS (2017), o *vlogger* comenta que criou o “*Não Faz Sentido!*” por ser um ator frustrado, desamparado, que não teria oportunidade na televisão porque não tinha contatos nem dinheiro; relembra a trajetória do canal e exalta a importância dele para seu crescimento profissional. Além disso, explica que o personagem do “*Não Faz Sentido!*” tomou um espaço na vida pessoal do ator/empresário/*vlogger*, pois aquele que criticava tudo, gritava e falava palavrões foi se tornando referência quando se falava em Felipe Neto, principalmente por conta de críticas feitas pela mídia. Ele afirmou ainda, que estava em um novo momento da vida, que conquistou um novo público com outro tipo de conteúdo, que estava muito feliz com isso. Ao declarar o fim do canal, convida o público a assistir ao espetáculo de *stand up* que gravou para a *Netflix*, dizendo que é a despedida mais linda que poderia fazer e que lá estão as últimas críticas ácidas e revoltadas que faz. Ressalta que as críticas nunca deixarão de existir na vida dele, elas apenas serão feitas de outra forma. Termina dizendo que “aquele personagem foi-se”, incorpora o personagem e se despede do público.

A partir de então, o canal “Felipe Neto” assume o formato *vlog*, em que o produtor diz ser ele mesmo, sem interpretar personagens. Além de repensar a linguagem e o conteúdo do que ainda gravaria, o produtor renomeou alguns vídeos antigos com uma classificação etária. Para evitar que as crianças tivessem contato com conteúdos que pudessem ser considerados inadequados para a faixa etária, atualmente, na frente dos títulos originais aparece a idade

⁴⁰Nas referências aos vídeos, para facilitar a identificação pelo/a leitor/a, optei por usar as primeiras palavras do título ao invés do nome do *youtuber*, visto que todas as falas são dele e alguns vídeos são do mesmo ano, o que dificultaria a identificação de onde foi dita aquela fala.

indicada entre parênteses ([+13], [+16], [+18]) em algumas produções. Entre as inovações estava também a rotina de postar vídeos todos os dias, além de uma marca que impulsionou o número de inscrições: os cabelos coloridos. Entre dezembro de 2016 e janeiro de 2019, Felipe Neto prometia pintar o cabelo a cada um milhão de inscritos/as, começando a campanha para atingir 7 milhões e voltando à cor natural quando atingiu 30 milhões, ou seja, teve 23 cores diferentes e ganhou 23 milhões de seguidores/as em pouco mais de dois anos. Somada a vídeos mais leves com tom de humor e brincadeiras, essa atitude contribuiu para mudar a imagem do *youtuber* e do canal. Maicon Melo (2018, p. 25) afirma que “o influenciador conseguiu separar a imagem agressiva pertencente ao personagem do quadro Não Faz Sentido com a atual fase. Sendo assim o público que o segue atualmente sabe que seu comportamento não condiz com o do personagem”.

O *vlogger* deixou de lado o personagem reclamão, os palavrões, a gritaria e as críticas ácidas, mas também repensou seus posicionamentos com relação a questões sociais e culturais. Passou a comentar situações de preconceito, machismo, sexismo, racismo, homofobia, etc. Ao falar dessas mudanças comenta:

Eu não me arrependo das coisas que eu fiz. Eu acho que se eu não tivesse feito talvez eu não tivesse tomado as porradas necessárias para poder questionar o que eu tinha feito e estudar. Eu era muito jovem quando comecei a fazer vídeo no YouTube e era muito jovem quando ganhei popularidade. Então quando a gente é muito jovem, a gente é muito afoito, a forma como criticava, a forma como apontava as coisas era uma forma muito mais violenta do que questionadora, então hoje eu vejo que a solução nunca está na violência. As pessoas adoram tentar descobrir se houve algum gatilho na minha vida que tenha mudado minha percepção. Foi lidar com o mundo, dialogar com o mundo e ler sobre o mundo que foi me fazendo entender que de fato é muito fácil você ser reacionário, muito fácil você enxergar os problemas do mundo e taxar tudo na conta da meritocracia, do mimimi, do vitimismo. Mas aí quando você começa de fato a se interessar por pessoas, se interessar em conversar com mulheres, conversar com negros, conversar com gays e perguntar “como é ser você?”, “O que que é ser você?” E ouvir, não falar, ouvir. Não tem como você continuar sendo a mesma pessoa. Só se você for muito mau caráter. (PRIMEIRA PESSOA, 2019, grifos do autor).

Para divulgar essa nova fase do canal, no dia 10 de novembro de 2017, foi postado o vídeo “*Rebuliço – Paródia Despacito*” (REBULIÇO, 2017), que fala sobre a nova proposta do canal. Entre outras coisas, anuncia que

Canal Felipe Neto virou diversão, não precisa de treta ou confusão. Os haters tentam jogar contra e falar mal. Mas o amor tomou conta do canal, tem vídeo todo dia pra te divertir. Tem lives maneiras pra gente curtir e bater os recordes do YouTube. (REBULIÇÃO, 2017).

Assim, para driblar as críticas e aumentar o número de seguidores/as, o produtor passou a apresentar vídeos divertidos, com desafios, curiosidades, humor e até ironia, mas sem agressividade, e os assuntos passaram a ser mais variados. Além de aparecer na música, “rebulição” é um meme⁴¹ criado pelo influenciador que pode ser visto em várias postagens. Usada para expressar confusão, a palavra é acompanhada de um gesto feito com as mãos apontadas para o pescoço e olhos vesgos, como mostra a Figura 1. Todas as vezes em que cita a palavra rebulição nos vídeos ele faz os gestos do meme.

Figura 1 - Printscreen do meme “rebulição”



Fonte: Canal Felipe Neto (2017).

Maicon de Melo (2018) divide a carreira do influenciador em três fases; “*Minha Vida não Faz Sentido*” (início do canal), “*Felipe Neto empreendedor*” - dedicação a outras empresas deixando o canal de lado -, e “*Felipe Neto*” - retorno ao canal e investimento em modificações, cada uma delas marca mudanças importantes na carreira. Segundo o autor, elas aconteceram em momentos em que a popularidade do *youtuber* estava ameaçada. Ele destaca a habilidade do produtor de se modificar para atingir ao seu público-alvo. Dizendo que “Felipe Neto estuda não apenas como seu público se comporta nos dias atuais, mas também as tendências do futuro que podem afetá-lo de forma direta ou indiretamente” (MELO, 2018, p. 24). Assim se adapta

⁴¹O termo MEME é bastante conhecido e utilizado na internet, principalmente nas redes sociais, referindo-se ao fenômeno de viralizar, quando a informação espalha-se rapidamente entre os usuários, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música que se espalhe alcançando muita popularidade (CARVALHO; SANTOS, 2019, p. 8).

para agradar a seus/suas fãs e manter sua popularidade no YouTube. Por isso, seu canal possui 41 milhões inscritos e mais de 11,6 bilhões de visualizações⁴².

Pela sua trajetória e suas conquistas dentro e fora do YouTube é possível perceber a notoriedade desse influenciador no atual cenário brasileiro. Ao longo de seus 10 anos de carreira conquistou muitos prêmios, entre eles Vídeo Music Brasil – categoria Web Star (2010); Os Melhores da Websfera – categorias Vem, Gente! e Vlogueiro do ano! (2011); Prêmio Jovem Brasileiro – categoria Revelação do ano na Internet (2011); “Os Melhores da Websfera” – categoria “Agitador do ano!” (2012); “Meus Prêmios Nick” – categoria “Melhor *youtuber* masculino” (2017); “MTV Millennial Awards Brasil” – categorias “*Youtuber* do Ano”, “Paródia do Ano” e “Ícone MIAW” (2018); “GQ” – categoria “Homem do ano” (2019); Medalha Mérito Legislativo da Câmara dos Deputados do Brasil (2019); “Prêmio iBest” - categorias “*Youtuber* do ano”, “Personalidade do ano” e “Conteúdo de games” / júri popular (2020). Além disso, foi colocado entre as 100 pessoas mais influentes do mundo na lista elaborada pela revista *Time* (categoria “Ícones”). Ao falar sobre o *vlogger* na página que exhibe a lista, David Miranda (2020, n.p.) afirma que “quando Felipe Neto fala, milhões ouvem. E sua voz agora virtuosa e politizada ressoa poderosamente em um país cuja democracia está em perigo”.

A história de Felipe Neto se mistura com a do seu canal, à medida que ele se modifica ao passar por novas experiências, isso se reflete nos vídeos. Transformações que ocorreram na sua forma de pensar, de falar, de se vestir, de fazer críticas, de ver seus/suas expectadores/as, de produzir os vídeos e de ver a vida são expostas no seu material. Entre os vídeos engraçados com temáticas diversas, é possível perceber como o influenciador se posiciona diante de questões cotidianas. Além dos vídeos no YouTube ele escreveu cinco livros⁴³ e também faz postagens em outras redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, nas quais também é seguido por muitos/as fãs. São diversas formas de exposição que mostram suas condutas e suas concepções sobre o que acontece no contexto em que está inserido. Inclusive, é possível perceber algumas diferenças de comportamento do *youtuber* nessas redes. Sobre isso ele afirma:

No YouTube eu sou uma mistura de apresentador, com ator, com comunicador, não existe um termo correto para isso ainda, a gente usa youtuber pela falta de termo, mas seria como comunicador digital um criador de conteúdo digital. E dentro do YouTube eu tô criando

⁴²Dados do dia 27 de dezembro de 2020.

⁴³Não Faz Sentido!: Por Trás da Câmera (2013); Felipe Neto: A Trajetória de um dos Maiores *Youtubers* do Brasil (2017); A Vida por Trás das Câmeras (2018) e O Mundo Segundo Felipe Neto: Verdades Hilárias da Vida (2019); Felipe Neto: Acredite se Puder(2019).

conteúdo como uma pessoa e também como uma empresa, há toda uma preparação por trás, há toda empresa por trás. Já no Twitter não. O Twitter é uma rede social de opinião onde eu simplesmente coloco para fora o que eu penso, o que eu sinto, o que eu tô naquele dia pensando. (RODA VIVA, 2020).

Meu canal no YouTube é um canal de entretenimento e diversão. Eu sou antes de qualquer coisa um criador de conteúdo. Dentro desse conteúdo eu atinjo todas as idades e todo tipo de público sem distinção. Não sou apresentador de esquerda, não sou o youtuber político, eu sou um criador de conteúdo de humor e variedades. Contudo, eu não enxergo meu Twitter como ferramenta de trabalho, mas sim como extensão da minha voz pessoal. Lá, eu não sou “Felipe Neto – criador de conteúdo”, eu sou apenas “Felipe – brasileiro”, então falo dos assuntos que mais consumo no meu dia a dia, que são basicamente política e futebol. (Neto, 2019b, grifos do autor).

O vlogger aciona diferentes identidades em cada rede social, demonstrando conhecer os interesses de seus públicos, mantendo o canal do YouTube como espaço de “*entretenimento e diversão*”, onde diz priorizar um conteúdo humorístico e com assuntos variados. Em contrapartida, faz do *Twitter* um espaço de exposição pessoal, onde exhibe seus posicionamentos sobre diversos temas, principalmente política. Apesar de assumir essa divisão e raramente produzir vídeos direcionados à exposição de seus posicionamentos, ainda é possível observar algumas de suas concepções sobre diversos temas em vídeos ditos de entretenimento. Seja no YouTube ou em outros espaços, o que ele posta tem milhões de visualizações e uma grande repercussão, o que vem gerando conflitos, principalmente no campo político.

Desde o governo Dilma Rousseff, Felipe Neto expõe suas críticas a situações políticas do país no *Twitter*. A partir das eleições presidenciais de 2018, quando declarou o voto em Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), adversário do atual presidente Jair Bolsonaro no segundo turno, o influenciador tem se colocado como opositor de ideologias que chama de reacionárias. Em entrevista ao canal GQ Portugal, ele fala sobre seu posicionamento diante do cenário político brasileiro:

Eu decidi me posicionar contra o atual governo e, muito mais ferrenhamente do que eu já vinha me posicionando, apesar de ter sido uma voz ativa nos veículos digitais contra o governo do PT. Eu hoje me sinto muito mais obrigado porque o governo Bolsonaro ele representa mais do que apenas um desgoverno, mais do que apenas corrupção, mais do que apenas risco para a economia brasileira. O governo Bolsonaro ele representa um risco para as liberdades individuais e coletivas, ele representa um risco da volta da opressão. Em 2019

qualquer comunicador ficar em silêncio perante tudo que está acontecendo no governo Bolsonaro e todos os riscos que ele representa, qualquer pessoa que opte por ficar em silêncio é conivente. Então eu faço a minha parte como qualquer cidadão minimamente lúcido está fazendo, que é tentar alertar a corrupção profunda no governo Bolsonaro. Uma coisa que o Bolsonaro nunca foi na vida dele, nem por um segundo, foi liberal. Zero! Ele é intervencionista, ele é controlador, por ele a gente estava vivendo sob um regime de ditadura militar. E esse cara foi eleito presidente do Brasil por um surto coletivo do povo brasileiro causado, não totalmente, mas muito, por conta de erros profundos cometidos durante o governo do PT. E eu fico no meio disso né? Você vê que neste momento estou mostrando o Bolsonaro como incapaz e o PT como um dos responsáveis, ou seja, apanho dos dois lados. Mas vou continuar falando porque não vou trocar minha verdade pra afaço. (PRIMEIRA PESSOA, 2019).

O *youtuber* usa o *Twitter* para criticar falas e ações do governo Bolsonaro e de outros políticos que assumem uma agenda ultraconservadora. Paralelamente, defende pautas progressistas, como o respeito à diversidade, e usa sua influência para promover temas e campanhas que desagradam apoiadores/as da atual gestão. Além de dizer o que pensa, convoca outros/as famosos/as a se posicionarem sobre o cenário político. Com isso, Felipe Neto deixou de ganhar olhares somente para os vídeos de humor e passou a ser visto também como um comentarista e influenciador no campo político. Além do *Twitter*, em 2020 falou sobre política no programa de entrevistas *Roda Viva* (18 maio 2020)⁴⁴; no canal do jornal *The New York Times* (15 jul. 2020)⁴⁵; no programa “*Saia Justa*” (22 jul.2020)⁴⁶; no *Jornal da Cultura* (31 jul. 2020)⁴⁷, em uma *live* no canal JOTA com o ministro do Supremo Tribunal Federal, Luís Roberto Barroso (30 jul. 2020)⁴⁸, entre outros. Diante da oposição ao atual governo, vem sofrendo retaliações.

Uma delas é que perdeu dois contratos este ano, somando o valor de sete milhões de reais, por ser contra o governo⁴⁹. Também é frequentemente alvo de ataques virtuais com comentários de ódio e disseminação de notícias falsas (*fake news*)⁵⁰. No vídeo “*É Hora de Falar a Verdade... Mostre pros seus Pais*” (2019) o *youtuber* desmente algumas dessas *fake news* e diz que são “*mentirosas, manipuladas criadas intencionalmente [...] por pessoas*

⁴⁴Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KQ1CQqNveac&t=2s>. Acesso em: 23 dez. 2020.

⁴⁵Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XvK6Y_txWEE&t=21s. Acesso em: 23 dez. 2020.

⁴⁶Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MTkp8X1yOVA>. Acesso em: 23 dez. 2020.

⁴⁷Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TqFGx5QP4K0>. Acesso em: 23 dez. 2020.

⁴⁸Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7mT2OpPnuOQ&t=1287s>. Acesso em: 23 dez. 2020.

⁴⁹Disponível em: <https://youtu.be/Tst6QzPUuf8>. Acesso em: 23 dez. 2020.

⁵⁰Reportagem do *Jornal Nacional* com entrevista de Felipe Neto sobre as *Fake News* e ameaças disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4YYEXJxHBkM>. Acesso em: 23 dez. 2020.

que trabalham diariamente pra poder atacar reputações, criar fake news e criar correntes, pra destruir reputação de pessoas que eles consideram inimigos” (É HORA, 2019). Em 2020 teve seu nome relacionado à pedofilia por causa de *fake news*. Em um dos casos circulou nas redes sociais uma montagem que imitava seu perfil no *Twitter* e trazia as seguintes palavras: “A culpa da pedofilia é dessas crianças gostosas”, dando a ideia de que era um tuíte escrito por Felipe Neto. O serviço de checagem de *fake news* “Fato ou Fake”⁵¹ apurou o ocorrido e declarou que a imagem é um *fake* (publicação falsa). Ao falar sobre o tema, o influenciador disse:

Eu nunca imaginei que fosse passar por isso, eu nunca dei qualquer margem ou qualquer suspeita, ou levantei qualquer tipo de insinuação que pudesse levar qualquer pessoa a me associar com esse crime tão perverso, tão odioso. E ver isso acontecendo, as pessoas, por não terem nada para falar sobre mim, inventarem posts. Pegarem a minha foto e montarem no photoshop posts como se eu tivesse escrito. Aquilo mostra o quão vil é o coração dessas pessoas. O quanto elas estão dispostas a fazer o que quer que seja. (NETO, 2020b).

Em julho de 2020, a Ordem dos Advogados do Brasil unida a outras 36 entidades do Direito publicaram um manifesto em defesa do *vlogger* e da liberdade de expressão que, entre outras coisas dizia⁵²:

Nos últimos dias pudemos observar a intensificação de uma campanha organizada e estruturada contendo informações comprovadamente falsas, com o intuito de prejudicar a imagem de sua pessoa. Mais do que isso, algumas informações circuladas em redes sociais e aplicativos de mensagens contêm frases e posicionamentos atribuídos a Felipe Neto sem que ele em momento algum os tenha manifestado. A intenção desta campanha difamatória ultrapassa, e muito, os limites da crítica, os limites protegidos pelo constitucional direito de se expressar, ao atribuir a Felipe Neto ações que inclusive podem constituir a prática de crimes.

Não pode haver, sob um regime democrático, e em um ambiente que se respeite as regras de um Estado Democrático de Direito, a produção deste tipo de conteúdo sabidamente falso com o fim de macular a imagem de alguém. (OAB, *et al.*).

⁵¹Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2020/06/25/e-fake-tuite-atribuido-a-felipe-neto-com-conteudo-pedofilo.ghtml>. Acesso em: 23 dez. 2020.

⁵²Texto na íntegra disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-jul-28/oab-assina-manifesto-defesa-youtuber-felipe-neto>. Acesso em: 23 dez. 2020.

Apesar disso, os ataques continuaram e não se restringiram a comentários em redes sociais e *fake news*, eles chegaram também em forma de ameaças. Em setembro de 2019, Felipe Neto protocolou uma notícia-crime na Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática, referente a ameaças de morte recebidas por ele e a família. Por conta das intimidações teve que cancelar compromissos, diminuir a exposição nas ruas, reforçar a segurança pessoal e tirar a mãe Brasil⁵³. Já no dia 29 de julho de 2020, dois homens levaram um carro de som até a porta do condomínio do *youtuber*, um deles, que se identifica nas redes sociais como “Cavallieri, o guerreiro de Bolsonaro”, gritava em um mega fone chamando Felipe Neto de pilantra, pedófilo, destruidor de famílias, entre outras coisas. Segundo Reportagem do *Jornal Nacional*⁵⁴, o homem é autor de um *post* ameaçador onde diz: “É, Felipe Neto. A gente vai se encontrar em breve. Eu quero ver se ‘tu’ é macho. Eu quero ver ‘tu’ tirar onda comigo. Teus seguranças não me intimidam não, irmão, que aqui também o bonde é pesado”. Na mesma matéria, que foi ao ar em 30 de julho de 2020, o influenciador fala sobre o ocorrido:

Virem atrás de mim, dentro da minha casa, é um nível de perseguição que eu não imaginei que aconteceria. Sabe aquele vilão de novela, que você fala assim: não existe na vida real? Mas existe. Ele está aí, ele acontece. E eu estou vendo agora na prática até onde as pessoas são capazes de ir.

Discorde de mim, me questione, exponha erros que eu tenha cometido ou possa ter falado. Mas não minta. Não tente atacar com ódio, com raiva e com vontade de arruinar a vida da pessoa. Porque o que está acontecendo comigo hoje, pode amanhã acontecer com você que está fazendo isso, pode acontecer com alguém da sua família, pode acontecer com qualquer pessoa do país. Então, tenha responsabilidade usando as redes sociais. Entenda que essa campanha de assassinato de reputações, ela é feita através de mentiras, ela é feita através de manipulação. E que as pessoas manipulam, que esses grandes líderes manipulam justamente essas pessoas que fazem os envios, encaminhamentos. Não seja manipulado por essa orquestra, por essa articulação. (NETO, 2020b).

Além de todos esses ataques, existem diversas tentativas, dos mesmos grupos, de acionar a justiça para incriminar o *youtuber*. No dia 6 de novembro de 2020 ele foi indiciado pelo crime de corrupção de menores⁵⁵. Na “Live - eu vou ser preso? O que aconteceu?” (2020)

⁵³Mais informações em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/09/16/felipe-neto-cancela-participacao-em-evento-apos-ameacas-ja-tirei-minha-mae-do-brasil.htm>. Acesso em: 23 dez. 2020.

⁵⁴Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/07/30/influenciador-digital-felipe-neto-e-vitima-de-fake-news-e-de-ameacas.ghtml>. Acesso em: 23 dez. 2020.

⁵⁵Crime previsto no artigo 244 B do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Felipe Neto explica o ocorrido junto com seu advogado André Perecmanis. O mesmo afirma que há uma estratégia de um grupo de extrema direita que vem fazendo várias representações no Ministério Público para que o produtor seja acusado de algum crime, porém todas haviam sido negadas até a ocasião e, como existem pontos de vistas diferentes, o grupo foi tentando até encontrar alguma autoridade que concordasse em abrir o indiciamento. Na mesma *live* são apresentadas postagens de especialistas da área jurídica questionando o indiciamento e afirmando que ele não se sustenta se analisado tecnicamente, dizem que cabe à promotoria instaurar um inquérito ou não. Contudo, até hoje⁵⁶ não houve nenhum posicionamento do Ministério Público. Felipe Neto fala que todos sabem que ele não vai ser condenado, porque a acusação é baseada em mentiras, mas há algo mais importante do que a verdade, o efeito da notícia na mídia e afirma:

Isso não é uma batalha ou uma guerra para se conseguir prisão de fulano ou ciclano, exceto em casos sérios né, como o da rachadinha e etc. Isso é uma guerra midiática. Midiática. Tudo o que eles querem é arruinar a minha reputação, eles sabem que eu não vou ser preso, eles sabem que eu não cometi crime algum, mas eles precisam que muita gente acredite que eu cometi. Esse é x da questão. Esse é o negócio. Então pouco importa para eles se o promotor vai arquivar, pouco importa para eles se o promotor passar, se o juiz depois me absolver. Porque eles já conseguiram o indiciamento e agora eles vão usar esse indiciamento por anos dizendo que eu fui indiciado por corrupção de menores. Trata-se de narrativa. [...] Todo esse caso é um escândalo internacional de perseguição e silenciamento à oposição do Brasil. (LIVE, 2020).

Como o produtor explica, há uma guerra de narrativas, onde o principal objetivo de seus/suas detratores/as é fazer com que ele perca a credibilidade perante os/as apoiadores/as. No atual contexto, em que a maioria das pessoas usa a internet para se informar e construir suas opiniões, a disputa por seguidores/as é grande. Os conflitos por poder nesse meio giram em torno de quebrar a confiança do público para que a influência dos/as adversários/as seja cada vez menor.

Por todas essas questões, o *youtuber* enfrenta diversos processos na justiça, tanto movidos por ele, quanto contra ele⁵⁷. Esses fatos mostram que Felipe Neto assume um lugar na sociedade, expondo seus posicionamentos, sofrendo as consequências e influenciando pessoas.

⁵⁶23 de dezembro de 2020.

⁵⁷Na *live* “Processos de Felipe Neto!”, do dia 2 de dezembro de 2019, o *youtuber* fala sobre alguns deles ocorridos até tal data, mas em 2020 surgiram outros. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sBS-qzsSZJE>. Acesso em: 25 dez. 2020.

Para Vicente Vilardaga (2020), o *vlogger* faz parte de uma nova geração que se apresenta para o debate para combater a injustiça social e a desigualdade, em suas palavras:

Caberá a uma nova geração de líderes que agora ganha apoio institucional e musculatura política pelas redes sociais, enfrentar a escalada conservadora que se desenvolve no planeta e organizar uma nova sociedade menos desigual e mais justa. Rebeldes e sensatos, esses líderes nascentes pensam e agem globalmente, embora não percam de vista as questões locais e nacionais, e substituíram a impulsividade e o sectarismo que caracterizavam muitos jovens políticos do passado, por uma visão estratégica, pluralista e humanista. Há perspectivas se abrindo no meio da escuridão e gente que usava fraldas ou brincava de pega pega na virada do século, está, hoje, na vanguarda da transformação, combatendo ideologias obscurantistas e influenciando, pela internet, milhões de pessoas com ideias progressistas. (VILARDAGA, 2020).

Felipe Neto aparece na lista da “nova geração de líderes” ao lado de Tabata Amaral, Malala Yousafzai, Greta Thunberg, Emma Gonzáles, Amika George e Vanessa Nakate. Na matéria intitulada “Ativismo transformador” (VILARDAGA, 2020) são apontadas algumas características presentes nesses/as jovens ativistas que vêm ganhando cada vez mais espaço como influenciadores/as:

Figura 2 - Características da nova geração de líderes segundo Vicente Vilardaga



Fonte: Revista Isto é (VILARDAGA, 2020).

Felipe Neto tem demonstrado esses atributos e, como um membro da nova geração de líderes, pode influenciar muito seu público. Os 41 milhões de seguidores/as no YouTube, somados aos 12,7 milhões do *Twitter* mostram a visibilidade que suas palavras podem atingir. É inegável a dimensão do seu sucesso, por isso ele é hoje uma das pessoas mais influentes no nosso país. Tudo o que ele faz ou fala está sob muitos olhares, as coisas que ele diz adquirem um peso de verdade absoluta para algumas pessoas e despertam o ódio de outras. Por isso, é importante problematizar que discursos circulam no seu canal e como podem contribuir para a construção dos sujeitos que assistem. Para tal, farei uma breve apresentação do canal pesquisado.

3.7 O reduto das corujas: um pouco sobre o canal

Coruja é o apelido que Felipe Neto atribui a quem o acompanha no YouTube. Seu canal é como uma conta pessoal onde posta seus vídeos diariamente e pode ser considerado um lugar de encontro, onde os/as seguidores/as têm acesso a conteúdos que lhes agradam e a pessoas com os mesmos interesses. Os canais do YouTube costumam ser muito atrativos, visto que geralmente reúnem materiais com o mesmo campo de interesse. Isso possibilita que o/a usuário/a transite entre assuntos que lhe agradem e seja estimulado/a a assistir mais vídeos, pois ao tornar-se seguidor/a é possível receber notificações a cada nova postagem e acompanhar periodicamente as produções. Além disso, durante a reprodução de um vídeo no YouTube, são exibidas outras sugestões relacionadas a ela para manter a audiência conectada na plataforma. Assim, quanto mais se assiste o material de um canal, mais sugestões relacionadas a ele o/a espectador/a recebe. Isso ajuda a fidelizar o público, de forma a influenciá-lo, não só a assistir vídeos, mas a consumir os produtos relacionados.

O Canal Felipe Neto é voltado ao público infanto-juvenil. A linguagem informal, a maneira descontraída como o *vlogger* conversa com quem assiste, a proximidade que estabelece com o/a espectador/a e as produções baseadas em estudos sobre esse grupo conquistam cada vez mais “corujas”. Os números referentes a esse espaço mostram a popularidade do produtor e qual a sua abrangência. Ao consultar o *site* Social Blade, que rastreia diversas informações de plataformas e redes sociais, é possível ter acesso aos números de cada canal do YouTube. De acordo com o *site*, o do Felipe Neto possui hoje⁵⁸ 2.329 vídeos; 41 milhões de inscritos/as e 11,

⁵⁸Disponível em: <https://socialblade.com/youtube/user/felipeneto>. Acesso em: 27 dez. 2020.

6 bilhões de visualizações, ocupando o 3.º lugar do Brasil e o 39.º do mundo em quantidade de inscrições.

Ao falar sobre seu trabalho, o influenciador diz: “*eu sou um criador de conteúdo no YouTube, trato meu canal como uma emissora, uma empresa. Tudo que crio lá é pensado*” (NETO, 2020a). Diferente de alguns/as *vloggers* que pegam uma câmera e começam a falar sem roteiro, as produções do canal seguem uma pauta planejada, utilizam outros vídeos, imagens e informações frutos de pesquisas para compô-las. A empresa responsável pela sua elaboração, chamada de NetoLab, conta com uma equipe que trabalha na construção dos materiais postados.

No YouTube existem canais direcionados aos mais diversos assuntos e modalidades de conteúdo, como, por exemplo, notícias, humor, tutoriais, músicas, aulas, dicas, jogos, avaliações de produtos, etc. Felipe Neto classifica o dele com entretenimento, onde fala sobre curiosidades; faz desafios; interage com a equipe; apresenta coisas “engraçadas”; pratica jogos; reage a comentários e imagens de redes sociais; comenta músicas, clipes e fatos relacionados a pessoas famosas; entre outras coisas. E como ele mesmo diz “*vira e mexe sai um vídeo sério*” (A CURA, 2019), em que trata de assuntos atuais expondo suas concepções sobre os mesmos. Na maior parte do tempo o *vlogger* aparece sozinho e faz pequenas interações com membros/as da equipe, entretanto, às vezes recebe convidados/as para gravar com ele. Suas produções têm duração aproximada entre 12 e 20 minutos, salvo algumas exceções que podem passar de uma hora, geralmente as *lives* onde o influenciador fala ao vivo.

Na maioria das vezes, o *vlogger* grava sem fantasias, com roupas cotidianas e se direciona diretamente ao público, como em uma conversa. O cenário geralmente é fixo e composto por miniaturas de personagens, placas e quadros. Ao longo dos 10 anos de história foi mudado poucas vezes. No início, as gravações eram feitas de forma amadora, no quarto da casa onde o *youtuber* morava na Zona Norte do Rio de Janeiro, somente com alguns posters ao fundo. Hoje há uma estrutura preparada para isso em uma mansão chamada de NetoLab, que é a sede da empresa e onde são feitas as gravações⁵⁹. Desde março de 2020, por conta da pandemia de COVID-19, Felipe Neto e seus funcionários passaram a trabalhar de casa. Logo, a rotina de gravações teve que passar por adaptações e o material ficou mais restrito. Nesse período, o *youtuber* se dedicou a jogar uma série *gameplay* denominada *Minecraft*, que foi conteúdo da maioria dos vídeos desse ano.

⁵⁹Em “Vídeo secreto revelando o cenário”, é mostrada a sala onde são feitas as gravações e o último cenário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hx2EUu3FHRg>. Acesso em: 27 dez. 2020.

Entre 2017 e 2019, o canal recebia duas postagens por dia, o que aumentou a quantidade total de vídeos. Em janeiro de 2020, o influenciador anunciou que voltaria a publicar só uma vez ao dia, sempre às 10h, o que permanece até hoje. Com exceção aos finais de semana, quando, além da sua publicação diária, ele exibe um vídeo do quadro “*Humor negro*”. Anunciado em agosto de 2020, esse projeto consiste em postar vídeos e dar visibilidade a humoristas negros/as convidados/as. O nome “*Humor negro*” foi dado por Pedro Ottoni, convidado para fazer o primeiro vídeo do quadro, onde Felipe Neto fala sobre o projeto:

Hoje a gente começa um novo projeto aqui no canal, que eu tô muito feliz de começar. Há algum tempo eu queria encontrar uma maneira de usar o meu canal como se fosse uma vitrine, uma janela para vocês conhecerem novos artistas, pessoas que muitas das vezes não têm tanta chance de poder impactar uma grande audiência. E, infelizmente, a gente vive numa sociedade, num mundo que tem o racismo estrutural plenamente estabelecido, todos nós sabemos disso. Então, por que não utilizar o meu canal para poder usar para vitrine, para que artistas negros possam chegar aos lares de milhares de brasileiros? E daí nasceu esse projeto, um projeto onde todo sábado, a partir de agora até o fim do ano, às dezoito horas vai sair um vídeo extra aqui no canal, em que eu sempre vou começar, vou sempre abrir o vídeo, vou falar um pouquinho com vocês, vou apresentar quem é o artista da vez e aí entrego para o vídeo desse artista, dessa artista. Que eu tenho certeza que vocês vão gostar bastante. Muitas vezes as pessoas têm dificuldade para conhecer novos youtubers, novos humoristas, novas humoristas e etc. Então, esse é um projeto para apresentá-los e vocês verem um vídeo e, em seguida, irem conhecer o trabalho da pessoa. Então, se você gosta do meu canal, se você gosta de mim, se você gosta do que a gente construiu aqui juntos, você é uma pessoa cheia de amor. Isso eu tenho certeza absoluta porque você acompanha a mensagem que a gente traz aqui no canal. E se você é essa pessoa cheia de amor eu quero te pedir para você dar uma chance para todos os artistas que vão passar aqui nesse quadro. [...] Todo sábado eu vou trazer um novo artista, uma nova artista aqui para vocês e eu quero que vocês acompanhem essas pessoas, que vocês conheçam, que vocês deem risada, que vocês deem uma chance. (TEMOS, 2020).

A partir de então, o quadro “*Humor negro*” passou a fazer parte da rotina dos/as fãs nos finais de semana, atualmente são 20 vídeos. Essa é uma das inovações do canal desde a sua criação. Em dez anos de existência houve mudanças na linguagem, nos cenários; no conteúdo; na periodicidade das postagens; na qualidade das gravações; no visual do *vlogger*; no público-alvo, que no início era para adolescentes e hoje é infanto-juvenil; entre outras. É possível observar esses processos, pois quase todas as publicações desde 2010, quando ainda se chamava

“*Não Faz Sentido!*”,⁶⁰ estão disponíveis no canal, que hoje é organizado em algumas abas, são elas:

- “Vídeos” onde se encontra o material já postado desde 2010. Nesse espaço é possível ordenar as produções de três formas: mais antigas, mais recentes e mais populares (maior número de visualizações), porém não está disponível nesse local a data correta de cada postagem, onde aparece somente o período aproximado de tempo em que o material foi postado, como, por exemplo, 3 dias atrás, 2 semanas atrás ou 1 mês atrás - para saber a data correta é preciso entrar no vídeo.
- “*Playlists*” onde algumas das postagens são categorizadas em pastas temáticas como: *Minecraft* a saga; *React!*; Felipe Neto joga; Exclusivo para membros da Netolab! (conteúdo pago para assinantes); Memes e comédia; Desafio tente não rir; Lista top; Desafios; Humor negro; Apei; Saga mundo mágico; Abrindo coisas; Truques incríveis; Experiências; Detetive de mistérios, *Vlogs* e favoritos. Ao entrar em cada uma delas é possível ver quantos vídeos, quantas visualizações há e quando foi a última atualização da *playlist*, porém não há nenhuma descrição sobre as características das produções que compõem a pasta.
- “Comunidade” onde o produtor faz enquetes e manda recados para o público em forma de texto, essas postagens podem ser curtidas, descurtidas e comentadas.
- “Loja” onde são vendidos os produtos do canal como camisas, moletons e meias.
- “Canais” onde aparecem canais sugeridos por Felipe Neto, entre eles o da sua namorada e de seu irmão.
- “Sobre” onde se localizam algumas informações como data de criação do canal, número de visualizações e *links* para o *Instagram* e o *Twitter* do influenciador.
- “Busca” - representada pela imagem de uma lupa -, aba que possibilita pesquisar os vídeos dentro do canal pelos nomes ou palavras-chave. Nessa busca as palavras são procuradas nos títulos, descrições e tags (palavras-chave).
- “Sininho” - *link* que permite definir sobre as notificação e postagem do canal, todas personalizadas ou nenhuma.

É possível navegar pelo canal sem manter nenhum vínculo, apenas assistindo e/ou reagindo aos vídeos. Entretanto, existem outras duas possibilidades de “filiação”, uma é

⁶⁰Algumas foram excluídas pelo *youtuber*.

“inscrever-se”, o que faz com que o canal fique na sua pasta de inscrições e dá a possibilidade de ativar notificações a cada nova postagem. A outra é “seja membro”, que consiste em pagar uma taxa de R\$ 7,99 por mês para ter acesso a conteúdos exclusivos e a alguns benefícios como participar de chat nas *lives* e de enquetes para definir questões das próximas produções. Todas as interações dentro do canal - curtidas, descurtidas, comentários, visualizações, inscrições -, impulsionam seus números e fazem com que ele cresça no *ranking* e em monetização. Ou seja, quanto mais pessoas interagem, mais os anúncios são visualizados e maior é o interesse de patrocinadores no canal, conseqüentemente, maior é o retorno financeiro. Uma característica dos vídeos que assisti é que, praticamente todos, foram interrompidos no mínimo duas vezes por anúncios, chamados de *bumper* ou *in-stream* de acordo com a duração, além de aparecerem *baners (overlay)* na tela do vídeo também com publicidade.

Ao pesquisar como funciona essa prática descobri que os/as responsáveis pelos vídeos que participam do Programa de Parcerias do YouTube podem escolher que tipo de anúncios serão vinculados em seus vídeos, entre eles: anúncios gráficos, *overlay* (de sobreposição), *bumper* (curtos), cartões patrocinados e em vídeos puláveis e impossível de pular⁶¹. Então, a empresa *Google* se encarrega de exibir para cada usuário um conjunto de publicidades direcionadas de acordo com o seu perfil, como é explicado no tópico “Anúncios nos vídeos que você assiste” na central de ajuda da *Google*⁶²:

Os anúncios exibidos nos vídeos do YouTube que você assiste são personalizados de acordo com seus interesses. Eles têm como base suas configurações de Anúncios no *Google*, o conteúdo que você assistiu e se você fez login ou não. Quando você está conectado à sua conta, os seguintes sinais anônimos definem quais anúncios são exibidos:

- Tipos de vídeos assistidos.
- Apps usados no seu dispositivo.
- Sites visitados.
- Identificadores anônimos associados ao seu dispositivo móvel.
- Interações anteriores com anúncios ou serviços de publicidade do *Google*.
- Sua localização geográfica.
- Faixa etária.
- Sexo.
- Interações de vídeo do YouTube.

⁶¹Detalhes sobre esses formatos disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/2467968?hl=pt-BR>. Acesso em: 28 dez. 2020.

⁶²Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/3181017?hl=pt-BR#:~:text=Os%20an%C3%BAncios%20exibidos%20nos%20v%C3%ADdeos,voc%C3%A3o%20faz%20login%20ou%20n%C3%A3o>. Acesso em: 28 dez. 2020.

Ou seja, embora os/as responsáveis pelo vídeo escolham atrelar publicidades a ele, elas são personalizadas para quem assiste, fazendo com que usuários/as vejam anúncios diferentes, ainda que assistam ao mesmo vídeo dentro do canal. Quando esse material é acessado por quem assiste, os anunciantes pagam ao YouTube que repassa parte dos valores ao/à criador/a do conteúdo. Além disso, os vídeos também são usados para impulsionar as vendas de produtos relacionados ao *youtuber* como livros, meias, camisas e moletons, que são frequentemente citados em suas falas. Enfim, o canal pode ser considerado uma emissora, uma “biblioteca” dos vídeos; um espaço de entretenimento; uma oportunidade de encontros e também uma vitrine.

4 PLAYLISTS: GÊNERO E SEXUALIDADE NOS VÍDEOS DE FELIPE NETO

Nos canais do YouTube, a aba “*playlists*” é onde os vídeos são classificados em pastas temáticas. Ao nomear este capítulo como “*Playlists*”, apresento as ‘pastas’ que criei com temas considerados centrais na pesquisa: Gênero e Sexualidade. Essa divisão foi feita para fins de organização do texto, pois penso que essas categorias caminham juntas, algumas vezes estão tão imbricadas que são confundidas. Em cada ‘pasta’ analiso enunciados encontrados em vídeos do Canal Felipe Neto, embasada em estudos feitos por pesquisadores/as dos assuntos, atentando para como os discursos de gênero e sexualidade circulam nas produções.

4.1 Discursos e pedagogias de gênero nos vídeos de Felipe Neto

O termo gênero começou a ser utilizado pelos estudos feministas “como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’” (SCOTT, 1995, p. 72, grifos do autor). Foi usado também para substituir os “estudos de mulheres” pelos “estudos de gênero”, pois não há como estudar mulheres sem pensá-las em sua relação social, cultural e histórica com os homens. Enfim,

o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, “gênero” tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. (SCOTT, 1995, p. 75).

Então, falar em gênero é dizer sobre a diversidade de masculinidades, feminilidades e outras construções identitárias mais plurais que ultrapassam as fronteiras do binarismo masculino/feminino. Além disso, é problematizar os significados sociais dados às múltiplas possibilidades de vivenciar essas identidades; as relações de poder estabelecidas entre elas e como as características atribuídas culturalmente a cada uma tornam-se ferramentas de classificação e enquadramento, demarcando lugares sociais. Ao utilizar o termo gênero na perspectiva pós-estruturalista é importante pensar que “qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro” (SCOTT,

1995, p. 75), pois o gênero é um elemento relacional. Vivemos em uma sociedade que se organiza a partir desses dois polos, por isso, a construção das diferentes identidades de gênero passa pelos significados sociais atribuídos às masculinidades e feminilidades. Nesse sentido, é preciso estar atento/a às relações de poder estabelecidas nesse jogo de significações, problematizando como elas são fundamentais na constituição dos sujeitos. Refletir sobre os discursos de gênero presentes em vídeos, pensando nessa perspectiva, significa observar o que, como, e em que contextos essas relações aparecem no material e como isso pode contribuir para a construção das identidades de gênero de seus/suas espectadores/as.

Ao longo da vida vamos construindo formas de manifestar nossas identidades de gênero. Existem traços, comportamentos, marcas corporais e maneiras de se expressar que dizem dessas identidades. Elas são construídas a partir de investimentos diversos que nos ensinam como os sujeitos que assumem uma identidade de gênero deve se comportar.

Com o passar dos anos fomos construindo e assimilando formas desejáveis de homens e mulheres crescerem, se manifestarem e se relacionarem uns com os outros. Formas essas profundamente marcadas pelas relações de gênero, ou melhor, pelas expectativas criadas ao redor dos comportamentos conhecidos como masculinos, atribuídos aos homens, e femininos, atribuídos às mulheres. Dessa relação podemos extrair o que hegemonicamente entendemos como feminino e como masculino e daí observamos o que “desvia” de tal entendimento. (FRANÇA, 2019, p. 159).

A existência de comportamentos tidos como hegemônicos, configurando formas padronizadas de gênero, está relacionada a reiteração dessa hegemonia por meio das mídias. Segundo Marisa Costa e Paula Andrade (2013, p. 9),

é por intermédio das imagens, discursos e narrativas postas em circulação por revistas, jornais, publicidades, etc., que aprendemos a ser sujeitos de um certo tipo e é por meio da produção e circulação destas representações que as pedagogias culturais operam.

Uma dessas pedagogias é o humor, presente em várias produções do canal Felipe Neto e nos mais diversos artefatos culturais. Muitas vezes ouvimos piadas sobre a diferença de comportamento entre homens e mulheres. Como, por exemplo, aquelas que dizem que mulheres dirigem mal; que elas compram coisas demais; que elas demoram muito para se arrumar para sair; que elas gostam de discutir a relação; que homens fazem drama quando ficam doentes; que eles recebem ordens de suas esposas, entre outras. Porém, é importante ressaltar que o humor também é uma forma de pedagogia cultural que inculca comportamentos, pois “na

medida em que recursos humorísticos, com seu conteúdo e técnicas, são mobilizados, junto com eles também são acionados valores e representações culturais” (FERREIRA; KIRCHOF, 2016, p. 211).

As produções humorísticas relacionadas com as questões de gênero e sexualidade geralmente seguem um padrão estabelecido culturalmente, naturalizando discursos normativos em que o lugar de inferioridade de algumas identidades em funções de outras é reforçado. Essa reiteração, feita através de variados meios discursivos e não discursivos, que nos faz repetir gestos, ações e modos de ser, está ligada à performatividade. Segundo Judith Butler (2018, p. 195, grifo da autora), “a performatividade deve ser compreendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia”. Assim, à medida que o humor reitera as normas de uma forma sutil, se torna uma ferramenta educativa, contribuindo para os processos de constituição dos sujeitos no que diz respeito às questões de gênero e sexualidade.

Piadas geralmente reproduzem as hierarquias culturais, grande parte delas satirizam identidades que sofrem algum tipo de discriminação na sociedade. Enquanto estimulam o preconceito, reforçam os lugares sociais e características consideradas negativas de determinados grupos. À medida que circulam, os discursos repetidos com tom humorístico vão ganhando *status* de verdade, com isso, as pessoas começam a disseminá-los acreditando serem naturais e inofensivos, além de serem subjetivadas por eles. Por isso, é importante problematizá-los na perspectiva foucaultiana, torná-los um problema em questão, pensar em como estão presentes em nossa vida e como somos constituídos/das por esses discursos. Enfim, “dar um passo atrás” e olhar para nós mesmos como objeto de questionamento e desconstrução, pensando em como lidamos com discursos de gênero que são reforçados através do humor e como podemos repensar nossa relação com eles.

Nesta *playlist* falo sobre discursos e pedagogias de gênero destacando algumas questões que observei em vídeos humorísticos de Felipe Neto sobre as formas de ser, pensar e agir com relação às questões de gênero. Nesses vídeos destaquei enunciados marcantes como o homem engraçadinho e a lógica masculina; o pai brincalhão e a mãe cuidadosa; o homem prático; a *drag queen* e o homem que se veste de mulher; a mulher que sofre, o gênero marcado no corpo, entre outros que os atravessam.

4.1.1 “Homens que não têm mais salvação!”: o homem engraçadinho e a lógica masculina

No início do vídeo “Homens que não têm mais salvação!” (2019), Felipe Neto diz:

hoje nós vamos falar sobre lógica masculina! Mais especificamente sobre esse estereótipo. Né? Que normalmente é do hétero tops. [...] Não é pra gente dizer que todo homem é igual. Mas muitos são desse jeito aqui, que a gente vai ver.

A fala sugere que há uma lógica masculina, ou seja, um padrão no comportamento de determinados homens intitulados “hétero tops”. O *youtuber* não explica o que significa essa expressão, por isso busquei informações na internet. Encontrei algumas páginas com perguntas para que os/as usuários/as respondessem. Entre elas: “Como se comporta o hétero ‘topzera’?”⁶³; “O que você considera como ‘hétero top’?”⁶⁴; “oq [sic] seria um hétero top?”⁶⁵. As respostas foram bastante variadas, geralmente relacionadas ao estilo musical e acessórios que a pessoa curte ou como se comporta em baladas e em relacionamentos. Algo muito vago. Já no “Dicionário informal”⁶⁶ encontrei a seguinte definição para “Hétero top”: “Estereótipo de pessoa que escuta sertanejo universitário, funk, vai em rolês/baladas e veste camisa polo”. Além da definição, o *site* apresenta “Sinônimos de Hétero top: boy padrão, machista, boy lixo”; “Antônimos de Hétero top: *gay*, homem, pessoa legal, respeitoso”; “Palavras relacionadas a Hétero top: hétero, masculinidade tóxica, mulher, homofóbico”. Esse é um dicionário aberto em que qualquer pessoa pode acrescentar palavras e significados, por isso não sei se esse seria o mesmo sentido usado no contexto do vídeo.

A palavra “top” geralmente significa algo interessante, muito legal, de boa qualidade... ao analisar a expressão fora de contexto parece tratar-se de um/uma “heterossexual muito bom”. Porém, uma coisa me chama a atenção no uso da expressão “hétero top”: apesar de ser composta por uma palavra que diz da sexualidade das pessoas, as definições encontradas baseiam-se em comportamentos sociais, ou seja, relações de gênero, mostrando como essas duas questões são comumente misturadas e confundidas. Além disso, é usada para designar homens. Diante disso, me surgiram alguns questionamentos como: será que tais comportamentos são apresentados só por homens heterossexuais? Será que mulheres com essas características também seriam consideradas “hétero tops”? Existiriam pessoas “homo tops” ou “bi tops”, etc.? Que características elas apresentariam? Como o rótulo “hétero top” circula em nossa sociedade? Que discursos estão vinculados a ele? Como pode estimular a segregação e a discriminação nas

⁶³Disponível em: <https://pt.quora.com/Como-se-comporta-o-hetero-topzera>. Acesso em: 20 maio 2020.

⁶⁴Disponível em: <https://elaele.com.br/q/176415-o-que-voce-considera-como-hetero-top>. Acesso em: 20 maio 2020.

⁶⁵Disponível em: <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20170327012751AAC6Uqe>. Acesso em: 20 maio 2020.

⁶⁶Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/h%E9tero+top/>. Acesso em: 20 maio 2020.

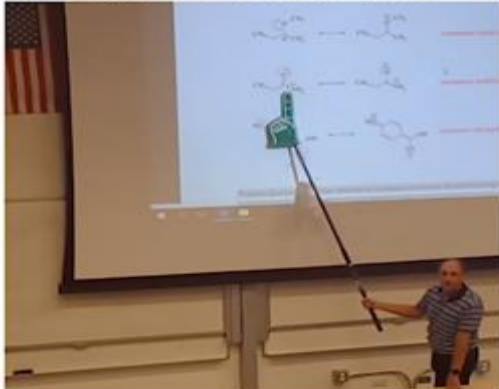
relações de gênero e sexualidade? Essas são questões para as quais não tenho as respostas, mas que são válidas para pensar esse rótulo de “hétero top”.

Embora não tenha ficado muito claro para mim o que significa ser “hétero top”, Felipe Neto dá algumas pistas no vídeo “Homens que não têm mais salvação!” (2019). Ao longo da produção, o *youtuber* apresenta fotos que mostram atitudes praticadas por homens e comenta as mesmas. Ao trazer algumas delas questiono: quais características estas imagens nos permitem atribuir aos homens presentes nelas⁶⁷?

⁶⁷Optei por trazer algumas imagens presentes no vídeo para exemplificar, mas aparecem outras na produção.

Figura 317 - Montagem com as fotos apresentadas no vídeo “Homens que não têm mais salvação!”

"Meu professor não acredita em ponteiros laser, então ele usa uma vara de pescar com um dedo de espuma preso".



"Minha esposa detesta esta foto e por isso eu dei este cobertorzinho de presente para ela no Dia dos Namorados"



"Minha mãe estava toda fofa usando brincos de cabide, cuidando de seus próprios assuntos fofos, então meu pai entra na sala..."



Coloquei olhos arregalados nas costas do meu gato. Ele é um mamute agora.



"Então, hoje na academia, pensei que meu treinador estava flertando comigo quando ele pediu meu número e tirou uma foto minha. Acontece que ele pensa que eu me pareço com o Buzz Lightyear e me enviou isso."



"Nesse momento você percebe que sua filha é do mesmo tamanho que seus Storm Troopers ..."



"Então, eu descobri que você pode fazer cortinas de chuveiro personalizadas feitas online. Não me arrependo de nada."



Fonte: Canal Felipe Neto (2019).

Para Felipe Neto, elas mostram uma “lógica masculina”. Vivemos em um mundo imagético em que esse recurso é uma forma rápida de comunicação, estamos cercados/as de imagens por todos os lados e, muitas vezes, elas transmitem mensagens que são capazes de subjetivar quem olha para elas, pois também são fontes de disseminação de discursos. Dessa maneira, exibir um conjunto de fotos que representam uma ideia comum é uma forma de pedagogia capaz de evidenciá-la, podendo dar a ela um *status* de verdade. A imagem é um instrumento discursivo muito potente, pois “mais do que apenas ilustrar, ornar um texto, representa, descreve, narra, simboliza, expressa, brinca, persuade, normatiza, pontua e educa” (SCHWENGBER, 2006, p. 268). Apesar disso, vale ressaltar que

os significados não estão nas imagens, mas nas relações que estabelecemos com elas como “processos de deslocamento” e produção de subjetividades. Esse aspecto relacional das imagens pode se dar nas negociações que envolvem o que nos satisfaz, o que confirma nossas crenças e pensamentos, ou no que incomoda, pois não representa o que acreditamos ou pensamos. (CASTRO, 2014, p. 137, grifo do autor).

Assim, ao olhar para uma dessas imagens, ou para todas elas juntas, podemos nos relacionar com elas de maneiras diferentes. Porém, sua presença no contexto do vídeo, juntamente com os comentários do *vlogger*, tende a direcionar o olhar do/a espectador/a. O professor que usa uma vara de pescar com um dedo de espuma; o treinador que envia uma foto do Buzz Lightyear para a aluna dizendo que ela se parece com o personagem; o pai que coloca dois cabides nas orelhas para imitar os brincos da mãe; o marido que faz um cobertor com a foto que a esposa detesta; o pai que veste a roupa da filha no seu boneco; o noivo que é levantado por um amigo para pegar o buquê e sair correndo e a pessoa que coloca olhos nas costas de um gato para parecer um mamute, sugerem uma forma de ser homem: aquele que zoa⁶⁸, faz graça, que é bem humorado, enfim, “o engraçadinho”. Todavia, a graça não é algo que se possa generalizar, pois ela não está somente em quem faz, mas também em quem observa. Portanto, algo pode ser engraçado para uma pessoa e não ser para a outra.

As fotos despertam risos da equipe que acompanha o vídeo, o que é um reforço à ideia de homem engraçado. Ao ser postado em um canal de entretenimento, esse material pode ser visto como uma simples piada, e os discursos presentes nele podem passar despercebidos. Isso não acontece só no material analisado, mas em diversas situações cotidianas em que questões

⁶⁸De acordo com o dicionário Michaelis, zoar significa “Dizer ou fazer algo com o objetivo de causar riso ou chacota; caçoar, gozar”. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=zoar>. Acesso em: 27 maio 2020.

importantes são faladas em tom humorístico e não são levadas a “sério”. Por isso, é fundamental destacar que essa forma de abordagem também nos educa, a repetição de discursos em falas humorísticas pode inculcar saberes sobre os mais diversos assuntos, inclusive sobre gênero e sexualidade, essa postagem pode ser um exemplo disso. Ao olhar para ela questiono: o que as imagens nos dizem? Por que estão em um vídeo intitulado “Homens que não têm mais salvação!”? O que significa ser “desse jeito”? Quem faz parte da “lógica masculina” apresentada no vídeo? Como esse vídeo pode subjetivar o público de forma geral? E a audiência masculina que assiste?

As reações de Felipe Neto diante das fotos expressam ideias difundidas na nossa cultura. Ao falar sobre os homens ele marca um lugar identitário, apontando determinadas características. Isso pode ser visto nos comentários a seguir:

É engraçado que nem diz se foi homem ou mulher que escreveu ou postou isso, mas você sabe que foi um homem. Você concorda que você sabe que foi um homem? Que mulher nenhuma tem esse nível de atraso intelectual! De olhar pra bunda do gato e falar: “Eu tô vendo um mamute! Eu tô vendo... Se botar dois olhos, fica um mamute!” E coloca mesmo! Que sacanagem com o gato!

Vocês entendem que nenhuma mulher no mundo, na história... Vai pegar um cabide, pendurar na orelha e chegar na sala? Nenhuma! Por que que existe esse abismo intelectual? Entre os dois gêneros. Alguém precisa estudar isso de fato! Ô NASA! Ô pessoal das ciências sociais, pelo amor de Deus. Por que que homem tem o gene da imbecilidade?

É isso! Você... Você imagina a professora entrando em sala com uma vara de pesca com um dedo de espuma na ponta? Tu consegue imaginar essa cena? A professora entrando e falando: “Eu não acredito em laser! Laser faz mal, dá câncer. Tá aqui o meu laser”. Com uma vara de pesca. SÓ HOMEM! Nós somos uma raça desenvolvida que não tem evolução!. (HOMENS, 2019, grifos do autor).

As três passagens afirmam que os comportamentos expressos nas fotos (Figuras 4, 5 e 6) são exclusivamente masculinos, o que sugere uma divisão binária de gênero. Para Guacira Louro (2003, p. 34, grifos da autora),

a concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um pólo que se contrapõe a outro (portanto uma idéia singular de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se “enquadram” em uma dessas formas.

Assim, ao afirmar que mulheres não teriam aquelas atitudes, os comentários apontam para essa dicotomia, reforçando a lógica binária dos gêneros. Nessa perspectiva, Felipe Neto adjetiva os homens, referindo-se a eles como quem tem “atraso intelectual”; tem o “gene da imbecilidade” e é “uma raça desevoluída”. Dizer que essas características são coisas de homem pode produzir uma identidade masculina, que naturaliza tais aspectos, especialmente quando a questão biológica é acionada com a expressão “gene da imbecilidade”. Ao ouvirem que naturalmente os homens são “imbecis”, alguns deles podem tomar essa característica para si e reproduzirem determinadas atitudes para se enquadrarem no perfil de masculinidade exposto. Quanto às espectadoras, é possível que algumas delas evitem comportamentos apontados como masculinos para se distanciarem do gênero com o qual não se identificam.

É dessa forma que os discursos agem produzindo os sujeitos aos quais se referem (FOUCAULT, 2008). Essa circulação de discursos, que geram uma repetição de atos por indivíduos que se identificam com eles, é o que Judith Butler (2003, 2018) chama de performatividade de gênero. À medida que um sujeito se reconhece em uma identidade de gênero, ele a constrói a partir de enunciados performativos que dizem dela. Quanto mais eles são repetidos, especialmente por pessoas com muita visibilidade e influência, mais sujeitos se constituem a partir deles. Ainda que haja possibilidades de resistências e diferentes olhares sobre esses enunciados, sua repetição pode dar a algumas pessoas a ideia de que apresentam algo naturalmente pertencente a determinada identidade.

Quando faz essas afirmativas, o *youtuber* aponta comportamentos que acredita pertencer a uma lógica masculina, inclusive apoiando alguns deles e colocando-se nessa lógica. O fato de identificar-se com determinadas condutas, ou ver que elas são adotadas por outros homens, não significa que nenhuma mulher tenha uma dessas atitudes, nem que todo homem apresenta os mesmos comportamentos. Existem diversas maneiras de vivenciar as identidades de gênero, dentro do mesmo contexto social, cultural e histórico, já que elas não são homogêneas e estão sempre em reconstrução (SILVA, 2000). Se houvesse um gene que fizesse com que os homens tivessem determinados comportamentos, todos agiriam da mesma forma, mas não é assim que acontece. Marlucy Paraíso (2014, p. 31) nos diz que “o sujeito é um efeito de linguagens, dos discursos, dos textos, das representações, das enunciações, dos modos de subjetivação, dos modos de endereçamentos, das relações poder-saber”. Esses aspectos fazem com que sujeitos sejam constituídos de modos diferentes de acordo com os discursos que circulam em seus meios e com as experiências pessoais que vivenciam.

Apesar disso, o vídeo expressa a ideia de que há uma lógica masculina, seja nas fotos ou nos comentários do influenciador. Ao falar sobre as imagens de um homem pegando o

buquê, jogado pela noiva para mulheres solteiras, ele exemplifica o que considera ser um “hétero top”:

*Eu ia querer pegar o buquê. Só porque eu sou competitivo! É, eu queria socar todo mundo, assim, pegar o buquê, sair correndo e tacar no chão, tá ligado? “Aaaaah *POF* Aaaaahhh!” Isso é a lógica masculina, tá vendo? Isso é ser um homem hétero top. (HOMENS, 2019, grifo do autor).*

A ideia de que homem é competitivo e agressivo, expressa na fala, é bastante difundida. Para fazer essa afirmação, Felipe Neto aciona os saberes que ele tem a respeito do que é ser masculino e “hétero top”, saberes que não foram inventados por ele, mas que o constituem. Ao dizer que agiria de forma agressiva, o *vlogger* se vê na lógica masculina e “hétero top” que aponta. Por ser um homem cisgênero e heterossexual foi subjetivado por essa lógica ao longo da vida. Alguns autores (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; NOLASCO, 1993; SILVA, 2019) discutem sobre os processos de construção das masculinidades, ressaltando como eles acontecem em diversas instâncias da vida social. É comum que sejam incentivados comportamentos que incitam a força, a coragem, a agilidade, a virilidade, a competitividade, a agressividade, a “zoação”... Atributos que, apesar de serem tratados como naturalmente masculinos, são construídos culturalmente e estimulados em meninos desde o seu nascimento.

Tal construção é tão forte que, geralmente, as condutas que ela inspira são tratadas como inatas. Diante disso, podemos perceber uma certa lógica masculina em algumas situações, não porque os homens são assim “por natureza”, mas por estarem inseridos em uma cultura repleta de processos educativos que estimulam determinadas formas de ser e agir. Vivemos em uma sociedade do enquadramento que se organiza a partir de rótulos e molda os sujeitos para se encaixarem neles. Dessa maneira, aprendemos “a enquadrar todos, definindo-lhes lugares, identidades, ações, o que deve e o que não deve ser feito, o ‘certo’ e o ‘errado’” (FERRARI, 2009, p. 121, grifos do autor). Enquadramos o outro e a nós mesmos/as, construímos nossas identidades e dizemos de nós a partir desses rótulos.

Ao longo da produção, as falas e as imagens reforçam o enunciado do homem engraçadinho, delineando tal lógica masculina que inclui determinadas características e que é reiterada através de muitas instâncias sociais e culturais. Tentar estabelecer essa lógica significa buscar um homem padrão e classificar quem se enquadra ou não. Quando Felipe Neto apresenta determinadas condutas como sendo naturalmente masculinas, pode contribuir para a perpetuação dessa lógica. Ao mesmo tempo, à medida que associa as atitudes à imbecilidade,

também pode fazer com que alguns espectadores pensem antes de seguir tal lógica e a rejeitem, pois os discursos nem sempre são prontamente aceitos e incorporados pelos sujeitos. Os processos educativos se dão em meio a negociações, conflitos e resistências com o que é ensinado. Diante disso, é importante lembrar que, apesar da produção estar repleta de discursos de gênero, as pessoas são afetadas por eles de maneiras diferentes.

4.1.2 “Como homens funcionam - pais e filhos!”: o pai brincalhão e a mãe cuidadosa

Outra questão que aparece nos vídeos são as atitudes de pais com as crianças. Paternidade e maternidade são funções sociais significadas cultural e historicamente, além disso, são identidades construídas e modificadas na medida em que são atravessadas por outras. Por isso, existem múltiplas formas de vivenciá-las.

A partir do século XX, com as mudanças no mercado de trabalho, as diferentes configurações familiares e os questionamentos acerca das atribuições de cada gênero dentro da sociedade - impulsionadas, principalmente, pelo Movimento Feminista -, a paternidade começou a ser ressignificada, “o relacionamento entre pai e filho(a) que até certo tempo atrás era marcado pelo distanciamento, hoje carrega novos formatos” (BERNARDI, 2017, p. 72). Isso nos possibilita ver variadas formas de relações entre pai e filhos/as, desde a mais distante até as bem próximas. Maria Simone Schwengber e Catharina Silveira (2011, p. 98, grifo das autoras) destacam “a figura do ‘novo’ pai como aquele que participa do cotidiano dos/as filhos/as. [...] Presente – amigo e brincalhão com os filhos/as”. Entretanto, essa é uma das formas de vivenciar a paternidade, que coexiste em nossa sociedade com outras bastante diversas. É esse pai brincalhão que pode ser visto nas fotos a seguir, que aparecem no vídeo “Como homens funcionam - pais e filhos!” (2019), em que Felipe Neto vê as imagens que foram selecionadas previamente pela sua equipe e faz comentários sobre elas:

Figura 4 - Montagem com as fotos apresentadas no vídeo “Como homens funcionam - pais e filhos!”



Fonte: Canal Felipe Neto (2019).

De acordo com o que é dito no vídeo, as fotos mostram coisas feitas por pais com seus/suas filhos/as. Fotos e vídeos com essa temática ganharam a internet⁶⁹. É importante ressaltar que “as imagens não são meras ilustrações de algo, mas sim artefatos potentes para a aprendizagem e a constituição de si” (MACHADO, 2019, p. 112). Como nos lembra Nathalye Machado (2019, p. 121), elas “estão presentes na construção de significados tanto de jovens, quanto de adultos, apontando para formas de se apresentar diante da vida, o que significa dizer que nos ensina e nos move subjetivamente”. Ao verem essas imagens disseminadas na internet e presentes em vídeos de *youtubers*, os sujeitos podem ser subjetivados e construir uma ideia de paternidade através de determinadas atitudes baseadas nas referências que observam. Conseqüentemente, quanto mais homens se reconhecem nessas referências e reproduzem essas atitudes, mais aumenta a produção e divulgação de material no mesmo estilo, o que faz com

⁶⁹Em uma busca rápida na aba “imagens” do *Google* surgem diversos exemplos, como pode ser visto no *link*: https://www.google.com/search?q=pai+cuidando+de+crian%C3%A7as+sozinho&hl=pt-BR&tbm=isch&sxsr=AleKk02mWv2Q5h9OAY_Rm6Lp8dXzdoSdOQ:1587336051148&source=Inms&sa=X&ved=0ahUKEwjDyd7Lx_XoAhUCK7kGHXhKDX0Q_AUICigB&biw=1517&bih=694&dpr=0.9. Acesso em: 19 abr. 2020.

que essa forma de ser pai seja cada vez mais difundida. Dessa maneira, quanto mais se espalham as fotos, vídeos e comentários desse estilo, mais a figura do pai brincalhão ganha força e vem dividindo espaço com outras representações de paternidade. É assim que os discursos funcionam produzindo sujeitos, diante da pluralidade de enunciados sobre paternidade que circulam na sociedade, vão se construindo múltiplas formas de ser pai.

É importante destacar que as imagens não transmitem uma mensagem única, pois o olhar para essas fotos depende do sujeito que olha. Nem todos se identificam com esse jeito de ser pai. Uma imagem possui aspectos políticos e poéticos, como explica Marcelo dos Anjos (2014, p. 149):

Por espaço político entendemos que as imagens com suas falas, cores, corpos, sons, espaços constroem discursos e tentam apresentar uma realidade. Tais discursos arquivam-se numa determinada cultura e numa determinada ideologia e buscam produzir sentidos na sociedade. Já o espaço poético é o espaço do vazio, da liberdade, onde o espectador é quem constrói o discurso a partir de suas experiências e sua historicidade.

Sendo assim, quem posta pode ter uma intenção, como passar a ideia de um pai brincalhão ou fazer humor, por exemplo. Porém, o espaço entre a imagem e aquele/a que olha para ela é preenchido pelo/a observador/a, que acessa suas próprias experiências para significar o que vê, permitindo visões diferentes do/a autor/a da foto. Nesse caso, por exemplo, alguém pode entender que os pais expuseram as crianças a situações que afetariam a segurança das mesmas. O aspecto poético é que faz com que as imagens sejam significadas de maneiras diferentes, permitindo ao sujeito que olha problematizar a si mesmo e ao mundo em que está inserido (FERRARI; CASTRO, 2012). Ou seja, diz da forma como cada um/uma é capturado/a pelos discursos presentes na imagem. Portanto, os comentários de Felipe Neto representam o que ele vê ao olhar para essas imagens, a relação pessoal que ele estabeleceu com a realidade ao pensar sobre elas.

Ao comentar algumas das fotos, o *vlogger* retoma a ideia de uma lógica masculina e o enunciado do homem “engraçadinho”. Além disso, dá destaque a outro enunciado, o da mãe responsável e cuidadosa. Isso se apresenta nas seguintes falas:

Hoje é a lógica masculina com filhos! Que várias vezes a gente fala isso aqui no canal, né? As sandices que a gente vê acontecendo com crianças nesse canal são sempre filmadas ou fotografadas pelos pais! Homens! Porque mulher, mãe... Tem um carinho muito mais especial pela cria! Entendeu? Ela vê uma criança toda lambuzada. Toda suja, podre. A mãe vai lá e cuida. O pai fotografa!

É isso! É isso! É isso que eu tô falando! Qual mãe no planeta tiraria foto disso? Nenhuma mãe! Nenhuma! A mãe ia olhar pra isso e imediatamente ia ajudar a criança! [foto de uma criança dentro da privada].

A gente sabe se foi o pai ou a mãe? A gente não sabe. Mas a gente sabe. Porque nenhuma mãe na história do mundo ia botar uma panqueca na cara do neném! Nenhuma!

Tipo não tem nenhum propósito. Você entendeu que não tem nenhum por quê? Ele só tipo, olhou pra filha, olhou pro creme de barbear e falou: “Ai uma oportunidade”. E fez! Dane-se! Isso é o que é ser pai! É, é... É enxergar a oportunidade de trollar seus filhos e ganhar like no Instagram. É basicamente isso.

Você imagina essa foto, a mesma foto, sendo uma mãe dentro do berço, esparramada desse jeito? Não! É só homem que faz isso! Nenhuma mãe ia dormir dentro do berço da criança! Entendeu? (COMO, 2019).

Quando Felipe Neto diz: *“Porque mulher, mãe... Tem um carinho muito mais especial pela cria!”*; *“Qual mãe no planeta tiraria foto disso? Nenhuma mãe! Nenhuma!”* e *“nenhuma mãe na história do mundo ia botar uma panqueca na cara do neném! Nenhuma!”*, ele faz generalizações sobre as mulheres mães, reforçando a ideia de que essa é uma identidade instintiva. O mesmo acontece com relação aos homens pais quando o youtuber fala: *“Isso é o que é ser pai!”* e *“É só homem que faz isso!”*. Tais falas afirmam determinados comportamentos masculinos e femininos como opostos e naturais, enfatizando os posicionamentos polarizados de gênero e fortalecendo a ideia de que existem papéis diferentes direcionados ao pai e à mãe. Porém, é importante lembrar que as relações de gênero são construídas discursivamente e que as concepções apresentadas por Felipe Neto dizem de um discurso sobre pai e mãe que existe em nossa sociedade, mas não dizem respeito a todos os pais e todas as mães.

Os comentários apontam para a diferença no cuidado das crianças. Através deles é possível perceber a concepção de que as mães cuidam melhor de filhos/as do que os pais. Esse discurso vem de uma construção cultural e histórica da “ideia de que a mulher é biologicamente preparada para a maternidade, como se sua capacidade de ser mãe estivesse sempre adormecida e florescesse durante a gestação” (SCHWENGBER; SILVEIRA, 2011, p. 98). Como se a mãe fosse dotada de um instinto de amor, cuidado e proteção. Contudo, essa concepção deve ser problematizada. Várias autoras (BADINTER, 1985; MEYER, 2003; SCHWENGBER, 2006; SCHWENGBER; KLEIN, 2019; RITTI, 2015) falam sobre a maternidade como um processo

em construção, uma invenção da modernidade, em que a mulher vai aprendendo a viver a maternidade de acordo com seu contexto social e histórico, desconstruindo o discurso do instinto materno. De acordo com Maria Simone Schwengber (2006, p. 25), desde o final do século XVIII,

a maternalização das mulheres foi se construindo e se estendendo, gradualmente, em diferentes âmbitos e planos da vida social, nas práticas científicas, nas idéias e práticas políticas, no mercado de trabalho. Para assegurar a materialidade da relação mãe-filho/a, as ações desenvolveram-se em dois sentidos: primeiro, empreendendo-se campanhas contra a mortalidade infantil, aborto, infanticídio, abandono de crianças; segundo, buscando-se transformar as mães, bem como seus hábitos e seus sentimentos com relação aos/às filhos/as.

Desde então, é possível ver um investimento na construção da mãe presente, aquela que cuida da criança. Existem revistas, programas de televisão, *sites*, manuais, canais do YouTube direcionados a ensinar sobre maternidade. É comum vermos essas referências de mães em novelas, filmes, séries, livros e entre as pessoas com as quais convivemos. A figura da mãe cuidadosa, preocupada e responsável tem sido valorizada na maioria desses exemplos, dando a ela uma aparência de naturalidade e universalidade. Dessa forma, muitas mulheres são educadas para exercerem determinado tipo de maternidade, acreditando ser um instinto e, portanto, uma obrigação. Apesar disso, o discurso da mãe dedicada não captura todas as mulheres, o fato delas poderem gerar uma criança não significa que sua biologia determine uma forma de cuidar dos/das filhos/as. Rosalinda Ritti (2015, p. 138) afirma que

nós, mulheres, por vivermos diferentes feminilidades, não somos todas desejosas da maternidade e ainda, quando a desejamos, podemos exercê-la de formas múltiplas. Nem todas nós fazemos as mesmas coisas da mesma maneira, o que contradiz o conceito de instinto.

Mesmo que as mulheres construam as identidades maternas de formas diferentes, há um discurso hegemônico que as coloca no lugar de naturalmente preparadas para serem mães. Para Maria Simone Schwengber e Catharina Silveira (2011, p. 98, grifos das autoras), “é esse discurso que coloca o homem no lugar do ‘não-preparado’ ou do ‘menos preparado’ para a experiência de ‘criar’ filhos/as”. Nossa sociedade é organizada por categorias de gênero que são relacionais, quando se faz um discurso sobre mulheres também se diz algo sobre os homens (SCOTT, 1995; LOURO, 2003). O mesmo acontece com as maternidades e as paternidades, pois são identidades que se constroem de forma relacionada entre si, assim como discursos que

circulam sobre elas. Duas falas de Felipe Neto chamam a atenção ao sugerir às mães comportamentos com relação aos pais:

Se tiver alguma mãe assistindo a esse vídeo. Eu sei que você deve estar desesperada e agoniada com as imagens que você tá vendo. Esse vídeo é impróprio para mães! Mas acredite, é isso que os homens fazem! Inclusive, o seu marido... Mãe... Né? Qualquer mãe que esteja assistindo. O seu marido, o seu ex-marido, o pai do seu filho. Provavelmente já fez uma das coisas que tá aqui, você só não soube! Tá? Porque isso é homem! Ok, nós somos isso! Nós temos problemas. Ajuda a gente, pelo amor de Deus.

Então é isso. Essa é a lógica dos homens que são pais. Então fiscalize! Você, mãe, já fica de olho! Pra ver como é que teu marido, teu ex-marido, teu, teu...Fica de olho pra reparar se ele não faz essas coisas. (COMO, 2019).

Os comentários aconselham que as mães fiscalizem e ajudem os pais, como se elas detivessem o saber de como cuidar corretamente dos/as filhos/as. Além disso, as afirmações “é isso que os homens fazem!”, “isso é homem!” e “Essa é a lógica dos homens que são pais”, sugerem uma verdade sobre ser homem-pai. Há sujeitos que se enquadram nessa lógica e tais declarações vindas de uma pessoa com tanta visibilidade contribui para a perpetuação da ideia da mãe cuidadosa e do pai como aquele que não dá conta desses cuidados. Essas características dizem de alguns homens e algumas mulheres, pois são baseadas em discursos de gênero que circulam na sociedade e produzem sujeitos, porém discursos não são homogêneos, não atingem a todos/as da mesma forma. Ao pesquisar com mulheres mães na periferia, Rosalinda Ritti (2015) apresenta diferentes concepções de maternidade e paternidade. Ela aponta que essas identidades são atravessadas não só pela questão de gênero, mas também de raça, classe, localização geográfica e geração. Ou seja, não há uma lógica dos homens que são pais nem das mulheres que são mães, há apenas uma disputa de discursos que formam diferentes sujeitos.

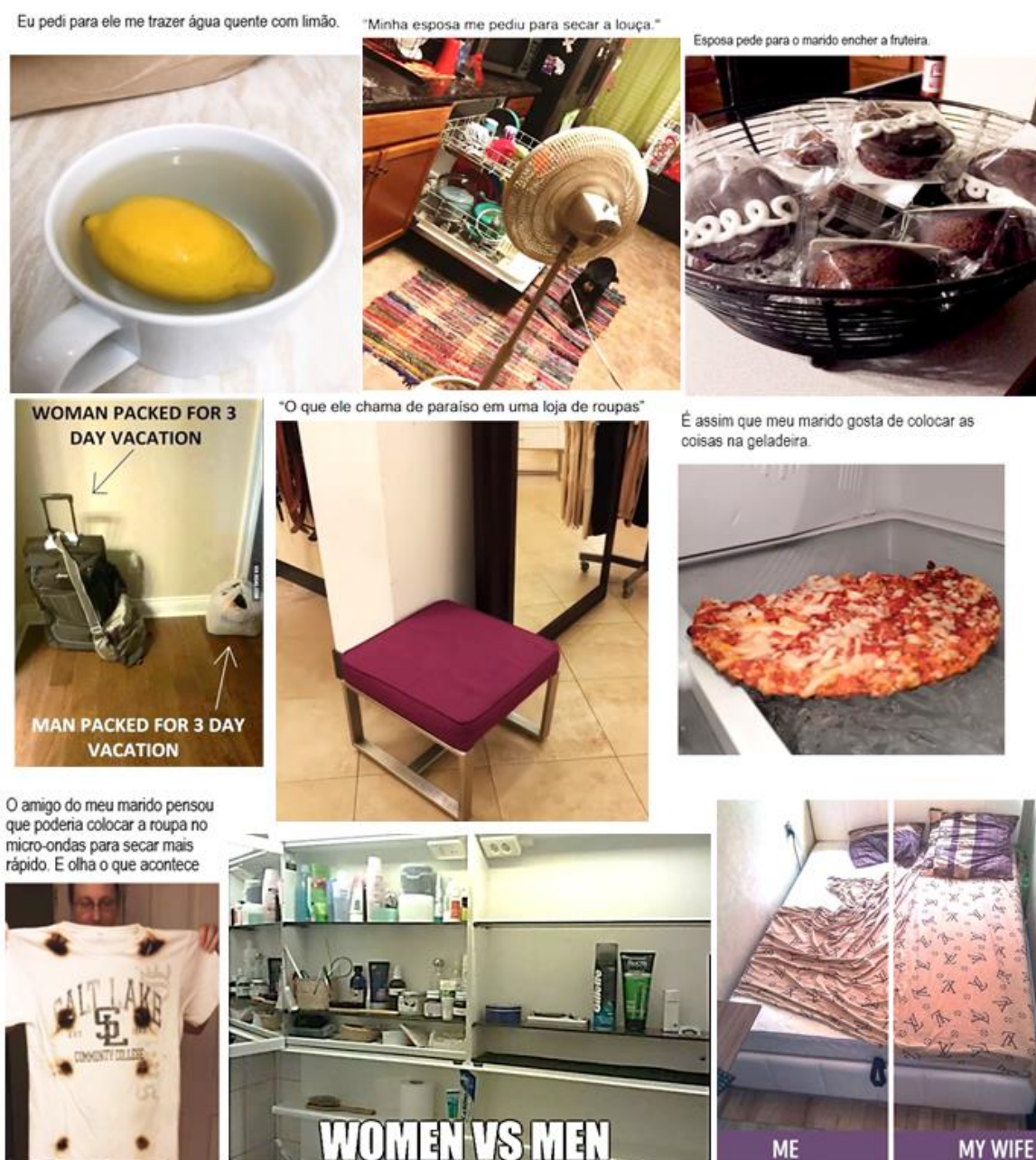
Não é possível afirmar que o vídeo foi produzido para reforçar ou questionar discursos de gênero. Provavelmente ele está no canal porque é classificado como humorístico, já que as imagens podem ser consideradas engraçadas por algumas pessoas e, como Felipe Neto diz em vários momentos, a função do canal é divertir. Todavia, a produção diz muito de questões de gênero, se apresentando como um artefato educativo. Apesar de ter sido feita para falar de pais, acaba abordando a maternidade, o que mostra como essas identidades são construídas de forma relacional.

A produção apresenta uma referência de pai e outra de mãe baseadas em modelos existentes em nossa sociedade. A representação desses modelos na mídia significa a legitimação de discursos, mesmo que o vídeo não tenha sido feito para isso. Essa legitimação contribui com a formação de sujeitos que são ou serão pais e mães, pois é desse modo que os artefatos culturais nos educam. Diante disso, levanto alguns questionamentos sobre os enunciados nele disseminados: que mensagens eles podem passar às mães? E aos pais? Como se sentem as pessoas que não se encaixam nesses perfis de mãe e pai ao ver o vídeo? Como imagens e comentários apresentados na mídia contribuem para a formação de nossas identidades? O importante aqui não é julgar os comportamentos expostos nos vídeos, mas pensar como determinados discursos são propagados e ganham contornos de verdade.

4.1.3 Simples assim: o homem prático

A objetividade é uma característica comumente atribuída a homens. A ideia de que eles descomplicam e são mais práticos está presente em diversos enunciados que circulam na nossa sociedade, o que pode estimular a construção de sujeitos que se encaixam nesse perfil. O vídeo “Homens vs. mulheres! E agora?” (2019), também apresenta reações de Felipe Neto a imagens que remetem a ações de homens:

Figura 5 - Montagem com as fotos apresentadas no vídeo “Homens vs. mulheres! E agora?”



Fonte: Canal Felipe Neto (2019).

As postagens apresentam situações em que homens ‘simplificam’ as coisas como secar roupa no micro-ondas; secar louça com o ventilador; colocar a pizza na geladeira sem proteção; levar pouca bagagem; não arrumar a cama todos os dias; usar poucos cosméticos; esperar que tenha um banco nas lojas para utilizá-lo ao esperar uma mulher; colocar um limão inteiro na xícara, quando a mulher pediu água com limão, e encher a fruteira com bolinhos ao invés de frutas. Essas atitudes podem ser consideradas mais práticas por algumas pessoas, pois “muitos

homens parecem ter a percepção de que seus comportamentos são dotados de uma pretensa e inquestionável objetividade masculina” (BORIS, 2000, p. 347). O enunciado do homem prático e objetivo é disseminado em nossa sociedade por diversos meios, na medida em que isso acontece, mais homens se constituem a partir dessa ideia. É desse modo que os discursos podem produzir os sujeitos de que falam (FOUCAULT, 2008). Apesar disso, a objetividade não é uma característica inerente aos homens, além do mais, ser objetivo não significa sempre fazer o que é mais prático, pois há diferentes modos de compreender o que é praticidade e objetividade diante das diversas situações cotidianas. Ao olhar as fotos apresentadas, Felipe Neto concorda somente com algumas, com as quais admite se identificar de acordo com as falas que seguem:

Eu concordo com esse marido. É isso que eu quero saber, tá errado? Você pediu água quente com limão! Eu não fiz faculdade de gastronomia, filha! Eu não... Eu não sei o que que você quer! Isso, pra mim, é água quente com limão! Não entendo essas pessoas mal agradecidas né, cara? O cara vai lá, faz o favor e ainda recebe essa... Que absurdo!

Mas eu confesso que eu sou que nem esse cara. Eu odeio arrumar a cama. Eu não entendo o propósito de arrumar a cama. Vocês sabem que eu defendo essa tese, assim... Tipo, se ninguém vai visitar o seu quarto, por que que ele tem que estar arrumado? A cama! Não tô falando, tipo... E também não tô falando pra deixar, assim, parecendo um ninho de capivara não! [...] Mas eu não entendo a cama ter que estar alinhadíssima! Tipo, perfeita! Sabe? Tipo... Com as pelúcias em cima. Com o lençol dobrado milimetricamente... Tipo, pra quê? Eu saio e boto o edredom de volta, assim, jogo e fica tranqüilão!

Porque o homem não se preocupa com climas! O homem olha assim: “Vai fazer frio ou calor? Lá é quente”. Só leva roupa quente. “Ah, lá é frio”. Só leva roupa fria. Se inverter, dane-se! Ele se vira com o que tem! A mulher se prepara bastante! Ela leva roupa pra todas as estações. [...] O meu realmente cabe numa sacola do Walmart mesmo.

E o nome do céu na Terra pros homens em loja feminina se chama... banquinho! Vocês não têm ideia da felicidade que é você estar carregando 8 bolsas em cada mão e você entra na loja e vê um banquinho. (HOMENS VS., 2019).

Os comentários falam do homem prático diante de uma mulher, aquela que quer a cama “alinhadíssima”, aquela que viaja e leva muitas bagagens para não faltar nada e aquela que faz muitas compras. Vale lembrar que esse perfil não pertence a todas as mulheres, mas o vídeo apresenta uma forma de ser mulher para as espectadoras, assim como inspira algumas atitudes aos espectadores. Ao concordar com as condutas contidas em algumas fotos, Felipe Neto

assume o enunciado da objetividade masculina se colocando nesse lugar. Ao reafirmá-lo, acaba sugerindo a concepção de que mulheres não são objetivas, pois indica uma oposição nos comportamentos, já que “o gênero é sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo, quer real ou imaginário, da feminilidade” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 265). Desse modo, o gênero contribui para uma hierarquização social, pois à medida que determinados comportamentos são associados a cada gênero podem ser mais ou menos valorizados socialmente, como ocorre com a objetividade atribuída à masculinidade. Isso mostra que

ser do gênero feminino ou do gênero masculino leva a perceber o mundo diferentemente, a estar no mundo de modos diferentes - e, em tudo isso, há diferenças quanto à distribuição de poder, o que vai significar que o gênero está implicado na concepção e na construção do poder. (LOURO, 1995, p. 106).

As imagens apontam essa oposição, principalmente a da cama, a das bagagens e a do banheiro (Figura 5), que, juntamente com as falas, valorizam a praticidade e a objetividade e atrelam essas características aos homens. Os artefatos culturais, de uma forma geral, apresentam pedagogias de gênero que ensinam sutilmente algumas condutas para a vivência de identidades masculinas e femininas, fazendo com que as atitudes sirvam para enquadrar os sujeitos em determinadas posições. Com isso, as relações de poder são disputadas discursivamente, pois, as questões de gênero são significadas de acordo com os enunciados em torno dos comportamentos dos indivíduos. Incorporar ou negar determinados discursos de gênero depende do lugar que cada um/uma acredita ocupar.

Apesar de se assumir como homem prático nas falas, Felipe Neto parece discordar de algumas atitudes apresentadas nas imagens, mostrando como os sujeitos transitam entre os enunciados que dizem das masculinidades. Isso retrata como “qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória” (CONNELL, 1995, p. 189), bem como as demais identidades que nos constituem, as masculinidades estão sempre em construção e negociação. Pelos comentários, é possível perceber que o *youtuber* não se reconhece nos comportamentos de todas as fotos:

Gente, a roupa pega fogo! A roupa queima! Mas isso é básico! Mas não é possível que você não pensou nisso, cara!

Mas você casou com um orangotango também né, filha? Como é que o cara bota a pizza [...], mas por que que tu vai botar assim na geladeira, cara? Vai ficar tudo ressecado, horrível!

Aqui, uma mulher, a esposa, pediu pro marido encher a fruteira. Sabe o que é fruteira, né? Aquela coisa que fica cheia de frutinha, bonitinha, em cima da mesa. Ai ele foi lá e encheu a fruteira... de bolinho. Isso é muito o Bruno né, cara? Isso é muito o Bruno! Pra que botar banana e laranja, se eu posso botar bolinho?

Olha, que safado! Ao invés dele pegar as coisas e secar ele botou um ventilador, mano! Isso não pode ser saudável, cara. Tá cheio de pó nesse ventilador! Esse ventilador é cheio de poeira, tu tá jogando um monte de poeira na louça!

Esse eu discordo, porque o meu estaria cheio também. Porque eu tenho um monte de coisa! Tenho um monte de coisa! Tenho negócio pra fazer a barba, tenho creminho pós-barba, entendeu? Tenho um monte de perfume, tenho um monte de desodorante... (HOMENS VS., 2019).

Ser prático não significa sempre fazer o que é mais fácil. Colocar a roupa no micro-ondas, guardar pizza sem proteção, secar louças com ventilador ou ter poucos cosméticos podem ser consideradas coisas práticas, mas são alvo de críticas do *youtuber*, que ressalta as consequências delas. Ele aponta uma praticidade que não reflete sobre seus efeitos, colocando-a em oposição a uma masculinidade inteligente, que pensa antes de agir. Isso mostra que há limites para a objetividade. Felipe Neto também escapa da praticidade quando o assunto são os cosméticos e assume utilizar vários produtos, se aproximando do que seria o universo feminino, de acordo com o que sugere a imagem dos armários de banheiro.

Ou seja, apesar do título do vídeo sugerir um antagonismo entre homem e mulher e reafirmar esse binarismo em muitos momentos, é possível questionar a polarização. Pensar que não há uma unidade dentro de cada um desses polos e nem uma oposição rígida entre eles. Podemos problematizar “a constituição de cada pólo, demonstrando que cada um na verdade supõe e contém o outro, evidenciando que cada pólo não é uno, mas plural, mostrando que cada pólo é, internamente, fraturado e dividido” (LOURO, 2003, p. 31). Pois, não há homogeneidade em ser homem ou mulher, já que existem formas diversas de viver essas identidades. Para Joan Scott (1995, p. 93, grifos do autor),

“homem” e “mulher” são, ao mesmo tempo, categorias vazias e transbordantes. Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quanto parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas.

Quando Felipe Neto se coloca ao mesmo tempo dentro e fora do discurso do homem prático, ele demonstra o caráter heterogêneo dos rótulos relacionados às identidades de gênero.

Ainda que seja homem e em alguns momentos concorde com a objetividade masculina, em outros ele discorda, revelando o caráter de negociação no processo de construção das masculinidades.

O *youtuber* termina a produção falando que “*esse foi um vídeo de clichês*” e que, para ele, “*nada disso é verdade. O mundo é muito mais do que só essa... Essa coisa do homem e mulher serem assim e “assado”. Isso é tudo bobagem, mas a gente faz piada, a gente se diverte!*” (HOMENS VS., 2019). Apesar de demonstrar através das imagens uma oposição entre homens e mulheres, ele diz que nada disso é verdade, mas faz piada. Dessa forma, parece desconsiderar que as piadas também educam e que fortalecem o jogo de oposição que ele diz não existir, é como se ‘a verdade’ estivesse somente nos momentos em que ele fala ‘sério’.

4.1.4 “Virei *drag* e o povo surtou”: a *drag queen* e o homem que se veste de mulher

Drag queens é o nome dado a personagens performáticas, geralmente incorporadas por homens que se ‘montam’ criando figuras que chamam a atenção. A chamada ‘montaria’ é o processo de transformação do corpo masculino, com roupas, maquiagem, perucas e outros artificios. Embora haja muitas variações como representação de “aliens” ou animais, o estilo mais comum é aquele que faz uma caricatura do feminino criando um corpo que mistura características femininas e masculinas, muitas vezes borrando os enquadramentos de gênero. Como nos dizem Maria Teresa Chidiac e Leandro Oltramari (2004, p. 471): “ser *drag* associa-se ao trabalho artístico, pois há a elaboração de uma personagem. A elaboração caricata e luxuosa de um corpo feminino é expressa através de artes performáticas como a dança, a dublagem e a encenação de pequenas peças”. Assim, diferente das pessoas trans, que não se reconhecem com o gênero correspondente ao sexo biológico atribuído no nascimento, a *drag* não pretende viver como uma mulher no dia a dia. Para Guacira Louro (2004, p. 85) a *drag*

fabrica seu corpo; ela intervém, esconde, agrega, expõe. Deliberadamente, realiza todos esses atos não porque pretenda se fazer passar por uma mulher. Seu propósito não é esse; ela não quer ser confundida ou tomada por uma mulher. A *drag* propositalmente exagera os traços convencionais do feminino, exorbita e acentua marcas corporais, comportamentos, atitudes vestimentas, culturalmente identificadas como femininas. O que faz pode ser compreendido como uma paródia de gênero: ela imita e exagera, aproxima-se, legítima e, ao mesmo tempo, subverte o sujeito que copia.

Por isso, a figura da *drag queen* está intimamente relacionada com as discussões de gênero. Seu processo de construção ressalta o caráter artificial e imitativo das identidades de gênero que nem sempre seguem a coerência esperada entre sexo, gênero, prática sexual e desejo (BUTLER, 2000). As *drags* rompem essa coerência ao apresentarem características que não condizem com o que se espera socialmente de um corpo biologicamente macho. Além disso, apresentam características dos gêneros masculino e feminino no mesmo corpo. Ao subverter as normas de inteligibilidade de gênero, que pressupõem a coesão entre corpo e gênero, a figura da *drag queen* mostra que as identidades de gênero não são fixas e naturais (BUTLER, 2000). Tudo isso, às vezes, causa estranhamento e gera questionamentos, preconceitos e discriminação dessas pessoas. O Canal Felipe Neto apresentou um vídeo sobre o tema que gerou muitas reações.

Postado no dia 8 de maio de 2018, o vídeo “Pablo Vittar me transformou em *drag queen!*” (2018), mostra a cantora *drag* Pablo Vittar maquiando e “montando” Felipe Neto como *drag queen* para uma participação no programa de TV dela⁷⁰. As reações foram tantas⁷¹ que o influenciador fez um vídeo intitulado “Virei *drag* e o povo surtou!” (2018), em que fala sobre os comentários das pessoas a respeito da produção anterior. Diferente da maioria das produções que são classificadas como divertidas pelo produtor, essa ganhou a denominação de vídeo sério. Antes de iniciar a leitura de comentários, ele atualiza o/a espectador/a sobre o vídeo em que se montou de *drag queen* e faz a seguinte fala:

antes de decidir ir pra frente com essa ideia de fazer uma drag, né? De incorporar uma drag queen, eu conversei com pessoas ao meu redor e muitas delas foram contra. Elas falaram pra mim “Felipe, você tem que ter cuidado porque a família brasileira, eles vão ficar inconformados com você vestido de mulher, entendeu? Então você vai receber muito ódio e os pais vão ficar também irritados de você mostrar isso para as crianças”. Então não foi nenhuma novidade ver a repercussão que isso causou, mas ao mesmo tempo a gente fica chocado em saber que a gente vive numa sociedade tão preconceituosa. E o motivo de eu ter decidido de fato fazer, mesmo sabendo que eu ia receber o ódio gratuito, que iam ter pessoas completamente descerebradas me xingando e me criticando, eu decidi fazer mesmo assim. Porque eu prefiro viver num mundo onde eu, pelo menos, faça a minha parte. O que é a minha parte? Sou eu como privilegiado total, porque eu sou o homem, branco e hétero, pelo menos escutando e

⁷⁰A cantora possui um programa na Multishow chamado “Prazer, Pablo Vittar”. Disponível em: <https://globosatplay.globo.com/assistir/multishow/prazer-pablo-vittar/v/7541201>. Acesso em: 1 abr. 2020.

⁷¹Comparado com os vídeos selecionados para este trabalho, ele teve o segundo maior número de descurtidas (50 mil) e de comentários (62.039), perdendo apenas para o vídeo “Felipe Neto e Marco Feliciano - debate [+13]” (95 mil descurtidas e 156.886 comentários) até o dia 6 de abril de 2020.

tentando entender o lado das pessoas que sofrem preconceito, porque eu não sofro. Então poder personificar isso e mostrar para as pessoas que uma drag queen não tem NADA de anormal, não tem NADA de errado, eu sinto estar fazendo pelo menos a minha parte para colaborar por um mundo melhor. Então, eu prefiro viver no mundo onde alguns pais ou filhos ou etc. me xingam, mas pelo menos muitos outros possam enxergar isso e falar “olha só não tem nada de mais”. (VIREI, 2018, grifos do autor).

Nessa fala, Felipe Neto assume-se como privilegiado na sociedade por ser homem, branco, heterossexual, cisgênero, rico e famoso, e ressalta a relevância da sua posição como influenciador digital. Se coloca como alguém capaz de fazer o/a espectador/a repensar suas concepções, demonstrando que há pessoas que consideram seus vídeos materiais educativos. Ao expressar porque fez o vídeo, diz que quer tentar entender o preconceito sofrido pelas *drags*. E fala que ao ‘personificar’ a figura da *drag queen* quer mostrar ao seu público que não há nada de anormal. Porém, é importante lembrar que personificar uma *drag* vai muito além de se vestir como mulher, pois essa é uma figura que tem caráter crítico e subversivo, que

perambulando por um território inabitável, confundindo e tumultuando, sua figura passa a indicar que a fronteira está muito perto e que pode ser visitada a qualquer momento. Ela assume a transitoriedade, ela se satisfaz com as justaposições inesperadas e com as misturas. A *drag* é mais de um. Mais de uma identidade, mais de um gênero, propositalmente ambígua em sua sexualidade e em seus afetos. Feita deliberadamente de excessos, ela encarna a proliferação e vive à deriva, como um viajante pós-moderno. (LOURO, 2004, p. 20-21).

A arte *drag* não consiste apenas em colocar roupas e maquiagens, mas na construção de uma persona, um conjunto de elementos físicos, emocionais, psicológicos e artísticos que dizem de um sujeito pensado, que contesta os padrões sociais de gênero. Apesar do vídeo “Pablo Vittar me transformou em *drag queen!*” mostrar o Felipe Neto sendo ‘montado’, questões de gênero, preconceito e esclarecimentos sobre a arte *drag* como movimento crítico não foram explorados. Com isso, a produção deixa margem para a ideia de que ser *drag queen* é só um homem se vestir de mulher, inclusive porque durante o vídeo ele fala sobre como é difícil ser mulher, reclamando do salto, dos cabelos compridos e da maquiagem. Entretanto, mesmo sem falar explicitamente dessas questões, o fato do *youtuber* trazer uma *drag* para o canal e aparecer ‘montado’ diz algo sobre gênero e isso gerou reações de expectadores/as.

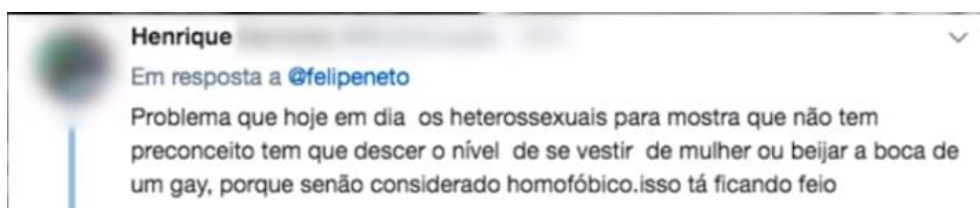
O comentário também mostra a insegurança de pessoas ao redor do *vlogger* com relação a possíveis retornos do público ao vê-lo vestido de mulher. Isso diz do nosso atual contexto, em

que muitos grupos políticos e religiosos têm se manifestado contra discussões de gênero em espaços públicos. Como pessoas que se identificam com esses grupos reagiriam a um influenciador com milhões de seguidores dando visibilidade a *drag*, que é uma questão de gênero? Que consequências o vídeo poderia ter para o canal?

Não foi à toa que surgiu “Virei *drag* e o povo surtou!” (2018). O incômodo de muitas pessoas fica evidente nessa produção, que mostra comentários com críticas ao vídeo em que o *youtuber* apareceu vestido como *drag* junto à Pablllo Vittar. Inclusive, ele relata ter perdido seguidores/as depois da postagem. Contudo, nas suas palavras: “não fez nenhum mal, naquele dia ao invés de ganhar 30 mil inscritos eu ganhei 20 mil inscritos, então, assim, dane-se! É, mas mostra que pessoas de fato se desinscreveram por causa disso” (VIREI, 2018).

Apesar de saber do risco de perder mais inscritos/as, Felipe Neto expressa sua indignação e revela que ficou chocado com a repercussão negativa que representa o preconceito. Em seguida, exhibe alguns comentários e reage a eles, expondo suas concepções. Um deles é o seguinte:

Figura 6 - Printscreen de comentário exibido no vídeo “Virei drag e o povo surtou!”



Fonte: Canal Felipe Neto (2018).

Felipe Neto lê o comentário com voz histérica, balançando as mãos para cima e para baixo e pergunta: “Henrique, que boca de *gay* que você beijou para provar que não era preconceituoso?” E continua com tom de deboche, colocando efeito sonoro na voz quando representa as falas que atribui ao Henrique:

Tá parecendo um pouco desculpa Henrique. Henriiiiiiiique! Eu tô achando que o Henrique foi numa balada, bebeu umas há mais, pegou um cara e aí começou a falar pra todo mundo: “não, olha só, eu só beijei ele para mostrar que eu não tenho preconceito tá gente? Porque hoje em dia os heterossexuais têm que beijar alguém provar que não tem preconceito é muito difícil viver assim, tá! Eu não sou gay tá?” [a imagem fica em preto e branco e Felipe age como se fosse outra pessoa falando, modifica a voz e a expressão facial, faz gestos com o dedo indicador como se falasse com alguém fora da câmera, demonstrando

expressão de sofrimento]. Henriiiiiiiique! Huuuuuum! [Efeito da câmera que distorce o rosto de Felipe Neto]. (VREI, 2018, grifo meu).

Logo após a fala em tom de ironia, as cores da imagem voltam ao normal e o produtor retoma o lugar de fala, olhando para câmera, como quem vai falar sério, e diz:

é muito bom isso né mano, porque tem heterossexual que de fato acha que é ELE que sofre. Mano, os gays são espancados, humilhados, são chacota, todo mundo ainda usa viado como xingamento, são expulsos de casa, sofrem em tudo o que é lugar onde passam, sofrem bullying na escola..., mas os hêteros ainda têm a pachorra de achar que são eles que sofrem genteee... Porque eles não podem mais ser homofóbicos, olha que sofrimento meu Deus! [Tom irônico]. (VREI, 2018, grifo meu).

O comentário de Henrique apresenta um tom pejorativo quando diz que um homem se vestir de mulher ou beijar um *gay* seria “descer ao nível”, como se ser cisgênero e heterossexual estivesse em um nível acima. Além disso, demonstra ignorar as discussões sobre respeito a diversidade sexual e de gênero, pois não é beijando *gay* ou se vestindo de mulher que um homem heterossexual prova não ser homofóbico, mas sim respeitando a diversidade.

A resposta de Felipe Neto demonstra uma discordância ao comentário feito por Henrique. Primeiramente, ele usa um tom de sátira, insinuando que o comentarista bebeu muito, ficou com um cara e começou a dizer que teve que fazer isso para provar que não é homofóbico. É presumível que essa insinuação seja considerada insultuosa e vergonhosa para uma pessoa que tece falas como a de Henrique. A estratégia de usar a humilhação ajuda a desqualificar o comentário aos olhos de quem concordaria com ele. Em seguida, o *youtuber* passa uma mensagem para quem está assistindo. Chama a atenção para a violência sofrida por *gays* e crítica enunciados que dão a entender que heterossexuais precisam fazer o que homossexuais fazem para provar que não têm preconceito. A ironia e o tom de humor ao responder à crítica permitem que o *vlogger* transmita a mensagem que deseja como se estivesse “brincando”. Demonstrando, assim, que seus vídeos são artefatos repletos de pedagogias culturais, capazes de convencer e educar.

Outro recurso presente nos vídeos é utilizar situações do cotidiano para dar veracidade às concepções defendidas. Isso pode ser visto quando Felipe Neto responde ao seguinte comentário:

Figura 7 - Printscreen de comentário exibido no vídeo “Virei drag e o povo surtou!”

marcela | @Agora
 que não deixo meu filho ver vc
 mais! Vcs são ídolos para
 nossos filhos. E se vestir assim
 é o mesmo que fizer pra eles
 fazerem tb. Horrível

Olha Marcela. Eu fico muito triste de você achar que seu filho vendo um homem vestido de mulher vai querer fazer também. Eu cresci vendo Vovó Mafalda, eu cresci vendo Vera Verão, eu cresci vendo Os Trapalhões várias vezes se vestindo de mulher, eu cresci vendo Hermes e Renato se vestindo de mulher, eu cresci vendo Monty Python também se vestindo de mulher, um dos meus filmes favoritos quando era criança era uma babá quase perfeita, que era um homem vestido de mulher, eu cresci vendo meu pai sair no bloco de carnaval vestido de mulher e me vestindo também. E nunca em toda a minha vida eu senti vontade de me vestir como mulher. Como é que pode né gente? E mesmo se tivesse sentido vontade de me vestir como mulher, tivesse virado pra minha mãe pedindo para ela me emprestar um vestido, obviamente minha mãe teria emprestado um para eu usar e ver como é que ficava. Qual seria o problema?. (VIREI, 2018).

A fala dá exemplos de situações em que homens aparecerem vestidos de mulher na mídia. Na maioria dos casos isso acontece em situações de humor e não há movimentos contra eles dizendo que influenciam as crianças a se vestirem também. Por que o vídeo de Felipe Neto despertou essa questão? Que diferenças os exemplos citados têm do vídeo postado no canal? Até que ponto o fato de uma *drag* aparecer junto com ele não contribuiu para o “incômodo”? Será que se o produtor estivesse sozinho, se maquiasse e colocasse roupas ditas femininas as reações seriam as mesmas?

Não temos como saber exatamente as respostas para as questões, mas podemos pensar sobre elas. Diferente de personagens que simplesmente participam de programas humorísticos, Pablio Vittar é uma *drag queen* que fala publicamente sobre gênero, sexualidade, preconceitos, etc., saindo do lugar puramente humorístico e levando algumas discussões políticas para a mídia. Ademais, ao se ‘montar’ fica com um corpo muito próximo ao feminino, chegando a ser nomeada como transexual por algumas pessoas, o que é negado pela mesma, que se denomina “um menino gay, que faz *drag* e se relaciona com homens gays”⁷². Sabemos que historicamente coisas consideradas do universo feminino são menos valorizadas. No caso de homens que

⁷²Entrevista disponível em: <https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Must-Share/noticia/2017/08/pablio-vittar-sou-um-menino-gay-nao-sou-trans-e-nao-faria-cirurgia-de-redesignacao-sexual.html>. Acesso em: 15 jun. 2020.

rompem com os padrões de gênero, quanto mais se aproximam do feminino mais geram incômodo e são discriminados. Segundo Daniel Borrillo (2010, p. 88, grifos do autor),

em uma sociedade androcêntrica como a nossa, os valores apreciados de forma especial são os masculinos; neste caso, sua “traição” só pode desencadear as mais severas condenações. Portanto, o cúmulo da falta de virilidade consiste em assemelhar-se à feminilidade, “disfarçar-se de drag-queen”, “assumir traços femininos”, “maquiar-se para frequentar casas noturnas” ou “falar com uma vozinha aguda e efeminada”.

Pablo Vittar apresenta essas características e é alvo constante de críticas e *haters*⁷³. Sua presença no vídeo é muito significativa, pois sua figura tem uma simbologia na nossa sociedade. Não é uma *drag queen* que aparece na mídia como objeto de humor e não é levada a sério. Ao mostrar o corpo de um homem, cisgênero, heterossexual e famoso sendo transformado com aparatos considerados femininos pela cantora *drag*, a produção de alguma forma exhibe a artificialidade dos gêneros e apresenta a possibilidade de ‘montar’ um corpo feminino (BUTLER, 2000). Como o vídeo reúne duas personalidades de expressão na sociedade, que têm muita visibilidade, a preocupação de que possam influenciar espectadores/as aumenta. Mas, por que há uma inquietação com o fato de um homem aparecer vestido mulher? Como o *youtuber* questiona, por que isso seria um problema?

O medo não é da roupa, mas da representação ou da interpretação que isso pode ter. Uma figura masculina com roupas ditas femininas aciona diferentes significados dependendo do contexto. A forma como é vista em blocos de carnaval, onde passa uma ideia de “brincadeira” e deboche ao feminino, é diferente de uma pessoa transgênero, que diz de um modo de estar no mundo. O “problema” não estaria em simplesmente vestir uma “roupa de mulher” para ver como é. O que incomoda algumas pessoas é o fato de um homem se aproximar do universo feminino e o medo disso “afetar” a sua masculinidade. Há um temor da homossexualidade, como se a proximidade com coisas consideradas femininas pudesse acometer a sexualidade de um homem heterossexual. A expectativa de que haja um alinhamento entre sexo, gênero e desejo gera a associação e o embaralhamento entre gênero e sexualidade. Para Deborah Britzman (1996, p. 76, grifos da autora),

⁷³De acordo com o dicionário informal *hater* é uma palavra inglesa que significa “odiador”. Tornou-se gíria de internet exprimindo a conotação de alguém que sente ódio a outrem sem justo motivo, coerência e de forma desproporcional. Geralmente vem de forma persistente e gratuita. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/hater/#:~:text=Hater,-Significado%20de%20Hater&text=Palavra%20inglesa%20que%20significa%20%22odiador,de%20forma%20p%20ersistente%20e%20gratuita>. Acesso em: 15 jun. 2020.

essa confusão entre gênero e sexualidade parece ser mais notada quando, por qualquer razão, certos corpos não podem ser facilmente “lidos” e fixado como mais uma confirmação dos discursos da universalidade e da natureza. Estou chamando atenção, aqui, para aqueles corpos que são vistos como cometendo uma traição à “naturalidade” e, portanto, à normalidade do gênero e do sexo.

Um corpo masculino, ao se apresentar com características consideradas femininas, dificulta o enquadramento e rompe com a coerência esperada entre gênero e desejo sexual. Às vezes, isso acarreta uma associação com a homossexualidade por algumas pessoas. Porém, não é qualquer corpo masculino com acessórios ditos femininos que são associados à homossexualidade, pois os corpos são enquadrados dentro do seu contexto. Felipe Neto fala de homens que se vestem de mulher no carnaval, mas discriminam *drag queens*, travestis e homossexuais:

A galera gosta muito de criticar, mas no carnaval gosta de soltar a franga. É muito engraçado ver isso acontecendo na “família tradicional brasileira” né? [faz sinal de aspas com as mãos e muda o tom de voz]. Às vezes o cara tem tanto aquilo enrustido nele, a vontade, de fato, de botar pra fora, a vontade de ter contato com seu lado feminino, a vontade, de fato, explorar a curiosidade, que ele extrapola no carnaval. Aí ele vai lá, bota roupa de mulher, fica fazendo poses. O que o que é isso? O que que é isso senão vontade de se expressar dessa maneira? E muitas das vezes é o mesmo cara que no dia seguinte está falando mal de drag queens, de travestis, tá xingando homossexual. (VIREI, 2018, grifo do autor).

Essa é uma situação que acontece em nossa sociedade. Em determinadas ocasiões o vestir-se de mulher e comportar-se como tal é “permitido”, pois se apresenta como uma sátira de mulheres e homossexuais. Isso me leva a questionar: por que *drag queens*, travestis, transgêneros..., às vezes incomodam o cara que sai vestido de mulher no carnaval? E ainda, se o *youtuber* tivesse feito um vídeo sozinho, caracterizado com acessórios femininos, representando trejeitos relacionados a sujeitos homossexuais e fazendo piadas com isso, será que a repercussão da produção seria diferente? Que discursos são aceitos com relação a um corpo masculino que se distancia dos padrões de gênero? Como os contextos modificam os discursos sobre esses corpos?

Ainda nesse trecho, Felipe Neto comenta sobre homens que apresentam uma “*vontade de ter contato com seu lado feminino*”. Segundo Richard Miskolci (2012, p. 31),

o masculino e o feminino estão em homens e mulheres, nos dois. Cada um de nós – homem ou mulher – tem gestuais, formas de fazer e de pensar que a

sociedade pode classificar como masculinos ou femininos independente do nosso sexo biológico. No fundo, o gênero é relacionado a normas e convenções culturais que variam no tempo e de sociedade para sociedade.

Essa vontade ou curiosidade em explorar “o outro lado” não afeta a orientação sexual do indivíduo, pois não há uma relação direta e natural entre as duas coisas. Como nos diz o autor, as normas de gênero são definidas culturalmente. Isso não significa que todos os sujeitos vão segui-las, menos ainda que aqueles/as que se afastam dessas normas necessariamente também rompem com padrões de sexualidade. Nessa linha, o *vlogger* defende a concepção de que “ninguém vai virar uma drag queen, ninguém vai virar um gay, ninguém vai virar uma travesti porque quis botar um vestido, quis ver o que era botar uma peruca” (VIREI, 2018). Para fortalecer a sua afirmação, ele desafia as pessoas que são contra a apresentarem evidências científicas:

Eu gostaria que vocês me apresentassem qualquer estudo psiquiátrico ou psicológico da história da humanidade, que mostre qualquer influência que um homem vestido de mulher pode causar na infância ou na juventude. Qualquer estudo. Eu desafio qualquer um de vocês, qualquer estudo. Eu quero entender essa preocupação de meia dúzia de pais que não entendem bosta nenhuma de educação questionando o filho ver um homem vestido de mulher, um recurso que é utilizado em shows, em humor, em tudo no entretenimento há séculos, literalmente há séculos. Mais uma vez essa ideia distorcida e imbecil de que alguém pode se tornar gay pelas influências que estão ao seu redor. As pessoas continuam com esse pensamento idiota de que uma pessoa vai ser gay porque está vendo outros gays. Ou que a pessoa vai querer se vestir de mulher porque está vendo as pessoas vestidas mulher. Se esse fosse o caso, ó mãe, o seu filho ia querer se vestir de mulher porque ele te vê vestida de mulher todo dia. E o teu filho seria hétero porque te vê beijando o pai dele todo dia. Quase todos os homossexuais da história do mundo foram criados por pais heterossexuais. Se fosse de fato a influência que faz alguém ser gay ou hétero, era para todo gay ser hétero, porque eles viam seus pais juntos todo dia, o tempo inteiro. Não há qualquer relação entre influência externa e homossexualidade, nenhuma relação. E mais uma vez eu desafio vocês que me mostrem qualquer estudo que prova o contrário. Qualquer estudo documentado, um artigo científico que mostre a relevância da influência externa na sexualidade de alguém. Mostra! Não têm! Então estuda meu filho, estuda minha filha antes falar bobagem. (VIREI, 2018).

Essa fala tem alguns pontos a serem problematizados. O primeiro deles é que Felipe Neto questiona a preocupação de pais/mães por seus filhos verem homens vestidos de mulher,

um recurso usado em shows de humor. Porém, o vídeo questionado não mostrou somente um indivíduo masculino com roupas femininas fazendo graça para os/as espectadores. Embora o *youtuber* tenha se caracterizado de mulher sem discutir de modo explícito questões de gênero, ele apareceu ao lado de uma *drag queen* que carrega em sua figura midiática um histórico de representação do público LGBTQI+. A Pablllo Vittar não simboliza só um corpo caracterizado, sua imagem tem um aspecto político que representa e constrói uma série de discursos (FERRARI; CASTRO, 2012), trazê-la para o canal pode dar visibilidade e apoio a eles. Fatos como a Pablllo Vittar aparecer na mídia como referência positiva, ou o Felipe Neto manifestar apoio às pessoas LGBTQI+ não fazem com que alguém “vire” LGBTQI+. Mas contribuem com a constituição dos sujeitos e influenciam em sua forma de pensar, agir e se posicionar diante das diversas formas de vivenciar as identidades de gênero e sexuais.

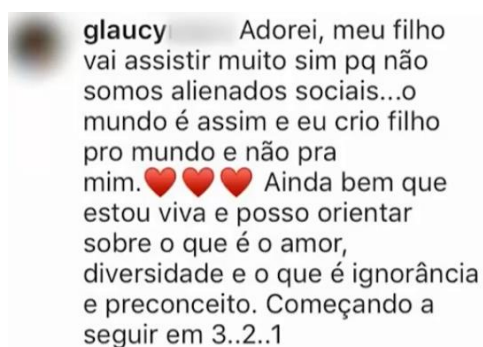
Não tenho a pretensão de apontar o que leva uma pessoa a ser *gay*, ou um homem a se vestir de mulher, pois “da mesma forma que, por muitas e contraditórias razões, não faz sentido discutir o que ‘causa’ a heterossexualidade, também não faz nenhum sentido - nem mesmo como um projeto político - discutir as ‘causas’ da homossexualidade” (BRITZMAN, 1996, p. 74, grifos da autora). Trabalho numa perspectiva que considera as identidades sexuais e de gênero como construções históricas, sociais e culturais. Identidades, que não são fixas, que estão sempre em reconstrução, podendo ser instáveis e/ou contraditórias. Que são constantemente “rearranjada[s], desestabilizada[s] e desfeita[s] pelas complexidades da experiência vivida, pela cultura popular, pelo conhecimento escolar e pelas múltiplas e mutáveis histórias de marcadores sociais como gênero, raça, geração, nacionalidade, aparência física” (BRITZMAN, 1996, p. 74). Por isso, discordo da afirmação de que não há qualquer relação entre fatores externos ao sujeito e a construção de suas identidades sexuais e de gênero, pois tal alegação pode sugerir que as identidades nascem com o indivíduo e são estáticas.

Outra questão que merece ser problematizada é o desafio lançado para que as pessoas apresentem estudos científicos caso queiram contestar o influenciador. Tal desafio mostra o peso que ele confere a discursos científicos, permitindo-se ser contrariado apenas por argumentos da ciência, como se eles fossem neutros e neles existissem a única verdade sobre os fatos. Para Roberto Machado (2012, p. 13), “a ciência é um discurso que tem pretensão de verdade”. Porém, a ciência é plural e “não reproduz uma verdade; cada ciência produz sua verdade. Não existem critérios universais ou exteriores para julgar a verdade de uma ciência (MACHADO, 2012, p. 15). Além disso, o saber não vem somente do que é considerado ciência, segundo Michel Foucault (2008, p. 205), “há saberes que são independentes das ciências. [...] O saber não está contido somente em demonstrações; pode estar também em ficções, reflexões,

narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas”. Destarte, é preciso desconstruir a ideia de que existe uma verdade sobre os fatos e que a ciência é responsável por essa verdade.

Em meio a muitas críticas, o *vlogger* afirma que também recebeu muito carinho e elogios, ele apresenta o seguinte post de apoio:

Figura 8 - Printscreen de comentário exibido no vídeo “Virei drag e o povo surtou!”



Fonte: Canal Felipe Neto (2018).

A fala de Glaucy mostra que algumas famílias também assistem aos vídeos. Ao comentar o *post*, o influenciador se dirige a elas, dizendo que devem se envolver no processo educacional relacionado às questões de gênero e sexualidade:

Muita gente acha que a melhor maneira de você impedir que seu filho seja homossexual, ou uma drag queen, ou se torne travesti ou transexual é fazer com que ele não saiba que essas coisas existem, esse é o recurso educacional de muitos pais. [...] Conclusão: muitos pré-adolescentes chegam a pré-adolescência sem nem saber o que é ser homossexual, ser transexual, ser drag queen qualquer coisa do gênero. A pessoa entra na puberdade completamente sem ter noção do que acontece, o que causa muito mais problemas na hora dela realmente tentar compreender o mundo. Então parem de esconder dos seus filhos o que é sexualidade, o que é de fato uma drag queen ou uma travesti. Na idade em que tem que aprender sobre isso, na idade em que você se sente confortável de ensinar seus filhos sobre a diferença, sobre os seres humanos, explica o que é. Ensina teu filho. Educa teu filho. Ensina a ele principalmente a amar. A amar o diferente. A amar aquela pessoa que ela olha e fala “nossa, mas porque está fazendo aquilo?”. Ensina seu filho a ser tolerante porque aí você vai tá criando uma pessoa decente no mundo, não outro paspálio, idiota, que xinga os outros o tempo inteiro. (VIREI, 2018, grifo do autor).

Ao falar de pessoas que tentam esconder as discussões de gênero e sexualidade dos filhos, Felipe Neto se refere a uma parcela da sociedade que apresenta uma ideologia

conservadora. Atualmente, alguns grupos, geralmente relacionados com setores religiosos, defendem que as questões de gênero e sexualidade não devem ser abordadas em espaços públicos como na escola e na mídia. Na maioria das vezes, são pessoas que não aceitam a diversidade sexual e de gênero e, por isso, preferem evitar que as crianças e jovens sejam informadas sobre isso. Mas, será que no contexto atual seria possível esconder essa diversidade? Quais as consequências dessa falta de informação?

Vivemos em um mundo heterogêneo, não há como ignorar as diferenças. Tentar impedir que questões de gênero e sexualidade sejam abordadas na escola ou na mídia não evita que crianças e jovens percebam as diferenças que existem entre os sujeitos.

Mesmo quando explicitamente ignorado e reprimido, a volta do outro, do diferente, é inevitável, explodindo em conflitos, confrontos, hostilidades e até mesmo violência. O reprimido tende a voltar - reforçado e multiplicado. E o problema é que esse “outro”, numa sociedade em que a identidade torna-se, cada vez mais, difusa e descentrada, expressa-se por meio de muitas dimensões. O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente. (SILVA, 2000, p. 97, grifo do autor).

Infelizmente, às vezes, essa percepção do diferente vem desacompanhada de discussões, ou pior, vem acompanhada de uma visão unilateral e discriminatória. O *youtuber* aponta que podem acontecer problemas na puberdade, que, em geral, é considerada como um processo de amadurecimento físico, psicológico e social. Porém, ao longo da vida, não só na puberdade, as diferenças são muito importantes na formação das identidades. Para Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 75), identidade e diferença são inseparáveis e uma depende da outra. Estamos em contato com demais pessoas o tempo todo e isso nos faz olhar para nós mesmos/as, o outro contribui com nosso processo de constituição. Estabelecemos uma autoimagem a partir do que vemos nos sujeitos que estão a nossa volta, seja por identificação ou negação. Na medida em que vemos o outro estabelecemos o que somos e o que não somos.

Nessa perspectiva, “a identidade e a diferença têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa atribuição (SILVA, 2000, p. 96). Por isso, alguns segmentos tentam controlar as imagens e discussões a respeito de determinadas identidades, sobre as quais disseminam discursos discriminatórios. O medo de que elas se tornem referência na constituição de crianças e jovens está relacionado ao receio de perder a hegemonia das identidades privilegiadas. Por isso, vemos um jogo de poder com relação aos discursos de gênero e sexualidade, que estão sempre em disputa entre aqueles/as que são a favor da diversidade e aqueles/as que buscam manter *status quo* das identidades padronizadas.

O *youtuber* entra nessa disputa demarcando seu ponto de vista favorável à diversidade em vários vídeos no canal, em alguns momentos, demonstra perceber que suas palavras podem inspirar muitos/as espectadores/as. No trecho acima, faz uma fala direcionada aos familiares, convocando-os a ensinar sobre o amor ao diferente. Endereçar essa fala às famílias é dizer o quanto elas podem influenciar na educação dos/as filhos/as, mas ao mesmo tempo, acreditar que o vídeo mexe com a subjetividade desses familiares, sendo capaz de convocá-los a uma mudança de postura em relação às questões de gênero e sexualidade. Além disso, embora a fala seja endereçada para as famílias, ela pode atingir a jovens e crianças fãs do canal, pois quem gostará de ser aquele/a a quem o Felipe Neto chama de “paspálio, idiota, que xinga os outros o tempo inteiro”?

Como nos diz Elizabeth Ellsworth (2001, p. 16), um filme é composto “de uma estrutura de endereçamento que está voltada para um público determinado e imaginado”. Porém, a autora afirma também, que esse endereçamento não é visível e nem sempre atinge ao público-alvo. Não é possível apontar qual espectador/a o produtor esperava atingir com o vídeo “Pabllo Vittar me transformou em *drag queen!*” (2018), o fato é que a produção teve grande número de visualizações, interações e críticas. A partir delas foi possível perceber que o vídeo não foi assistido somente pelos/as fãs do canal, mas também por pessoas que o desaprovam. Tanto que, no vídeo de resposta, o influenciador parece falar com quem geralmente não faz parte do seu público, endereçando suas palavras, especialmente àqueles/as que criticaram seu trabalho anterior, mas sem deixar de lado as pedagogias que costuma utilizar em suas produções.

Diversos enunciados sobre gênero, sexualidade, homens e *drag queens* compõem o vídeo “Virei *drag* e o povo surtou!” (2018). Quando Felipe Neto faz uma parceria com uma cantora *drag* que defende a causa LGBTQI+, trazendo-a para o seu canal e participando do programa dela, faz um vídeo onde é ‘montado’ e depois rebate críticas feitas a essa atitude, ele tem intenções. Entre elas expor seu posicionamento sobre a questão, usar sua popularidade para defender o que acredita, dar visibilidade ao assunto e fazer o público pensar e discutir. Dessa forma, ele usa de pedagogias culturais para ensinar, demonstrando compreender que tem nas mãos um importante artefato educativo e a magnitude de sua influência.

4.1.5 “É difícil ser mulher”: a mulher que sofre

Em diversos vídeos do canal Felipe Neto, podemos ver coisas sobre mulheres. A ideia de que elas sofrem e que é difícil ser mulher está presente em muitos deles. Em “Como homens

funcionam - pais e filhos!” (2019), ao ver a imagem de uma menina empurrando o pai em um carrinho de compras, o *youtuber* diz:

É menina, então tá errado. Mas se eu tiver um menino eu acho que eu vou ser desses. Ele é jovem! Jovem! Empurra aí, mano! Não tem que se exercitar pra poder crescer saudável? Então! [...] “Ah Felipe, mas por que que você falou que se fosse menina não faria?”. É pra consertar o patriarcado! Entendeu? Se for moleque a gente bota pra trabalhar. Bota pra empurrar! A menina não, porque ela já vai sofrer muito por ser mulher nesse mundo machista do inferno!. (COMO, 2019, grifo do autor).

Figura 9 - Printscreen de imagem exibida no vídeo “Como homens funcionam - pais e filhos!”



Fonte: Canal Felipe Neto (2019).

É possível ver uma diferenciação na forma de lidar com meninos e meninas, o que parece corroborar a concepção de que homem é forte e mulher é frágil e, por isso, deve ser poupada de atividades ligadas a força física. Essa visão baseia-se na crença de que os comportamentos são determinados somente por características biológicas, como se o corpo definisse uma verdade sobre as identidades de gênero. Porém, segundo Guacira Louro (2018, p. 16, grifo da autora),

os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados. Talvez devêssemos nos perguntar, antes de tudo, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma “marca” definidora da identidade; perguntar, também, quais os significados que, nesse momento e nessa cultura, estão sendo atribuídos a tal marca ou a tal aparência. Pode ocorrer, além disso, que os desejos e as necessidades que alguém experimenta estejam em discordância com a aparência de seu corpo. Weeks (1995) lembra que o corpo é inconstante, que suas necessidades e desejos mudam. O corpo se altera com a passagem do tempo, com a doença,

com mudanças de hábitos alimentares e de vida, com possibilidades distintas de prazer ou com novas formas de intervenção médica e tecnológica.

Assim sendo, nem todo corpo masculino possui grande força física e nem todo o corpo feminino é frágil como dizem os enunciados que circulam em nossa sociedade. Essa ideia faz parte de um discurso de gênero que hierarquiza as identidades, considerando o masculino superior ao feminino. Inclusive, o principal motivo para a diferenciação expressa na fala do *vlogger* também tem a ver com isso, é o sofrimento causado às mulheres pelo machismo. Segundo Marina Castañeda (2006, p. 16),

o machismo pode ser definido como um conjunto de crenças, atitudes e condutas que repousam sobre duas ideias básicas: por um lado, a polarização dos sexos, isto é, uma contraposição do masculino e do feminino segundo a qual são não apenas diferentes, mas mutuamente excludentes; por outro, a superioridade do masculino nas áreas que os homens consideram importantes. Assim, o machismo engloba uma série de definições sobre o que significa ser homem e ser mulher, bem como toda uma forma de vida baseada nele.

Quando o *youtuber* diz que mulheres sofrem no mundo machista, é porque ainda vivemos em um contexto social marcado pela dominação masculina, onde, algumas vezes, a mulher é vista com inferioridade e/ou como propriedade masculina, sendo tratada como objeto. Além disso, homens têm melhores salários e mais oportunidades de emprego, enquanto serviços relacionados à limpeza da casa e cuidado com os/as filhos/as, ainda são considerados obrigações da mulher em muitas famílias. Embora o influenciador não tenha discutido sobre o assunto, ele chama a atenção de espectadores/as para a questão do machismo e aponta para sua vontade de ‘consertá-lo’. Isso pode ser visto no vídeo “Fatos sobre as mulheres! É verdade?” (2019), quando ele enumera motivos pelos quais acredita que mulheres sofrem, fazendo uma convocação aos homens para que lutem contra:

Caramba, ser mulher é muito difícil cara. Homens agradeçam. Sério mesmo homem. Olha, você que é homem, agora, nesse momento mano, fecha os olhos e só fala “brigado, obrigado mesmo!”. Mano, tu não menstrua, tu não pari, tu não engravida, tu faz xixi em pé, tu não tem tpm, teus hormônios não ficam loucos, enlouquecidos todos os meses, você não tem que usar saltos, quer dizer, você até pode mas a sociedade não obriga. Você cruza as pernas que nem um vagabundo e não fica aquela marca vermelha. Dá para ficar listando aqui... Você tem mais oportunidade de emprego, você ganha mais entendeu? Dá para ficar listando aqui mais 800 coisas. Agradeça e lute contra também tá? Não só agradeça não vagabundo!. (FATOS, 2019, grifo do autor).

As palavras direcionadas ao público masculino chamam a atenção dos espectadores quanto a algumas desigualdades entre homens e mulheres. Frequentemente, o machismo e os privilégios masculinos passam despercebidos, pois historicamente foram considerados normais. Segundo Guacira Louro (2000), a identidade masculina, branca, heterossexual, de classe média e urbana é o exemplo da invisibilidade da norma, pois ao ser considerada “natural”, é vista como padrão na sociedade e durante muito tempo não foi problematizada. Apesar de atualmente existirem estudos que buscam questionar essa “normalidade”, os privilégios de tal identidade em detrimento de outras ainda são tidos como normais e, por isso, se tornam invisíveis para muitas pessoas. Sobre a questão da norma em nossa sociedade, Guacira Louro (2008, p. 22, grifos da autora) diz:

A norma, ensina-nos Foucault, está inscrita entre as “artes de julgar”, ela é um princípio de comparação. Sabemos que tem relação com o poder, mas sua relação não se dá pelo uso da força, e sim por meio de uma espécie de lógica que se poderia quase dizer que é invisível, insidiosa (Ewald, 1993). A norma não emana de um único lugar, não é enunciada por um soberano, mas, em vez disso, está em toda parte. Expressa-se por meio de recomendações repetidas e observadas cotidianamente, que servem de referência a todos. Daí por que a norma se faz penetrante, daí por que ela é capaz de se “naturalizar”.

Diante disso, é fundamental problematizar as identidades consideradas normais e questionar seus privilégios. Abordar o assunto em um canal de grande visibilidade é muito importante para chamar a atenção e levar as pessoas a pensarem sobre o caráter construtivo das masculinidades e feminilidades. Ao estudar sobre a constituição das masculinidades, José Rodolfo da Silva (2019, p. 40) afirma:

Pensar na masculinidade como construção significa que podemos apostar na sua desconstrução. Logo também podemos apostar na construção de novos modelos de masculinidade. Possibilidades mais plurais, que não estejam ligadas a um engessado modelo que muitas vezes se mostra machista, misógino entre outras violências.

Nessa perspectiva, Felipe Neto convida o espectador a desconstruir o machismo e as desigualdades sexuais. Para tal, ele expõe suas concepções e busca aliados, utilizando uma linguagem informal que gera proximidade com determinado público. Entretanto, é importante lembrar que o machismo não é praticado somente por homens, pois está presente em nossa sociedade de forma sutil, fazendo com que homens e mulheres reproduzam atitudes machistas sem refletir sobre elas. Diante disso, me vêm algumas questões: como essa fala, que aponta

dificuldades enfrentadas por mulheres, chama a atenção para os privilégios masculinos e convoca os homens a lutarem contra o machismo, pode subjetivar mulheres, apesar de não ter sido endereçada a elas? Será que podem ser levadas a achar que são inferiores aos homens diante dos argumentos? Será que se sentem convocadas a lutar contra os privilégios masculinos? Será que se veem em um lugar de sofrimento?

Além de discutir questões sociais, a fala também cita aspectos biológicos colocando-os como dificultadores da vida da mulher. De acordo com Graciela Natansohn (2005, p. 293), “o corpo das mulheres e suas especificidades estão entre os temas principais em torno dos quais se têm construído as noções culturais que sustentam as diferenças de gênero e a subordinação feminina, e isso vem se cristalizando através de tabus, mitos e ritos”. Por isso, afirmar que as características biológicas do corpo feminino fazem a vida da mulher mais difícil, pode reforçar a ideia de inferioridade, quando comparado ao corpo masculino, fortalecendo discursos de subordinação da mulher. Ademais, pode transportar a hierarquização para a explicação biológica, desconsiderando a importância da cultura e das relações sociais nesse processo.

Embora haja diferenças nos corpos femininos e masculinos, a significação dada a elas não é determinada por fatores biológicos, elas vêm sendo histórica e socialmente utilizadas como elementos de hierarquização dos corpos. Isso se dá em contextos culturais e sociais, através de discursos que subjetivam os indivíduos. Na medida em que são proferidos enunciados que desvalorizam o corpo da mulher, homens e mulheres estabelecem relações com esse corpo. Por essa razão, é importante problematizar: Por que atributos do corpo feminino são comumente vistos como aspectos negativos? Como enunciados que desvalorizam procedimentos biológicos femininos contribuem com os processos de subjetivação das mulheres? Será que podem levar uma mulher a sentir-se mal com seu corpo?

No vídeo “Virei *drag* e o povo surtou!” (2018), ao falar sobre a experiência de ser ‘montado’ por Pablio Vittar, Felipe Neto aponta outras questões que considera dificultar a vida das mulheres.

Mulheres, sério, o que eu aprendi passando um dia como drag queen, um dia, o que eu aprendi do sofrimento feminino humano em um dia! A minha perna por causa daquele salto alto... eu não tô zuando não. Eu tive que pedir para ser liberado pela produção: eu não vou gravar a última cena porque eu não consigo. Eu estava chorando doía tanto o meu pé, as minhas pernas e os meus dedos que eu estava desesperado. A minha cara tentando tirar a maquiagem parecia que eu tinha enfiado na cara no piche, assim, e levantado ficava tudo preto aqui assim. Mulheres vocês são de outro mundo mano. Vocês são incríveis porque o que vocês têm que aturar e aguentar, meu Deus do céu. A gente só

levanta, lava a cara sai de casa. A mulher tem que ficar uma hora se maquiando mano, depois uma hora tirando. (VIREI, 2018).

É importante destacar que o comentário foi feito sob a perspectiva de um homem cisgênero que vivenciou por alguns momentos aspectos considerados femininos em nossa cultura. Suas palavras expõem a diferença culturalmente construída na forma como homens e mulheres se arrumam para sair de casa. Somos tão subjetivados/as por essas práticas que, geralmente, nem paramos para pensar porque alguém acha que as mulheres têm que se maquiar ou que homens só precisam “*lavar a cara*”. E se uma mulher apenas levantar, lavar o rosto e sair, ela não será incrível? E um homem que se maquia? O que o *vlogger* entende como motivo do sofrimento é o uso de salto e maquiagem, acessórios culturalmente usados para “embeleazar”, que podem ser objetos de desejo de homens e mulheres. Será que as pessoas que utilizam esses itens também acham que é uma obrigação ou que eles geram sofrimento?

Fazer as unhas, depilar-se, cuidar da pele e dos cabelos, usar salto e maquiagem, entre outras coisas, compõem formas específicas de feminilidade. Aquela valorizada pela mídia, que aparece em filmes, novelas, séries... que é estimulada e ensinada desde a infância, por brinquedos, desenhos animados e reforçados ao longo da vida por *sites*, revistas, publicidades e canais no YouTube direcionados às questões da beleza feminina. As formas como os discursos da beleza são colocados em nossa sociedade fazem parecer que esses cuidados e aparatos são essenciais à identidade feminina (como se ela fosse única). Desde criança as meninas escutam sobre o que devem fazer para ficarem “mais bonitas” e para cuidarem de seus corpos. Muitas delas são subjetivadas por essas práticas discursivas e compreendem tais protocolos com naturalidade, inclusive sentindo prazer em realizá-los. Entretanto, “os efeitos de um discurso são também sempre múltiplos, heterogêneos, variados” (PARAÍSO, 2006, p. 100), por isso, existem mulheres que apesar de segui-los, não se sentem confortáveis. Há ainda, aquelas que resistem a tais discursos de beleza e vivenciam suas feminilidades independente dos protocolos valorizados culturalmente. Por isso, é importante problematizar que discursos são difundidos nas mídias e como nos constituímos a partir deles.

Os vídeos “Fatos sobre as mulheres! É verdade?” (2019) e “Coisas que só mulheres vão entender” (2019) são dedicados a falar de mulheres. Ambos mostram imagens (escolhidas por mulheres da equipe) de coisas que acontecem frequentemente com mulheres como: marcas vermelhas na pele pelo uso de sutiã ou por cruzar as pernas; tempo no banheiro por causa da depilação; passar em um lugar com buracos usando um salto fino; sujar as blusas ao esbarrar na maquiagem; precisar ir ao banheiro quando acabou de fazer as unhas; o absorvente virar de

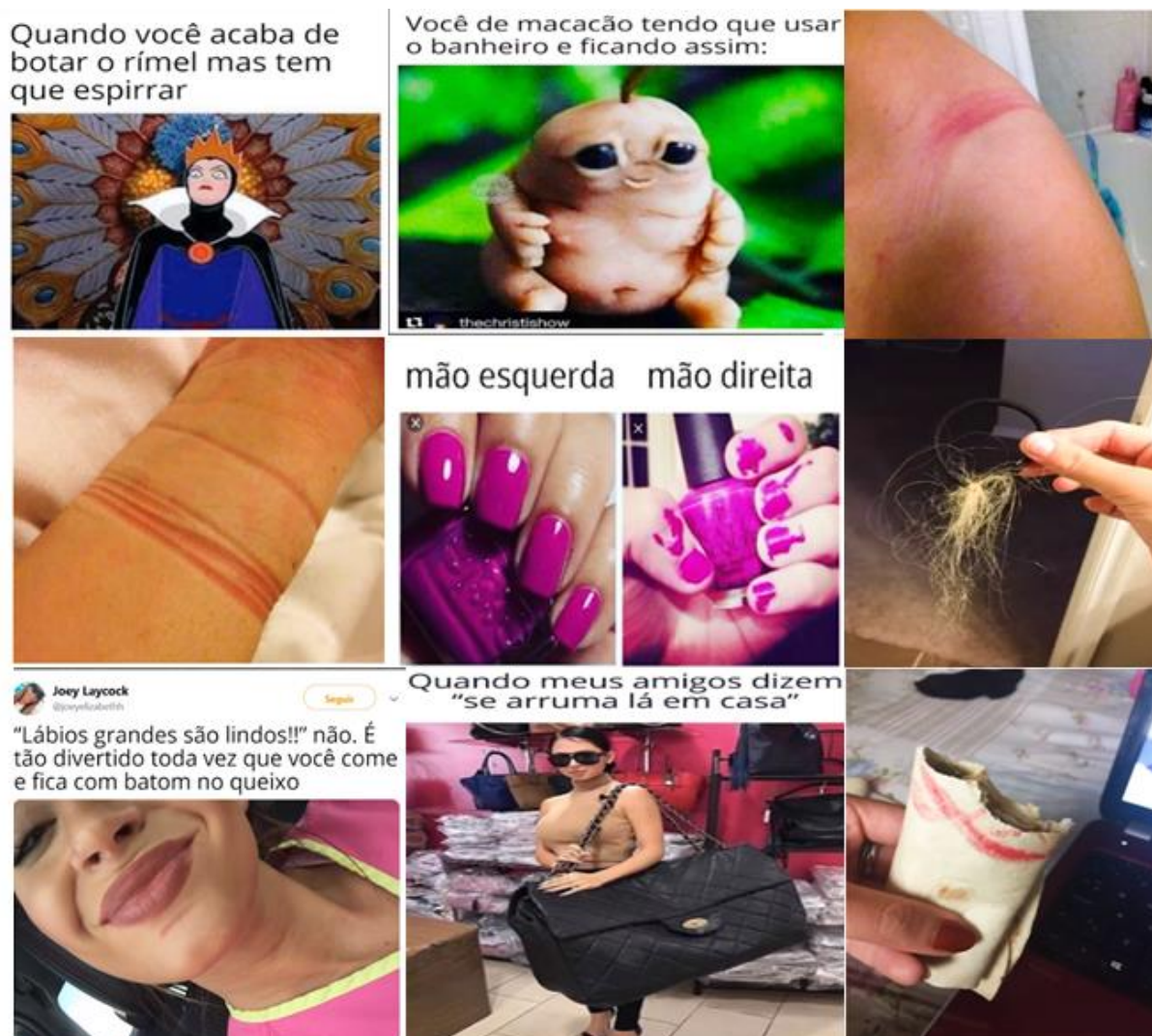
lado; não beijar porque está de batom; agarrar o elástico no cabelo e ter que arrebenatar os fios para soltar; ficar com batom na comida ou no queixo quando come; entre outras (Figuras 10 e 11). Durante o vídeo, Felipe Neto pede ajuda a Samanta de Lima e Vi Marchetti, mulheres da equipe que selecionaram as imagens, para entender e comentar as fotos. Nessa perspectiva, ele trabalha com a ideia de que elas falam de um lugar autorizado pela experiência, já que ocupam determinado lugar social e biológico.

Figura 10 - Montagem com fotos apresentadas no vídeo “Fatos sobre as mulheres! É verdade? [+10]”



Fonte: Canal Felipe Neto (2019).

Figura 11 - Montagem com fotos apresentadas no vídeo “Coisas que só mulheres vão entender”



Fonte: Canal Felipe Neto (2019).

A maioria das figuras apresenta consequências de hábitos culturalmente femininos como cruzar as pernas ou usar maquiagem, salto, absorvente, sutiã, esmalte e macacão, por exemplo. Com isso, as produções reiteram o enunciado de que é difícil ser mulher por causa dessas coisas. Como nos comentários referentes ao uso do macacão:

Figura 12 - Printscreen de comentário exibido no vídeo “Coisas que só mulheres vão entender”



Fonte: Canal Felipe Neto (2019).

(FELIPE) Caramba... Então, sério que quando vocês... Vocês estão no shopping de macacão e dá vontade de ir ao banheiro, você tem que ficar nua?

(SAMANTA) Isso. Sim! [SAMANTA E V] RIEM].

(SAMANTA) É humilhante! É humilhante!

(V) É humilhante! A palavra é essa!

(SAMANTA) Humilhante.

[...]

(FELIPE) Caraca, cara... Que tristeza. Eu nunca usaria macacão, só por esse motivo. (COISAS, 2019)

Ao considerar que é um sofrimento, o influenciador sugere formas de resistência quando diz que nunca usaria macacão ou quando propõe que as mulheres não usem mais batom dizendo: *“Gente, batom... Parem de usar! Tipo, se todo mundo parar de usar batom, ninguém mais vai achar batom bonito! Ninguém vai nem lembrar que existe! Parem de usar coletivamente! Vocês só sofrem com essa desgraça!”* (COISAS, 2019). Essa fala indica como somos constituídos/as no âmbito social e cultural, construindo nossas identidades junto e a partir do outro. Diante disso, podemos pensar: por que muitas mulheres usam batom? Por que nem todas usam? O que aconteceria se todas parassem de usar?

O uso do batom é uma marca de identidade feminina na sociedade em que estamos inseridos/as, crescemos aprendendo que batom é “coisa de mulher” e que serve para ficarmos “mais bonitas”. Porém, ao pensarmos que existem inúmeras formas de ser mulher, podemos entender que deixar de usá-lo não nos torna “não mulheres”. Assim como o batom, existem diversos aparatos que nos colocam em lugares de mulheres (ou homens) e acabam estimulando identidades homogêneas, valorizando uma forma de ser mulher (e uma de ser homem) e, conseqüentemente, desvalorizando quem se nega a seguir esses padrões. Por isso, é importante problematizar o uso desses aparatos como marcas de uma identidade. Por que o batom, o salto,

a maquiagem, os brincos etc. são vistos como objetos femininos? Por que há estranhamento quando uma mulher não faz uso deles ou quando são utilizados por homens? Quando o *youtuber* sugere uma mudança coletiva ele chama a atenção para a forma como esses aparatos estão nas nossas vidas, fazendo-nos pensar nas seguintes questões: Por que algumas mulheres os consideram imprescindíveis? Que pedagogias culturais trabalham para estimular o uso desses apetrechos por mulheres? Se causam desconforto em algumas pessoas, por que elas continuam usando?

Em muitos momentos dos vídeos de Felipe Neto, ele apresenta enunciados que reforçam que a mulher sofre, geralmente discordando das práticas que ele acredita serem os motivos de sofrimento e mostrando-se solidário às mulheres. Além disso, fala coisas que estimulam mudanças nos comportamentos sociais para melhorar a vida delas, seja convocando-as a determinadas atitudes, seja criticando algumas condutas masculinas em relação às mulheres. Ao mesmo tempo que difunde um discurso do sofrimento, problematiza essas situações e busca mostrar as possibilidades de resistência. Por isso, os discursos de gênero presentes nas produções podem subjetivar os/as espectadores de diferentes formas. Por exemplo, ao assistirem as produções, algumas espectadoras, que se veem no discurso da vida difícil da mulher, podem repensar suas formas de vivenciar as questões citadas ou mesmo ignorá-las. Assim como aquelas que não se identificam com esse discurso podem pensar sobre os questionamentos ou simplesmente desconsiderá-los.

Em meio a tantas pedagogias culturais que estimulam o enquadramento e o disciplinamento dos corpos, educando mulheres para terem comportamentos padronizados, esses vídeos podem ser uma possibilidade de rompimento com essas questões, já que estimulam o questionamento. Como nos diz Filipe França (2019, p. 159), “estar e viver em sociedade implica em aprender, adequar-se, escapar, provocar, resistir e/ou criar modos particulares de nos expressarmos enquanto sujeitos”. Quando um *youtuber* com mais de 40 milhões de inscritos/as⁷⁴ fala que é possível subverter aos padrões de gênero instituídos em nossa sociedade, ele pode levar as pessoas a questionarem esses padrões. Isso pode fazer com que as possibilidades individuais ou coletivas de resistência ganhem força. O que mostra como os vídeos são instrumentos importantes para nossos processos de subjetivação.

⁷⁴Dado de dezembro de 2020.

4.1.6 “É homem ou mulher?”: o gênero marcado no corpo

As questões de gênero são muito ligadas à aparência do corpo. Vivemos em uma sociedade que classifica o sujeito pelo seu modo de se vestir e se comportar. Para Michel Foucault (1998, p. 183), “aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder”. O corpo é um local de identificação carregado de significados sociais, também é através dele que os indivíduos se mostram para o mundo e que são enquadrados pelo olhar do outro. Muitas vezes, ao olharmos para um corpo tentamos ler a pessoa que o habita, pois ele é um lugar de expressão de algumas identidades. Entretanto, essas são múltiplas, instáveis e transitórias, abrangendo muito mais do que se é capaz de ver em um primeiro olhar para o corpo.

Nossa sociedade se organiza de acordo com categorias de gênero, apesar das diversas maneiras como as pessoas vivem suas identidades de gênero, o binarismo masculino/feminino é constantemente reforçado. No momento do exame de ultrassonografia, quando o médico anuncia o sexo biológico do bebê, a afirmação “é um menino” ou “é uma menina” gera um investimento para que aquele menino se torne um homem ou aquela menina se torne uma mulher nos padrões socialmente definidos (LOURO, 2004). Ao serem “encaixadas” em uma dessas identidades, ao longo de suas vidas, as pessoas são educadas para exercerem determinadas masculinidades ou feminilidades, aprendem como se comportar, o que vestir, modos de pensar e ser, que servem de parâmetros para olharem a si mesmas e as outras. Como se houvesse uma identidade unificada e estática para cada gênero. Porém, segundo Stuart Hall (2006, p. 13, grifos do autor),

a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.

Para o autor, somos constituídos/as por múltiplas identidades que não são fixas e imutáveis, elas estão sujeitas a constantes transformações que sofrem influência dos contextos históricos, sociais e culturais em que estamos inseridos/as. Apesar de haver um investimento na construção de duas identidades fixas, homem e mulher, existem diversas maneiras de vivenciar as identidades de gênero que fazem parte da constituição do sujeito. Pensar nessas identidades é relevante para questionar como nos tornamos o que somos e que atitudes e corpos

são valorizados ou recriminados na sociedade em que vivemos. O incentivo às identidades masculinas e femininas hegemônicas acontece ao longo de nossas vidas e as mídias são instrumentos potentes nesse processo.

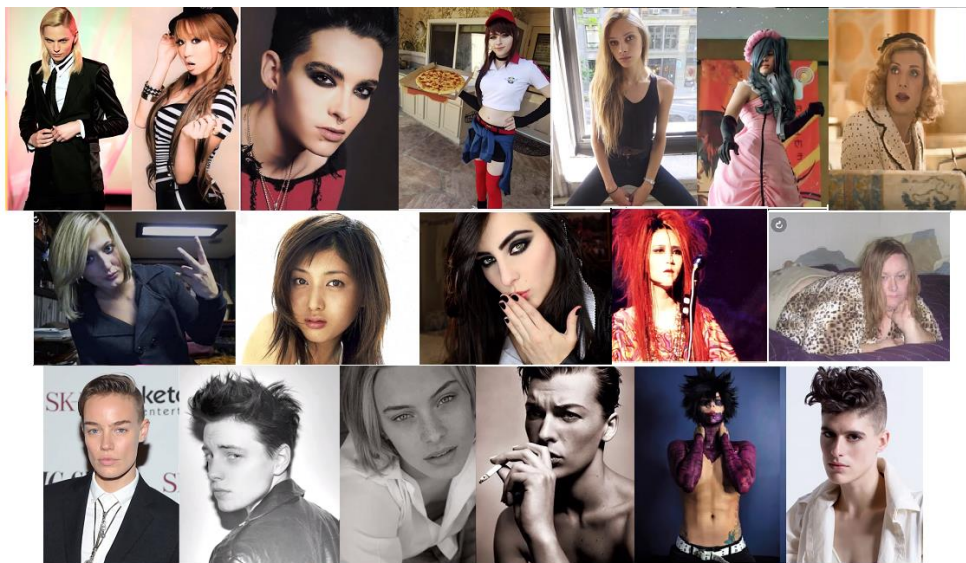
O vídeo “É homem ou é mulher (sem trans no vídeo)” (2018) dá pistas do que se espera para corpos de homens ou de mulheres. Através de falas e imagens, o material conduz o enunciado de que corpos masculinos são de um jeito e femininos são de outro, é possível perceber que marcas são atribuídas a cada um deles. Ao estimular uma classificação binária ancorada em elementos visuais dos corpos, a produção acirra a vontade de enquadramento⁷⁵ de quem assiste. Isso é feito a partir de um “jogo” proposto aos/às espectadores/as. Felipe Neto explica como ele funciona logo no começo do vídeo:

Nós vamos jogar um jogo, que não existe, que a gente inventou aqui, que é: Nasceu homem ou nasceu mulher? [...] Nós teremos que, de acordo com aquela foto dizer se é um homem ou uma mulher, de acordo com o sexo biológico, tá gente? Estamos falando aqui somente do gênero biológico da pessoa, só para não causar “rebuliço”. Já estou deixando claro. Vamos ver quantos pontos você vai marcar e quantos pontos eu vou marcar, no final eu quero que você deixe aqui nos comentários quantos pontos foi que você acertou pra gente ver se você realmente é capaz de diferenciar apenas com o olho. (É HOMEM, 2018, grifo do autor).

Ao longo do “jogo” são apresentadas algumas fotos (Figura 13) e o influenciador diz se é homem ou mulher. À medida que as imagens são mostradas, o/a espectador/a é convidado/a a classificar a pessoa enquadrando aqueles corpos nessas duas “molduras”. Após a resposta, a imagem na tela fica rosa caso o *youtuber* diga que é uma mulher, e azul se falar que é homem, o que reforça ainda mais o binarismo e a ideia de que a cor rosa está ligada ao universo feminino e a azul ao masculino. Então, uma pessoa da produção (Bruno Correia) fala se ele acertou ou não e aparece na tela o símbolo “O” e “X” respectivamente (Figura 14). Além disso, algumas vezes, surge outra foto da mesma pessoa vestida de outro jeito para mostrar a possível resposta certa.

⁷⁵Inspirada na perspectiva foucaultiana, penso que a vontade de enquadramento se liga à ideia de vontade de verdade e de poder discutida pelo autor. Uma vontade que não é individual ou premeditada por uma pessoa, mas que faz parte de um dispositivo, composto por diversos aparatos que agem para determinar os saberes socialmente aceitos de acordo com o contexto histórico e cultural. Instituída a partir de relações de saber-poder, que estabelecem verdades para enquadrar os sujeitos em determinados lugares sociais, ela permite dizer se está de acordo ou não, estimulando as ações dos sujeitos, sobre eles mesmos e sobre os outros. A vontade de enquadramento faz parte de um processo que é normativo, porque tenta criar sujeitos enquadrados e normatizados, mas acontece em meio a relações de saber e poder que permitem resistências e escapes.

Figura 13 - Montagem com as fotos apresentadas no vídeo “É homem ou é mulher (sem trans no vídeo)”



Fonte: Canal Felipe Neto (2018).

Figura 14 - Printscreen da tela em um momento de acerto (à esquerda) e de erro (à direita) do *youtuber*



Fonte: Canal Felipe Neto (2018).

A cada nova foto, Felipe Neto faz cara de quem está analisando, pensa para responder, demonstra estar atento a detalhes dos corpos, como é possível ver na imagem a seguir:

Figura 15 - Printscreen de algumas expressões do *youtuber* ao longo do vídeo



Fonte: Canal Felipe Neto (2018).

Entretanto, em alguns momentos do “jogo”, o *youtuber* diz coisas que demonstram certeza nas suas respostas como: *“tem que ser mulher então. Não, não é possível mano que seja mulher, olha esse queixo”*; *“eu tenho certeza que é homem. Mano, se não for homem eu vou ficar muito bolado”*; *“com certeza é homem. Esse aí não me engana não!”*; *“ah! Isso é um cara, óbvio não tem peito”*; *“é mulher ou meu nome não é Felipe”*; *“se isso não for mulher eu arranco aqui mesmo minha dignidade. Mulher! Pode falar que é mulher, nem adianta, nem vem!”* (É HOMEM, 2018). Isso acontece porque ele recorre a algo que tem como verdade: determinadas marcas que atribui a corpos masculinos ou femininos. Ao olhar para os corpos, ele aciona seu conhecimento sobre tais marcas, ou seja, busca características que, de acordo com a nossa cultura, costumam ser atreladas a homens ou mulheres.

Ao longo do vídeo, vai justificando suas respostas baseando-se em determinados padrões como: *“tem a cara grande”*; *“não tem peito!”*; *“cadê o pomo de Adão? Tem que ser mulher então!”*; *“tem cara de homem, se você tirar o cabelo é um velho”*; *“não é possível que seja mulher, olha esse queixo, essa estrutura facial”*; *“é um homem muito, com traços femininos usando uma roupa de homem”*; *“parece uma mulher um pouco masculina em traços, não parece um cara”* *“não tem nenhum volume na calça”* (É HOMEM, 2018). A ideia de que essas características se relacionam a determinado gênero não foi inventada pelo *youtuber*, ela está propagada na cultura, expressa nas interações sociais e, juntamente com muitas outras, constrói as representações de ser homem ou mulher, criando uma ilusão de que essa representação é definidora do ser masculino e do ser feminino. Nas palavras de Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 91):

A representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente. Em vez disso, a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário e indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder.

Dessa maneira, os elementos utilizados frequentemente para representar homens e mulheres são carregados de discursos, pois os corpos ganham sentidos construídos socialmente e, muitas vezes tomados como naturais. Para Guacira Louro (2004, p. 81), *“não há corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura; descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos e das tecnologias”*. A autora aponta que essas características

significadas culturalmente podem “distinguir sujeitos e se constituírem em marcas de poder” e, com isso, serem “decisivos para dizer do lugar social de um sujeito” (LOURO, 2004, p. 76).

Para pensar sobre isso, destaco a fala “isso é um cara, óbvio, não tem peito! (É HOMEM, 2018)” - nesse caso, não foi tão óbvio assim, pois a imagem era de uma mulher que escondia os peitos com os braços. A partir desse comentário, é possível problematizar: será que um aspecto biológico é suficiente para afirmar a identidade de gênero de outra pessoa? Por que os seios são uma referência para a classificação? Além disso, podemos refletir sobre os vários enunciados que envolvem os seios de uma mulher em nossa sociedade: é uma parte do corpo atrelada ao prazer; que não pode ser exposta publicamente; seu tamanho é ligado à sensualidade; sua ausência afeta a autoestima feminina; sua nudez é motivo de espanto (por isso utilizada como protestos), está intimamente ligado à maternidade... Mas, e os seios de corpos biologicamente masculinos? Carregam as mesmas representações? Sendo a mesma parte do corpo, por que são significados de maneiras tão diferentes?

Ao falar sobre a teoria de Michel Foucault, Stuart Hall (2016, p. 91, grifo do autor) destaca que o corpo está no centro das relações de poder/saber e afirma que “as técnicas de regulação são aplicadas ao corpo, e diversos aparatos e formações discursivas o dividem, classificam e inscrevem diferentemente em seus respectivos regimes de poder e ‘verdade’”. Indianara Siqueira, mulher trans e ativista do grupo TransRevolução nos levou a problematizar essas questões ao sair com seios nus pelas ruas do Rio de Janeiro, em 2012, 2014 e 2015. Indianara foi detida por ultraje público ao pudor (art. 233 do Código Penal). Todavia, o processo foi arquivado já que, apesar de apresentar em um corpo feminino, nos seus documentos constava o sexo masculino. Em suas palavras,

independente do resultado do julgamento e mais que uma pessoa ou um coletivo, o que estará sendo julgado é o gênero, a imagem do feminino que não tem o mesmo direito que o masculino. A justiça criará também um dilema. Se me condenar estará reconhecendo legalmente que socialmente eu sou mulher e o que vale é minha identidade de gênero e não o sexo declarado em meus documentos e isso então criará jurisprudência para todas xs pessoas trans serem respeitadxs pela sua identidade de gênero e não pelo sexo declarado ao nascer. Se reconhecer que sou homem como consta nos documentos estará me dando o direito de caminhar com os seios desnudos em qualquer lugar público onde homens assim o façam, mas também estará dizendo que homens e mulheres não são iguais em direito. (SIQUEIRA, 2015)⁷⁶.

⁷⁶Disponível em: <https://m.facebook.com/indi.siqueira/posts/439547626230051:0>. Acesso em: 1 dez. 2020.

Esse caso mostra como os diversos corpos são tratados de formas diferentes em nossa sociedade. Além do mais, nos permite problematizar como as representações de homem e mulher inscritas em nossos corpos são culturalmente construídas. Stuart Hall (2016, p. 108) discute a questão da representação e aponta para seu caráter cultural, para ele: “coisas – objetos, pessoas, eventos, no mundo – não possuem, neles mesmos, nenhum sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós – na sociedade, dentro das culturas humanas – que fazemos as coisas terem sentido, que lhe damos significado”. Embora os seios estejam presentes em corpos masculinos e femininos, naturais ou construídos, não são significados da mesma forma. Portanto, não é a parte do corpo que diz sobre o sujeito, mas sim a maneira como somos educados/as a olhar para ela. Na nossa sociedade a vontade de enquadramento dos corpos faz parte dessa educação do olhar.

O vídeo mostra essa vontade através das reações do *youtuber* no “jogo”. Quando tem dificuldade de enquadrar um dos corpos ele faz comentários e expressões de angústia e sofrimento como: “caraca mano, é muito difícil!”; “eu tô com muito medo” ou “caraca mano, só eu estou tendo Úlcera Gástrica aqui de não saber?” (É HOMEM, 2018). Diante dos oito “erros” ele demonstra surpresa, frustração e até irritação dizendo: “eita!”; “ah, mentira! Não!”; “sério mermo, não é?”; “mentira!!!”; “errei?”; “não é possível!”; “não me convenceu não. Eu não fiquei convencido” ou “a não! Não é, não é, não é!”. E ainda, diz que as imagens foram intencionalmente escolhidas para dificultar a classificação: “mas olha só. Não é que a gente tá confundindo. É porque a produção separou para tipo, uma mulher que parece mulher pode ser um cara, entendeu? É pra ficar confuso” (É HOMEM, 2018).

Dessa forma, o influenciador parece não se conformar com os “erros” como se fosse uma obrigação saber quem “é” homem ou mulher, inclusive quando “acerta” comemora ou faz expressões de alívio. É importante lembrar que tal vontade de enquadramento não é algo que Felipe Neto inventou, mas que está presente em nossa cultura, na qual ele foi educado. Embora a produção mostre isso de um jeito mais explícito, é um comportamento que muitos/as de nós temos ao longo da vida (às vezes de forma inconsciente). Mesmo que não apontemos para as pessoas dizendo se são homens ou mulheres, ao olharmos para os corpos buscamos algumas marcas que os tornam inteligíveis para nós. Ao tomarmos como padrão as representações de homem e mulher que nos são ensinadas, somos capazes de identificar coisas diferentes do esperado quando as vemos em um corpo.

Somos formados/as para pensar em duas representações de gênero vistas como coisas naturais, unitárias, finalizadas e completamente opostas. Por isso, buscamos nos corpos uma

delas. Entretanto, Judith Butler (2003, p. 200, grifo da autora) critica a essencialidade atribuída ao gênero que, para ela, é

uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero.

Essa repetição estilizada de atos, que costuma acontecer de forma mecânica, sem que o sujeito se dê conta, constituem a performatividade de gênero. Segundo a autora, são esses atos que criam a ideia de gênero e sem eles “não haveria gênero algum, pois não há nenhuma ‘essência’ que ele expresse ou exteriorize” (BUTLER, 2003, p. 199, grifo da autora). Assim, o gênero não é algo que se é, mas que se faz. Guacira Louro (2004, p. 86-87) explica que “as formas como nos apresentamos como sujeitos de gênero e de sexualidade são sempre inventadas e sancionadas pelas circunstâncias culturais em que vivemos”. Desse modo, vamos produzindo nossos corpos através de “uma série de artefatos, acessórios, gestos e atitudes que uma sociedade arbitrariamente estabeleceu como adequados e legítimos”. A autora defende que a coerência entre as características biológicas e as identidades de gênero não é natural e indiscutível, ou seja, que pode ser desviada ou negada, por isso sempre há investimento para mantê-la.

Isso significa que, apesar de existirem características e elementos que são considerados masculinos ou femininos pela sociedade, existem corpos que não se permitem capturar pelas lentes formatadas na cultura binária e homogênea. Como podemos ver nas imagens apresentadas no vídeo, os sujeitos nem sempre acatam as normas, ou incorporam prontamente as representações normativas, mas resistem, burlam ou negociam. Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 89, grifos do autor) atenta para a artificialidade das identidades de gênero padronizadas:

a possibilidade de “cruzar fronteiras” e de “estar na fronteira”, de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma demonstração do caráter “artificialmente” imposto das identidades fixas. O “cruzamento das fronteiras” e o cultivo propositado de identidades ambíguas é, entretanto, uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação da identidade. A evidente artificialidade da identidade das pessoas travestidas e das que se apresentam como *drag-queens*, por exemplo, denuncia a – menos evidente – artificialidade de *todas* as identidades.

O vídeo aponta essa artificialidade, na medida em que apresenta o mesmo corpo caracterizado de outra forma em duas imagens diferentes. Inclusive, isso é usado para revelar a

possível resposta “certa”. Entretanto, não é feita nenhuma problematização com relação às identidades de gênero. Nesse contexto, a produção pode estimular o enquadramento binário e a valorização do discurso biológico, contribuindo para reforçar as marcas culturalmente definidas para a rotulação dessas identidades, excluindo quem não se encaixa nela. Como um artefato educativo, a produção ensina quem assiste a classificar os corpos usando o padrão binário, corroborando os discursos hegemônicos de gênero da nossa sociedade.

O enunciado de que corpos masculinos são de um jeito e femininos são de outro é acionado ao longo do “jogo”, as falas e imagens podem materializar essa diferença, ao mesmo tempo que apontam contradições. Por esse motivo, o material pode despertar diferentes entendimentos dependendo das experiências de quem assiste.

Os vídeos são artefatos educativos, as pedagogias culturais presentes neles educam nossos olhares e modos de ser, através desse artefato os/as influenciadores/as ensinam e aprendem, se constituem e contribuem para a constituição do outro enquanto sujeito. As produções ensinam sobre aspectos de gênero na medida em que apresentam as concepções e vivências dos/as produtores/as acerca do tema. Concepções essas que são construídas dentro da nossa cultura, que é organizada em categorias de gêneros, mas vem apresentando possibilidades de resistência ao modelo hegemônico de classificação. Nesse cenário, os vídeos podem reforçar estereótipos ou levantar questionamentos quanto às “verdades” disseminadas sobre as identidades de gênero.

Portanto, é preciso problematizar os binarismos e a busca por identidades normalizadoras e invariáveis. Berenice Bento (DIAS, 2014, p. 483) aponta o gênero como um marcador da diferença que produz opressão e sugere que “é preciso empreender uma luta pelo fim do gênero, no sentido binário e naturalizado que vigora hoje”. Ao institucionalizar normas para delimitar o que é ser homem ou mulher, reduzimos essas identidades a um padrão, como se só houvesse uma maneira de ser homem e outra oposta à primeira de ser mulher. O que questiona, oprime e discrimina quem escapa à norma. Por isso,

antes de pretender, simplesmente, “ler” os gêneros e as sexualidades com base nos “dados” dos corpos, parece prudente pensar tais dimensões como sendo discursivamente inscritas nos corpos e se expressando através deles; pensar as formas de gênero e de sexualidade fazendo-se e transformando-se histórica e culturalmente. Não se pretende, com isso, negar a materialidade dos corpos, mas o que se enfatiza são os processos e as práticas discursivas que fazem com que aspectos dos corpos se convertam em definidores de gênero e de sexualidade e, como consequência, acabem por se converter em definidores dos sujeitos. (LOURO, 2004, p. 80. grifos da autora).

Vídeos, *sites*, revistas, programas de televisão e outros artefatos culturais, frequentemente são usados para fortalecer os discursos hegemônicos de gênero, nos ensinam a olhar para um corpo e interpretá-lo dentro de determinados padrões. Concomitantemente, são produzidos a partir de elementos da nossa própria cultura. O vídeo “É homem ou mulher (sem trans no vídeo)” retrata a classificação binária que muitas vezes fazemos ao olhar para um corpo e escancara nossa vontade de enquadramento ao mesmo tempo que a estimula.

4.2 Discursos e pedagogias de sexualidade nos vídeos de Felipe Neto

Ao ouvirmos a palavra sexualidade normalmente nos vem à cabeça o ato sexual ocorrido entre dois corpos. Entretanto, o termo envolve muito mais do que isso. Segundo Jeffrey Weeks (2018, p. 46), “a sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico”. E ainda pode ser considerada “uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas” (WEEKS, 2018, p. 53). Então, observar discursos ligados a sexualidade significa prestar atenção aos modos como são tratadas as questões corporais e suas relações com os desejos e vivências. É estar atento/a para as significações dadas a corpos, desejos, atos e identidades sexuais em determinado contexto.

A sexualidade é uma questão importante na constituição dos sujeitos, visto que vivemos em uma sociedade que usa os marcadores sexuais para classificar as pessoas. Nascer com pênis ou vagina sugere lugares diferentes aos indivíduos na nossa cultura, pois a partir desses elementos os corpos ganham significações culturais e são relacionados a gêneros, de forma que é esperada uma coerência entre corpos e condutas culturalmente construídas. Além disso, as orientações sexuais dos sujeitos também recebem significados culturais e são usadas como elemento de classificação. Apesar de haver uma diferenciação entre esses marcadores, que valoriza um em detrimento dos outros, ela não vem da natureza, mas das questões baseadas em relações de saber e poder que são construídas nas esferas sociais, culturais e históricas (FOUCAULT, 1988; LOURO, 2018; WEEKS, 2018). Guacira Louro (2018, p. 20) fala sobre como as pedagogias da sexualidade agem para disciplinar os corpos e inculcar comportamentos. Isso acontece de forma “muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, eficiente e duradoura”. Mídias como televisão, internet, revistas, etc. ensinam como “ser sensual”, o que vestir, que cuidados ter com o corpo, como agir nos relacionamentos e na hora do sexo, muitas vezes diferenciando condutas para homens e mulheres. Paralelamente, igrejas também apresentam formas desejáveis de lidar com as sexualidades, estimulando as relações

monogâmicas e heterossexuais, geralmente incitando que a sexualidade seja vista como uma questão privativa. Temos também as escolas, que se encarregam da “Educação sexual” destacando especialmente os métodos contraceptivos, as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e o estudo dos sistemas sexuais. Além disso, as ciências ligadas à Medicina, Psicologia e Biologia, que apresentam variados discursos sobre os corpos e as sexualidades. Para Guacira Louro (2018, p. 30),

todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias.

Michel Foucault escreveu sobre uma “história da sexualidade”, observando práticas desde o século XVII para pensar como a sexualidade adquiriu alguns significados ao longo da história; como os discursos sobre o corpo, o sexo e as relações sexuais e afetivas agiam produzindo sujeitos; como a questão da sexualidade tornou-se central nessa produção e como as relações de saber e poder são fundamentais para pensar a constituição e o controle de sujeitos dotados de sexualidades. O autor fez “uma interrogação sobre as maneiras pelas quais as práticas e os discursos da religião, da ciência, da moral, da política ou da economia contribuíram para fazer da sexualidade, ao mesmo tempo, um instrumento de subjetivação e uma ferramenta do poder” (REVEL, 2005, p. 80). Ao pensar nos mecanismos que moldam e controlam os sujeitos, Foucault (1988, p. 101) apontou a sexualidade como um dispositivo histórico que “tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global”. Para o autor, o dispositivo da sexualidade é uma

grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1988, p. 100).

Enfim, a sexualidade faz parte da constituição de sujeitos. Ao longo de séculos ela vem se apresentando como elemento importante do processo de formação de si. Observar como o dispositivo e as pedagogias da sexualidade estão presentes em nossa sociedade é problematizar como conduzem as relações sociais, como nos tornamos quem somos e porque pensamos e agimos de determinadas formas. Atualmente, podemos ver o dispositivo da sexualidade

funcionando em muitos setores da sociedade: família, igreja, escola, mídia, justiça, medicina, entre outros, que apresentam pedagogias para educar nossos corpos. É na interação com eles que nos reconhecemos enquanto sujeitos dotados de sexualidade e aprendemos a vigiar nossos comportamentos, pensamentos, corpos e relacionamentos. Entretanto, essas esferas não necessariamente compartilham das mesmas concepções, elas reproduzem enunciados que podem ser alinhados ou divergentes, tornando a sexualidade um campo de disputas. Segundo Michel Foucault (1988, p. 98), “nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias”.

Diante disso, nesta *playlist* abordo enunciados sobre sexualidade presentes nos vídeos do Felipe Neto selecionados para análise. Didaticamente ela foi organizada em quatro tópicos enfatizando discursos sobre orientação sexual, homossexualidade, sexo e educação sexual no âmbito escolar. Ao analisar alguns dos enunciados destacados, podemos perceber como os vídeos são artefatos dotados de pedagogias culturais que educam para a sexualidade.

4.2.1 “Felipe Neto é *gay*?”: o peso das orientações sexuais na identificação dos sujeitos

A pergunta presente no título mostra a curiosidade sobre a sexualidade do outro, muito comum em nossa sociedade. A sexualidade está intimamente relacionada à expressão “orientação sexual”. Para Alípio de Sousa Filho (2009a, p. 72),

uma primeira definição de orientação sexual seria a atração e o desejo sexuais (paixões, fantasias) de uma pessoa por outra de um gênero particular, portanto, a direção da atração e do desejo nas escolhas afetivo-sexuais. [...]. As chamadas orientações sexuais constituem sensibilidades e expressões do desejo e do prazer que podem aparecer na vida de um indivíduo de muitas maneiras, sem que sejam fixas e inevitáveis.

O autor faz uma discussão sobre a utilização da expressão “orientação sexual”, criticando seu uso como denominação de substância natural, biológica ou psicológica. Ele propõe utilizá-la “como um sinônimo a mais para as escolhas, opções, preferências, construções e práticas do desejo, do erotismo, da sexualidade” (SOUSA FILHO, 2009a, p. 60). É nessa perspectiva que falo sobre orientação sexual, considerando a pluralidade e a complexidade envolvidas no processo de identificação pessoal das sexualidades.

Ao falar sobre a invenção das orientações sexuais, Anderson Ferrari (2012, p. 265) diz:

Dando mais importância ao objeto do desejo do que propriamente ao desejo, a sociedade ocidental moderna vivencia desde o século XVIII um investimento no conhecimento sobre essa relação dos sujeitos com os desejos, numa passagem do que Foucault classifica como de uma sociedade de *ars erotica* para a *scientia sexualis*, ou seja, fomos nos constituindo numa sociedade que foi capaz de falar prolixamente sobre si, de construir um conhecimento sobre nós mesmos. E neste processo fomos transferindo o foco do desejo em si para o objeto do desejo, que passou a ser um forte marcado (sic) de diferenciação, inventando assim as orientações sexuais: a homossexualidade, a heterossexualidade e a bissexualidade, só para falar das mais comumente utilizadas.

A orientação ou identidade sexual é um elemento organizador da nossa sociedade, ela tem sido considerada “como o lugar privilegiado em que nossa ‘verdade’ profunda é lida, é dita” (FOUCAULT, 1998, p. 229, grifo do autor). Quando um indivíduo declara sua orientação sexual, isso nos remete a saberes historicamente construídos, o que nos leva a enquadrá-lo em determinados padrões. Por isso, em muitos momentos, é possível perceber uma vontade de saber sobre a sexualidade do outro. Felipe Neto fala sobre isso no vídeo “Respondendo perguntas com toda a verdade!” (2020), em que responde questões de fãs. Ao ser indagado se já teve dúvidas sobre sua orientação sexual, diz:

Claro que já. Eu acho que todo mundo tem, na fase da puberdade. Quando tá começando a puberdade ali, 12, 13 anos. Ai, aí eu... Eu lembro que eu era criança, assim, né... Eu me sentia bem jovem. E eu era bem jovem. Eu falava assim: “Serasse eu sou gay? Serasse? Serasse sou gay?” Porque a gente tá começando a descobrir os prazeres, né? A vida, como que as coisas acontecem e tal. Na época, o assunto “gay”, o assunto “homossexualidade” era muito tabu. A gente tá falando de algo que aconteceu 20 anos atrás. [cara de choro] Meu Deus do céu. TÔ VELHO! E aí, eu fiquei, eu fiquei... Eu ficava, às vezes né, tipo... “Serase?” Mas nunca foi uma dúvida ao ponto de eu, de fato, questionar a sexualidade em si. Eu lembro que eu sempre fui bastante bem resolvido em relação à sexualidade. Quando eu cheguei por volta dos meus 20 anos eu já não tinha nenhuma dúvida nesse sentido. E eu lembro que eu me tornei tão aberto pra esse tipo de coisa, do tipo o próprio gênero-fluido e a sexualidade, a orientação sexual não ser tão taxativa que eu fui ver. Tipo, fui ver. Abri sites e fui ver homens e tal, pra ver se aquilo me despertava algum interesse. E não despertou. E se tivesse despertado com certeza eu seria bissexual, seria pansexual ou whatever [tanto faz] qual seria a minha orientação. Mas não... Não despertou. Então, é isso. [...] Se você tem idade aí, 12, 13 anos e sente dúvida. E: “Caramba, serasse? Serasse?” Fica calmo, fica tranquilo. As respostas vêm. Não precisa ficar nervoso. Relaxa, todo mundo passa por isso, tá?. (RESPONDENDO, 2020, grifos do autor).

O *youtuber* relata uma fase da sua vida em que se perguntava sobre sua sexualidade, questionando se era *gay*. Sua fala, não é somente uma resposta a uma curiosidade, pois ao mesmo tempo que consiste em um relato, apresenta-se como um aconselhamento, uma mensagem de quem já passou por isso. Ele passa a ideia de que tem uma sabedoria sobre o assunto, que vem da experiência pessoal, mas, ao citar possibilidades que se afastam do binarismo homossexual/heterossexual, geralmente reforçado no senso comum, também demonstra estar atento às discussões que envolvem as diversas maneiras de vivenciar as sexualidades. O influenciador dirige-se a jovens que assistem ao vídeo, demonstrando querer ajudar àqueles/as que passam por questionamentos em relação à sexualidade. Além de expressar que ter dúvidas é comum, também trata com naturalidade as possíveis orientações sexuais que se distanciam da norma, assumindo uma postura de compreensão e acolhimento a quem está ‘sofrendo’ com essas questões. Porém, afirma que é algo que acontece com todo mundo na puberdade e que as respostas vêm. Com isso, generaliza a experiência, acionando um discurso biológico de que há fases bem definidas que acontecem da mesma forma para todas as pessoas, sem mencionar que dúvidas e descobertas podem ocorrer em qualquer idade ou ainda que nem todos/as passam por esse tipo de situação.

Nessa linha parece que a sexualidade é algo a ser definido a partir de conflito e resolução como se existisse um período da vida em que os questionamentos acabam e a orientação sexual é estabelecida. Todavia, Guacira Louro (2003, p. 27, grifo da autora) afirma que “não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja ‘assentada’ ou estabelecida”. Assim como as outras identidades que nos constituem, as identidades sexuais não são fixas, segundo Deborah Britzman (1996, p. 74, grifo da autora),

como uma relação social no interior do eu e como uma relação social entre “outros” seres, a identidade sexual está sendo constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeita pelas complexidades da experiência vivida, pela cultura popular, pelo conhecimento escolar e pelas múltiplas e mutáveis histórias de marcadores sociais como gênero, raça, geração, nacionalidade, aparência física e estilo popular.

Desse modo, estamos sempre reconstruindo nossas identidades. Ao falar das suas indagações e das suas experiências durante o processo de construção da identidade sexual, Felipe Neto leva o/a espectador/a a olhar para seu próprio movimento de constituição. Embora defenda que há um momento que a orientação sexual é definida, ele afirma que as dúvidas e experimentações fazem parte do processo de formação, permitindo a problematização da ideia

de sexualidade vista como algo definido biologicamente desde o nascimento. A busca por uma definição da orientação sexual, muitas vezes é direcionada por cobranças sociais, já que vivemos em uma sociedade onde a sexualidade sugere lugares para os sujeitos. Afirmar uma orientação significa dizer sobre si, colocar-se em algum lugar. No vídeo “Felipe Neto é gay? [+13]” (2017), o *youtuber* aponta a curiosidades das pessoas quanto à sua orientação sexual:

A segunda⁷⁷ pergunta que eu mais ouço nessa vida é: “Felipe você queima rosca?” é tanta gente falando isso pra mim que eu comecei a ter dúvida. Eu comecei a pensar “será que sou? Será que na verdade o que eu curto são rolas roliças? Será que eu estou dentro de um armário e preciso me livrar dele?”. (FELIPE, 2017, grifos do autor).

Por que há tanta curiosidade pela identidade sexual dos/as famosos/as? O que isso nos diz sobre a importância dada a sexualidade em nossa sociedade? Como somos subjetivados/as ao confessar sobre nossas sexualidades? Michel Foucault (1998, p. 264) entende a confissão como “todos estes procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito”. A sexualidade tornou-se objeto de julgamento e controle. Fazendo com que a revelação da identidade ou das práticas sexuais de um indivíduo sejam consideradas referência para enquadrá-lo, para dizer quem ele é. Isso faz com que o outro, a partir de concepções culturais e morais que carrega, produza imagens mentais sobre quem confessa e atribua a ele/a um “lugar” na sociedade. Foucault (1988, p. 61) afirma que “confissão é um ritual de discurso”, através dela o indivíduo produz verdades sobre si, subjetivando a ele mesmo e a quem o escuta. Ao dizer de si, revelar seus desejos e emoções, Felipe Neto afirma uma identidade dando-se a conhecer para aqueles/as que o assistem e assumindo um posicionamento social.

O influenciador não diz que a pergunta é se ele é homossexual, mas utiliza características que atribui a essa identidade mostrando que a curiosidade consiste em saber se ele está fora das normas. Continuando, ele fala em “sair do armário”, isso significa assumir uma sexualidade, geralmente aquelas que diferem da heterossexualidade, como se essa não precisasse ser assumida, já que é considerada natural. Anderson Ferrari e Roney Polato de Castro (2013, p. 123-124, grifos dos autores) destacam dois conjuntos de significados relacionados ao “sair do armário”:

Em primeiro lugar um significado político, de afirmação de uma identidade em contraposição a outra – a hegemônica. [...]. Outro significado [...] se refere

⁷⁷Segundo o *youtuber*, a pergunta que mais ouve é “Felipe divulga o meu canal?”.

à “vontade de saber” que se estabelece em torno das sexualidades. O caráter de “revelação”, de “anúncio” de um segredo, parece remeter à ideia de que a sexualidade é uma verdade definidora dos sujeitos, ou seja, conhecendo-se esse segredo, é possível definir um sujeito, dizer de seu caráter, atribuir-lhe um valor.

Estar no armário é vivenciar o desejo afetivo-sexual em segredo, não dizer publicamente sua orientação sexual. Revelar “o segredo” sobre a própria sexualidade geralmente é algo reservado a quem vivencia aquelas que estão fora da norma. A curiosidade sobre a sexualidade do outro dificilmente se volta para heterossexuais que vivem uma lógica entre sexo, gênero e desejo seguindo o padrão normativo, por isso, eles/as não “saem do armário”. Vivemos em uma sociedade heteronormativa que se sustenta na ideia de que a heterossexualidade é natural, onde

a norma não precisa dizer de si, ela é a identidade suposta, presumida; e isso a toma, de algum modo, praticamente invisível. Será, pois, a identidade que foge à norma, que se diferencia do padrão, que se torna marcada. Ela escapa ou contraria aquilo que é esperado, ela se desvia do modelo. Como tal, ela é, via de regra, representada não apenas por comparação à identidade hegemônica, mas a partir do olhar hegemônico, daí que, muitas vezes, a identidade marcada não pode falar por si mesma. (LOURO, 2000, p. 68).

Assim sendo, os/as heterossexuais não se referem a sua identidade sexual como uma confissão. Enquanto dizer-se homossexual é uma “revelação”, dizer-se heterossexual tem sido uma “afirmação”. Apesar de ser considerada normal, a heterossexualidade é vigiada, a ponto de um indivíduo ter a sexualidade questionada por outro ao fugir do padrão esperado. Com isso, nem sempre é o sujeito que diz da sua orientação sexual. Às vezes outras pessoas apontam o que ele é, enquadrando-o em determinada identidade sexual. Felipe Neto comenta que isso acontece com ele, por ser famoso o interesse em enquadrá-lo em uma identidade fica mais visível. No vídeo “Felipe Neto é gay? [+13]” (2017), o *youtuber* encontrou uma forma inusitada de falar sobre a sua orientação sexual, fazendo testes para saber se é *gay*.

Após se perguntar ironicamente se está “*dentro do armário*”, o influenciador diz: “*Então eu decidi que eu vou pedir ajuda do Google para descobrir seu sou ou não sou gay*” [tom irônico]. Ele encontra na internet e realiza três testes intitulados “Como saber se você é *gay*”; “Será que você é *gay*?” e “Teste para saber se você é *gay*”. À medida que responde ao teste podemos perceber os possíveis critérios usados para “definir” quem é *gay*, referidos por perguntas como:

- Se você estivesse numa balada e um homem chegasse dando em cima de você, o que você faria?
- Você é muito chegado às suas amigas?
- Você gosta de ficar conversando no vestiário?
- Você acha ele bonito? [foto de um homem].
- Que tipo de música você gosta de ouvir?
- O quanto você gosta de 'reality show'?
- Escolha um filme para ver à noite.
- Você seria o Batman ou Robin?
- Você é um bom dançarino?
- Você simplesmente adora sair com suas amigas para contar as fofocas?
- Você gasta uma quantia enorme de cuidados para o cabelo?
- Você conhece ou teve seu celular aplicativos como Grindr ou Hornet⁷⁸?
- Você vê o seu pai beijando uma mulher que não é sua mãe. Então...
- Você está na rua e vê seu amigo numa briga então...
- Você está na fila do banco dá aquela coceira então... A - Você coloca a mão no bolso e coça. B - Você coça disfarçadamente. C - Você coça para todos verem. D - Você não coça.
- Você acabou de usar o banheiro, então... A - Você balança bem para não molhar a cueca. B - Você balança, mas não se importa se molhar a cueca. C - Você não balança. D - Você enxuga com papel higiênico.

Essas e outras perguntas presentes nos testes tendem a classificar o sujeito de acordo com as respostas, que, na maioria das vezes, apontam para uma visão estereotipada do *gay*. Aquele que gosta de determinadas músicas, gosta de conversar com amigas, é vaidoso, vê beleza em outro homem, não age como “machão”... Como se existisse somente um jeito de ser *gay*, ou se para ser *gay* o sujeito devesse apresentar determinadas condutas intrínsecas. É notável um embaralhamento entre questões de sexualidade e comportamentos sociais. Para um homem ser considerado heterossexual nos testes, as respostas devem estar relacionadas a uma forma específica de masculinidade. Desconsiderando as várias formas de ser homem, de ser heterossexual e de ser *gay*. Ao afirmarem que não há uma verdade absoluta sobre a homossexualidade, Peter e Edward MacRae (1985, p. 12) sugerem que “há tantas maneiras de

⁷⁸Aplicativos de relacionamento voltados para o público LGBTQI+.

representar e praticar a homossexualidade quanto há sociedades, épocas históricas e grupos distintos nestas mesmas sociedades”. Penso que isso se estende a qualquer identidade sexual, não sendo possível estabelecer uma norma para cada forma de viver a sexualidade.

Ao ler as questões, Felipe Neto diz que vai ser sincero nas respostas, em algumas delas parece perceber que foge ao esperado para um homem heterossexual e que isso pode influenciar nos resultados. Como quando responde que gosta da banda *K-pop*, ele dá uma gargalhada e diz “*Foda-se vou botar K-pop*”. Ou marca a alternativa sim para a questão “Você gosta de sair com as amigas para contar as fofocas?”, e diz: “*Pior é que sim, porque eu estou sempre com a Manuela contando as fofocas*”. E ainda, na pergunta “Você gasta uma quantia enorme de produtos para o cabelo?”, em que arregala os olhos, fica paralisado um tempo e diz balançando a cabeça lentamente em sinal de sim: “*Rios de dinheiro, meu amor!*”. Por essas e outras respostas, somente um dos testes apontou que o *youtuber* é heterossexual, os outros dois disseram que ele é *gay*. A seguir, os resultados dos testes e as reações do influenciador:

Resultado 1: Hétero. Você gosta de mulheres.

Felipe Neto: HÉTERO! Olha aí, tá vendo? Tá vendo? Você que fica falando que eu sou uma bicha louca, que eu vivo dentro do armário... Acabei de provar tá? Acabei de chegar a essa conclusão. Sou hétero! Você gosta de mulheres. Quero provar para o mundo que na verdade eu sou um macho alfa, que eu nunca chuparia uma rola. [tom de ironia].

Resultado 2: Minhaaaa amigaaaa você ARRA-SOU bicha, você não morde a fronha, você é a fronha que é mordida.

Felipe Neto: Ou seja, eu tirei o nível máximo da viadagem. Caralho, eu sou muito boiola. Que que eu faço agora gente? Vou instalar o Grindr.

Resultado 3: Se você respondeu D em alguma questão você é *gay*. Se você respondeu C em alguma questão você é *gay*. Se você respondeu B em alguma questão você é *gay*. E finalmente se você respondeu A você é *gay*. Aprenda homem que é homem não faz teste para saber se é *gay* afinal teste é coisa de “viado”.

Após a leitura do último resultado, a imagem fica preta e branca, enquanto o *youtuber* fica em silêncio olhando sério para a câmera e começa uma música lenta. Há um corte no vídeo que ressurgue com Felipe Neto levantando-se da cadeira, ele pega uma embalagem de desodorante aerossol e coloca, por cima da calça, na direção do ânus. Volta para a cadeira e olha para a tela do computador com cara de perplexidade e diz lentamente: “*Eeu estou confuso*”. Logo em seguida, a imagem fica colorida novamente e ele olha para câmera dizendo:

Falando sério agora galera. Muita gente gosta de usar gay como “Ah você é um veadinho, um boiolinha uma bichinha, você é mó ‘viado’!”. 2017 né galera! Ser gay não é pejorativo pra ninguém né? Quando alguém fala assim “Felipe Neto você é mó viado”. Eu falo: “tá bom velho bota a rola para fora pra eu chupar”. Porque caralho o que que tem se eu for veado? O que que muda? Nada. Então, respondendo à pergunta: eu sou bem viadasso. Como eu já falei algumas vezes, como vocês viram aqui, dois dos três testes que eu fiz mostraram que eu sou gay. Porém eu tenho um lance de gostar da questão da mulher. Porque mulher, mulher, mulher é uma coisa linda. Mulher é a única coisa que me excita. Nunca senti excitação por pênis. Eu vejo muita gente agora que está desenvolvendo excitação por travestis, que é uma mulher com um pau. Mas eu, quando eu penso no, no, no... na questão do pau já me... Uh, não! Não quero. Não gosto do negócio do pau. Não é algo que me atrai. Eu nem sei como é que as pessoas sentem atração por pau, porque pau é uma coisa feia pra caralho [...]. É coisa mais horrível do universo. Como alguém sente atração por um pau, eu nunca vou entender, nunca vou entender. Mas, né! Que bom que vocês sentem. Eu fico muito agradecido por isso. Então, respondendo à questão, eu provavelmente nunca vou sair do armário. Eu não gosto de falar nunca porque vai que um dia, sei lá velho, acontece alguma coisa, eu descubro que eu estava errado minha vida inteira e pau é uma coisa maravilhosa. Sei lá pode acontecer. Mas eu acho que a essa altura do campeonato quase com 30 anos eu já saberia se eu fosse gay. Então, acredito que nunca eu vou ter que sair de um armário imaginário do qual não faço parte. Mas você pode ter certeza de uma coisa, amigo: se eu fosse gay mas eu ia ser uma bicha daquelas, daquelas! E eu não ia ter vergonha nenhuma, não ia esconder, não ia fazer nada. Ia fazer vídeo falando chupo rola pra caralho mesmo, é isso aí, eu ia ser desses. (FELIPE, 2017, grifos do autor).

Após a cena caricata ao finalizar os testes, Felipe Neto dá a entender que vai começar a falar sério. Nesse momento, relembra os resultados do teste e se diz “viado”. Quando diz que é “viadasso” provavelmente se refere a alguns comportamentos que muitas vezes são relacionados a homossexualidade ou a feminilidade. Em alguns vídeos do canal o *youtuber* demonstra atitudes que não condizem com a masculinidade hegemônica, um dos motivos de tantas dúvidas sobre a sua orientação sexual. Vivemos em uma sociedade em que as identidades sexuais e de gênero são tão articuladas que muitas vezes são confundidas. Ao assumir uma identidade masculina, espera-se que o homem tenha determinadas condutas culturalmente associadas a essa identidade e rejeite aquelas que são alusivas ao feminino. Além disso, a construção da masculinidade é atravessada pela heterossexualidade, por isso é comum homens serem associados à homossexualidade caso ajam diferente do que é classificado como masculino. Desse modo, as questões de gênero são usadas para regular a sexualidade.

No comentário, Felipe Neto traz um elemento que perpassa a construção da masculinidade heterossexual, a rejeição ao pênis (do outro), onde não basta não sentir atração, mas é preciso afastar qualquer possibilidade de acharem que você sente, já que isso poderia colocar em dúvida a sua ‘masculinidade’. Diferente do que acontece o universo feminino, onde é ‘permitido’ olhar, admirar e comentar sobre o corpo da outra, sem que se faça relações a homossexualidade, entre os homens isso facilmente pode ganhar uma conotação pejorativa, por isso é comum vermos atitudes de repulsa ao corpo do outro em determinados contextos. Isso acaba fazendo parte da afirmação das masculinidades hegemônicas. Por exemplo, apesar de dizer que é “viado”, o influenciador enfatiza que gosta de mulheres, que não se sente atraído pelo corpo masculino, enfatizando o nojo pelo pênis. Ou seja, reafirma sua heterossexualidade marcando um posicionamento e reforçando um discurso de que o homem heterossexual é aquele que não tem nenhum desejo pelo corpo masculino. De acordo com a sua explicação, o fato do seu desejo ser direcionado a mulheres e não sentir nenhum tipo de atração física por homens é a “prova” de que é heterossexual. Para embasar suas afirmações ele conta uma experiência pessoal:

E aí você fala assim: Felipe “como é que você sabe se você é gay ou não? Você nunca experimentou”. Coisas com meu cu realmente eu nunca experimentei, não tive curiosidade ainda. Eu acho que quando for mais velho eu vou ficar entediado do sexo convencional e vou falar: “então, enfia o dedo aí pra mim ver que acontece, só para ter essa noção”. O que não vai fazer de mim gay né? Afinal de contas vai ser uma mulher não vai ser um cara. Mas eu já beijei homem, já beijei homem no teatro, já beijei homem em ensaio, exercício de teatro. E eu posso dizer para vocês uma coisa, se tem uma coisa mais broxante do que pau é barba. Caralho, quando a barba roçou no meu rosto a primeira vez, a minha vontade era sair correndo, aquilo foi muito esquisito porque eu passei a vida inteira beijando um rosto lisinho ali né? [...] Eu me acostumei a beijar e sentia coisa do lisinho, quando eu fiquei com cara no teatro eu tive que dar um beijão nele. As línguas não se entrelaçavam, é aquele beijo técnico, aquele beijo você faz [mostra o movimento com a boca] que a língua não entrelaça. Quando eu senti aquela barba roçando pela primeira vez, maluco, foi desesperador. Então eu tenho a prova que a maioria de vocês não tem, por sinal, porque a maioria esmagadora de vocês nunca passou pela experiência. E realmente eu não sinto essa atração eu sou um homem heterossexual! Ou não? Segundo os testes [ironia]. (FELIPE, 2017, grifos do autor).

O relato de sua vivência dá veracidade à sua afirmação, visando não deixar dúvidas sobre sua orientação sexual. Pois, não diz só de uma opinião, mas de uma experiência que o

atravessou e permitiu que ele olhasse para si mesmo no intuito de constituir-se enquanto sujeito heterossexual. Essa é uma forma de educar, pois o que diz a voz da experiência, aquela tem “a prova”, ganha tons de verdade. O *youtuber* usou os argumentos de que gosta de mulher, tem nojo de pênis e, apesar de ter experimentado beijar um homem, não gostou. Com isso ele reafirma os discursos de enquadramento que buscam delinear as identidades sexuais. Entretanto, nenhuma dessas questões é responsável por definir uma identidade, porque a construção identitária é algo complexo, como afirma Deborah Britzman (1995): não faz sentido buscar suas “causas”, já que são fluidas, parciais, contraditórias e não-unitárias e, portanto, não existe um fator que as definem. O importante é pensar sobre como as identidades sexuais são significadas na nossa cultura.

Felipe Neto constrói a afirmação da sua heterossexualidade negando a homossexualidade, que pertence ao “outro”. Para Guacira Louro (2018, p. 38-39, grifos da autora),

as instituições e os indivíduos precisam desse “outro”. Precisam da identidade “subjugada” para se afirmar e para se definir, pois sua afirmação se dá na medida em que a contrariam e a rejeitam. Assim, podemos compreender por que as identidades sexuais “alternativas”, mesmo quando excluídas ou negadas, permanecem ativas (e necessárias): elas se constituem numa referência para a identidade heterossexual; diante delas e em contraposição a elas a identidade hegemônica se declara e se sustenta.

Dessa forma, o *youtuber* mostra ao público o que é ser heterossexual na sua visão e, conseqüentemente, aponta aquilo que não é, ou seja, quais características são ligadas a quem não é heterossexual. Guacira Louro (2009, p. 88) fala sobre o surgimento do binário heterossexual/ homossexual durante o século XIX, quando os sujeitos passaram a ser classificados “do ponto de vista da saúde, da moral e da higiene” A prática de se relacionar com pessoas do mesmo sexo ganhou outros significados, colocando os sujeitos em uma categoria de anormal, que precisariam de intervenções “punitivas ou recuperadoras, de reclusão ou de regeneração, de ordem jurídica, religiosa ou educativa”. Desse modo, surgiu a necessidade de nomear os sujeitos referência e os desviantes, que antes não eram demarcados de tal modo, a nova classificação passou a hierarquizar os indivíduos. A autora nos lembra, então, que homossexualidade e heterossexualidade, assim como como outras denominações criadas mais recentemente, dependem uma da outra para existirem, uma só tem sentido por causa da outra e só consegue dizer de si a partir da negação da outra. Portanto, pensar sobre a homossexualidade

é também pensar sobre a heterossexualidade. Entretanto, elas não são vistas da mesma forma, pois

ainda que o caráter relacional seja constituinte da representação de qualquer identidade, podemos notar que algumas delas ocupam, culturalmente, uma posição central e servem de referência a todas as demais. Essas identidades são representadas como “normais”, básicas, hegemônicas. É por contraponto ou comparação a elas que as outras são qualificadas como diferentes. (LOURO, 2000, p. 67, grifo da autora).

Isso também acontece com as identidades sexuais, é o que alguns/as autores/as (BRITZMAN, 1996; LOURO, 2009; MISKOLCI, 2009; WARNER, 1993) chamam de heteronormatividade, processo que considera a heterossexualidade como natural e única possibilidade “normal” de vivenciar o sexo. Que se sustenta a partir de diversos mecanismos que ensinam sobre a sexualidade e a regulam com o objetivo de “formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e ‘natural’ da heterossexualidade” (MISKOLCI, 2009, p. 157, grifo do autor). Seguindo essa ideia, grande parte das famílias, escolas, religiões, mídias, ciências médicas e legislações faz parte do dispositivo da sexualidade educando na perspectiva da heteronormatividade, reforçando normas e controlando os corpos. Como consequência, as pessoas que rompem com essas normas são excluídas ou se esforçam para se encaixarem em um mundo que não é estruturado pensando na diversidade sexual. Por isso, observar os discursos que circulam nos artefatos culturais nos ajudam a problematizar como as questões de sexualidade se colocam na nossa sociedade afetando a nossa constituição.

Em vários vídeos do canal⁷⁹, o influenciador reafirma sua orientação em resposta a uma pergunta ou a algum comentário que sugere que ele seja homossexual. O que isso nos diz? Por que ele recebe tantos questionamentos sobre a sua sexualidade? Por que a orientação sexual do outro nos importa tanto? O vídeo “Felipe Neto é *gay*? [+13]” (2017) mostra como os saberes sobre a sexualidade vêm sendo usados para classificar os indivíduos; como as identidades sexuais se apresentam enquanto marcadores sociais e como um vídeo de humor pode ser uma ferramenta de disseminação de discursos.

⁷⁹Gay ou hétero? [+13], disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ribaJLte2E>; Contratei a Bruna pra ser minha namorada, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C13o6U8Z7QQ>.

4.2.2 “A homossexualidade não é doença contagiosa que você olha e pega”: homofobia, reorientação sexual e censura a conteúdos LGBTQI+ na mídia

A fala que compõe o título foi dita por Felipe Neto no vídeo “Homofobia – Não faz sentido! [+13]” (2013). Ela expressa um pouco do que o *youtuber* pensa sobre homossexualidade. Os posicionamentos dele diante de algumas ações desrespeitosas à diversidade sexual e de gênero serão abordados nesta seção.

É comum ouvirmos e utilizarmos as palavras *gay*, homossexual, viado, bicha, sapatão lésbica, entre outras como referência a pessoas homossexuais. A partir das vivências, compartilhadas com outros indivíduos ou mediadas por artefatos culturais vamos construindo uma imagem do sujeito homossexual contemporâneo. Como se houvesse uma homogeneidade, como se fosse possível determinar características para enquadrar o sujeito e classificá-lo. Porém, é importante lembrar que “não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade” (FRY; MACRAE 1985, p. 10). No livro “*O que é Homossexualidade*”, Peter Fry e Edward MacRae (1985, p. 7) discutem como ela é vista de diversas formas em culturas e épocas diferentes, mostrando que “é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo”. Dessa forma, não é possível falar em homossexualidade no singular, pois ela não é uma coisa só, não é uma palavra que define uma figura única e pronta. Anderson Ferrari e Roney Polato de Castro (2015, p. 243) defendem o entendimento das homossexualidades sempre no plural, “como construção discursiva, histórica, cultural e social. [...] o que nos impossibilita pensar nas homossexualidades como essência, como algo ligado a uma verdade absoluta e como uma identidade imutável”. Para os autores, “as homossexualidades dizem dos discursos, saberes, poderes e jogos de verdade que ajudamos a construir, que fortalecemos, que problematizamos, que combatemos e dos quais fazemos parte”.

Em “*A História da Sexualidade I: a Vontade de Saber*”, Michel Foucault (1988, p. 44) fala sobre a emergência do sujeito homossexual no século XIX, quando houve uma “caça às sexualidades periféricas” e as práticas sexuais consideradas “incompletas” passaram a ser encaradas como alguma patologia orgânica, funcional ou mental. Com isso, a chamada sodomia deixou de ser uma prática e passou a ser vista como algo interior do sujeito de forma que “o sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie”. Assim, criou-se uma personagem que tem “um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa”

(FOUCAULT, 1988, p. 43). Características que delimitavam a “patologia” e permitiam identificar o sujeito que deveria sofrer intervenções dos especialistas em saúde (médicos, psiquiatras, psicólogos).

Durante muito tempo, a homossexualidade foi criminalizada, patologizada e considerada uma prática pecaminosa. Richard Miskolci (2007) aponta três estigmas que marcaram as identidades homossexuais a partir do século XIX: sexualidade, loucura e crime; por conta deles homossexuais podiam ser submetidos/as a internação, terapia e prisão.

Já o termo homossexual foi empregado pela primeira vez pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert, em 1869, em uma carta protesto contra a criminalização das relações sexuais entre homens na Alemanha. No ano seguinte, o psiquiatra Carl Westphal utilizou o termo no texto “As Sensações Sexuais Contrárias” para falar sobre uma suposta identidade “inversa” (MISKOLCI, 2007, p. 104). A partir de então, a palavra passou a ser usada para nomear e marcar sujeitos pelas suas experiências sexuais vividas com pessoas do mesmo sexo. Assim, eles passaram a ser analisados e classificados dentro do binarismo homossexual/heterossexual e da hierarquia estabelecida dentro dele, onde a heterossexualidade é vista como natural e a homossexualidade como um desvio. O que reforçou a heteronormatividade e a discriminação com quem encontrava-se fora da norma.

Entretanto, em meio a muitas lutas e resistências, os movimentos homossexuais tiveram algumas conquistas com relação a despatologização das homossexualidades: em 1973 a Associação Americana de Psiquiatria retirou-a do Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais (DSM); em 1990 a Organização Mundial de Saúde (OMS) excluiu-a do Código Internacional de Doenças (CID) e, em 1991, a Anistia Internacional passou a considerar violação dos direitos humanos a proibição das práticas homossexuais. No Brasil, o Conselho Federal de Medicina (CFM) deixou de considerar a homossexualidade como transtorno em 1985 e o Conselho Federal de Psicologia (CFP) publicou, em 1999, uma resolução que impede aos profissionais da área de oferecerem tratamentos que estimulem a patologização das homossexualidades.

Apesar dos avanços conquistados com essas lutas, da pluralidade de identidades sexuais (principalmente aquelas que se distanciam da heterossexualidade) e do aumento da presença de sujeitos LGBTQI+ nas mídias, quem vivencia as identidades não heterossexuais ainda sofre muito preconceito e discriminação. Atualmente, é possível ver movimentos políticos tramitando nas câmaras legislativas em favor de tratamentos médicos e psicológicos para reverter as homossexualidades - popularmente conhecidos como “cura gay”. Foi em meio a um

acontecimento relacionado a isso que Felipe Neto fez o vídeo “Cura gay... É isso mesmo?” (2017).

A produção foi postada em 21 de setembro de 2017, na semana em que o juiz Waldemar Cláudio de Carvalho, da 14.^a Vara do Distrito Federal, concedeu uma liminar⁸⁰ que garantia a liberdade de psicólogos/as para atendimentos pertinentes à reorientação sexual. A liminar contraria a resolução 001-1999 do Conselho Federal de Psicologia que diz, entre outras coisas, que os profissionais dessa área não devem oferecer tratamentos de reorientação sexual, nem estimular a patologização das homossexualidades (Resolução CFP nº 001/99, 1999)⁸¹. Diante disso, houve uma intensa mobilização questionando a decisão do juiz, inclusive alguns/as famosos/as posicionaram-se contra⁸². Nesse contexto, Felipe Neto fez o vídeo sobre o assunto. De uma forma geral, a produção defende que homossexualidade não é doença e, por isso, não precisa de cura; que a Psicologia é uma ciência e não deve ser exercida baseando-se em opiniões, mas em dados científicos; que reorientação sexual não existe, é charlatanismo e, portanto, a “cura gay” não existe. O *youtuber* inicia com as seguintes palavras:

Galera hoje venho aqui até vós, até ustedes, com um daqueles vídeos que não queria tá tendo que gravar, mas que se torna impossível não falar. Eu sei que meu canal é de humor, diversão, interação, coisas divertidas e pra cima. Mas às vezes o Brasil comete coisas assim... a nossa população é capaz de coisas e façanhas tão absurdas que fica impossível não vir aqui falar e explicar, a tentar explicar pelo menos para o meu público que assiste, que eu sei que é um público que tem muita gente no momento de formação de opinião, para tentar levar um pouco de mensagem de abraço aceitação e contra a intolerância. E tá um ESCÂNDALO a história da cura gay, cura gay pra cá, cura gay pra lá. Pro brasileiro agora então quer dizer que ser gay é doença? Quer dizer que a justiça brasileira falou que quem é gay é doente? Não. Não foi isso que a justiça brasileira falou, não foi isso que aconteceu. Eu vou tentar mostrar pra vocês a minha visão sobre o fato. Eu peço que vocês usem a minha visão para embasar a sua, pesquisando em outros lugares ok? Não usem apenas a minha opinião, procurem outras opiniões para poder chegar à sua própria conclusão. (CURA, 2017).

Logo no início da fala, o influenciador dá sua opinião sobre a polêmica, dizendo que é absurda e que não pode deixar de falar sobre isso. Demonstra estar ciente de que pode

⁸⁰Disponível em: <https://d2f17dr7ourrh3.cloudfront.net/wp-content/uploads/2017/09/ATA-DE-AUDI%C3%8ANCIA.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2020.

⁸¹No início de 2020, o Supremo Tribunal Federal suspendeu a decisão do juiz, reforçando a resolução do CFP. Atualmente, é vedado aos/às psicólogos/as oferecer tratamento referente à reorientação sexual.

⁸²Mais informações em https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/politica/1505853454_712122.html. Acesso em: 29 ago. 2020.

influenciar os/as seguidores/as e que apresentar sua visão sobre os fatos contribui para isso. Entretanto, ele sugere que as pessoas não se embasem somente no que ele diz para formar suas próprias opiniões. Apesar disso, utiliza técnicas de interpelação dos sujeitos, investe em argumentos, exemplos reais, citação de reportagens e estudos científicos, além de um tom incisivo para fundamentar sua concepção, pedagogias muito eficientes para convencer os/as espectadores/as. Nessa dinâmica é possível ver como determinadas formações discursivas vão sendo usadas e multiplicadas pelos sujeitos que enunciam, Felipe Neto aciona discursos valorizados na nossa sociedade como o jurídico, científico, político... Ao mesmo tempo que isso legitima sua fala, o fato dele utilizá-los também os fortalecem na “ordem do discurso” (FOCAULT, 1996). Desse modo, o canal é uma mídia que “se faz espaço de reduplicação dos discursos, dos enunciados de uma época. Mais do que inventar ou produzir um discurso, a mídia o reduplicaria, porém, sempre a seu modo, na sua linguagem, na sua forma de tratar aquilo que ‘deve’ ser visto ou ouvido” (FISCHER, 2005, p. 4, grifo da autora), mostrando como o saber e o poder estão interligados. Alguns exemplos disso estão nas seguintes falas:

Se você acha que é isso ser gay, a pessoa decidiu, optou ser, esse vídeo não é pra você.

Então partindo do pressuposto que ser gay não é uma escolha humana e que gay não é errado...

Reorientação sexual é uma charlatanice repete comigo. Reorientação sexual é uma char-la-ta-ni-ce. O que que é a reorientação sexual? São falsos psicólogos, são pessoas mal intencionadas, pessoas que querem tirar dinheiro do povo, da população. Ou pessoas embasadas apenas pela fé e não pela CIÊNCIA, que é a Psicologia, que oferecem o serviço de reorientar a sua sexualidade. Ela diz que é capaz, através de consultas psicológicas, de fazer você deixar de ser gay. O que que você precisa compreender sobre isso? É mentira! Você não encontra nenhum estudo, nenhuma comprovação científica na história da humanidade que sustente a tese de que é possível você reorientar a sexualidade de alguém. Não funciona! Não existe! É charlatanice!

Normalmente é só em igrejas que encontra ex gay. Já viram algum ex gay algum de vocês? Já viu algum ex gay? Não? Vai na igreja que você encontra um. [...] Eu estudava na CAL, uma faculdade de teatro aqui no Rio de Janeiro, onde nós recebíamos periodicamente pessoas representantes de igrejas evangélicas do Rio de Janeiro oferecendo dinheiro pra gente fingir, para dar falsos testemunhos. São todas as igrejas que fazem isso? Não! Não! Mas várias fazem. Então, ou são atores ou são sim homens ou mulheres que inibiram a sua sexualidade, que oprimiram a sua própria sexualidade em busca do que seria correto aos olhos de Deus, mas não podemos chamar essas pessoas de ex gays.

Na minha concepção, na concepção de INÚMEROS psicólogos do mundo, essas pessoas apenas reprimiram os seus desejos em função da fé. Contudo, estudos estatísticos e análises sociológicas mostram comprovadamente que a maioria desses ex gays voltam a ser gays depois de um tempo, por não conseguirem oprimir a sua própria sexualidade, condicionando a sua sexualidade por muito tempo. Afinal de contas muitas dessas pessoas acabam se tornando depressivas.

Psicologia é uma ciência não é fé, não segue bíblia. Não importa o que seu pastor ou padre pensa, a Psicologia é uma ciência, a Psicologia é uma ciência que é responsável pela vida de muitas pessoas.

Oferecer reorientação sexual em terapia é o equivalente a dizer que a cura da doença com chá de camomila e reza brava, não existe e é feito para caçar dinheiro e é exatamente por isso que o Conselho de Psicologia proíbe a oferta de reorientação sexual.

Não importa a sua, a minha, a opinião do Cláudio. Não importa a nossa opinião, o que importa é o que o estudo diz, porque Psicologia é uma? CIÊNCIA! Não é fé, não é baseada na sua crença, não é baseada no que a sua tia fala no churrasco de família. É uma ciência que respeita uma coisinha chamada método científico, que respeita a pesquisa com resultado, estatística, tudo analisado. Não importa o que a gente pensa, não importa se você acha que é possível reverter a sexualidade de alguém no consultório, a ciência diz que não é e ponto final. Não cabe a gente ficar debatendo o que já foi comprovado.

Sinto muito, mas você não vai conseguir deixar de ser gay se for no psicólogo, você pode ir em 80 psicólogos, você pode passar sua vida no consultório de psicologia, você pode falar: “agora eu não tomo mais café da manhã, é só no consultório de Psicologia que eu moro”. Você vai morar com psicólogo de dia a noite que, no final da noite, você vai ver uma foto do Cauã Reymond e vai ficar de piu piu duro, não adianta, não vai reverter a sua sexualidade. Imagina que você vai lá, buscando desesperado para tentar mudar sua sexualidade “porque Deus está me olhando, porque Jesus vai me punir, porque eu não posso...” e você não consegue, mas o psicólogo falou que conseguia. A frustração na vida dessas pessoas é tão grande que existem casos documentados de suicídios.

Algumas das tentativas médicas que já foram tentadas para fazer a pessoa deixar de ser gay: tratamento cirúrgico como a histerectomia, ovariectomia que clitoritectomia, retirada do clitóris, castração, vasectomia, cirurgia do nervo pudico, lobotomia no Cérebro, além disso, já teve tratamento hormonal, tratamento de choque, tratamento com estimulantes sexuais e antidepressivos sexuais. Já teve terapia de aversão, redução da aversão à heterossexualidade, tratamentos de eletrochoque, grupo de terapia hipnose e psicanálise. Nenhum funcionou até hoje na história do planeta Terra.

Então meus amigos a partir do momento em que a oferta da reorientação sexual é perigosa e pode gerar suicídio o Conselho de Psicologia está certíssimo em vetar tal prática charlatã, oportunista e mentirosa. Ok?

Está errado está completamente errado. Não importa qual seja a sua convicção de fé, não importa qual seja sua religião, está errado cientificamente, não pela fé, cientificamente. Se no fim de tudo você ainda acha que é certo oferecer cura gay ofereça dentro da sua igreja e aí você pode oferecer o quanto você quiser, você pode falar que você converte o demônio da homossexualidade, não tem uma lei que proíba você de, dentro da sua igreja, oferecer a cura gay para as pessoas. Mas não use a ciência para isso, não faça no consultório de psicologia, não faça no consultório de psiquiatria, porque aí sim a sua licença tem que ser cassada porque você é um charlatão mentiroso.

Vamos torcer pra isso cair. Eu tenho fé que vai cair, não acredito que vai durar quase nada, vai derrubar. Psicólogo não vai poder oferecer cura gay coisíssima nenhuma. Se quiser vai pra igreja oferecer querido. No seu consultório, respeite à ciência, respeite a disciplina, respeite o conselho que guia e diz o que é ético e moral na sua profissão tá bom? [Aponta o dedo para a tela dirigindo-se a psicólogos/as]. (CURA, 2017, grifo do autor).

Felipe Neto inicia a produção dizendo que a fala é para seus/suas seguidores/as que estão em “*momento de formação de opinião*”, explicando didaticamente sua visão sobre a reorientação sexual, com um tom de argumentação e persuasão. Entretanto, termina direcionando-se a psicólogos/as que são a favor da prática, para que eles/as não façam tal tratamento, partindo para uma postura incisiva e intimidativa, como se soubesse que teriam pessoas para as quais as falas foram direcionadas assistindo. Isso mostra que existem estratégias de endereçamento no material, embora diga que o vídeo não é para quem acha que ser gay é uma opção, o tempo todo o influenciador critica esse ponto e vista e parece tentar convencer justamente esse público que pensa diferente dele. Ao citar ‘essa pessoa’ no início, ele pode instigá-la a continuar assistindo e fazer a mensagem chegar a quem mais importa, aqueles/as que concordam e defendem a reorientação sexual.

O *youtuber* é enfático em seu posicionamento contrário a esses tratamentos. Ao defender seu ponto de vista, posiciona-se diante de um embate social que se pauta em dois lados: o que considera as homossexualidades como anormalidades e o que as veem dentro das diversas orientações sexuais que convivem concomitantemente. Colocando o vídeo na teia de aparatos que difundem discursos sobre as sexualidades, defendendo que homossexualidade não é doença, não é escolha, não é errado e não necessita de tratamento. Contudo, ao considerar as

falas presentes na produção há algo importante a ser problematizado: elas parecem expressar a homossexualidade como algo inato e imutável. Entretanto, após diversas tentativas de explicar as causas das homossexualidades,

o que hoje se sabe é que não há informações seguras sobre o que faz uma pessoa ter preferências afetivo-sexuais homo, bi ou heterossexual, por maiores que sejam as especulações acerca de supostas bases genéticas, endocrinológicas, fisiológicas, psíquicas ou sociais da orientação sexual dos seres humanos. (MELLO; GROSSI; UZIEL, 2009, p. 165).

Nenhuma orientação sexual é resultante de “um ato racional, de uma escolha deliberada, de uma vontade intencional” (MELLO; GROSSI; UZIEL, 2009, p. 165), mas “construída nos embates subjetivos e sociais, produzidos nas interações, a partir de padrões culturais, relações de poder, idéias (sic) sociais, configurando-se como um fenômeno individual tanto quanto coletivo” (SOUSA FILHO, 2009b, p. 113). Por isso, não dá para afirmar que alguma orientação sexual seja irreversível, pois equivaleria a dizer que se trata de algo inato, como se os indivíduos tivessem uma predisposição biológica para determinada orientação. Isso vai contra as concepções discutidas neste trabalho de que “todas as sexualidades devem ser construídas, que nossas práticas e interesses são socialmente negociados durante toda nossa vida e que a moldagem sexual não precisa estar presa a estruturas de dominação e sujeição” (BRITZMAN, 1996, p. 91).

Há muitos estudos que tentam explicar as homossexualidades. No texto “*Teorias sobre a gênese da homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude*”, Alípio de Sousa Filho (2009b, p. 115), discute sobre as buscas pelas origens e causas das sexualidades não heterossexuais e afirma que

no âmbito do desejo e da sexualidade, toda procura de inteligibilidade – causas específicas – está fadada a cair em preconceitos, nos discursos de poder, na ideologia, porque buscarão determinações sempre arbitrárias, reducionistas, e sob o domínio dos discursos de normalidade.

Isso posto, a problematização em torno dos tratamentos de reorientação sexual não é se eles funcionam ou não. É importante pensar que representam um pensamento heteronormativo. Ademais, se constituem como uma negação da diversidade, um desrespeito, uma violência contra homossexuais, pois reforçam o discurso da homossexualidade como anomalia que precisa de cura, estimulando a homofobia.

Daniel Borrillo (2010, p. 34) resume características da homofobia dizendo que ela pode ser definida como “a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo”⁸³. Entretanto, Rogério Junqueira (2012) amplia essa definição. Segundo o autor, ela também pode ser descrita

como um fenômeno social relacionado a preconceitos, discriminação e violência contra quaisquer sujeitos, expressões e estilos de vida que indiquem transgressão ou dissintonia em relação às normas de gênero, à matriz heterossexual, à heteronormatividade. E mais: seus dispositivos atuam capilarmente em processos heteronormalizadores de vigilância, controle, classificação, correção, ajustamento e marginalização com os quais todos(as) somos permanentemente levados(as) a nos confrontar. (JUNQUEIRA, 2012, p. 67-68).

A homofobia é consequência e instrumento da heteronormatividade. Ao mesmo tempo que o reforço da norma estimula tal fenômeno, esse sentimento de negação ao que está fora da matriz heterossexual contribui para perpetuá-lo. Como aponta Junqueira, a homofobia não vigia somente as relações afetivo-sexuais, mas toda a cadeia apontada por Judith Butler (2003), como matriz de inteligibilidade de gênero, constituída pela coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Por essa razão, a homofobia atinge todas as pessoas controlando os corpos e suas formas de ser e existir.

Com a compreensão de que ela se organiza como guardiã das fronteiras tanto sexuais (hetero/homo), quanto de gênero (masculino/feminino), o espectro da abjeção se amplia, passando a atingir quaisquer sujeitos cujos corpos ou comportamentos façam borrar essas fronteiras: gays e lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, mas também homens e mulheres heterossexuais que se afastem das normatizações binárias dos gêneros (homens mais sensíveis e emotivos, mulheres mais independentes e impositivas, por exemplo). (CASTRO, 2014, p. 178).

Muito mais do que agressões físicas a homossexuais, a homofobia consiste em uma forma de vigilância composta por olhares, piadas, deboches, xingamentos, apontamentos, correções, punições, ataques... direcionados a todos/as que em algum momento parecem desviar das normas, inclusive heterossexuais e cisgêneros. Por isso, é importante falar sobre as questões de sexualidade, heteronormatividade e homofobia nas mídias.

⁸³Na mesma linha vêm sendo usados os conceitos de “lesbofobia”, “bifobia”, “transfobia” e “LGBTQIfobia”, considerando as especificidades de cada grupo de envolvidos por eles.

O Canal Felipe Neto apresenta alguns discursos contra a homofobia, porém, o modo como o influenciador se refere a homossexuais nos vídeos atuais é bem diferente do que era visto em produções mais antigas, quando ainda fazia o personagem no canal “Não faz sentido”. No Vídeo “É hora de falar a verdade... Mostre pros seus pais”, em que rebate críticas e desmente *fake News*, o *youtuber* fala um pouco dessa mudança. Ele demonstra uma preocupação em dizer que seus saberes foram ressignificados ao longo do tempo e que sua postura diante da homossexualidade é completamente diferente atualmente. Em suas palavras:

Em UM VÍDEO dos 2 mil vídeos que eu tenho no meu canal, quase 10 anos atrás, eu fiz UMA piada falando mal dos homossexuais. Eu era uma pessoa ainda infestada por preconceitos. Eu tinha 21 anos. As pessoas crescem! Elas amadurecem! Se você estudar a história do meu canal, 3 anos depois desse vídeo eu fiz um “Não faz Sentido – Homofobia”⁸⁴, em que eu bati na homofobia. Ou seja, desde 2013, eu já vinha com uma postura completamente diferente de 2010. Então, dizer que eu mudei porque agora é moda defender o movimento LGBTQI+ é absurdamente mentiroso! Porque o vídeo de homofobia do meu canal é de 2013. E desde então, eu venho fazendo tudo que existe ao meu alcance, pra poder corrigir os meus erros do passado. Pra poder mostrar pras pessoas o quanto eu mudei e o quanto eu amadureci, cara. Porque a vida é isso! A vida é você não ficar preso somente ao que você leu até agora. A vida é você descobrir coisas novas todos os dias. É você descobrir que você tava errado todos os dias. Então, eu, constantemente, me pego aprendendo algo novo, lendo algo novo, descobrindo uma nova realidade que eu não fazia a menor ideia. E foi assim que eu consegui começar a lutar contra a minha homofobia, contra o meu machismo, contra o meu até racismo. Porque o preconceito é institucionalizado. Não é que você é uma pessoa que pode ser racista, apesar de que tem muitos que são, mas enfim... Às vezes você reproduz pensamentos e atitudes racistas, machistas, homofóbicas, porque é institucionalizado e você acha que é normal ser assim. Enfrentar isso é um aprendizado. E eu aprendi! E aprendo todos os dias, porque você nunca tá 100% perfeito. Ainda mais um homem branco, heterossexual... Irmão, você tem que aprender todos os dias, a como evoluir. Então, sim... Eu fiz uma piada homofóbica, 10 anos atrás. Mas quem era você, 10 anos atrás? Tenta pensar. Se você pensar em você próprio, 10 anos atrás e olhar pra hoje e você achar que não mudou nada, você tá vivendo errado, irmão! Você está vivendo errado! Você tá passando pela vida sem aprender nada. E isso é inadmissível! Concorda comigo? Então, primeira mentira, desfeita! Eu não falo que homossexuais são “viadinhos”, eu falei isso 10 anos atrás. E desde 2013, eu luto contra a homofobia na internet!. (É HORA, 2019, grifos do autor).

⁸⁴Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YarCKpbI46c>.

Com o intuito de mostrar, principalmente, para pais/mães de seguidores/as que não é “má influência”, Felipe Neto esclarece nesse vídeo questões que foram utilizadas para atacá-lo. Ao explicar que vinha sendo acusado com mentiras, o *youtuber* desmente cada uma delas e convida as pessoas a assistirem ao canal por uma semana para verem que seu conteúdo não é impróprio. Uma dessas acusações era a de que ele se referia a homossexuais como “viadinhos”, o que foi respondido com a fala acima.

Termos como “viadinho”, “bicha”, “sapatão”, entre outros, são utilizados de forma pejorativa. É possível ver o uso dessas palavras como xingamentos proferidos a homossexuais, mas também destinados a heterossexuais na intenção de atacar as masculinidades ou feminilidades das pessoas, seja em tom de insulto ou de “brincadeira”. Palavras que muitas vezes ofendem a quem escuta e mostram a homofobia presente na nossa sociedade. Rogério Junqueira (2012, p. 71) aponta que essa prática faz parte de uma “pedagogia do insulto” que educa para heteronormatividade usando apelidos, ridicularizações, piadas, ofensas e desqualificações daqueles/as que não se enquadram na matriz heterossexual e nas normas de gênero. São “jogos de poder que marcam a consciência, inscrevem-se no corpo e na memória da vítima e moldam pedagogicamente suas relações com o mundo”. Desse modo, desde o nascimento, os sujeitos são induzidos a rejeitar aquilo que é alvo de constrangimento e violência e aprendem a controlar a si mesmo e aos outros. A “pedagogia do insulto” naturaliza a desumanização e estimula a homofobia gerando cada vez mais preconceitos e agressões. É um mecanismo que faz parte do cotidiano da maioria das pessoas e acontece de forma tão sutil, que nem sempre elas se dão conta de que participam desse processo, contribuindo para disseminar a discriminação.

Felipe Neto fala da própria experiência dizendo que o preconceito é institucionalizado e que só teve uma mudança de postura quando colocou sob suspeita as concepções que carregava⁸⁵. No vídeo “Homofobia - não faz sentido! [+13]” (2013), citado na fala, o *youtuber* convoca o público a pensar sobre a homofobia e faz o seguinte apelo:

É bem possível que eu perca uma parte do meu público com esse vídeo que eu vou fazer agora. Por isso, antes de você me xingar nos comentários, eu peço só uma coisa: que você assista este vídeo e pense durante 30 segundos nas coisas que eu tenho pra te falar. E que depois disso você não tome esse vídeo como uma verdade absoluta, que você simplesmente se inspire a pesquisar mais sobre o assunto, que você

⁸⁵No vídeo “HETEROFOBIA - Pergunte Às Bee 68”, em que Felipe Neto fez uma participação no Canal das Bee, ele fala sobre como começou a questionar suas concepções e passou a se posicionar como defensor da causa LGBTQI+. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jeSppgR8-EE&t=339s>. Acesso em: 9 set. 2020.

crie as suas próprias conclusões baseadas em opiniões que vão de encontro àquelas que vocês foram condicionados a ter em um país que, infelizmente, é muito preconceituoso com a questão dos homossexuais. Então pesquisa, conclua e, se depois disso você quiser me odiar foda-se! Tudo bem. Pode me odiar!. (HOMOFOBIA, 2013).

Na produção ele diz para os/as expectadores/a respeitarem homossexuais e rebate alguns argumentos comumente utilizados por quem é homofóbico/a, principalmente, os baseados em versículos bíblicos. Além disso, faz um alerta para lembrar que homofobia não é só a violência física:

Homofobia não é sair pela rua com uma espingarda caçando gay como se você tivesse na porra do walking dead. Homofobia é muito mais do que isso, é você utilizar as suas palavras e da sua filosofia de vida para simplesmente não aceitar determinadas pessoas e colocá-los a par da sociedade. Como se elas merecessem a discriminação, como se elas merecessem o tempo inteiro serem condenadas e abominadas por todo mundo. E você não precisa dar uma lampadada na cara de alguém pra causar esse efeito. Bastam as suas palavras. (HOMOFOBIA, 2013).

Além desse vídeo, desde 2013, podemos encontrar falas e atitudes de Felipe Neto que demonstram a postura diferente assumida por ele no que diz respeito à homofobia⁸⁶, em que faz críticas à discriminação de homossexuais, promove ações que dão visibilidade à questão e faz parcerias com pessoas famosas que falam sobre o tema, como a cantora drag Pabllo Vittar e as/os youtubers do Canal das Bee.

A expressão de maior visibilidade do posicionamento do influenciador com relação às homossexualidades ocorreu na época do Bienal do Livro do Rio de Janeiro ocorrida entre os dias 30 de agosto e 8 de setembro de 2019. Na ocasião, o então prefeito da cidade Marcelo Crivella⁸⁷ ordenou que a revista em quadrinhos “*Vingadores: a Cruzada das Crianças*” (Figura 16) fosse recolhida do evento, alegando que ela apresentava conteúdo sexual para menores, por isso deveriam estar lacradas em plástico preto e com aviso sobre o conteúdo. Disse também que essa era uma atitude para proteger as crianças⁸⁸. Além disso, enviou um grupo de fiscais da

⁸⁶Alguns vídeos que mencionam o assunto são: “Beijo gay na novela [+13]”; “Felipe Neto e Marco Feliciano - debate [+13]”; “Felipe Neto é gay? [+13]”; “Cura gay... É isso mesmo?”; “Censura na bienal!”; “Virei drag e o povo surtou!”; “Cala a boca que você é homem // Canal das Bee [+13]”; “Como deixar de ser babaca [+13]”; “Disney e o Silas Malafaia [+13]”.

⁸⁷Marcelo Crivella é filiado ao partido Republicanos e vinculado a bancadas evangélicas, ocupou o cargo de prefeito da cidade do Rio de Janeiro entre 2017 a 2020.

⁸⁸Vídeo postado na conta pessoal do Twitter de Marcelo Crivella no dia 5 de setembro de 2019. Disponível em: https://twitter.com/MCrivella/status/1169752491178831873?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed

Secretaria Municipal de Ordem Pública para percorrer o evento à procura de livros “com cenas impróprias a crianças e adolescentes”⁸⁹. A atitude do prefeito foi embasada usando o artigo 78 do Estatuto da Criança e do Adolescente que diz:

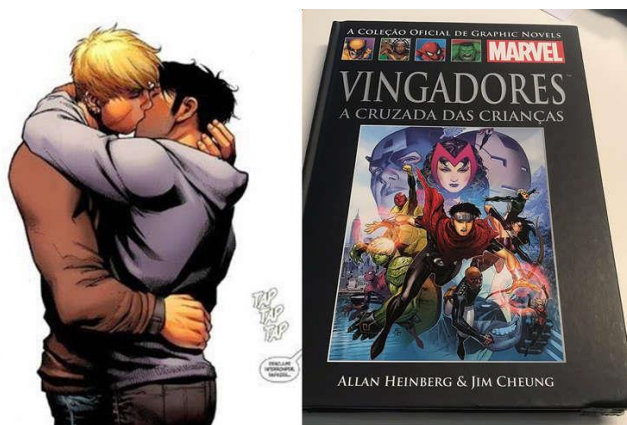
As revistas e publicações contendo material impróprio ou inadequado a crianças e adolescentes deverão ser comercializadas em embalagem lacrada, com a advertência de seu conteúdo.

Parágrafo único. As editoras cuidarão para que as capas que contenham mensagens pornográficas ou obscenas sejam protegidas com embalagem opaca. (BRASIL, 1990).

Vale ressaltar que o material em questão não apresenta conteúdo de cunho pornográfico, somente mostra um romance entre dois homens e exibe, na parte de dentro do livro, a imagem de um beijo entre eles, ato que pode ser visto em diversos contos de fadas infantis, protagonizado entre homem e mulher. O que possibilita pensar que o ato foi movido por homofobia.

No dia 7 de setembro de 2019, em resposta a essas ações, Felipe Neto comprou todos os livros do evento que tratam da temática LGBTQI+ (14 mil unidades) e doou para participantes da Bienal. Os exemplares doados estavam embrulhados com plástico preto e continham uma tarja dizendo: “Este livro é impróprio para pessoas atrasadas, retrógradas e preconceituosas”, o que ironizava a atitude do prefeito⁹⁰.

Figura 16 - Capa da revista “vingadores” e a imagem de dois homens se beijando contida em seu interior



Fonte: Google imagens.

%7Ctwterm%5E1169752491178831873%7Ctwgr%5E&ref_url=https%3A%2F%2Fbrasil.elpais.com%2Fbrasil%2F2019%2F09%2F06%2Fpolitica%2F1567794692_253126.html. Acesso em: 27 ago. 2020.

⁸⁹Mais informações sobre a ação do prefeito no *site*:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/06/politica/1567794692_253126.html. Acesso em: 27 ago. 2020.

⁹⁰Matéria sobre a ação em: <https://g1.globo.com/tj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/07/livros-com-tematica-lgbt-comprados-por-felipe-neto-sao-distribuidos-na-bienal.ghtml>. Acesso em: 27 ago. 2020.

A ação foi anunciada através de um vídeo postado no canal Felipe Neto no dia 6 de setembro de 2019, véspera da distribuição. Na ocasião ele vestia uma camisa com os dizeres: “*all we need is love*” (tudo o que precisamos é amor). Nessa produção, o *youtuber* diz:

Hoje, sexta-feira, dia 6 de setembro de 2019, foi um dia triste pra democracia brasileira. O dia em que o Prefeito da cidade do Rio de Janeiro decidiu, por um devaneio, por uma loucura dele, que um beijo entre dois homens deve ser enquadrado como pornografia, como conteúdo sexual e que, por isso, qualquer obra que mostre afeto entre gays deve ser embalada com plástico preto e avisada como conteúdo impróprio. Eu espero que, mesmo que você seja uma pessoa que não tem simpatia pela causa LGBT, que você enxergue o nível mais profundo de censura e repressão que isso representa. Amor não é pornografia! Amor não deve ser censurado! Afeto não pode ser proibido para menores. Tudo isso aconteceu porque o Crivella viu esse beijo, em uma única página de uma HQ dos Vingadores. Nunca incomodou o Prefeito que as HQs, historicamente, tenham cenas de violência, sangue, guerra, tiro, porrada, bomba. Isso não importa. Só o que importa, só o que incomoda é o amor entre pessoas do mesmo sexo! Enquadrar o afeto homossexual dentro da lei de pornografia e conteúdo impróprio pra menores é censura em último nível! É baixo, é covarde! E nós, como sociedade, nós não podemos aceitar! [...] Então, eu tô tentando fazer a minha parte, pelo menos um pouquinho. Pra gente ter uma sociedade mais igual. Com mais aceitação e com mais inclusão. [...]. Pegue o seu! E espalhe o amor! Espalhe a inclusão. Espalhe a aceitação. LGBT não é pornografia! Por favor, espalhem essa mensagem. (CENSURA, 2019).

A partir dessas palavras, o influenciador explicou como a ação iria funcionar e convocou o público para ir ao evento pegar um dos livros que ele doaria e assistir aos debates sobre “diversidade dentro do universo da literatura”, que aconteceriam no mesmo dia. A ação teve grande repercussão em outras mídias, sendo noticiada em jornais televisivos e muitos *sites*. O vídeo teve 1.834.563 visualizações, 379 mil curtidas, 48 mil descurtidas e 35.627 comentários⁹¹, além de o canal ter conquistado 38.742 inscritos/as em 48 horas⁹². Em contrapartida, após o acontecido, Felipe Neto diz ter sido alvo de *fake News* e recebido ameaças⁹³, inclusive sentindo a necessidade de reforçar a segurança pessoal e da família. Diante disso me pergunto: por que a homossexualidade é um campo de tanto interesse e que gera tantos conflitos?

⁹¹Dados do dia 28 de agosto de 2020.

⁹²Dado obtido por observação pessoal do canal durante o período.

⁹³Mais informações nos *sites*: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/por-ameacas-felipe-neto-cancela-participacao-em-evento-de-educacao/>. E <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2019/09/17/felipe-neto-ameaca/>. Acesso em: 28 ago. 2020.

Esse episódio mostra que discursos não são disseminados somente por palavras, mas também por atos. As ações do prefeito e do *youtuber* demonstram suas concepções e se consistem práticas educativas na medida em que contribuem para a formação de sujeitos. Ambas visam transmitir uma mensagem e levam as pessoas a pensarem sobre si mesmas, a se posicionarem a respeito das homossexualidades e da homofobia. É possível perceber que as palavras explicam, mas não são fundamentais para que possamos ver quais discursos sobre as homossexualidades estão presentes nas duas práticas. Os discursos não se restringem aos atos de fala, sua disseminação acontece de diversas formas, por elementos visíveis e enunciáveis (FISCHER, 2005). Foucault (1988, p. 30 nos diz que “é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros”.

Então, quais as condições de existência das duas práticas ocorridas na Bienal do Livro de 2019? Estamos vivenciando um contexto em que disputas políticas e ideológicas estão bastante acirradas. Pessoas ligadas a movimentos religiosos têm ocupado cargos políticos e lutado para que os princípios de suas religiões sejam incorporados pela sociedade por força de leis. Um dos assuntos mais latentes dessas disputas são as sexualidades, as questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero vêm tornando-se um verdadeiro campo de batalhas discursivas. Nesse contexto, Marcelo Crivella, bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus, que possui 29,4 mil seguidores/as no YouTube⁹⁴, defende que um beijo entre dois homens em uma revista em quadrinhos deve ser classificado como pornografia. Enquanto isso, Felipe Neto com 39,2 milhões seguidores/as na mesma rede social⁹⁵, vai contra essa ideia e defende que o amor não é pornografia, portanto, não deve ser censurado. Nesse duelo, estão pessoas influentes, “autorizadas” a dizer, e representam discursos defendidos por determinados setores da sociedade, suas intervenções dizem de uma relação de força e poder muito presentes nos dias atuais. As posições que ambos ocupam na sociedade fortalecem suas palavras e ações, permitindo que sejam vistas por muitas pessoas e sirvam de referência para que elas construíssem suas concepções e argumentos.

Em “*A Ordem do Discurso*”, Michel Foucault (1996, p. 9) afirma que “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. Esses procedimentos se

⁹⁴Dados do dia 29 de agosto de 2020.

⁹⁵Considerarei somente os/as seguidores/as do YouTube por ser a plataforma da qual este trabalho trata, mas ambos possuem muitos/as seguidores/as e outras redes sociais.

encarregam de determinar o que pode ou não ser dito, como, quando e por quem em cada contexto. Existem instituições que culturalmente são legitimadas como autoridades dos discursos que circulam entre nós, como aquelas relacionadas à medicina, política, justiça, religião, mídia, ente outras. Ocupar determinados lugares de visibilidade e liderança nas esferas políticas, religiosas e midiáticas, como é o caso dos envolvidos na disputa em questão, dá a eles o “direito de dizer”, suas palavras ganham *status* de verdade e contribuem com os processos de subjetivação dos sujeitos na sociedade. Fazer manifestações que tenham grande repercussão é uma forma de dar visibilidade aos discursos que defendem. Além de fortalecê-los como influenciadores e pessoas “autorizadas” a falarem de determinados posicionamentos.

Os embates de Felipe Neto relacionados a discriminações sexuais e de gênero não pararam aí. Diante dos ataques de grupos e figuras religiosas à diversidade, ele propôs mais uma ação: se comprometeu a fazer publicidade gratuita no seu canal para todas as marcas que sofressem boicotes, coordenados pelo pastor Silas Malafaia, ao tratarem de temas ligados à diversidade em suas propagandas. A promessa foi feita no vídeo “Disney e o Silas Malafaia” (2017) com as seguintes palavras:

Qualquer empresa no Brasil, a partir de hoje, podem realizar campanhas livremente, que envolvam questões raciais, que envolvam questões de sexualidade, que envolvam questões religiosas... vocês podem ser livres para fazer o que vocês quiserem. Incluam as pessoas. E principalmente incluam sexualidades distintas da tradicional brasileira e do mundo inteiro. Neste momento o que a gente mais tem é a censura completa de questões homossexuais, bissexuais, transexuais e todas as outras definições que existem. Então qualquer empresa brasileira que realizar uma campanha publicitária envolvendo esses temas, basta irritar Silas Malafaia o suficiente para ganhar publicidade gratuita minha aqui no canal. (DISNEY, 2017).

O compromisso foi efetivado em dois contextos. Primeiramente em 2017, quando Silas Malafaia convocou um boicote à Disney por exibir um beijo entre dois homens em um episódio da série de desenho animado “Star vs. as Forças do Mal”. Na produção feita em resposta a isso, Felipe Neto apresentou publicações do pastor no *Twitter* ressaltando o caráter agressivo e homofóbico delas. Além disso, convocou seus/suas seguidores/as a comprarem qualquer coisa da marca Disney no intuito de atrapalhar o boicote e demonstrar apoio à marca. Entre outras coisas ele argumenta que:

O entretenimento é um reflexo da sociedade. O entretenimento ser proibido de mostrar dois homens dando um selinho, isso é censura. Ser

proibido de mostrar qualquer tipo de relação e afeto homossexual. Isso é censura. Para todo mundo que concorda com essa visão completamente equivocada de que crianças não podem ser expostas à homossexualidade, eu faço uma pergunta para você: você acha que o jeito certo de educar seu filho a respeito da homossexualidade é fingindo que ela não existe? Você acha que essa é a solução? Você não acha que o seu filho vai ver homossexuais inevitavelmente? Você não acha que é muito mais bonito a sociedade abraçar algo que é natural, comum e inerente ao ser humano e você explicar para o seu filho de maneira natural, comum e inerente a homossexualidade existente dentro da sociedade?. (DISNEY, 2017).

O segundo caso ocorreu mais recentemente, em julho 2020, quando o mesmo pastor incentivou um boicote à marca Natura por convidar o ator transexual⁹⁶ Thammy Miranda para fazer parte da equipe de influenciadores em sua campanha de dia dos pais. Ao responder à campanha com o vídeo “Vamos vencer o boicote [+13]” (2020), Felipe Neto parabenizou a marca “*pela inclusão e pela representatividade*” e convidou o público a comprar coisas da Natura. Paralelamente, apresentou dados alarmantes sobre as pessoas transexuais publicados em pesquisas nos anos de 2016 e 2018:

- *O Brasil é o líder mundial em assassinato de pessoas transexuais;*
- *Pessoas transexuais e travestis têm extrema dificuldade no mercado de trabalho, extrema dificuldade em serem aceitas dentro de casa. Normalmente são expulsas;*
- *São vítimas do mais violento preconceito possível.*
- *90% das pessoas transexuais e travestis no Brasil acabam recorrendo à prostituição;*
- *0,02% de todas as pessoas transexuais e travestis no Brasil, estavam em uma universidade;*
- *72% de todas as pessoas transexuais e travestis no Brasil não conseguiram concluir o Ensino Médio;*
- *56% de todas as pessoas transexuais e travestis do Brasil não conseguiu concluir o Ensino Fundamental;*
- *A média de expectativa de vida de uma pessoa transexual ou travesti no Brasil é de 35 anos. (VAMOS, 2020).*

⁹⁶Segundo Jaqueline de Jesus (2012, p. 27), o ‘transexual’ é um “termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento”. Para a autora, “pessoas transexuais geralmente sentem que seu corpo não está adequado à forma como pensam e se sentem, e querem ‘corrigir’ isso adequando seu corpo à imagem de gênero que têm de si. Isso pode se dar de várias formas, desde uso de roupas, passando por tratamentos hormonais e até procedimentos cirúrgicos” (JESUS, 2012, p. 15).

O *youtuber* terminou de anunciar os dados com uma expressão de tristeza e voz embargada dizendo que essas pessoas “*são marginalizadas*”. A partir daí fez o apelo ao público:

Eu acho que esses são dados o suficiente pra gente entender quem tá lutando pelo amor, pela inclusão, pela aceitação. E quem tá lutando pelo ódio, pela raiva, pela discriminação, pela violência e pela exclusão. E se você me acompanha, se você me segue, você sabe que há anos eu bato sempre na tecla de nós amarmos a todos, de nós aceitarmos e incluirmos a todos. [...] Eu sei que parece pouco, mas um produto que você compra já faz uma diferença monstruosa pra gente revelar o quanto a presença do Thammy Gretchen na campanha de Dia dos Pais da Natura foi importante. E, a partir do Thammy a gente pode continuar com o discurso de inclusão e lutando por uma sociedade mais igual, menos injusta, menos segregadora. E quem sabe um dia, esses números que eu revelei aqui mudem. Tudo começa com uma pequena ação. (VAMOS, 2020).

As duas ações foram realizadas para confrontar atos convocados por Silas Malafaia que poderiam disseminar o ódio contra pessoas LGBTQI+. É possível perceber que os boicotes foram convocados porque a exposição midiática de um beijo *gay* e da figura de um homem transexual representando a paternidade incomodou a um determinado segmento da sociedade. Felipe Neto questiona se algumas pessoas acham que esconder a diversidade de identidades sexuais e de gênero existentes poderia evitá-las. A representatividade na mídia é importante para a construção das nossas subjetividades, pois contribui para a formação de representações identitárias e para nos reconhecermos enquanto sujeitos de determinadas identidades. Entretanto, “o desejo não se constrói a partir de um efeito de imitação puro e simples, mas por meio de um complexo e pouco conhecido processo que, provavelmente, reúne componentes sociais, psicológicos e biológicos, intrínsecos à história singular de cada sujeito” (MELLO, GROSSI; UZIEL, 2009, p. 166). Então, por que a representatividade do público LGBTQI+ nas mídias vem sendo tão atacada? Penso que a mídia, com

todo esse complexo aparato cultural e econômico – de produção, veiculação e consumo de imagens e sons, informação e publicidade e divertimento, com uma linguagem própria – é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida. (FISCHER, 2006, p. 15).

Assim, aparecer significa reafirmar a existência desses modos, a fim de que sejam legitimados. Os artefatos culturais apresentam aquilo que circula na sociedade, mostram como determinadas coisas existem na nossa cultura e acabam contribuindo para a formação de opiniões a respeito dos mais variados assuntos. Isso também acontece com relação às identidades sexuais e de gênero, estar na mídia significa estar mais próximo/a ao público, levar até ele discussões que, durante muitos anos, não tiveram em pauta.

A presença de pessoas LGBTQI+ nos diversos artefatos culturais é fruto de uma mobilização política desses grupos pelo direito a representatividade nesses espaços que são educativos, visto que isso possibilita mais informação, permitindo questionamentos sobre preconceitos enraizados na sociedade e resultando em mais empatia com o outro. Além do mais, gera maior visibilidade das lutas que os sujeitos LGBTQI+ enfrentam e fomenta o debate público sobre a desigualdade de direitos, a discriminação e a violência. Quando pessoas com variadas identidades são representadas nas mídias de forma respeitosa, assumindo posições de destaque, formando opiniões, expondo suas bandeiras e batalhas, os discursos normativos tendem a sofrer questionamentos. Os/as defensores/as desses discursos parecem ter medo de ver os privilégios da norma questionados. Por isso, os artefatos culturais vêm se tornando campos de conflitos. A rivalidade de discursos mostra como as relações de poder estão em disputa, quanto mais os discursos progressistas se propagam, maior o esforço dos conservadores para se tornarem mais abrangentes também e vice e versa, pois, onde há poder há resistência (FOUCAULT, 1988)

4.2.3 “Hoje nós vamos falar sobre sexo”: vídeos educam para o ato sexual?

As palavras que iniciam o título referem-se ao anúncio do tema feito por Felipe Neto no vídeo “Desafio da camisinha (o de verdade!) [+13]” (2017). Nele, o *youtuber* classifica sexo como um tema sério, chato, polêmico e sensível de ser falado, mas importante. Na posição de jovem que fala para jovens, ele usa alguns de seus vídeos para conscientizar o público a respeito de assuntos que considera relevantes. Classificadas por ele como sérias, essas produções apresentam dados, críticas e conselhos que podem levar seguidores/as a (re)pensarem seus posicionamentos diante dos temas abordados. O ato sexual é um desses tópicos e foi colocado em discussão em mais de um vídeo do canal.

Um exemplo disso pode ser visto no vídeo “Desafio da camisinha (o de verdade!) [+13]” (2017), em que o influenciador busca conscientizar sobre a importância do uso de preservativos

para prevenir doenças sexualmente transmissíveis. Após anunciar que o assunto é sexo, ele tenta atrair os/as espectadores/as dizendo:

Calma, relaxa! É muito importante que você assista o vídeo de hoje, que seus pais assistam o vídeo de hoje [...]. As coisas que precisam ser ditas aqui são muito importantes, principalmente para vocês que são mais jovens, que eu sei que compõem a maioria do público que assiste o canal. Então presta atenção. Não vai ser papinho de pai e mãe não tá? Eu vou falar aqui de brother com vocês, de parceiro de vocês. Tenha você 10 ou 80 anos. Pense em mim como um amigo tá? Não como alguém que está dando conselhinho sobre sexo. Aqui vocês sabem que não tem essa pegada aqui no canal. (DESAFIO, 2017).

Ao longo da produção, o *youtuber* mantém uma linguagem mais próxima do público jovem referindo-se a situações que costumam acontecer nessa faixa etária. Ele começa o assunto citando uma pesquisa que menciona um aumento no número de casos de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) e dizendo que sua preocupação com o fato o levou a falar disso. Afirma também que nos anos 1980 e 1990, como não havia tratamentos para essa doença, muitas pessoas morriam ao contraí-la. Para diminuir essa consequência, aconteciam muitas campanhas de conscientização sobre o uso de preservativo como forma de evitá-la. Ele acredita que, com a diminuição dessas campanhas e com o avanço dos tratamentos que possibilitam maior expectativa de vida para quem vive com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), causador da doença, as pessoas estão perdendo o medo de morrer de Aids. Ao afirmar que tem visto muitos jovens se vangloriando por terem transado sem camisinha, Felipe Neto manda um recado para esse público:

Então a primeira coisa definitiva que eu queria conversar nesse vídeo, falar pra vocês é o seguinte: se algum amigo teu ou você... mas vamos focar no amigo, vamos fingir que você está assistindo não faz isso, que você é uma pessoa extremamente consciente. Se algum amigo teu chegar para você se orgulhando de ter transado com uma menina sem camisinha. Ou se uma menina se orgulhar de transar com um cara sem camisinha, embora isso eu nunca tenha visto acontecer, não congratula não. Dá esporro, tira sarro, faz passar vergonha. Fala com a pessoa: “Vem cá você quer parabéns por ter sido um imbecil? Você quer parabéns por ser um completo idiota? Você quer parabéns por, não só agora estar correndo o risco de ter pego uma doença, como também estar correndo o risco de ter transmitido uma doença para alguém? É por isso que você quer parabéns? Por ‘ter comido no pelo’?” Primeira coisa que você tem que fazer é isso: parem de achar que transar sem camisinha é cult, é legal, é um objetivo a ser atingido. É

estupidez, ignorância e pode destruir a tua vida ou a vida da outra pessoa. (DESAFIO, 2017, grifos do autor).

Aqui o *youtuber* cita um comportamento culturalmente comum em alguns grupos, geralmente masculinos: contar sobre suas atividades sexuais para os amigos no intuito de se vangloriar. Muitas vezes o homem é exaltado pelas suas práticas sexuais, pela quantidade de parceiras e por condutas que são valorizadas em alguns nichos do universo masculino, como o exemplo citado na fala. O influenciador tenta convencer os espectadores de que fazer sexo sem camisinha não é motivo de glória. Chama a atenção para a importância do outro nesse processo de valorização ou desvalorização de determinadas práticas, pois se o grupo as criticar é possível que o indivíduo repense sua concepção individual. Por isso, incentiva os homens a terem uma postura de desaprovação diante da atitude de transar sem preservativo.

Para defender seu ponto de vista, Felipe Neto cita algumas IST (Aids, Hepatite, HPV, Clamídia, Gonorreia, Tricomoníase e Sífilis), fala que podem ser assintomáticas e qualquer pessoa com vida sexual ativa pode ter uma dessas doenças, mesmo que não veja ou sinta nada em seu corpo. Além de alertar sobre os riscos das doenças, ele enfatiza as consequências do Papilomavírus Humano (HPV) em mulheres, pedindo que os homens se cuidem para protegê-las. Faz também uma fala direcionada ao público feminino:

Então o que eu queria dizer nesse vídeo aqui pra vocês mulheres é o seguinte: é ok dizer não. Se chegar na hora do sexo o cara não tiver camisinha e você não tiver camisinha, é ok dizer não. É ok ele ficar putto. Se ele forçar a barra, se ele tentar... “não vamos transar sim, que isso pô, rapidinho, eu sou limpo, não tenho nada!”. É ok você dizer não. É ok você quebrar o clima ou qualquer coisa que ele possa alegar. Não tem problema algum. Primeiro de tudo cuida da sua saúde. Depois pensa no seu prazer. É tão óbvio que nem sei porque eu estou dizendo né? Mas, infelizmente, tem gente que não sabe disso. E, por último, eu queria dizer também um recado para as mulheres. É ok você ter camisinha! Tá? Porque tem muita mulher que sente vergonha de ter camisinha, não tem camisinha em casa, não tem camisinha na bolsa, não tem camisinha em lugar nenhum. É ok você comprar e ter camisinha, cara, sexo é pros dois, não é só para o homem. Então se você sente que é importante ter camisinha com você pare de sentir vergonha. Se alguém te recriminar você fala “querida, é muito melhor porque amanhã se um cara quiser te comer e não tiverem uma camisinha por perto, você pode acabar querendo dar mesmo assim e você pode pegar doença, eu não porque eu tenho a minha”. Esse é o conselho que eu queria dar. (DESAFIO, 2017, grifos do autor).

A fala endereçada ao público feminino sugere um comportamento de resistência diante de duas situações: a insistência de um homem para fazer sexo sem camisinha e a insegurança ou vergonha de comprar/ter preservativos. Ambas advindas de um contexto histórico de diferenciação da sexualidade de homens e mulheres, em que homens são estimulados a explorarem sua sexualidade, enquanto as mulheres são educadas para vivenciá-la com pudor.

Durante um bom tempo a sexualidade feminina foi quase desprezada, considerada apenas com a função reprodutora. A partir do século XVIII, a mulher passou a ser vista como sujeito sexual passível de fiscalização. Michel Foucault (1988, p. 99) aponta a histerização do corpo feminino como um dos “grandes conjuntos estratégicos, que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo”. Dessa forma, a sexualidade feminina tornou-se objeto de controle, sendo moldada por preceitos morais advindos de discursos religiosos, médicos e jurídicos. Atitudes como manter a virgindade até o casamento, satisfazer ao marido, não ter outros parceiros, não se masturbar, dedicar-se à maternidade, etc. são exemplos do que era esperado para uma mulher “de respeito”.

No Brasil, apesar de muitas mudanças advindas das lutas do Movimento Feminista no que diz respeito à liberdade sexual da mulher, ainda vemos resquícios desse controle. A forma como homens e mulheres são vistos/as socialmente a partir da maneira como se comportam diante do sexo é extremamente desigual. Convivemos com discursos repressores que desqualificam sujeitos femininos que vivenciam sua sexualidade de forma mais livre. Concomitantemente, homens são incentivados desde pequenos a vivenciarem o sexo com toda a liberdade, inclusive sendo enaltecidos quando expõem suas relações sexuais. Nesse contexto, é possível que alguma mulher sinta vergonha de adquirir e portar um preservativo por medo de ser apontada como aquela que não é “de respeito”. Também pode acontecer algum receio em interromper o ato sexual por falta de camisinha, já que isso pode ser visto como contrariedade ao desejo masculino. Esse cenário é retratado pelo *youtuber* que hora direciona a fala para homens, hora para mulheres e em outros momentos independe do gênero. O direcionamento dos conselhos nos faz olhar para o contexto cultural que envolve esse vídeo, principalmente para as diferenças entre os comportamentos esperados para homens e mulheres pela nossa sociedade.

Quando Felipe Neto diz que é ok ter camisinha e é ok interromper o ato sexual, ele está apresentando um discurso diferente daquele que julga e condena a mulher. Sua fala pode levar espectadoras e espectadores a pensarem e a agirem de outra forma. Parecendo reconhecer essa influência sobre quem assiste, o *vlogger* aconselha os/as jovens sugerindo atitudes para ter uma

vida sexual saudável. Apesar de defender o uso de preservativo, ele considera a possibilidade de dispensar o utensílio, desde que sejam seguidos alguns protocolos:

Vamos para o que eu mais escuto dos jovens e adolescentes quando eu converso com eles a respeito do assunto. A primeira coisa a é: “Ai Felipe, mas eu já estou ficando com essa pessoa já tem cinco meses, eu ainda tenho que ficar usando camisinha? Que saco!” [diz revirando os olhos e mudando o tom de voz]. Tem! Sim! Tem que continuar usando camisinha. Primeiro, ficar não é namorar. Você ainda não tem estabelecido com essa pessoa um pacto de fidelidade ok? Então a primeira coisa é: continue transando de camisinha não importa o tempo que você esteja ficando com alguém. Se você quer começar a transar sem camisinha eu vou te explicar qual é o processo. Primeira coisa: você tem que estar em um relacionamento estável, um relacionamento onde você sente segurança no seu parceiro ou na sua parceira. A partir do momento em que você está nesse relacionamento, os dois devem fazer exame. “AI QUE SACO FELIPE, NOSSA VOU TER QUE IR NO MÉDICO PRA TRANSAR SEM CAMISINHA?” [imagem em preto e branco, mudança de voz em tom de reclamação, revirando os olhos]. Vai! Qual que é o problema? Vai cair a mão? Vai cair o dedo? Vai morrer? Vai apodrecer a pepeca? É só a tua vida que a gente está falando. Como é que você não vai a um médico para fazer uma coisa que pode pôr em risco a sua vida? Sim os dois devem ir ao médico e os dois devem fazer exames que mostram que os dois não possuem nenhuma doença sexualmente transmissível. Com os exames em mãos e com a segurança de que o seu parceiro ou parceira não vai te trair vocês podem começar a prática do sexo sem camisinha. Se você estiver em um relacionamento comprometido sob esses termos e você trai a pessoa sem camisinha você é abaixo do nível da imundície da podridão do ser humano. Você pode levar para dentro da sua casa, ou para casa do teu parceiro ou tua parceira uma doença que ele pode carregar para o resto da vida, por conta da sua falta de caráter. Então, por favor, respeite isso mais do que qualquer outra coisa.

Por fim, o que eu quero dizer é ENCAPEM ESSES PINTOS, POR FAVOR, ENCAPEM OS PINTOS. “Ai Felipe, mas é muito melhor transar sem camisinha!” FODA-SE! Comer McDonalds também é muito melhor do que comer salada, mas se você comer todo dia você morre. Então tenha noção das consequências dos seus atos. Bota camisinha!. (DESAFIO, 2017, grifos do autor).

Esses comentários demonstram sua proximidade com os/as jovens, seja quando diz que conversa com eles/as sobre sexo, quando utiliza uma linguagem descontraída, quando apresenta exemplos cotidianos ou quando descreve algumas possíveis reações que uma pessoa na fase da juventude poderia ter diante dos seus conselhos. Isso parece passar confiança, como se os ensinamentos viessem de alguém que sabe o que o/a espectador/a vivencia. Inclusive o

influenciador usa a própria experiência para ilustrar o que defende dizendo: “eu posso afirmar categoricamente, com 100 por cento de certeza, que eu, de fato nunca transei sem camisinha sem estar num relacionamento comprometido, sério e estável, nenhuma única vez” (DESAFIO, 2017).

Dentro do roteiro que aponta como possibilidade saudável para fazer sexo sem camisinha está a estabilidade nas relações. Ele atrela uma união afetiva e monogâmica a uma vida sexual saudável, atentando para o pacto de fidelidade que deve ser firmado quando se opta por um relacionamento estável. Leandro Oltramari e Liliane Otto (2006, p. 60, grifos das autoras) afirmam que a estabilidade das relações costuma gerar mais confiança, modificando a percepção do risco de infecções sexualmente transmissível, “muitos acreditam que a confiança pode ‘imunizar’ contra a infecção pelo HIV. O relacionamento conjugal é construído sobre a forte segurança do confiar e acreditar no outro”. Entretanto, pesquisas (GIACOMOZZI; CAMARGO, 2004; LIMA; MENESES, 2020; NASCIMENTO; KIND, 2018; OLTRAMARI; OTTO, 2006) apontam um aumento no número e infecções por HIV em pessoas que têm um relacionamento estável, mostrando que isso não é sinônimo de pacto de fidelidade e nem de proteção.

Patrícia Chaves do Nascimento e Luciana Kind (2018) chamam a atenção para a vulnerabilidade de mulheres ao HIV/Aids em relacionamentos conjugais, ressaltando fatores como a violência contra as mulheres, a dificuldade de negociar o uso da camisinha com seus parceiros e a aceitação da infidelidade masculina. Historicamente, os processos de constituição de homens e mulheres são diferentes. Enquanto circulam as ideias de que homens precisam mais de sexo; que não conseguem controlar seus desejos sexuais; que a exigência de preservativo indica falta de confiança; que homem ter relação extraconjugal é natural; que a mulher deve realizar os desejos de parceiro, entre outras; a ideia amor romântico, incondicional e fiel vem sendo mais estimulada nas mulheres. Embora não seja regra, esses discursos circulam na nossa sociedade subjetivando muitas pessoas. Essas questões merecem ser problematizadas quando o assunto é vulnerabilidade ao HIV/Aids nos relacionamentos estáveis, o pacto de fidelidade nem sempre é cumprido, por isso, está muito longe de ser garantia de proteção.

Além da questão dos relacionamentos, Felipe Neto aponta a importância de cuidar do corpo com a ajuda da medicina, reforçando a relação de saber-poder desse campo sobre os corpos. Ele afirma que só a partir de exames médicos é possível saber se tem, ou não, alguma IST. Esse procedimento seria uma forma de proteger a si mesmo/a e ao/à parceiro/a. Com isso, é possível perceber

o poder das normas médicas de influir sobre as ações, isto é, de fazer com que o indivíduo se volte sobre si mesmo em observância ao imperativo de saúde, reside no processo através do qual o indivíduo é, ao mesmo tempo, objetivado pelos discursos e práticas científicas e se subjetiva segundo os parâmetros de sua condição de objeto. (PINHEIRO; MEDEIROS, 2013, p. 635).

Em meados do século XVIII, surge do conceito de população: “um conjunto de indivíduos que são pensados coletivamente como uma unidade descritível, mensurável, conhecível e, por isso mesmo, governável” (VEIGA-NETO; LOPES, 2007, p. 955). A necessidade de preservar esse conjunto de vidas levou a mecanismos de governo dos corpos. Por isso, a natalidade, a alimentação, a higiene, a sexualidade e outros fatores que poderiam interferir na saúde da população produtiva e das futuras gerações, tornaram-se objetos de atenção política. Michel Foucault (2005, p. 291) denominou esses mecanismos de biopolíticas⁹⁷, nesse contexto a medicina adquiriu

a função maior da higiene pública, com organismos de coordenação dos tratamentos médicos, de centralização da informação, de normalização do saber, e que adquire também o aspecto de campanha de aprendizado da higiene e de medicalização da população. Portanto, problemas da reprodução, da natalidade, problema da morbidade também.

Dessa forma, a medicina tornou-se responsável por determinados saberes relativos ao sexo que nos levam a esperar dela a verdade sobre a saúde e a doença, o que explica a fala de Felipe Neto sobre a necessidade de ir ao médico para investigar se está saudável. A sexualidade foi um dos aspectos com os quais as biopolíticas começaram a se preocupar na modernidade, colocando o sexo em posição de “responsabilidade biológica”, pois, “não somente o sexo podia ser afetado por suas próprias doenças, mas, se não fosse controlado, podia transmitir doenças ou criá-las para as gerações futuras; ele aparecia, assim, na origem de todo um capital patológico da espécie” (FOUCAULT, 1988, p. 112).

O discurso do sexo prevenido ganhou força, especialmente a partir dos anos de 1980, com a emergência da epidemia da HIV-Aids. Segundo Larissa Pelúcio e Richard Miskolci (2009, p. 132),

⁹⁷Nas palavras de Judith Ravel (2005, p. 26, grifo da autora): “o termo ‘biopolítica’ designa a maneira pela qual o poder tende a se transformar, entre o fim do século XVII e o começo do século XIX, a fim de governar não somente os indivíduos por meio de um certo número de procedimentos disciplinares, mas o conjunto dos viventes constituídos em população: a biopolítica – por meio dos biopoderes locais – se ocupará, portanto, da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade etc., na medida em que elas se tornaram preocupações políticas”.

a epidemia foi identificada quando a geração pós-1968 ainda vivenciava a chamada Revolução Sexual, cujos marcos podem ser resumidos em uma maior experimentação e na separação entre a busca do prazer e a reprodução. Naquele contexto, o casamento tradicional foi repensado e a estrutura familiar começou a sofrer mudanças profundas.

Nesse cenário, a doença, que gerava muitos óbitos, passou a ser atribuída às práticas sexuais desviantes e personificada na figura de homens homossexuais. A ideia de que a Aids era ligada à promiscuidade, que afetava a quem tinha determinados comportamentos instaurou uma culpabilização dos sujeitos infectados. Dessa forma, o campo biomédico determinava as condutas de segurança e cada um/uma deveria exercer a autorregulação sexual para evitar o contágio. Entretanto, o foco da conscientização em um público determinado fez parecer que o autocuidado só deveria acontecer por essa parcela da população. Aquele/a que não se identificava como homossexual e/ou promíscuo/a não foi afetado/a da mesma forma pelo discurso de autoproteção, o que pode ter ampliado a epidemia e chamado a atenção para o fato de que a Aids pode atingir qualquer pessoa, não só aquelas que foram estigmatizadas no surgimento da doença. Só após essa constatação a autorregulação sexual, passou a ser uma convocação para todos/as, de modo que “o discurso preventivo não se circunscreve somente à prevenção da Aids; trata-se de um conjunto de normas, parâmetros e diretrizes que permeiam a visão médica, pautando condutas para os indivíduos evitarem agravos à saúde” (PELÚCIO; MISKOLCI, 2009, p. 127).

As campanhas de prevenção às IST retratam a tentativa de espalhar saberes necessários para a proteção do corpo nas relações sexuais, propondo uma “higienização do sexo”. Jamil Sierra (2013, p. 122) aponta a mídia como uma “espécie de porta-voz das biopolíticas”, que estimula a ordem e a normalização das relações sexuais, buscando “produzir efeitos de verdade sobre os desejos, prazeres e experiências”⁹⁸. Para o autor,

o discurso de Estado atual em torno do sexo, ao mesmo tempo em que promove a divulgação da sexualidade, via midiática do sexo, engessa as práticas sexuais no discurso preventivo, de modo a criar medidas eficazes que visam a saúde, através de efeitos discursivos produtores da verdade, certificados pela ciência e propagandeados pela mídia. Desse modo é que as pessoas são convencidas a fazer “sexo seguro”, ou seja, desde que se use camisinha, gel, desde que se tenha um número limitado de parceiros, desde que não se faça sexo oral, desde que..., desde que..., você poderá gozar sem o risco de contaminar-se, é o que propõe as políticas públicas para saúde, nos dizem os médicos, nos ensina a pedagogia e nos divulga a mídia. (SIERRA, 2013, p. 123-124).

⁹⁸Não se trata de uma crítica às campanhas de prevenção às IST, aqui não me interessa apontar se os enunciados são adequados ou não, mas refletir sobre sua importância nos processos de formação dos sujeitos.

No fluxo dessa rede discursiva sobre sexo, o *youtuber* assume uma posição de saber baseada no discurso médico. Defende sistematicamente o uso do preservativo nas relações sexuais, a menos que os/as envolvidos/as tenham um pacto de fidelidade e tenham feito exames para certificarem-se de que não apresentam nenhuma IST. Num momento em que pouco se fala de prevenção às IST na mídia, o vídeo apresenta-se como material educativo, que estimula a juventude a olhar para a sexualidade, refletir sobre as consequências de como vivenciá-la e seguir um caminho desejável, posto como correto. A crítica a determinados comportamentos, juntamente com o aconselhamento, busca apresentar uma forma desejável de viver a sexualidade do ponto de vista da saúde do corpo. A postagem, visualizada por milhões de pessoas, visa a formação de sujeitos conscientes, responsáveis pela própria saúde e pela saúde do outro. Faz parte do dispositivo pedagógico da mídia (FISCHER, 2002), pois ao ditar um modo de agir com relação ao sexo, faz com que espectadores/as pensem sobre si mesmos/as, contribuindo com seus processos de subjetivação. Isso não significa que todos/as serão afetados da mesma maneira, pois, idade, grau de instrução, localização geográfica, relações de poder nos relacionamentos afetivo-sexuais e classe social são alguns marcadores que podem influenciar na recepção e na prática dos conselhos. A questão de procurar médicos e fazer exames, por exemplo, é mais difícil para quem não tem muitos recursos financeiros ou quem mora em lugares onde o acesso à saúde é mais precário.

Além de questões relacionadas à saúde, Felipe Neto também fala sobre sexo levando em conta outros pontos como pressão sofrida pelos homens, tempo da relação sexual, ejaculação precoce e sexo oral. No início do vídeo “Qual o tempo médio de uma relação sexual? [+18]”⁹⁹ (2016) afirma que “*existe uma pressão no sexo heterossexual depositada em cima do homem*” (QUAL, 2016)¹⁰⁰. As afirmações e exemplos usados nesse vídeo são baseados nas experiências do influenciador, que se diz heterossexual. Por isso ele fala de um determinado lugar e com um público que compartilha de tais vivências, delimitando desde o início que o assunto diz respeito a questões vividas por homens heterossexuais. Os pontos levantados nessa produção dizem de discursos que participam da construção desses indivíduos.

O dispositivo de sexualidade (FOUCAULT, 1988) age ditando regras, sugerindo comportamentos e dando lugares aos indivíduos nas relações. A ideia de que o homem viril está sempre disposto a transar e tem uma necessidade biológica de sexo é bastante difundida em

⁹⁹O símbolo [+18] no título mostra que é indicado para maiores de 18 anos e logo no início da produção Felipe Neto sugere que crianças não assistam.

¹⁰⁰Tive acesso ao vídeo no dia 18 de março de 2020. Hoje, 23 de outubro de 2020 voltei ao canal para rever alguns detalhes e percebi que foi retirado da rede.

nossa sociedade. A construção das masculinidades, principalmente as heterossexuais, passa pela valorização do ato sexual. Desde meninos são estimulados a vivenciarem a sexualidade, a estimularem o próprio prazer, a observarem o corpo da mulher e tentarem tocá-lo, a compreenderem o desejo como um impulso incontrolável e a valorizarem aqueles que fazem muito sexo. Por isso, muitas vezes, é esperado que o homem assuma uma posição ativa nas relações sexuais recaindo sobre ele uma certa responsabilidade sobre a qualidade da transa heterossexual. Alguns fatores são popularmente marcadores dessa qualidade, como o *youtuber* diz no vídeo:

Normalmente quando as pessoas falam sobre qualidade do sexo, inconscientemente a gente remete isso a qualidade do homem no sexo em relação à mulher. É o tempo que o homem leva para gozar. Será se o cara conseguiu fazer a mulher gozar ou não? Será que ele broxou?. (QUAL, 2016).

Essas questões não costumam ser problematizadas. Ao serem subjetivados por discursos que exigem deles virilidade e destreza para o sexo, muitos homens se constituem buscando atingir tais características, controlando a si mesmos e aos outros. São comuns piadas sobre a sexualidade daqueles que apresentam comportamentos diferentes do que é esperado socialmente para um “Homem com H maiúsculo”. Além disso, também não é difícil encontrar aqueles que se orgulham de contar sobre suas práticas sexuais “exitosas”. Desde crianças os meninos são expostos a enunciados ligados à virilidade, com o início da vida sexual, isso contribui para constituição deles enquanto sujeitos sexuais. É possível encontrar revistas, *sites*, vídeos e programas de televisão que falam sobre esse assunto para homens jovens ensinando-os uma determinada forma de agir sexualmente que vai sendo reforçada nas relações sociais. Ser considerado “bom de cama” em nossa cultura exige alguns atributos como os descritos pelo influenciador, entretanto, nem todos conseguem seguir esse padrão.

No vídeo são apresentados alguns dados de pesquisas como: a média de tempo da relação sexual no Brasil é de 7 a 13 minutos; 43 por cento dos homens não fazem sexo oral em suas mulheres regularmente; um terço dos brasileiros homens declarou que tem nojo de fazer sexo oral numa mulher e um a cada três homens do Brasil sofrem de ejaculação precoce em algum nível. Para o influenciador,

a realidade é que as pessoas simplesmente não falam sobre isso. Elas não discutem o tema. Todo homem quer pagar de comedor, de fodão, de transo pra caralho, sendo que um terço goza rápido, quase metade

não chupa, um terço tem nojo de buceta, ou seja, tem gente mentindo, mas muito. (QUAL, 2016).

As discussões sobre a constituição das masculinidades ainda são muito escassas fora do âmbito acadêmico. Por isso, essa valorização do homem que faz muito sexo, que tem várias parceiras e que precisa afirmar sua virilidade para os amigos é tida como natural. Todavia, as masculinidades são construídas socialmente e a ideia de virilidade pode variar de acordo com contextos culturais, espaciais e históricos. Para Renata Francisco (2014, p. 28),

os homens, estão socialmente programados para possuir e conquistar o maior número possível de mulheres, onde a lógica é fazer sexo para se satisfazer e para respaldar sua virilidade, uma vez que a autopropaganda é um fator importante entre as conversas masculinas, onde contam as vantagens a respeito de suas relações sexuais.

Os processos de construção social das masculinidades são constituídos de diversas pedagogias: valorização de um padrão, exposição de modelos na mídia, exaltação de determinados comportamentos, críticas, cobranças, piadas... Enfim, sutilezas que tentam moldar o homem para que se encaixe nos padrões. A autoafirmação da potência sexual masculina, citada pelo *youtuber*, é uma prática cultural dos homens na nossa sociedade. Os dados referenciados por ele costumam ser usados para qualificar o sexo e dizer do comportamento sexual masculino. Tanto que ele mesmo faz o seguinte comentário ao anunciar o tempo médio apresentado na pesquisa:

Mas vocês estão transando mal em queridos! Eu sei que qualidade sobrepõe quantidade quando a gente está falando de sexo, mas 7 minutos, cara, puta que pariu, isso é uma rapidinha de banheiro público [dando pulos de nervoso].

E eu tô aqui pra te avisar, querido, que não importa se você tem ejaculação precoce, se você tem problema de impotência, tudo isso você pode curar, mas se você tem nojo de buceta você é meio bosta. (QUAL, 2016).

A pressão pela virilidade, pelo desejo ao corpo feminino, pelo “bom desempenho” sexual está presente nessas falas. Entretanto, há uma ressalva quando se trata de questões que independem da vontade pessoal. A impotência e a ejaculação precoce são tratadas como questões de saúde que fogem ao controle do indivíduo. Apesar disso, Felipe Neto levanta uma possibilidade para superar uma dessas questões. Ele expõe a própria vida sexual apontando

dificuldades que teve quando era mais jovem e contando como resolveu. Fala que sofria de ejaculação precoce e sentia-se pressionado e preocupado com a opinião da mulher, chegando a ficar inseguro em novas relações, “*porque a sociedade diz que se você goza rápido você é um merda na cama*” (QUAL, 2016). Relata também que acreditava sofrer de um problema raríssimo e ser uma aberração. Por isso dá um recado para aqueles que se identificam com essa situação:

Então se você é um homem que tá me assistindo e você sofre de ejaculação precoce, cara, não há vergonha nisso. Você não está sozinho, muito pelo contrário. Busque ajuda, existem tratamentos para isso. O meu caso o que solucionou foi a idade eu fui ficando mais velho e aí de repente o problema foi diminuindo eu li que isso acontece em alguns casos. Mas se não for o seu caso, ou se você quiser uma solução mais rápida, procura ajuda. (QUAL, 2016).

Além disso, conta a alternativa que encontrou quando tinha ejaculação precoce: por se considerar “*altruísta sexualmente*”, foi aprender a fazer sexo oral nas mulheres para melhorar a qualidade das relações. Motivo pelo qual defende que essa é uma prática fundamental durante o ato sexual. Sobre sexo oral, ele diz:

Vamos a uma verdade absoluta: a esmagadora maioria das pessoas presentes na face desta terra não sabe fazer sexo oral em alguém do sexo oposto.

É exatamente por isso que eu ouço tanto relato das mulheres reclamando quando elas reclamam: “caralho os caras não sabem fazer esse negócio”. Por quê? Porque os caras não querem aprender. Ele não leu um artigo sobre como se faz, ele não vê um vídeo, ele não se importa em saber, ele não conversa com os outros, ele não testa práticas diferentes e não pergunta pra mulher como ela gosta. Ele não tenta melhorar. A maioria dos homens quando vai fazer sexo oral na mulher tá fazendo mais por obrigação do que por real prazer.

É isso acontece com milhares, e milhares, e milhares de mulheres que falam “sexo oral é ruim, não gosto, não tem nada, não sinto nada, só dá cosquinha, sensação estranha. Não querida! Você só não achou alguém que chupa bem.

Assim, eu não quero me gabar. Eu não estou aqui pra falar que eu sou o comelão, o pica de aço, o cara que come geral e transforma todas as mulheres numa máquina de orgasmos. Não! Mas eu sei fazer esse negócio aí do negócio da língua.

“Ah valeu Felipe Neto, chupador supremo, mestre da linguada, Lic Tang da vida real lambe-lambe da estrela” [mudança de voz com tom irônico, entortando os olhos, imagem em preto e branco]. Sou porra nenhuma disso! Eu acho que o sexo oral é uma arte que todos nós temos que desenvolver cada vez mais e sempre melhorar e aprender.

Pra mim a regra é clara: transar sem fazer sexo oral é que nem entrar no campo sem se benzer antes [faz o sinal da cruz com as mãos no corpo]. Tem que ter!

E por favor, vamos ser menos egoístas na cama. Vamos aprender a fazer sexo oral no nosso parceiro, na nossa parceira, vamos estudar esta porra, vamos parar com nojinho, vamos aprender que sexo e intimidade é legal para um caralho, que não tem que ter regras e nojinhos entre duas pessoas que se gostam que estão vivendo aquele momento com prazer. (QUAL, 2016).

Essas passagens mostram um apelo para que o sexo oral seja feito por todos/as, colocando-o como essencial, como se a excelência da relação dependesse dele, como se seu domínio fosse um atributo de valorização do agente sexual. Tais comentários retratam que Felipe Neto usa do saber da experiência pessoal para propor uma verdade sobre a relação sexual: aquela que ele acredita ser a mais correta. Entretanto, diante do lugar de onde ele fala, para quem fala e como fala, suas concepções podem ser recebidas como a única verdade. Pois, na “ordem do discurso” os jogos de verdade dependem da posição ocupada por quem enuncia (FOUCAULT, 1996). O influenciador tem uma familiaridade com o público jovem, usa uma linguagem que o aproxima desse grupo, apresenta um tom normativo e busca argumentos nas próprias vivências. Por isso, os enunciados presentes nesse vídeo são capazes de fazer o/a espectador/a olhar para si mesmo/a e refletir sobre sua vida sexual, seja para modificá-la adequando ao que foi sugerido, seja para discordar do que foi dito. Somos constituídos/as a partir das relações com o outro, ao ver/ouvir o outro refletimos sobre nós mesmos/as e as figuras públicas, como o *youtuber*, possuem uma influência considerável nesses processos.

Esses modos de relacionar-se consigo através do modelo do Outro aparecem na mídia sintetizados na figura dos que, simplesmente, pela forma de contar a sua vivência, seja quanto ao modo de resolver os problemas ou viver as emoções, mostram-se exemplares, modelos a seguir, independente de assim se julgarem. (FISCHER, 1996, p. 195).

Felipe Neto personifica a figura de modelo a ser seguido. Ao passar a imagem de bem sucedido em diversos campos da sua vida, torna-se uma referência para quem o admira. Colocar sua vida em exposição ensina ao outro. Seus vídeos são disseminadores de discursos e educam

pelo visível e pelo enunciável (FISCHER, 2005). Não são simplesmente as palavras ditas por ele que fazem o/a espectador/a olhar para si mesmo/a, mas um conjunto que envolve o que ele enuncia, como enuncia, a imagem que transmite de si, a posição que ocupa na sociedade, o que representa para seus/as fãs, enfim, todo um contexto que contribui para a credibilidade de suas produções.

Aliás, não posso deixar de falar sobre o contexto de produção dos vídeos “Qual o tempo médio de uma relação sexual? [+18]” (2016) e “Desafio da camisinha (o de verdade!) [+13]” (2017). Eles falam explicitamente sobre sexo e, apesar de terem uma indicação de idade, estão disponíveis para qualquer pessoa. Isso só é possível por tratar-se de uma conjuntura de liberdade de expressão, onde há uma plataforma que permite aos/às usuários/as criarem conteúdos sobre os mais diversos temas. Além da audiência de espectadores/as que se interessam pela temática e fazem com que as produções tenham visibilidade.

Rosa Fischer (1995, 1996, 2002, 2006) aponta, a partir de suas pesquisas, uma tendência da mídia em falar da e para a juventude, em apontar caminhos, mostrar exemplos, discutir temas que geralmente interessam a jovens e, conseqüentemente, contribuir com os processos de subjetivação desses sujeitos. O sexo é uma temática muito presente na vida de indivíduos jovens, são inúmeros os artefatos que falam de sexo: revistas, *sites*, novelas, programas de TV, vídeos do YouTube, livros, entre outros. Segundo Foucault (1988) isso é resultado de uma “vontade de saber” estimulada pelo “dispositivo de sexualidade” que incita os discursos sobre sexo desde o século XVIII e que

suscitou um de seus princípios internos de funcionamento mais essenciais: o desejo do sexo – desejo de tê-lo, de aceder a ele, de descobri-lo, liberá-lo, articulá-lo em discurso, formulá-lo em verdade. Ele constituiu ‘o sexo’ como desejável. (FOUCAULT, 1988, p. 146, grifo do autor).

Com esse dispositivo em funcionamento, o sexo ganhou visibilidade, adquiriu um *status* de verdade do sujeito e passou a ser tanto desejado como vigiado. Os artefatos culturais, e a mídia de forma geral, contribuem para que isso aconteça, pois ampliam o contato dos indivíduos com determinados discursos sobre sexualidade, colocando-os em evidência. A partir do que vemos e ouvimos nas mídias

somos convidados a expor nossas culpas, a recebermos dos apresentadores ou dos locutores verdadeiras “lições de moral”, exemplos de vida, da reflexão sobre o vivido, da auto-avaliação, da auto-decifração, da auto-transformação. Se atentarmos bem para o modo como são elaborados inúmeros produtos midiáticos, há um sem-número de técnicas através das quais se propõe a todos

nós que façamos minuciosas operações sobre nosso corpo, sobre nossos modos de ser, sobre as atitudes a assumir. Estamos falando aqui do governo de si pelo governo dos outros – tema exaustivamente tratado por Foucault. (FISCHER, 2002, p. 155-156, grifo da autora).

É o que ocorre nos materiais aqui analisados, que fazem parte do dispositivo pedagógico da mídia (FISCHER, 2002) trabalhando para educar pessoas e inculcar saberes. Através das falas de Felipe Neto, os/as espectadores/as são convidados/as a olharem para si mesmos/as e incitados/as a governarem seus comportamentos sexuais. Os vídeos apresentam um tom imperativo, sugerem formas desejáveis de vivenciar a sexualidade e recriminam determinadas condutas sexuais. Apesar disso, nem sempre atingem às pessoas da mesma forma. Como nos diz Elizabeth Ellsworth (2001), os modos de endereçamento podem errar seus alvos, pois nem sempre a pessoa que assiste é quem o produtor dos vídeos pensa que ela é. Quando digo que o material constrói subjetividades, não significa que produz em todos os sujeitos o mesmo efeito, mas que promovem processos que subjetivação que consistem em “procedimentos pelos quais o sujeito é levado a se observar, se analisar, se decifrar e se reconhecer como campo de saber possível” (FOUCAULT, 2006, p. 236).

4.2.4 “Eles são jovens. E se eles não tiverem informação, eles vão fazer as coisas erradas!”: a educação para a sexualidade

Pelas outras seções dessa “*playlist*” deu para perceber que Felipe Neto defende a circulação de informações relacionadas ao tema sexualidade para jovens. Diante da sua influência entre esse público, suas palavras ganham repercussão e ele torna-se uma referência. Por isso, foi convidado para fazer um vídeo anunciando uma séria britânica chamada “Sex Education”¹⁰¹ (Educação sexual), que fala justamente da sexualidade juvenil envolvendo o ambiente escolar. Na produção ele aparece andando pelos corredores da escola “Moordale” enquanto lê uma revista e escuta conversas de estudante como:

*- Você viu o cara que bateu tanta punheta que não consegue transar?
- É o mesmo que está espalhando clamídia por aí? Af! Mas não era uma menina?*

¹⁰¹Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80197526>, para quem é assinante da *Netflix*.

Ele demonstra incômodo com as falas e se encaminha para o escritório da direção, onde fala em um microfone que permite a transmissão para alto-falantes espalhados em toda a instituição, fazendo o seguinte comunicado:

Fala galera de Moordale! Olha, eu sei que vocês estão cheios de paranoia. É um que não consegue bater umazinha... Tem gente até achando que pegou Clamídia porque respirou o mesmo ar na escola. Eu nunca vi tanto adolescente falando merda junto. Vocês estão parecendo eu em 2010, fazendo vídeo burro e achando que estava arrasando. O mundo tá cheio de fiscal de bumbum agora e todo mundo passa informação adiante sem conferir, sem checar, sem fazer a menor ideia se está passando uma verdade ou uma mentira e acontece isso. Exatamente isso que está acontecendo aqui em Moordale nesse momento. Fica todo mundo acreditando em um monte de mentira. Que pega DST¹⁰² pelo ar... Às vezes tudo o que falta na nossa vida é um pouco "Sex Education". Nem tudo tá perdido. Vindo para cá eu encontrei uma HQ, que, olha só, ela é brasileira, inspirada na série e fala de tudo aqui gente! Fala de pansexualidade, fala de punheta, tem aqui onde é que fica o clitóris, por sinal, algo que todo mundo deveria saber. Quando eu vi isso eu sabia que eu devia comprar o lote inteiro e trazer para dar de graça para vocês. E foi exatamente isso que eu fiz. Eu acho que a diretoria não vai gostar muito dessa ideia, mas digamos que eu tenha um pouquinho de experiência em afrontar autoridade para distribuir livro proibido. Quem quiser, clica no link e vem pegar comigo!

[estudantes abandonam as salas de aula correndo para buscar as HQs enquanto isso um diretor e uma diretora entram na sala e ela pergunta:]

- O que exatamente está acontecendo aqui?

- Educação sexual diretores! [Felipe Neto]. (FELIPE NETO, 2020).

Enquanto ele vai falando são exibidas as reações de espanto de alunos/as, professor/a e diretor/a ao longo do comunicado. Mostrando que esse assunto não é esperado para um ambiente escolar.

Embora essa produção não esteja no canal Felipe Neto¹⁰³, ela chama a atenção para coisas relevantes: quando o influenciador é convidado para fazer uma propaganda, é porque acredita-se que ele tem capacidade de convencer pessoas a consumirem o que ela oferece. Para que isso aconteça, o discurso dele tem que ser condizente com o produto, é improvável que

¹⁰²Desde novembro de 2016, o Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais passou a usar a nomenclatura IST no lugar de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque a palavra 'doença' sugere sintomas e as infecções podem acontecer mesmo sem sinais visíveis no corpo.

¹⁰³No vídeo "Respostas de provas mais engraçadas (primeiro de 2020) [+10]", postado no canal dia 27 de janeiro de 2020, Felipe Neto faz propaganda da série e do material que ele participou e deixa o *link* que leva até a propaganda e até a HQ (atualmente não está disponível).

alguém que fosse declaradamente contra as discussões de sexualidade entre os jovens fosse convidado/a para atuar nessa publicidade. O fato do público alvo da série se aproximar ao do canal é relevante para tal escolha, mas a forma como o *youtuber* se comunica com essa audiência e a confiança que desperta nela é fundamental. A participação dele nessa produção diz de sua trajetória, a linguagem que apresenta em seus vídeos, as ideias que defende e até uma ação de grande repercussão realizada por ele (distribuição de livros na Bienal) foram exploradas no material publicitário. Indicando que o fato de defender que jovens devem ter acesso a discussões sobre sexualidade passou a fazer parte do que compõe a sua imagem pública, extrapolando o seu canal.

A propaganda mostra Felipe Neto defendendo a educação sexual, algo que ele faz em seus vídeos, como em “A cura da Aids foi descoberta? [+13]” (2019) em que argumenta a favor da divulgação de materiais educativos voltados para a faixa etária de 10 a 19 anos dizendo: *“Jovens precisam de informação! Eles são crus, eles são jovens. E se eles não tiverem informação, eles vão fazer as coisas erradas!”*. Fazendo jus ao título, o *vlogger* começa apresentando dois casos de pessoas que foram curadas da Aids, explica algumas coisas sobre isso, fala um pouco sobre a epidemia dessa doença nos anos 1990 e os avanços no tratamento até então. Logo após, anuncia um dado alarmante:

Embora as pesquisas apontassem uma diminuição em 16% de novos casos de Aids no Brasil, eles descobriram um outro número, que é extremamente preocupante! Em jovens entre 15 e 24 anos, entre 2007 e 2017, o número de novos casos da Aids não diminuiu. Ele aumentou 700%!

E o grande motivo desse vídeo é porque isso aconteceu enquanto, ainda que pouca, existia alguma informação. Ainda existiam cartilhas, ainda existiam pedidos... campanhas usando dinheiro da saúde, né? Dinheiro público. Pra conseguir conscientizar pelo menos um pouco, os jovens. E mesmo assim foi tão mal feito que nós tivemos um aumento de 700% dos casos de AIDS, entre jovens de 15 a 24 anos! Então, o que vai acontecer nos próximos anos?. (A CURA, 2019).

O *youtuber* declara sua preocupação com esses dados, principalmente pensando que eles podem aumentar no futuro, devido ao crescimento da circulação de discursos contrários à educação sexual. Sobre isso, ele diz: *“Há todo um movimento do ultraconservadorismo. De impedir que jovens tenham acesso à educação sexual. E isso é muito perigoso! Muito, mas muuuuito perigoso! A educação sexual é o que salva os nossos jovens,*

gente!”. Na época da postagem, o atual presidente Jair Bolsonaro havia dito em uma *live* que recolheria uma cartilha educativa destinada a adolescentes, distribuída pelo Ministério da Saúde, alegando que o material continha imagens de órgãos sexuais e, por isso era impróprio - as imagens estavam presentes na parte designada a ensinar o modo de usar o preservativo masculino. Disse ainda, que faria uma nova cartilha sem as imagens e estimulou as famílias a rasgarem o material, caso achassem inadequado para seus/suas filhos/as¹⁰⁴. Felipe Neto declarou-se contrário à atitude de Jair Bolsonaro e afirma que a necessidade de informar aos jovens sobre questões sexuais é “*o grande assunto desse vídeo*”. Para defender seu posicionamento, apresenta citações de pessoas que consideram autoridades para falar do assunto:

Alguns depoimentos que eu separei aqui, pra vocês entenderem e não acreditarem só nas palavras desse idiota que faz vídeo pro YouTube, tá?

“Os Ministros falam sobre a necessidade de se respeitar a família brasileira e deixar o debate sobre educação sexual para os pais. É a receita para o desastre. Nos anos 1990 e 2000, havia grandes mobilizações, investimentos e programas nacionais constantes. Hoje nega-se o debate público”. (Richard Parker - Diretor-Presidente da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids).

“Estamos em um mundo onde há muitos problemas relacionados à gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis e isso seria de fácil prevenção, caso houvesse o uso de preservativos. É difícil explicar esse processo, sem ter uma figura. Não podemos desprezar um conteúdo tão importante devido a questões moralistas sobre órgãos sexuais”. (Georges Fassolas - especialista em reprodução humana).

“No momento em que se retira da cartilha um material que fala sobre a educação sexual, infringem-se princípios básicos de saúde!”. (Thomaz Gollop - Ginecologista e professor da Faculdade de Medicina de Jundiaí. Além de membro da Federação Brasileira de Associações de Ginecologia e Obstetrícia).

“O adolescente precisa ter referências embasadas, didáticas, que usem uma abordagem direta, mas que não sejam vulgares. Tirar de circulação um conteúdo bem feito como o disponibilizado pela caderneta, é uma atitude desnecessária”. (Kenis Xaxito - Mestre em Psicologia Comportamental). (A CURA, 2019).

¹⁰⁴Mais informações disponíveis em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/em-live-bolsonaro-sugere-que-pais-rasguem-paginas-sobre-educacao-sexual-de-caderneta/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Todas as falas apresentadas defendem posicionamentos contrários à atitude anunciada pelo presidente. O influenciador lança mão de comentários que julga dar credibilidade a sua fala, indicando que não tem uma opinião isolada. Esses recursos não são escolhidos aleatoriamente, pois foram ditos por pessoas que ocupam lugares “autorizados” a dizerem sobre o assunto. Isso mostra o “modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (FOUCAULT, 1996, p. 17). Na ordem discursiva da qual fazemos parte existe uma “vontade de verdade” que “apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 1996, p. 18). Dessa forma, alguns discursos são mais valorizados do que outros e, ao serem acionados trazem um tom de verdade, pois são amparados por instituições consagradas culturalmente como é o caso da Medicina, por exemplo. Os discursos sobre sexualidade perpassam pela área da saúde, por isso as palavras de “especialistas” desse campo tornam-se argumentos valorizados nessa situação. Logo, sua citação na produção fortalece a tese do *youtuber*, que tenta passar para o público os motivos de sua preocupação dizendo:

700%, foi o aumento na quantidade de jovens contaminados pelo HIV. Entre 2007 e 2017, quando ainda se tinham cartilhas, quando ainda se tinha campanha, mesmo que pouca. O que vai acontecer nos próximos 10 anos? Excluindo a educação sexual. Tratando como um tabu absurdo! Vendo um escândalo em uma criança de 13 anos ter uma aula sexual sobre como usar um preservativo. O que vai acontecer? Pra onde vão essas crianças? Qual é o tipo de educação que a gente quer que elas tenham? Ou vocês acham mesmo que não falar sobre sexo com um jovem faz com que ele não pratique sexo?. (A CURA, 2019).

A apreensão de Felipe Neto se dá não só diante dos dados apresentados sobre o aumento do número de casos de Aids, mas também pelas projeções que faz no futuro diante das posturas do atual governo. Embora a fala do presidente tenha sido o gatilho para a realização do vídeo, não é um fato isolado. Na última década observamos um aumento na mobilização de grupos conservadores para propagarem suas ideias e conquistarem mais adeptos/as. Eles fazem pressão política para que preceitos morais e religiosos estejam presentes nas decisões do Estado; buscam alinhar os currículos escolares às suas crenças e tentam dismantlar produtos midiáticos que vão de encontro a elas. A administração de Jair Bolsonaro é condizente com essa corrente de pensamento, inclusive, seus princípios foram usados como compromissos da campanha eleitoral dele.

Nesse contexto, a sexualidade tornou-se um campo de batalha das relações de saber e poder. Temos visto diversas manifestações contrárias à educação para sexualidade, vindas de pessoas alinhadas com o ultraconservadorismo, lideradas por autoridades políticas e religiosas. São projetos de lei, postagens em redes sociais, *sites*, vídeos, materiais impressos, passeatas, pregações, censuras, entre outras que espalham discursos conservadores. Elas atacam qualquer instância ou material que proporcionam informações relacionadas a sexo, identidades sexuais e de gênero em uma perspectiva mais progressista. Todavia, seu principal alvo é a escola.

Atualmente, existe um movimento denominado “Escola Sem Partido” (ESP), que se apresenta como “uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior”¹⁰⁵. Apesar de ter sido criado em 2004 (preocupado com questões político-partidárias, espalhando o medo de uma “doutrinação Marxista”), o movimento só ganhou visibilidade a partir de 2014, quando se uniu a grupos religiosos contrários ao que chamam de “ideologia de gênero”. Luis Felipe Miguel (2016) faz uma gênese da “ideologia de Gênero” mostrando que ela surge para fazer referência aos Estudos de gênero inaugurado pelo Movimento Feminista. Porém, se afasta completamente do que esse campo do conhecimento estuda, “trata-se de uma invenção polêmica dos meios conservadores católicos que visa caricaturizar e, assim, deslegitimar um campo de estudos” (GARBAGNOLI apud MIGUEL, 2016, p. 598). Com o argumento de que a “ideologia de gênero” visa destruir a família tradicional, ensinar crianças a serem homossexuais e estimular a mudança de sexo, quem acredita nisso tenta combater as discussões de gênero e sexualidade na escola. Para Gabriela Sevilla e Fernando Seffner (2017, p. 7, grifos dos autores),

a “ideologia de gênero” era o combustível necessário para criar a ideia de pânico moral e a necessidade de controle social em relação à escola e a seus professores (o que está sendo ensinado e como?) quando aparecem os termos sexo, sexualidade, gênero e identidade isso logo se transforma em justificativa para intervir na escola, pois esses grupos afirmam que a família, seus valores morais e religiosos estão sendo atacados. É o medo da degeneração sexual atuando. Está dado o terreno para o crescimento do ESP. É claro, num contexto social, político, econômico e cultural mais favorável à oposição, já que é em 2014 que começa a se intensificar a polarização política com a eleição muito disputada para a presidência e em 2015 estoura a crise econômica e política, que leva ao golpe de 2016. Todo este contexto possibilita a emergência do ESP e da discussão sobre a “ideologia de gênero”.

¹⁰⁵Definição retirada do site do Escola Sem Partido. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/quem-somos/>. Acesso em: 11 nov. 2020.

Entre as ações do ESP estão a divulgação de conteúdo ultraconservador; a tentativa de implementar leis alinhadas aos seus valores¹⁰⁶; a pressão política para retirar conteúdos relacionados a questões de gênero e sexualidade dos documentos que regem o sistema educacional brasileiro¹⁰⁷; além da busca pela criminalização de professores/as que abordarem os assuntos indesejados pelo grupo. Luis Felipe Miguel (2016, p. 614) cita alguns dos projetos de leis motivados por essa corrente e conclui que tais propostas “impedem que a atividade profissional dos docentes seja exercida de modo pleno”. E, ainda, atacam os direitos de alunos/as, visto que

impedem a educação sexual e o combate ao preconceito, à intolerância e à violência nas escolas, sob o argumento de preservar a soberania da família na formação “moral” dos mais novos. Com isso, retiram das instituições de ensino a possibilidade de contribuir para disseminar os valores de igualdade e de respeito à diferença, que são cruciais para uma sociedade democrática. E retiram dos jovens o direito de ter acesso a informações que são necessárias para que eles possam refletir sobre sua própria posição nesse mundo e avançar de maneira segura para a vida adulta. (MIGUEL, 2016, p. 605-606).

De alguma forma, isso já vem ocorrendo em algumas situações, pois, apesar de não conseguirem aprovar nenhum projeto que envolve a criminalização docente, o movimento segue estimulando uma corrente de vigilância e denúncias contra professores/as, que, mesmo sem consequências jurídicas, intimidam os/as profissionais. É nesse contexto de pressão e negação que é necessário pensar sobre a importância das discussões de gênero e sexualidade na escola. Em função disso, diversas pesquisas no campo dos Estudos de gênero, sexualidades e educação apontam a relevância da presença desses assuntos no âmbito escolar (BRITZMAN, 2018; LOURO, 2003, 2004, 2018; MIGUEL, 2016), visto que é uma instância formalmente legitimada como lugar de aprender e onde é possível encontrar e conviver com a diversidade de identidades e personalidades.

Guacira Louro (2018) fala sobre as pedagogias da sexualidade que trabalham para moldar os sujeitos investindo em mecanismos para ensinar modos desejáveis de vivenciar as identidades sexuais e de gênero. Para a autora, apesar dessas pedagogias estarem presentes em muitos locais, quando ocorridas na escola, elas deixam marcas na vida e nos corpos dos indivíduos, pois, quando se trata dessa instituição “suas proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, têm ‘efeitos de verdade’, constituem parte significativa das histórias

¹⁰⁶A página “Professores contra o Escola Sem Partido” faz um monitoramento desses projetos. Disponível em: <https://profscontraesp.org/vigiando-os-projetos-de-lei/>. Acesso em: 11 nov. 2020.

¹⁰⁷Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; Base Nacional Comum Curricular; Planos Municipais, Estaduais e Nacional de Educação.

peçoais” (LOURO, 2018, p. 25). Seja discutindo as situações referentes à sexualidade ou se omitindo diante delas, a escola educa. O modo de lidar com a temática da sexualidade na instituição é um ensinamento, pois, pode reforçar ou questionar preconceitos, estimular ou quebrar silêncios, perpetuar ou descontinuar violências...

O conservadorismo parece ver a criança e o/a jovem como sujeitos à parte das questões de sexualidade, como se o acesso a elas acontecesse apenas em momentos formais e intencionais. Entretanto, a sexualidade está presente no cotidiano de alguma forma: está na televisão, na internet, nas revistas, nos livros, nas conversas, nos corpos, nas relações com o/a outro/a e em vários lugares pelos quais circulam informações que subjetivam. Ela faz parte de cada um/a e não há como ignorá-la na escola, pois “não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’” (LOURO, 2003, p. 81, grifo da autora). Por isso, ainda que essas temáticas não sejam contempladas nos currículos oficiais, elas estão na escola.

Elas fazem parte das conversas dos/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros; e não apenas aí, elas estão também de fato nas salas de aula — assumidamente ou não — nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes. (LOURO, 2003, p. 131).

De modo que cada um/a leva para a escola suas concepções, suas formas de ser, pensar e agir. Atualmente, com as pessoas recebendo conteúdo pela internet, muitas vezes manipulado por algoritmos que rastreiam suas preferências, há um risco de que elas tenham acesso somente a um ponto de vista. A possibilidade de escolher o que vai ler e assistir na internet, juntamente com as sugestões de materiais selecionados por mecanismos especializados, pode levar os indivíduos a só assistirem coisas que mostram o que querem ver, que reforçam suas concepções. Nesse contexto, a escola é essencial para conviver com sujeitos diversos, conhecer diferentes perspectivas, aprender a problematizar as informações recebidas por outros meios e refletir sobre a forma como se pensa e age.

Acerca da sexualidade na escola, Felipe Neto chama a atenção para outra questão importante:

A educação sexual, muitas das vezes, até em idade pré-escolar é o que faz uma criança saber que tá sendo abusada, dentro de casa! Porque muitas crianças não sabem! Estão sendo e não sabem! Porque elas nem sabem o que que é um abuso sexual! E tirar isso, descartar a educação sexual do currículo disciplinar das crianças é simplesmente abrir portas pra pedófilos abusadores. Abrir portas pra doenças sexualmente transmissíveis e abrir portas pra gravidez precoce. E até mesmo pro

início precoce de atividade sexual. Porque já é mais do que documentado que, quanto mais você informa jovens sobre a educação sexual, maior é o período que ela leva pra iniciar a vida sexual. Tentando impedir que jovens tenham acesso a imagens de pintos esses ultraconservadores estão jogando as crianças no pior cenário que poderiam jogar!. (A CURA, 2019).

O papel da escola em casos de violências sexuais contra crianças e adolescentes é fundamental desde a conscientização e prevenção, até a identificação e às intervenções necessárias. Envolve informar, estimular atitudes de autoproteção, escutar, acolher as vítimas e promover diálogos, mas também denúncias ao Conselho Tutelar em caso de suspeita (BRASIL, 1990). Constantina Xavier Filha (2012) apresenta ações e omissões de instituições escolares diante de situações de agressões sexual mostrando o quanto a atuação nesse espaço faz diferença para as vítimas. Ela destaca alguns elementos para orientar a prática pedagógica em casos de suspeita, pois, muitas vezes, os casos são relatados na escola quando essa se coloca como um espaço aberto e acolhedor. Pode ser em situações pedagógicas que levam as vítimas a refletirem sobre situações vivenciadas por elas e, assim, perceberem que se tratam de violências sexuais. Ou ainda quando um/uma educador/a tem um olhar sensível para essa questão e percebe que algo está incomodando a criança ou o/a adolescente. Por isso, Xavier Filha (2012, p. 164) ressalta a importância desse assunto no ambiente escolar, “nos currículos e também numa agenda coletiva”.

Sabe-se que informações sobre IST, sistemas sexuais e métodos contraceptivos fazem parte da chamada educação sexual curricular. Entretanto, Segundo Juliana Lapa Rizza (2013, p. 4),

o termo educação sexual foi sofrendo alguns desgastes conceituais, por estar vinculado diretamente à práticas com enfoque biológico, higienista, moralista e até mesmo dessexualizado, ao utilizar uma linguagem didática que visava explicar as doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, entre outros cuidados com o corpo que algumas vezes apresentavam-se como essencialistas e universalizantes.

Por isso, a autora propõe que tenhamos uma educação para a sexualidade que

visa a problematizar os discursos naturalizados no âmbito da cultura, questionando as certezas, permitindo, assim, outras possibilidades de pensar a sexualidade e de compreender como nos constituímos através de relações de saber e poder. Articula questões que envolvem a materialidade biológica dos sujeitos a aspectos sociais, históricos e culturais como, por exemplo, desejo, prazer, curiosidade, respeito, conhecimento de si e do outro, relações de gênero, entre outros. (RIZZA, 2013, p. 5).

A educação para a autoproteção é de extrema importância, aprender como evitar uma gravidez não planejada, prevenir doenças, higienizar o corpo, reconhecer uma violência sexual para se defender, entre outras atitudes que levam os sujeitos a olharem para seus corpos e preservá-los. Todavia, a educação para a sexualidade é algo mais amplo, que concebe a sexualidade como um dispositivo a serviço das relações de saber e poder, que age disseminando saberes e governando nossos corpos. Educar para sexualidade nesse sentido é falar de sexo, corpo, orientação sexual, gênero... compreendendo que alunos e alunas vivenciam essas questões desde o seu nascimento, que são envolvidos/as por discursos ao longo de suas vidas e, principalmente, que possuem experiências diversas. Nessa perspectiva, as discussões na escola devem proporcionar a problematização de pensamentos e comportamentos relacionados a si mesmo e ao outro, visando principalmente o cuidado de si e o respeito às diferenças.

Todavia, isso não é um consenso. Questionar os discursos hegemônicos pode desagradar muita gente. Seja na escola ou na mídia, escolher falar sobre sexualidade para jovens é assumir um posicionamento diante das batalhas discursivas e políticas. Pois, infelizmente, com a polarização que o país vem enfrentando, em que direita e esquerda não significam somente formas de conduzir a política, as discussões educacionais, muitas vezes, se detêm a um dos dois lados. Parece que grupos ligados à esquerda vêm demonstrando uma tendência mais progressista, observando a diversidade de sujeitos, aproximando de algumas pautas dos movimentos sociais como Negros, Feministas, LGBTQI+. Em contrapartida, pessoas que se dizem de direita têm defendido condutas mais conservadoras, alinhadas com preceitos religiosos, que reforçam práticas discursivas hegemônicas. Essas características não são absolutas, nem todo mundo segue essa linha de comportamento, mas, infelizmente, assuntos como gênero e sexualidade vêm sendo atrelados a convicções políticas. Proporcionando situações em que algumas pessoas não analisam o conteúdo das discussões, mas quem está dizendo, alinhando suas opiniões com as dos/das políticos que admiram. Por esse motivo, Felipe Neto reforça que seu posicionamento com relação ao tema independente de suas escolhas eleitorais:

Eu não trago política pra dentro do canal! Vocês sabem disso! Eu não tô aqui pra bater em político, eu não tô aqui pra falar de partido. Eu não tô aqui pra defender posicionamento político nenhum! Mas o que está acontecendo nesse exato momento sendo conduzido pelo Ministro da Saúde e apoiado pelo Presidente da República vai desgracear uma geração de jovens inteira!

Vocês estão entendendo que ninguém tá falando de esquerda? Ninguém tá falando de direita. Ninguém tá falando sobre posicionamento político. Ninguém tá falando pra você botar uma camisinha e votar no Lula! Você entende isso? Você entende que ninguém tá falando que quem usa camisinha é comunista? Você consegue entender que o uso da camisinha e ensinar jovens sobre sexo é uma questão de saúde pública? Dá pra entender? Dá pra abrir um pouco a cabeça e entender?

O que a gente tem é que informar! O que a gente tem é que passar conhecimento! É distribuir o máximo de informação possível! E, se você me falar que a família tá preparada pra essa função, você tá de sacanagem com a minha cara! Você tá brincando comigo, de dizer uma coisa dessa! Só o que eu peço é que vocês coloquem a mão na consciência. E pensem sobre a importância da educação sexual pra jovens. Parem de achar que isso é coisa de comunista! Parem de achar que isso é coisa de... esquerda! Isso é coisa de vivência humana! Isso é coisa de saúde!. (A CURA, 2019).

O público alvo do vídeo é composto por muitos jovens, que também é quem está no centro da discussão envolvida na produção. Quando o *youtuber* fala que diminuir o acesso às informações sobre sexualidade pode “*desgraçar uma geração de jovens inteira*”, ele está falando com essa geração. Ao dizer ao/à jovem que ele/a precisa ser informado/a sobre esse assunto e que existe um movimento para que isso não aconteça, suas palavras podem fazer com que esses/as espectadores/as reflitam sobre a maneira como essas questões estão colocadas na sociedade e como isso pode afetar a sua vida. O *vlogger* tenta chamar a atenção de quem assiste para a importância de desvincular as discussões sobre sexualidade dos embates políticos, visto que a politização do assunto poderia prejudicar a saúde de quem não recebe orientações. Quando faz isso ele está ensinando sobre as duas coisas, pois estimula a pensar sobre a situação política de polarização que estamos vivendo e sobre como a educação sexual vem sendo tratada.

O apelo do *youtuber* para que as questões de sexualidade não sejam vistas somente pelo viés político é também um desafio da educação atual. O clima de rivalidade entre as correntes políticas vem afetando a autonomia de campos que, até então, eram respeitados pela construção de pesquisas realizadas por estudiosos/as de cada área como a saúde e a educação, por exemplo. Vemos hoje uma descrença na ciência, no estudo, na pesquisa e nos dados científicos em detrimento da afirmação de posicionamentos pessoais, políticos e religiosos. Uma vontade de negação absoluta, que se recusa a ouvir argumentos embasados. Na era do “é minha opinião” todo mundo acha alguma coisa sobre tudo, mas nem todos/as estão dispostos/as a fundamentarem suas afirmativas e muito menos a escutarem questionamentos de quem

apresenta outra perspectiva. Nessa conjuntura, a autonomia da escola vem sendo ameaçada. Convicções políticas, religiosas e econômicas disputam não só espaço nos currículos escolares, mas a hegemonia de seus discursos nos diversos espaços educativos, desvalorizando a importância da contraposição de ideias e da argumentação, fundamentais para a construção de sujeitos críticos e independentes.

Baseado em Foucault, Roberto Machado (1998, p. 21) diz que “saber e poder se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder”. Logo, saber é poder e “todo saber é político”. Discutir determinados assuntos na escola e na mídia pode colocar sob suspeita a hegemonia dos discursos normalizadores e aumentar as relações de força e resistência. Então, a quem interessa esconder informações, restringir o conhecimento, limitar saberes? E por quê?

5 ENVIAR *FEEDBACK*: CONSIDERAÇÕES FINAIS

No YouTube há uma aba chamada “Enviar *feedback*” por onde o/a usuário/a pode fazer suas considerações, críticas e sugestões. Escolhi esse nome pensando que aqui é um espaço em que coloco minhas considerações sobre a pesquisa, relembro alguns pontos importantes, aponto o que foi possível e o que não foi ao longo desse processo e trago sugestões para trabalhos futuros.

Este texto mostra meu caminho de pesquisa, visa registrar como cheguei nesta estrada. O percurso até aqui foi importante. As aulas, as leituras, as orientações, as conversas, as reuniões do GESED, o contato com o campo e o movimento de escrita me ajudaram a pensar no meu tema, a fazer escolhas, mudanças e reflexões. Agora é a hora de parar e compartilhar o que produzi até aqui. Escolhi pesquisar na perspectiva pós-estruturalista, que envolve

disposição de operar com limites e dúvidas, com conflitos e divergências, e de resistir à tentação de formular sínteses conclusivas; de admitir a provisoriedade do saber e a co-existência de diversas verdades que operam e se articulam em campos de poder-saber; de aceitar que as verdades com as quais operamos são construídas, social e culturalmente. (MEYER; SOARES, 2005, p. 40).

Por isso, não trago aqui conclusões universalizantes, tenho ciência de que fazer pesquisa não é determinar “a verdade” sobre algo, mas levantar discussões analisadas com o meu olhar, possibilitando que, a partir dele, mais pessoas pensem, discutam e formulem novos questionamentos. A pesquisa partiu de mim, mas não é minha, ela é de todo/a leitor/a que se permitir refletir sobre as questões aqui discutidas, vai reverberar em cada leitura e em cada novo texto inspirado neste, por isso não termina aqui. Assim, apresento algumas considerações sobre o que observei ao longo desse processo.

A questão condutora desta pesquisa foi “*Como discursos de gênero e sexualidade são disseminados no canal do youtuber Felipe Neto?*”. Inspirada pela análise do discurso foucaultiana, procurei descrever os enunciados que apareceram nos vídeos problematizando suas condições de existência, pensando em como fazem parte de pedagogias culturais que educam para a vida.

Nikolas Rose (2001, p. 35-36) afirma que

Nossa relação com nós mesmos tem a forma que tem porque tem sido o objeto de toda uma variedade de esquemas mais ou menos racionalizados, os quais

têm moldado nossas formas de compreender e viver nossa existência como seres humanos em nome de certos objetivos.

Somos sujeitos sociais, nossa constituição passa pela relação com o outro, pensar em nossos processos de subjetivação implica observar “injunções, conselhos, técnicas, pequenos hábitos de pensamento e emoção, uma série de rotinas e normas de ser humano - os instrumentos por meio dos quais o ser humano constitui a si próprio em diferentes práticas e relações” (ROSE, 2001, p. 50). Ao refletir sobre a maneira como esses processos e procedimentos existem na nossa cultura, penso que as formas como moldamos a nós mesmos/as a partir dessa relação passam por discursos que nos formam.

Esses discursos circulam nas diversas instâncias da sociedade através de práticas discursivas e não-discursivas, ensinando-nos modos de ser, pensar e agir que nos levam a ser quem somos. Além daquelas historicamente legitimadas para educar como as famílias, as escolas, as igrejas, etc., existem as que o fazem de forma mais sutil como os artefatos culturais. Dentre esses destaquei os vídeos, mais precisamente aqueles produzidos por *youtubers*. Eles fazem parte do “dispositivo pedagógico da mídia” que coloca discursos em funcionamento, veiculando saberes e modos de existir para que os sujeitos pensem e ajam sobre si mesmos, a partir de “técnicas através das quais se propõe a todos nós que façamos minuciosas operações sobre nosso corpo, sobre nossos modos de ser, sobre as atitudes a assumir” (FISCHER, 2002, p. 156).

O YouTube é uma plataforma que vem ganhando muitos/as adeptos/as nos últimos anos. Composto por vídeos dos mais variados assuntos, é um artefato midiático com grande potencial educativo e persuasivo. Pois, à medida que usuários/as utilizam-no como fonte de instrução, informação ou lazer, são expostos/as a vídeos dotados de pedagogias culturais que agem “na constituição de sujeitos, na composição de identidades, na disseminação de práticas e condutas, enfim, no delineamento de formas de ser e viver na contemporaneidade” (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 61). Em meio a variedade de materiais postados nessa plataforma estão aqueles produzidos por *youtubers*, *vloggers* ou influenciadores/as digitais, nomes dados a profissionais como o Felipe Neto. Essas produções têm alguns aspectos relevantes como uma linguagem informal, um caráter testemunhal, a presença de relatos da vida pessoal, a centralidade na imagem do *youtuber*, entre outras, que possibilitam uma sensação de proximidade ao/à expectador/a, de modo que afasta a ideia de que os/as famosos/as são diferentes e distantes. Tudo isso contribui para a conquista de seguidores/as, que geralmente gostam e acompanham seu canal. Essa relação de admiração pode fazer com que as falas desses/as produtores/as de

conteúdo sejam tomadas como verdade por alguns/as desses/as fãs e contribuam com seus processos de subjetivação, por isso ressalto a relevância de considerar esses vídeos como artefatos educativos.

Ao observar algumas produções do canal Felipe Neto, com o olhar para enunciados sobre gênero e sexualidade, considero importante ressaltar alguns pontos. Primeiramente, que a seleção do material pela busca de palavras-chave fez com que aparecessem vídeos bem direcionados aos assuntos, em que o *youtuber* se dedica a comentar sobre as questões de gênero e/ou sexualidade, inclusive mencionando, em alguns deles, que vai “falar sério”. Contudo, essas postagens não retratam o perfil de conteúdos do canal, pois elas aparecem pouco em relação aos demais vídeos, que geralmente apresentam curiosidades, humor e alguns quadros fixos.

Essa especificidade do material proporcionou muitos elementos para análise. Pude ver como os enunciados circulam nos vídeos mostrando a quem assiste formas de olhar e vivenciar as questões de gênero e sexualidade em nossa sociedade. Seja comentando sobre o outro ou falando de si mesmo, o influenciador faz reverberar os discursos presentes na nossa cultura. Quando afirma que é difícil ser mulher; que mães são cuidadosas; que *drag queens* são homens que se vestem de mulher; que há uma “lógica masculina” onde homens são práticos, engraçadinhos ou entendem pouco sobre cuidar de filhos e ao listar parâmetros para classificar os corpos como de homem ou de mulher, ele ensina algo sobre todas essas identidades. E ainda, quando traz à tona discussões sobre as classificações em relação às orientações sexuais, homofobia, sexo e educação sexual, ele expõe pontos de vista, sugere ações... Enfim, educa para as relações de gênero e sexualidade apresentando maneiras de ser, agir e pensar, o que faz com os/as espectadores/as olhem para si mesmos/as e para as outras pessoas e reflitam sobre esses modos, seja para inspirar-se neles, distanciar-se, ou ainda para projetar uma visão sobre o outro.

Quando faz esse tipo de conteúdo, Felipe Neto expõe suas concepções e vivências, afinal, ele também vive nessa sociedade discursiva e é construído por enunciados que nela circulam. Por isso é importante lembrar de onde ele fala, visto que é um homem de 33 anos, branco, rico, famoso, heterossexual e cisgênero. Suas afirmações dizem de uma experiência pessoal, os exemplos que apresenta, assim como os enunciados que aciona são aqueles que o tocam, que perpassam sua existência, por isso, em alguns casos, acaba direcionando-se a pessoas que compartilham das mesmas vivências. Se eu tivesse trabalhado com uma mulher, um/a homossexual, um/a transexual, por exemplo, talvez outras discussões e formas de falar sobre gênero e sexualidade aparecessem. Outro detalhe que não pode ser esquecido é que “Felipe Neto” não é só uma pessoa, mas uma empresa, que elabora produtos com fins

comerciais, o que faz com que suas produções sejam construídas e editadas em função disso, considerando que algumas coisas vendem e outras não. Além do mais, os vídeos não são os únicos lugares nos quais ele faz os discursos circularem, pois quando fala em livros, revistas, filmes, programas de televisão e outras redes sociais ele não deixa de ser um influenciador.

Dito isso, destaco algumas características presentes nos vídeos que considero pedagogias eficazes para convencer a quem assiste. A primeira delas é usar uma linguagem pessoal, simples e descontraída, que o torna mais próximo do público. A segunda é se valer do humor, que atinge de forma mais sutil uma audiência que está em busca de entretenimento. A terceira é recorrer aos discursos científicos e jurídicos para embasar seus argumentos, o *youtuber* apresenta trabalhos acadêmicos, número de legislações e falas de pessoas ligadas a essas áreas, chegando a pedir para quem quiser contestá-lo que mostre estudos baseados na ciência. A quarta é utilizar exemplos da vida pessoal para ilustrar o que diz, pois isso dá a ele uma autoridade vinda da experiência. Em alguns momentos ele demonstra saber que suas produções educam, pois fala que os/as espectadores/as que estão no período de formação de opinião precisam ouvir o que ele vai dizer, e ainda ensina o que fazer em determinadas situações, assumindo um tom de aconselhamento.

A narrativa das próprias vivências algumas vezes remete a manifestações confessionais ou testemunhais que, não só dão ideia de competência para falar de determinados assuntos, como produz alianças com o público que se identifica com aquela experiência. Isso é muito presente nas postagens em que Felipe Neto expõe acontecimentos da sua vida sexual e afetiva, colocando-se como uma pessoa mais experiente que dá conselhos a quem precisa. Quando usa essa experiência ele ganha credibilidade porque não é qualquer pessoa que está falando. É alguém que já viveu aquelas situações e que passa uma imagem de que é bem resolvida, bem sucedida financeiramente, querida por muitos/as seguidores/as, que ocupa uma posição de destaque na sociedade... Enfim quem ele é, o lugar que ocupa, a relação que estabelece com seu público, o que ele diz e como diz fazem com que seu material seja educativo.

Os enunciados de gênero e sexualidade que circulam nos vídeos do Felipe Neto são capazes de subjetivar a quem assiste, principalmente aqueles/as que estabelecem uma relação de admiração e espelhamento com o *youtuber*. Isso não significa que essa subjetivação acontece da mesma forma para todos/as, pois os “modos de existência, aprendidos nas mais diferentes dinâmicas de poder e saber, jamais são totalmente compactos e definitivos; pelo contrário, sempre há neles interstícios fendas, possibilidades éticas e estéticas não pensadas pelos saberes e poderes em jogo” (FISCHER, 2002, p. 154). Assim, quando digo que o canal do *vlogger* é um artefato educativo, é porque considero que ele tem uma potencialidade para disseminar os

discursos presentes na nossa sociedade e fazer com que os indivíduos se pensem a partir deles, construindo seus processos de subjetivação, seja diante de aceitações ou resistências.

Com isso em mente, o objetivo primordial deste trabalho foi analisar como enunciados de gênero e sexualidade estão presentes nos vídeos, ressaltando seu potencial educativo que contribui para a formação dos sujeitos. O intuito aqui não foi julgar as falas, apontando erros ou acertos, mas chamar a atenção para como essas questões estão presentes nesses artefatos e como as pessoas podem ser subjetivadas por elas. Até porque, Felipe Neto não é um estudioso dos campos de gênero e sexualidade e seu canal não é direcionado para discutir essas temáticas. Entretanto, não posso deixar de destacar um trecho que diz muito sobre os posicionamentos do *youtuber* em favor da diversidade, em que ressalta o amor pelas pessoas. Um saber que ele constituiu a partir de suas experiências e convivência com pessoas diferentes e que, da sua forma ácida e descontraída de falar, nos ensina uma lição:

Acho que o recado principal é amar. Amar o outro. “AH! O OUTRO ESTÁ VESTIDO DE MULHER?” Dane-se! “AH! O OUTRO ESTÁ PEGANDO OUTRO HOMEM?” Dane-se! “AH! A MULHER TÁ PEGANDO OUTRA MULHER?” Dane-se! Só ama as pessoas. “Não, eu amo, mas...”. Não, não, não, não, shhh, shhh, shhh, sem mas. Ninguém quer saber. Sem mas! Só ama! É difícil? É muito difícil você amar alguém que é diferente de você? “Mas eu... deixa eu terminar, eu amo, mas...” Nããããã!!! Shhh! SEM MAS! Só ama! E ensina o teu filho a amar também. Tá bom?. (VIRE), 2018, grifos do autor).

O influenciador é subjetivado por discursos que circulam na nossa cultura, por isso, ora reforça os hegemônicos, ora enfatiza os de resistência, o que também acontece com muitos/as de nós. Refletir sobre como nos tornamos o que somos e porque pensamos e agimos de uma determinada maneira é um processo complexo e infundável, por isso, não existe sujeito pronto. Vivemos em um contexto em que somos/as ensinados/as a classificar as pessoas e enquadrá-las em determinadas identidades como se essas fossem molduras. E, mais do que isso, a julgar, atribuir rótulos e tratar de forma desigual aquelas que se distanciam das identidades hegemônicas. Para começar a desconstruir esse modelo duas coisas são importantes: problematizar os discursos que nos constituem e amar o outro respeitando as diferenças. Infelizmente, essa desconstrução não é algo fácil, ainda temos um longo percurso pela frente. Refletir sobre como os discursos de gênero e sexualidade que circulam nos artefatos culturais podem contribuir com nossos processos de subjetivação foi minha forma de dar um passo nesse longo caminho.

Para problematizar questões de gênero e sexualidade eu poderia eleger inúmeros artefatos culturais como objeto de pesquisa, porém optei pelos vídeos e, com isso, arrisquei-me a entrar num universo, até então, desconhecido para mim. Em um movimento que se assemelha a uma viagem que permite “quem viaja a sentir-se ‘estrangeiro’, posicionando-o, ainda que temporariamente, como o ‘outro’. A viagem proporcionou a experiência do ‘não sentir-se em casa’” (SILVA, 2000, p. 88, grifos do autor). Apesar do YouTube e do canal Felipe Neto serem locais familiares para muitas pessoas, foram novidades para mim. Ser “uma estranha” nesse universo que não pertencia me fez iniciar essa viagem com mais questionamentos do que hipóteses. Meu caminho enquanto pesquisadora, viajante e estrangeira, foi cheio de curiosidade, ansiedade e descobertas. Antes de construir uma pesquisa, tive que me constituir enquanto pesquisadora, que aprende ao longo do percurso, faz e apaga, afirma e desconfia, se perde e retorna. Nesse ponto da viagem posso dizer que não sou mais tão estranha assim, mas não posso dizer que cheguei ao final, pois não acredito que ela tenha mesmo um final. Aliás, isso não é o mais importante, pois na perspectiva que escolhi pesquisar “não há lugar de chegar, não há destino pré-fixado, o que interessa é o movimento e as mudanças que se dão ao longo do trajeto” (LOURO, 2004, p. 13). O que importa é que o percurso foi muito significativo, como aprendi ao longo desse caminho! Como me modifiquei! A partir daqui posso dizer que terei um novo olhar para a Educação, para a pesquisa, para os discursos e, principalmente, para os processos de constituição dos sujeitos.

O YouTube é um campo atual e muito potente para os estudos da Educação. Contudo, diante da necessidade de fazer escolhas ao longo da pesquisa, muitas possibilidades foram colocadas de lado para, quem sabe, futuros estudos. A primeira delas é a recepção de usuários/as do canal, penso que observar os comentários de determinados vídeos pode ajudar a ver como os enunciados tocam as pessoas de modos diferentes. A segunda, é problematizar como canais focados em determinadas identidades, como sujeitos LGBTQI+ ou negros/as, por exemplo, constroem uma representação e ensinam formas de vivenciar essas identidades. Atualmente, existem canais voltados para militâncias a partir dos quais muitas pessoas se constituem. A terceira possibilidade de investigação que acho relevante é pensar no uso do YouTube dentro do espaço escolar, pois essa plataforma vem mudando a forma de ensinar e aprender e sua presença na escola apresenta muitas potencialidades e desafios.

Este trabalho tem o foco nos discursos de gênero e sexualidade. Mas baseia-se na preocupação em problematizar como vídeos de *youtubers* participam dos processos de formação de sujeitos. Por isso, não posso deixar de comentar o contexto político em que o campo da pesquisa está inserido. Felipe Neto frequentemente se pronuncia contra

posicionamentos ultraconservadores e defende pautas que desagradam a quem defende essa linha, como as discussões de gênero, sexualidade e diversidade, por exemplo. Sua popularidade e capacidade de argumentação e influência incomoda àqueles/as que pensam diferente dele, gerando reações diversas desse público. Por isso, fazer um trabalho que fala sobre gênero, sexualidade e Felipe Neto, nesse contexto, é um ato de resistência. Dar visibilidade e trazer para a academia aquilo que grupos conservadores querem esconder é também um ato político.

Diante disso, pode-se considerar que discutir relações de gênero e sexualidade, seja na escola ou em um canal do YouTube, é tomar partido. Não da esquerda ou da direita. Mas escolher um posicionamento a favor da informação, da problematização e do respeito às diferenças. É lutar contra regimes de verdade baseados em doutrinações, censura, opressão, preconceitos e discriminações. Pois, como nos diz Foucault (1996, p. 44), “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paula Deporte de. **Pedagogias culturais: uma cartografia das (re)invenções do conceito**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2016.

ANDRADE, Paula Deporte de. Artefatos culturais midiáticos e pedagogias culturais: uma análise para explorar as qualidades pedagógicas da vida contemporânea. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 38., 2017, São Luís. **Anais eletrônicos** [...]. São Luís, MA: UFMA, 2017. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT16_248.pdf. Acesso em: 10 jun. 2019.

ANDRADE, Paula; COSTA, Marisa. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura: Revista de Educação e Letras**, Canoas, v.17, n, 34, p. 48-63, maio/ago., 2015. ISSN 1518-4919. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/1501/1140>. Acesso em: 7 dez. 2019.

ANJOS, Marcelo Faria dos. **Telenovela “em cena”**: enunciados performativos de personagens homossexuais a partir dos anos 2000. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

ARAÚJO, Alexandre Vitor Costa. **Vloguers brasileiros e portugueses**: sobre o que vlogam as principais estrelas da internet. 2013. Dissertação (Mestrado em Audiovisual e Multimídia) – Instituto Politécnico de Lisboa Escola Superior de Comunicação Social, Lisboa, 2013.

BACKES, Suelen. **Produção e consumo de vídeos on-line**: análise de práticas e técnicas para o desenvolvimento de influenciadores digitais profissionais a partir do YouTube. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltencir Dutra. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BERNARDI, Denise. Paternidade e cuidado: “novos conceitos”, velhos discursos. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 26, n.1, p. 59-80, 2017. ISSN 2594-3871. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/28743>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. ISSN 1413-2478. DOI 10.1590/S1413-24782002000100003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. **Falas masculinas ou ser homem em Fortaleza**: múltiplos recortes da construção da subjetividade masculina na contemporaneidade. 2000. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial**: República Federativa do Brasil: seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acesso em: 28 ago. 2020.

BRASIL. **Resolução CFP nº 001/99, de 22 de março de 1999**. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual”. Brasília, DF, 22 mar. 1999. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf. Acesso em: 28 ago. 2020.

BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jul. 1996. ISSN 2175-6236. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71644/40637>. Acesso em: 28 ago. 2020.

BURGUESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a revolução digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. *In*: BUTLER, Judith (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Organização de Guacira Lopes Louro. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**. São Paulo: Girafa Editora, 2006.

CASTRO, Roney Polato de. **Experiência e constituição de sujeitos docentes**: relações de gênero, sexualidades e formação em Pedagogia. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

CALDAS, Fernanda Gonçalves. **Se gostou dá um like**: análise histórica e cultural do vlog no Brasil. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Culturas Contemporâneas) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. **Além dos arcos dourados**: a pedagogia cultural do McDonald's. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

CARVALHO, Felipe; SANTOS, Edméa Oliveira. Memetizando: experimentações cotidianas em tempos de cibercultura. **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 7-16, 2019. ISSN 1984-9540. DOI 10.12957/periferia.2019.42887. Disponível em: <file:///C:/Users/Administrador/Downloads/42887-144325-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer: um estudo sobre a configuração da

identidade queer. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, p. 471-478, 2004. ISSN 1413-294X. DOI 10.1590/S1413-294X2004000200021. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a09v09n3.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2020.

CONNEL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 185-206, 1995. ISSN 2175-6236. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 3 maio 2020.

CONNEL, Robert W.;; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, 2013, p. 241-282. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 3 maio 2020.

COSTA, Fernando Moraes da. A inserção do som no cinema: percalços na passagem de um meio visual para audiovisual. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, “MÍDIA BRASILEIRA: DOIS SÉCULOS DE HISTÓRIA”, 1., 2003, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/1o-encontro-2003-1/a%20insercao%20do%20som%20no%20cinema.doc>. Acesso em: 5 jan. 2021.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte de. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. *In*: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 36., Goiânia. **Anais eletrônicos** [...]. Goiânia, 2013. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt16_2912_texto.pdf. Acesso em: jun. 2019.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61. maio//ago. 2003. ISSN 1809-449X. DOI 10.1590/S1413-24782003000200004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf>. Acesso em: 11 out. 2019.

COUTINHO, Mariana. **Saiba mais sobre streaming, a tecnologia que se popularizou na web 2.0**. 27 maio 2013. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2013/05/conheca-o-streaming-tecnologia-que-se-popularizou-na-web.html>. Acesso em: 30 ago. 2019.

DIAS, Diego. Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 43, p. 475-497, jul./dez. 2014. ISSN 0104-8333. DOI 10.1590/0104-8333201400430475. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000200475. Acesso em: 30 abr. 2019.

DORNELLES, Juliano Paz. **O fenômeno Vlog no YouTube: análise de conteúdo de Vloggers brasileiros de sucesso**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ELLSWORTH, Elisabeth. Modo de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FELIPE NETO. *In*: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Felipe_Neto. Acesso em: 20 set. 2019.

FERRARI, Anderson. Ma vie en rose: gênero e sexualidades por enquadramento e resistências. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 117-141, mar./ago. 2009. ISSN 2447-5246. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/09/Artigo-06-14.1.pdf>. Acesso em: 20 set, 2019.

FERRARI, Anderson. Sujeitos, subjetividades e educação. *In*: FERRARI, Anderson (org.). **Sujeitos, subjetividades e educação**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010. p. 7-18.

FERRARI, Anderson. Sexualidades, masculinidades, orientação sexual. *In*: XAVIER FILHA, Constantina (org.). **Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012. p. 259-276.

FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de. Política e Poética das Imagens: implicações para o campo da Educação. *In*: FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de (org.). **Política e poética das imagens como processos educativos**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012. p. 11-17.

FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de. “Sair do armário” – entre a ficção e a realidade: desdobramentos no cotidiano escolar. *In*: MATTOS, Zaine S. (org.). **Diversidade sexual e de gênero na educação**. Juiz de Fora, MG: Ed. UFJF, 2013. p. 113-126.

FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de. Problematizações de uma aluna adolescente, lésbica e negra: anúncios para pensar outras práticas pedagógicas e formas de conhecer. **Educação e Políticas em Debate**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 240-251, 2015. ago./dez. ISSN 2238-8346. DOI 10.14393/REPOD.issn.2238-8346. Disponível em: <http://200.19.146.79/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/34496/18296>. Acesso em: 1 abr. 2020.

FERREIRA, Luiz Gustavo de Paris; KIRCHOF, Edgar Roberto. O que ensina a série televisiva “Deu a louca na história”? Televisão, humor e pedagogias culturais. **Textura: Revista de Educação e Letras**, Canoas, v. 18, n. 37, p. 205-220, maio/ago. 2016. ISSN 1518-4919. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/2288/1554>. Acesso em: 10 abr. 2020.

FERREIRA, Mauricio dos Santos; TRAVERSINI, Clarice Salete. A análise foucaultiana do discurso como ferramenta metodológica de pesquisa. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 207-226, mar. 2013. ISSN 2175-6236. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-62362013000100012&script=sci_abstract&tlng=pt. Aceso em: 10 nov. 2019.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A análise do discurso: para além de palavras e coisas. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995. ISSN 2175-6236. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71741>. Acesso em: 15 jun. 2020.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso**: mídia e produção de subjetividade. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 197-223, nov. 2001. ISSN 1980-5314. DOI 10.1590/S0100-15742001000300009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2019.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. “O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV”. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002. ISSN 1678-4634. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27882/29654>. Acesso em: 23 mar. 2019.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault revoluciona a pesquisa em educação?. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 371-389, jul./dez. 2003. ISSN 2175-795X. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/9717/8984>. Acesso em: 19 nov. 2019.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O visível e o enunciável no dispositivo pedagógico da mídia: contribuição do pensamento de Foucault aos estudos de comunicação. **Revista Verso e Reverso**, Porto Alegre, n. 40, 2005. ISSN 0103-1414. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/7300>. Acesso em: 19 nov. 2019.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação**: fruir e pensar a TV. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e a construção do sujeito**. São Paulo: EDUC, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**: aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no College de France (1975-1976). 4. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V**: ética, sexualidade, política. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Mota. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRANÇA, Filipe Gabriel Ribeiro. “**Para fazer pensar e entreter**”: educação, produção corporal, sujeitos e masculinidades na revista *Júnior* (2007-2015). 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

FRANCISCO, Renata de Souza. Tornando o invisível visível: um olhar panorâmico sobre a dominação masculina, machismo e a criação do “próprio” para mulheres. **Perspectivas Online**: Humanas e Sociais Aplicadas, Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, 15 dez. 2014. ISSN 2236-8876. DOI 10.25242/88764112014556. Disponível em: https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/556/478. Acesso em: 2 nov. 2020.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.

GASTALDO, Denise. Prefácio: Pesquisador/a desconstruído/a e influente? Desafios da articulação teoria-metodologia nos estudos pós críticos. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucey Alves (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 9-13.

GILLESPIE, Tarleton. The relevance of algorithms. *In*: GILLESPIE, Tarleton; BOCZKOWSKI, Pablo J.; FOOT, Kirsten A. (Eds.). **Media technologies: essays on communication, materiality, and society**. MIT Press, 2014.

GIACOMOZZI, Andréia Isabel; CAMARGO, Brigido Vizeu. Eu confio no meu marido: estudo da representação social de mulheres com parceiro fixo sobre prevenção da AIDS. **Psicologia**: teoria e prática, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 31-44, jun. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872004000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 jan. 2021.

GIROUX, Henry A.; MCLAREN, Peter L. Por uma pedagogia crítica da representação. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GOULARTH, Neilton dos Reis. “**Eu sinto que eu sempre me encaixei nessa coisa de não ser homem e não ser mulher**”: tecendo saberes e experiências da não-binaridade de gênero. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HENNIGEN, Inês; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. A subjetivação na perspectiva dos estudos culturais e foucaultianos. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 23, p. 57-74, dez. 2006. ISSN 1414-6975. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 jan. 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. ed. Brasília: Ser-Tão, 2012. Disponível em: <http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2020.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. **Revista Educação On-line**, PUC-Rio, Rio de Janeiro, n. 10, p. 64-83, 2012. ISSN 1809-3760. DOI 10.36556/. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20040/20040.PDF>. Acesso em: 7 set. 2020.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais – identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Danielle Oliveira; MENESES, Myllena de Paula. **O comportamento das mulheres heterossexuais em um relacionamento monogâmico frente ao HIV**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Unievangélica Centro Universitário de Anápolis/GO, Anápolis, GO, 2020.

LOIOLA, Daniel Felipe Emergente. **Recomendado para você: o impacto do algoritmo do YouTube na formação de bolhas**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, jul./dez. 1995. ISSN 2175-6236. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71722>. Acesso em: 11 maio 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, Escola e Identidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul./dez. 2000. ISSN 2175-6236. Disponível em: <file:///C:/Users/Administrador/Downloads/46833-189816-1-PB.pdf>. Acesso em: 11 maio 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, Portugal, n. 25, p. 235-245, 2007. ISSN 0872-7643. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC25/Arquivo.pdf>. Acesso em : 26 out. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008. ISSN 1980-6248. DOI 10.1590/S0103-73072008000200003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. *In*: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009. v. 32. p. 85-93.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 7-42.

MACHADO, Nathalye Nallon. **Mulheres jovens, selfies, feminilidades e subjetividades em imagens**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788537808382/>. Acesso em: 30 abr. 2020

MACHADO, Roberto. Introdução. Por uma genealogia do saber. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

MAKNAMARA, Marlécio; PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação: notas metodológicas para investigações com currículos de gosto duvidoso. **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 41-53, jul./dez. 2013. ISSN 0104-7043. DOI 10.21879/faeaba2358-0194.2013.v22.n40.p41-53. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/7437>. Acesso em: 26 out. 2019.

MARCELLINO, Nelson Carvalho; BARBOSA, Felipe Soligo; MARIANO, Stéphanie Helena. As cidades e o acesso aos espaços e equipamentos de lazer. **Impulso**, Piracicaba, v. 17, n. 44, p. 55-66, 2006. ISSN 2236-9767. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/andreacosta/planejamento-de-espacos-e-equipamentos-de-lazer/texto-3-as-cidades-e-os-equipamentos-de-lazer>. Acesso em: 10 dez. 2020.

MARCONDES, Gláucia Siqueira. **Entre exuberância e mistério**: subjetividades de mulheres ciganas nas interfaces entre educação e gênero. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

MARSHALL, James D. Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização. *In*: PETERS, Michael A.; BESLEY, Tina (org.). **Por que Foucault?**: novas diretrizes para a pesquisa educacional. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 25-39.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MELO, Maicon Maximiano. **Análise do canal de Felipe Neto sob a ótica do branding**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2018.

MELLO, Luiz; GROSSI, Miriam Pillar; UZIEL, Anna Paula. A Escola e @s Filh@s de Lésbicas e Gays: reflexões sobre conjugalidade e parentalidade no Brasil. *In*: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009b. v. 32. p. 159-181.

MEYER, Dagmar Estermann. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. **Movimento**: Revista de Educação Física, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 38-52, 2003. ISSN 2359-3296. DOI 10.22456/1982-8918.2817. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2817/1432>. Acesso em: 5 jun. 2020.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 17-24.

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. Modos de ver e se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. *In*: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Caminhos investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordada no parlamento brasileiro. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 590-621, 2016. ISSN 2179-8966. DOI 10.12957/dep.2016.25163. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25163>. Acesso em: 11 nov. 2020.

MIRANDA, David. **As 100 pessoas mais influentes de 2020**. 2020. Disponível em: <https://time.com/collection/100-most-influential-people-2020/5888282/felipe-neto/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 101-128, jan./jun. 2007. ISSN 1809-4449. DOI 10.1590/S0104-83332007000100006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/06.pdf>. Acesso em: 2 set. 2020.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 150-182, jun. 2009. ISSN 1517-4522. DOI 10.1590/S1517-45222009000100008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acesso em: 2 set. 2020.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: UFOP, 2012.

NASCIMENTO, Patrícia Chaves do; KIND, Luciana. Narrativas positivas: vulnerabilidade de mulheres ao HIV/Aids em relações heterossexuais de conjugalidade. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 24, 15 nov. 2018. ISSN 1516-4896. DOI 10.26512/lc.v24i0.18957. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/18957>. Acesso em: 2 set. 2020.

NATANSOHN, L. Graciela. O corpo feminino como objeto médico e “mediático”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 287-304, 2005. ISSN 0104-026X. DOI 10.1590/S0104-026X2005000200004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n2/26883.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2020.

NETO, Felipe. **Não faz sentido**: por trás da câmera. São Paulo: Casa da Palavra, 2013a. *E-book* Kindle.

NETO, Felipe. **Felipe Neto quebra recordes e faz história no YouTube**. Entrevista concedida a Gisele Federicce. *Brasil 247*, 18 jan. 2013b. Disponível em: <https://www.brasil247.com/midia/felipe-neto-quebra-recordes-e-faz-historia-no-youtube>. Acesso em: 20 set. 2019.

NETO, Felipe. **Felipe Neto**: “Fui criado achando que a homossexualidade era pecado”. Entrevista concedida a Leo Dias. *Blog do Leo Dias*, 7 set. 2019a. Disponível em: <https://leodias.blogosfera.uol.com.br/2019/09/07/felipe-neto-fui-criado-achando-que-a-homossexualidade-era-pecado/>. Acesso em: 9 abr. 2020.

NETO, Felipe. **Todos os algoritmos levam a Felipe Neto**. Entrevista concedida a Morris Kachani. *Blogs Inconsciente Coletivo vozes do nosso tempo*, 4 out. 2019b. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/inconsciente-coletivo/todos-os-algoritmos-levam-a-felipe-neto/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

NETO, Felipe. **Diálogos de quarentena com Felipe Neto**. Entrevista concedida a Juan Manuel P. Domínguez, 17 jun. 2020a. Disponível em: <https://midianinja.org/juanmanuelpdominguez/felipe-neto-nao-e-hora-de-debatermos-sobre-liderancas-politicas-e-hora-de-derrotar-o-fascismo/>. Acesso em: 27 dez. 2020.

NETO, Felipe. **Influenciador digital Felipe Neto é vítima de fake news e de ameaças**. Entrevista concedida ao *Jornal Nacional*. 30 jul. 2020b. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/07/30/influenciador-digital-felipe-neto-e-vitima-de-fake-news-e-de-ameacas.ghtml>. Acesso em: 23 dez. 2020.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NÚCLEO da Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br). **Tic domicílios**: Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros [livro eletrônico]. Editor Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123121817/tic_dom_2019_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 8 dez. 2020.

OAB *et al.* OAB assina manifesto em defesa do *youtuber* Felipe Neto. In: **Consultório jurídico**. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-jul-28/oab-assina-manifesto-defesa-youtuber-felipe-neto>. Acesso em: 25 dez. 2020.

OLIVEIRA, Bruna Tostes de. **Inscrições na superfície da cidade**: educar-se e subjetivar-se através de imagens. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

OLTRAMARI, Leandro Castro; OTTO, Liliane Schuch. Conjugalidade e AIDS: um estudo sobre infecção entre casais. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 55-61, dez. 2006. ISSN 1807-0310. DOI 10.1590/S0102-71822006000300008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n3/a08v18n3.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2021.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A Produção do currículo na televisão: que discurso é esse? **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 141-160, jan./jul. 2001. ISSN 2175-6236. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/41320>. Acesso em: 28 dez. 2020.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Política da subjetividade docente no currículo da mídia educativa brasileira. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 91-115, jan./abr. 2006. ISSN 1678-4326. DOI 10.1590/S0101-73302006000100005. Disponível em: https://social.stoa.usp.br/articles/0016/3195/PolA_tica_da_subjetividade_docente_no_curriculo_da_midia_educativa_brasileira.pdf. Acesso em: 28 jul. 2020.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de pesquisas Pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 25-47.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 206-237, 2016. ISSN 1984-7238. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723817332016206>. Acesso em: 4 jan. 2021.

PELLEGRINI, Dayse Pereira *et al.* YouTube. Uma nova fonte de discursos. **Revista de Recensões de Comunicação e Cultura**, v. 8, 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/bocc-pelegrini-cibercultura.pdf>. Acesso em: 6 set. 2019.

PINHEIRO, Clara Virgínia de Queiroz; MEDEIROS, Nathassia Matias de. Práticas de prevenção do HIV/Aids e modos de subjetivação. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 629-646, abr./jun. 2013. ISSN 1809-4481. DOI 10.1590/S0103-73312013000200016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=400838265016>. Acesso em: 20 out. 2020.

PELÚCIO, Larissa; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da Aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 125-157, 2009. ISSN 1984-6487. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293322961007>. Acesso em: 12 jan. 2021.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

RITTI, Rosalinda Carneiro de Oliveira. “**A gente cria todo dia! A gente cria vida!**”: Pesquisar com mulheres mães na periferia. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

RIZZA, Juliana Lapa. Educação sexual, orientação sexual, educação para a sexualidade. **Revista Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 1, n. 1, p. 6-9, jan./jun. 2013. ISSN 2358-8853. Disponível em: <https://sexualidadeescola.furg.br/phocadownload/revista%20sexualidade%20e%20educacao%201%20site.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu? **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 33-57, 2001. ISSN 2175-6236. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/41313/26145>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 9-21, jul./dez. 2001. ISSN 0104-026X. DOI 10.1590/S0104-026X2001000100002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SALGADO, Tiago Barcelos Pereira. **Experimenta-te a ti mesmo: Felipe Neto em performance no YouTube**. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SANTOS, Michele Priscila Gonçalves dos. **Relações entre gênero e rendimento escolar nos anos iniciais**. 2014. . Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação no Ensino Fundamental) - Colégio de Aplicação João XXIII, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Donas de si? a educação de corpos grávidos no contexto da pais & filhos**. 2006 . Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione; SILVEIRA, Catharina da Cunha. Paternidade em deslocamento: o caso do pai amigo e presente. **Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade**, Salvador, v. 1, p. 91-102, jan./jun. 2011. ISSN 2317-1219. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/5257/4302>. Acesso em: 5 jun. 2020.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione; KLEIN, Carin. O conceito de politização da maternidade como legado de pesquisa. **Momento: diálogos em educação**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 47-64, set./dez. 2019. ISSN 2316-3100. DOI 0.14295/momento.v28i3.8406. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8406>. Acesso em: 5 jun. 2020.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. Uso das imagens como recurso metodológico. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 263-280.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. ISSN 2175-6236. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 5 jun. 2020.

SEVILLA, Gabriela; SEFFNER, Fernando. A guinada conservadora na educação: reflexões sobre o novo contexto político e suas reverberações para a abordagem de gênero e sexualidade na escola. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13TH WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 2017, Florianópolis. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499465018_ARQUIVO_texto_completofazendogeneroversaofinalgabriellasevillaefernandoseffner.pdf. Acesso em: 11 nov. 2020.

SIERRA, Jamil Cabral. Corpo, sexualidade e poder: a homossexualidade na mídia e as biopolíticas de prevenção contra a AIDS. **Textura: Revista de Educação e Letras**, Canoas, n. 28, p. 111-128, maio/ago. 2013. ISSN 1518-4919. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/928/705>. Acesso em: 11 nov. 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, José Rodolfo Lopes da. **“Seja homem de verdade!”: (re)constituindo masculinidades numa escola de cidade pequena e do interior**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

SIQUEIRA, Indianara. Pagina pessoal no Facebook. 19 out. 2015. Disponível em: <https://m.facebook.com/indi.siqueira/posts/439547626230051:0>. Acesso em: 1 dez. 2020.

SOMMER, Luís Henrique; WAGNER, Irmo. **Mídia e Pedagogias Culturais**. 2019. Disponível em: <https://moodlep.uem.br/pluginfile.php/71083/course/overviewfiles/M%C3%ADdias%20e%20Pedagogias%20Culturais.pdf?forcedownload=1>. Acesso em: 7 dez 2019.

SOUSA, Deborah Susane Sampaio. A rede social YouTube como plataforma de conexão e de estabelecimento da estética do fluxo. **Intercom**, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br>. Acesso em: 30 ago. 2019.

SOUSA FILHO, Alípio de. A política do conceito: subversiva ou conservadora? - crítica à essencialização do conceito de orientação sexual. **Bagoas**: Revista de Estudos gays, v. 3, n. 4, 2009a. ISSN 1982-0518. Disponível em: <https://www.periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2296/1729>. Acesso em: 3 ago. 2020.

SOUSA FILHO, Alípio de. Teorias sobre a Gênese da Homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude. *In*: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: MEC/UNESCO, 2009b. v. 32. p. 95-123.

VALADARES, Marcus Guilherme Pinto de Faria. Vídeos confessionais do YouTube: análise de um dispositivo. ENCONTRO VIRTUAL DE DOCUMENTAÇÃO EM SOFTWARE LIVRE; CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA ONLINE, 2011, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/5801/5088. Acesso em: 5 jun. 2020.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. Inclusão e governamentalidade. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 947-964, out. 2007. ISSN 1678-4626. DOI 10.1590/S0101-73302007000300015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1528100.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2020.

VILARDAGA, Vicente. Ativismo transformador. **Isto é**, 31 jul. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/ativismo-transformador/>. Acesso: em 25 dez. 2020.

VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimarães. A problematização e as pesquisas educacionais: sobre um gesto analítico foucaultiano. **Filosofia e Educação**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 195-219, jun./set. 2015. ISSN 1984-9605. DOI 10.20396/rfe.v7i2.8637554. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/download/8637554/5245/>. Acesso em: 1 nov. 2019.

WARNER, Michael. **Fear of a Queer Planet**: queer politics and social theory. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1993.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. *In*: WEEKS, Jeffrey (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 43-104.

WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 32-48, jan./abr. 2015. ISSN 0101-465X. DOI 10.15448/1981-2582.2015.1.18441. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18441>. Acesso em: 30 ago. 2019.

XAVIER FILHA, Constantina. Violência sexual contra crianças: ações e omissões nas/das instituições educativas. *In*: XAVIER FILHA, Constantina (org.). **Sexualidade, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande: Editora UFMS, 2012.

YOUTUBE. **Nossa missão é dar a todos uma voz e revelar o mundo**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/>. Acesso em: 30 ago. 2019.

YOUTUBE. **YouTUBE em números**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>. Acesso em: 11 dez. 2020.

VÍDEOS

A CURA da aids foi descoberta? [+13]. 15 mar. 2019. (19 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i9F5r_diAYA. Acesso em: 6 nov. 2020.

ADEUS e muito obrigado. 24 mar. 2017. (11 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DBs3-IVWKIE>. Acesso em: 10 ago. 2019.

CENSURA na bienal. 6 set. 2019. (5 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=meqsHqP4Qw4>. Acesso em: 27 set. 2020.

COISAS que só mulheres vão entender. 20 nov. 2019. (12 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wpm4CM76E4s>. Acesso em: 27 mar. 2020.

COMO homens funcionam - pais e filhos!. 14 nov. 2019. (12 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mFQGkxFQaSw>. Acesso em: 27 mar. 2020.

DESAFIO da camisinha (o de verdade!) [+13]. 6 maio 2017. (13 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Nnhd_pKd9Oo&list=LLuDtizWQfSVchQQ_IjMdA1w&index=2717. Acesso em: 20 set. 2020.

DISNEY e o Silas Malafaia [+13]. 4 mar. 2017. (12 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0vkVGui-NM4>. Acesso em: 9 set. 2020.

É HOMEM ou mulher? (sem trans no vídeo). 9 set. 2018. (15 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0VrMh6ce3U0&t=3s>. Acesso em: 30 nov. 2020.

É HORA de falar a verdade... Mostre pros seus pais. 2 set. 2019. (25 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7hqI42oskv4>. Acesso em: 16 mar. 2020.

FATOS sobre as mulheres! É verdade?. 13 nov. 2019. (11 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4mP04rm6DJg>. Acesso em: 24 abr. 2020.

FELIPE Neto é gay? [+13]. 8 de fev. 2017. (11 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=amI5XXKFUf8>. Acesso em: 20 mar. 2020.

FELIPE NETO invadiu Moordale pra distribuir umas HQs de Sex Education | Netflix Brasil. 23 jan. 2020. (2 min). Publicado pelo canal Netflix Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IuJl1W0uC8U>. Acesso em: 20 dez. 2020.

FELIPE NETO: Um “maluco” do bem que deu certo no YouTube. 17 mar. 2017. (20 min). Publicado pelo canal Leda Nagle. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lSyIm3-Fs-o>. Acesso em: 20 dez. 2020.

HOMENS que não têm mais salvação. 1 de out. 2019. (11 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cm-LHLh-jzo>. Acesso em: 20 mar. 2020.

HOMENS VS. Mulheres! E agora?. 14 set. 2019. (12 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EW0iq3jR4PI&t=12s>. Acesso em: 20 mar. 2020.

HOMOFOBIA - Não faz sentido! [+13]. 26 abr. 2013. (27 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YarCKpbI46c&t=1s>. Acesso em: 9 set. 2020.

LIVE - eu vou ser preso? o que aconteceu?. 7 nov. 2020. (71 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uBpSErnFAFw&t=193s>. Acesso em: 23 dez. 2020.

O DILEMA DAS REDES. Estados Unidos. Direção: Jeff Orlowski. Produção: Larissa Rhodes, 2020. (94 min). Disponível em: <https://www.netflix.com>. Acesso em 5 dez. 2020.

PABLLO Vittar me transformou em drag queen!. 8 maio 2018. (16 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hq1xqop8LVY>. Acesso em: 17 mar. 2020.

PRIMEIRA PESSOA com Felipe Neto. 13 nov. 2019. (6 min). Publicado pelo canal GQ Portugal. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NI_bwmCoPkQ. Acesso em: 22 dez. 2020.

QUAL o tempo médio de uma relação sexual? [+18]. 8 out. 2016 (10 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s0Z1FQWqLtA&t=1s>. Acesso em: 18 mar.2020

REBULIÇO - paródia Despacito. 10 nov. 2017. (4 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wzOhK0e4TfU&feature=youtu.be>. Acesso em: 10 ago. 2019.

RESPONDENDO perguntas com toda a verdade! 9 maio 2020. (18 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fLCkkuIUqlc>. Acesso em: 10 maio 2020.

RODA VIVA | Felipe Neto | 18/05/2020. 18 maio 2020 (96 min). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KQ1CQqNveac&t=2s>. Acesso em: 26 dez. 2020.

TEMOS um invasor no canal! 8 ago. 2020. (10 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x_GEiagqAVE&list=PLnRuoKy8h_HuMSczif5JkRzf4TijZHfix&index=1. Acesso em: 27 dez. 2020.

VAMOS vencer o boicote [+13]. 3 ago. 2020. (12 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_1hLqIkzRYw. Acesso em: 9 set. 2020.

VIREI drag e o povo surtou!. 10 maio 2018. (13 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6G1mjMq_588. Acesso em: 17 mar. 2020.

APÊNDICE A - Questionário aplicado na escola

Nome: _____

Idade: _____

Turma: _____

1) Você já acessou o site YouTube? Se sim, por onde acessou? O que assistiu lá?

2) Você já ouviu falar em *Youtuber*? Costuma assistir seus vídeos? Com que frequência?

3) Quem são seus *youtubers* favoritos?

4) O que eles fazem ou falam que você mais gosta?

APÊNDICE B – Ficha de informações sobre os vídeos

NOME	
ASSUNTO	
LINK	
DURAÇÃO	
DATA	
VISUALIZAÇÕES	
CURTIDAS	
DESCURTIDAS	
COMENTÁRIOS	
DESCRIÇÃO	
ELEMENTOS DE IMAGEM	
PUBLICIDADES	
DESTAQUES	